



Percursos 71

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXV : DEZEMBRO DE 2023

MARCAS DO TEMPO

TEXTOS Más allá de Tosquelles [Karín Cruz Torres] Conjugalidade inter-racial e racismo: alteridade à flor da pele [Clara Helena Alves de Lima + Andrea Seixas Magalhães + Mariana Gouvêa de Matos] Entre os apagamentos e a produção da memória no âmbito cultural: uma releitura de *Nota sobre o bloco mágico* [Flavia Gleich] Entre o eu e o outro: impasses intersubjetivos na condição borderline [Danielly Passos de Oliveira e Luís Cláudio Figueiredo] A vida na era da perplexidade [Sérgio de Gouvêa Franco] Variações de Ferenczi sobre a pulsão de morte [Eugênio Canesin Dal Molin + Nelson Ernesto Coelho Junior + Renata Udler Cromberg] Vida e experiência cultural na psicanálise de Winnicott [Isabel Castello Branco] ENTREVISTA Escutar territórios e sujeitos: por uma psicanálise viva [Jorge Broide] DEBATE Sobre a estrutura discursiva do mundo atual [Daniel Omar Perez + Paulo Beer + Vanessa Chreim] DEBATE CLÍNICO Dançando nos parapeitos da morte [Maria Sílvia Borghese + Paulo Endo + Norma Lottenberg Semer] LEITURAS O Projeto de uma psicanálise científica [A *Fundação da Psicanálise: uma análise do Projeto de uma psicologia de Freud*] [Janaina Namba] Noves fora crivo é arte [*Peregrinação ao Père Lachaise*] [Celso Gutfreind] A terceira margem [A *travessia da estrutura em Jacques Lacan*] [Suely Aires] Otto Rank e as encruzilhadas da Psicanálise [*Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos sonhos*] [Pedro Fernandez de Souza]

Instituto Sedes Sapientiae

Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2021/2023

Danielle Melanie Breyton (Relações Externas), Elcio Gonçalves de Oliveira Filho (Comissão de Admissão), Maria Cristina Petry Barros Martinha (Relações Internas), Maria de Fátima Vicente (Eventos), Paula Patricia S.N. Francisquetti (Cursos), Paulina Schmidhauer B. Rocha (Clínica e Instituições), Sílvia Maria de Moraes Gonçalves (Transmissão, Pesquisa e Intervenções Externas), Sílvia Nogueira de Carvalho (Publicação e Comunicação), Solange Maria Santos Oliveira (Administração e Finanças), Tide Setubal Souza (Formação Contínua).

Percurso

REVISTA DE PSICANÁLISE - ANO XXXV - DEZEMBRO DE 2023

Conselho Editorial

Cleusa Pavan, Eugenio Canesin Dal Molin, Luciana Cartocci, Marcia R. Bozon de Campos, Maria Aparecida Kfoury Aidar, Maria de Lourdes Caleiro Costa, Maria do Carmo Vidigal M. Dittmar (Lila), Marina Bialer e Marisa Correa da Silva.

Grupo de Entrevistas

Ana Claudia Patiucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez Mazzarella.

Grupo de Debates

Bruno Esposito, Camila Junqueira, Gisela Haddad, Ivy Semiguem, Lucas Sessa e Thiago Majolo.

Grupo de Debates Clínicos

Beatriz Teixeira Mendes Corôa, Paula Peron e Sérgio Telles (coordenador).

Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves, Elisabeth Antonelli, Janaina Namba (coordenadora), Lia Novaes Serra, Sérgio Telles e Susan Markuszwover.

Tesouraria

Elcio Gonçalves de Oliveira Filho

Conselho Científico, Consultores *ad hoc*

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena de Staal (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orlievsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luis Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Nelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificación Barcia Ganaltes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia).

Linha editorial

Percurso é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

Revisão

Simone Zaccarias (11) 998.971.362 • simonezac@yahoo.com.br

Projeto e produção gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Ideias • Tel.: (11) 3062-6086 • amaquina@aclnet.com.br

Assinaturas

Angela Maria Vitorio • Tel./Fax: (11) 3081-4851 • percurso@uol.com.br

Capa

Willy Biondani e Elisa Stecca em colaboração. Fotografia. *Alegro Moderato*, 2023.

Coordenação editorial

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010

São Paulo • Tel./Fax: (11) 3081-4851

Recepção de originais para publicação

Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (Claudia Dametta) • Rua Ministro Godoy, 1484 • 05015-900 São Paulo SP Brasil

Grafia atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico.

Site na Internet: <http://revistapercurso.uol.com.br> • e-mail: percurso@uol.com.br

Percurso é indexada na Biblioteca Virtual de Psicologia (BiViPsi) e nível B2 no Qualis da CAPES.



Instituto Sedes Sapientiae

R. Ministro de Godoy, 1484

05015-900 São Paulo SP

Tel.: (11) 3866-2730

Secretária do Departamento:

Claudia Dametta

deptodepsicanalise@sedes.org.br

Marcas do tempo

Percursos 71

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XXXV : DEZEMBRO DE 2023

Sumário

Table of contents

3 Sumário
Table of contents

7 Editorial
Letter from the editors

TEXTOS PAPERS

9 Más allá de Tosquelles
Beyond Tosquelles
Karín Cruz Torres

17 Conjugalidade inter-racial e racismo: alteridade à flor da pele
Interracial conjugality and racism: otherness on the brink of explosion
Clara Helena Alves de Lima + Andrea Seixas Magalhães + Mariana Gouvêa de Matos

29 Entre os apagamentos e a produção da memória no âmbito cultural: uma releitura de *Nota sobre o bloco mágico*
Between erasures and the production of memory in the cultural sphere: a fresh look upon Freud's Note upon the "Mystic Writing-Pad"
Flavia Gleich

- 41 Entre o eu e o outro: impasses intersubjetivos na condição borderline
Between the self and the other, intersubjective impasses in the borderline condition
Danielly Passos de Oliveira + Luís Cláudio Figueiredo
- 51 A vida na era da perplexidade
Life in the age of bewilderment
Sérgio de Gouvêa Franco
- 61 Variações de Ferenczi sobre a pulsão de morte
Ferenczi's variations on the death instinct
Eugênio Canesin Dal Molin + Nelson Ernesto Coelho Junior
+ Renata Udler Cromberg
- 75 Vida e experiência cultural na psicanálise de Winnicott
Life and cultural experience in Winnicott's psychoanalysis
Isabel Castello Branco

ENTREVISTA

INTERVIEW

- 85 Escutar territórios e sujeitos: por uma psicanálise viva
Listening to territories and subjects: towards a living psychoanalysis
Jorge Broide

DEBATE

DEBATE

- 105 Sobre a estrutura discursiva do mundo atual
About the discursive structure of our present world
Daniel Omar Perez + Paulo Beer + Vanessa Chreim

DEBATE CLÍNICO

CLINICAL DEBATE

- 113 Dançando nos parapeitos da morte
Dancing on the window-sills of death
Maria Silvia Borghese + Paulo Endo + Norma Lottenberg Semer

LEITURAS

BOOK REVIEWS

- 129 O Projeto de uma psicanálise científica [A Fundação da Psicanálise: uma análise do Projeto de uma psicologia de Freud]
Freud's project of a scientific psychoanalysis
Janaina Namba
- 134 Naves fora crivo é arte [Peregrinação ao Père Lachaise]
All said and done, the filter is a kind of art
Celso Gutfreind
- 137 A terceira margem [A travessia da estrutura em Jacques Lacan]
The third shore
Suely Aires
- 142 Otto Rank e as encruzilhadas da Psicanálise [Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos sonhos]
Otto Rank and the crossroads of Psychoanalysis
Pedro Fernandez de Souza
- 147 Autores deste número
Contributors to this issue
- 148 Equipe da revista
Magazine team
- 150 Normas para envio de artigos e resenhas
Rules for contributors
- 159 Para assinar *Percurso*
How to subscribe to Percurso

Editorial

Este número de Percurso se encerrou quando estávamos ainda sob impacto do êxito do movimento *Levante! Por uma psicanálise antirracista*. Está em curso um amplo projeto do conjunto do Departamento de Psicanálise de maior comprometimento da psicanálise com as implicações teórico-clínicas decorrentes do racismo e de mobilização coletiva para uma formação inclusiva.

É nesse momento institucional que abrimos o número com um artigo que traz a obra de Tosquelles. Ganha evidência a importância da ampliação da escuta: da comunidade e seu contexto, das instituições e seus atores, do estrangeiro interno, assim como da linguagem do corpo. Chama a atenção o fato de que o projeto clínico e político de Tosquelles se dá em uma “época convulsa” e que, em sua realização, “cada circunstância é recebida como oportunidade para a elaboração”.

Nessa mesma direção segue a entrevista com Jorge Broide, que redobra a vertente da necessária implicação com a escuta do social. Comprometido, desde o início de sua graduação como psicólogo em meados da década de 1970, com a escuta do sofrimento em situações de extrema vulnerabilidade, Broide conta do isolamento em que sua atividade clínica permaneceu até muito recentemente por falta de reconhecimento, o que limitava as possibilidades de diálogo dentro do campo psicanalítico. Na entrevista, ele fala de sua atividade clínica nas ruas e espaços da cidade, onde dispositivos singulares são criados a partir da escuta dos laços conscientes e inconscientes pulsantes e do que emerge nesses territórios.

As questões sociopolíticas que tomam vulto em determinada época como propulsoras determinantes do acontecer psíquico e da oportunidade de elaboração e gestação de práticas inovadoras estão

presentes neste número da *Percurso*, tanto nas múltiplas facetas em que a clínica se dá, como no trabalho conceitual. Destaca-se uma clínica capaz de acolher as sutilezas e complexidades do intrapsíquico e dos vínculos, suficientemente capaz de dar lugar a sua difícil elaboração em um contexto cultural de grande instabilidade e contato com dolorosos conflitos, em constante tensão entre reconhecimento e silenciamento.

A consciência de que somos todos sujeitos racializados é fundamental e determinante para a reflexão presente no artigo sobre conjugalidade inter-racial, que interroga os efeitos gritantes da estrutura social racista de poder na singularização de cada um dos sujeitos e para a formação do “nós” conjugal. Destaca-se um panorama conceitual abrangente sobre a temática da raça. Entre outros conceitos, a autora trabalha o da identidade negra como existência negada, forjada em contraposição à legitimação da subjetividade branca. As práticas de reparação são apontadas como caminho de superação das defesas suscitadas diante da violência e desumanização com a qual somos confrontados.

Outros artigos, a partir de perspectivas distintas, contribuem para pensar os paradoxos inerentes ao funcionamento mental e às possibilidades criativas.

Os impasses entre lembrança e esquecimento no aparelho psíquico individual e entre os apagamentos e memória no âmbito cultural retornam em artigo que investiga a memória. Ao percorrer diferentes modelos de funcionamento mental em Freud e os relacionar com os conceitos de

Máquina de escrita e Mal de arquivo de Derrida, o texto põe em relevo a importância da memória para a possibilidade de novas produções de sentido.

O trabalho imprescindível da elaboração metapsicológica e suas transformações no tempo estão presentes em artigo que aborda as diferentes concepções de pulsão de morte na obra de Ferenczi e estabelece, com rigor e cuidado, a articulação desse conceito com os outros elementos presentes no contexto teórico em que ocorreram tais reformulações.

A reflexão a partir de casos clínicos predomina tanto em artigo que aborda as dificuldades particulares no vínculo estabelecido em decorrência da condição *borderline*, como na seção Debate Clínico, que apresenta a discussão de um caso sob o título “Dançando nos parapeitos da morte”, com a difícil e longa travessia de uma analista acompanhando o comportamento errático e autodestrutivo de seu paciente.

A ênfase dada às questões contemporâneas e impasses do silenciamento permanecem presentes nesse número de *Percurso* também no artigo “A vida na era da perplexidade”, que aborda o ambiente cultural atual, sua conexão com o funcionamento mental e sua relação com a ameaça à democracia, bem como na seção Debate, que interroga a estrutura discursiva do mundo presente.

Saibamos escutar nosso tempo e seus efeitos, elaborar práticas, teorizar e produzir movimentos condizentes com nossa época.

Boa leitura!

Más allá de Tosquelles

Karín Cruz Torres

Resumen Curar las instituciones fue la primera propuesta de Francesc Tosquelles al llegar a Saint Alban. Un sujeto que fue construyendo un saber forjado por y en la frontera. Comenzó a elaborar el proyecto que atravesaría su trabajo clínico y político en el transcurso de un itinerario vital en una época convulsa. Y terminó por crear una práctica clínica e institucional innovadora en un territorio aislado. Un asilo en el que convivieron locos, refugiados políticos y artistas. La experiencia en Saint Alban desplazó la noción de locura con el fin de incorporar al loco como sujeto inserto en el lazo social y así mismo reabrir la posibilidad de pensar una clínica extensiva, situada, en movimiento.

Palabras Claves Francesc Tosquelles; Saint Alban; psicoterapia institucional; Art brut; psiquiatría, psicoanálisis.

Karín Cruz Torres Psicóloga-Psicoanalista. Cofundadora de La Azotea: psicoanálisis, clínica y comunidad.

La vida de Francesc Tosquelles se inscribe dentro de lo excepcional, su obra es el resultado de una aventura colectiva, de un saber forjado en la frontera, donde cada circunstancia es recibida como una oportunidad para la elaboración de un proyecto que atravesará su trabajo clínico y político. Su influencia en diversos campos demuestra lo extensivo de su obra.

Una vez que Joana Masó junto a Carles Guerra realizan el gran trabajo de investigación sobre su historia, investigación que se materializará en el libro *Tosquelles. Curar las instituciones*, entonces, se abre una nueva oportunidad de reflexión sobre ciertas prácticas que él realizó en el transcurso de un itinerario vital en una época muy particular de la historia de Europa.

El libro propone un recorrido que permite contribuir a una memoria colectiva que trasciende la historia de la psiquiatría y sus instituciones. A través de una amplia selección de documentos y fotografías de la época, textos de Tosquelles, archivos de la sinergia que se produjo en Saint Alban y un muestrario de la producción colectiva, artística y literaria que surge en ese contexto. Todo este inventario redibuja los contornos de una historia colectiva y su vida material, reconstruyendo una generación de nombres propios y encuentros de vidas vividas. Se desprenden momentos icónicos, míticos e inéditos de esta historia, experiencias de transformación cultural, política, psiquiátrica en las que Tosquelles venía participando incluso antes de llegar a Saint Alban. Diez años antes de llegar a Francia; en Cataluña, entre Reus y Barcelona; luego en España, entre Sariñena, Benabarre, Bujaraloz y Almodóvar del Campo y por último en Francia, en el campo de Judes, dentro del campo de refugiados de Septfonds.



*Tosquelles propone una clínica
situada, la cual nace
de un recorrido vital interesante.
Me detendré en algunas
de las intervenciones clínicas
que realizó a lo largo
de su recorrido.*

El libro narra una práctica clínica transformadora que respondió a unas necesidades no sólo terapéuticas sino también culturales y políticas, en un proceso que implicaba a la propia institución asistencial. La apertura de los hospitales a su entorno, la vinculación con el paisaje, la exploración del sistema de gestión cooperativa con los internos, el trabajo dentro y fuera de los centros, la producción artesanal y el teatro, el cine amateur y la escritura, los clubes, el periódico, la circulación de la palabra y del cuerpo, el encuentro con la heterogeneidad como práctica colectiva, fueron algunas de sus propuestas al servicio del cuidado y de la humanización de la locura y de la vida¹.

A partir de este libro, reaparece lo *excepcional* y *extensivo* de la práctica de Tosquelles, ahora, en una exposición itinerante que empieza en Toulouse, luego viaja a España (primero en Barcelona, luego en Madrid) para terminar en Nueva York.

En ese contexto Tosquelles retorna, en primera instancia, en un museo ligado al arte. Luego, regresa la historia, el contexto político, pero también y sobre todo para nosotros los psicoanalistas, restituye la noción de una clínica que considera el espacio, el territorio, el movimiento, el cuerpo y la palabra.

Curar la institución, desbarratría y actitud colectiva

La exposición *Tosquelles. Como una máquina de coser en un campo de trigo* estuvo en el Museo

Nacional y Centro de Arte Contemporáneo Reina Sofía (MNCARS) desde septiembre de 2022 hasta marzo de 2023.

El ciclo *Curar la institución. La clínica que se mueve*, que comisariamos con Alessandra Sapoznik, se inscribió en el marco del trabajo que realiza la Escuela Perturbable (EP) II² en torno a expandir el alcance de las exposiciones del museo.

La Escuela Perturbable I nace como proyecto un par de años antes para acompañar la exposición *Luis Camnitzer. Hospicio de utopías fallidas* (17 de octubre de 2018 – 4 de marzo de 2019). El segundo trabajo que realizará la EP será alrededor de la exposición de F. Tosquelles.

El ciclo fue una propuesta de trabajo organizada en siete encuentros con diferentes invitados y actividades: conversatorios, deriva por el museo y su historia como hospital general, construcción de un carnaval, entre otras. Todo este *ejercicio institucional*, de reunión con diferentes personas y grupos, ligados de alguna manera a la salud mental y la locura nos permitió hacer un nuevo acto de reflexión sobre la noción de clínica e institución.

Tosquelles propone una *clínica situada*³, la cual nace de un recorrido vital interesante. Me detendré en algunas de las intervenciones clínicas que realizó a lo largo de su recorrido: desde el Père Mata, hasta Almodóvar del Campo, Septfond y luego Saint Alban, con el objetivo de situar la construcción de una práctica clínica innovadora en conjunción con una producción cultural de vanguardia en un contexto político convulso.

Tosquelles comenta en la entrevista hecha en 1987⁴ sobre el Déconnage: el desbarrar. Desbarrar como la manera que tenemos de construir nuestra historia. El desbarrar es un dejarse hablar cuando construimos un relato sobre nosotros mismos, hablamos con nuestra singularidad, con nuestro contexto e historia. Hablamos tonteando. Así es como se construye un relato de vida. De hecho, Tosquelles definía a la psiquiatría como *Tonteatría* o *Desbarratría* (término que dio nombre a la primera de estas exposiciones realizada en Les Abbatoirs⁵).

¿Qué es esto de tontear o desbarrar? necesitamos desbarrar para construir un relato de vida.



No hay otra manera de construir un relato si no es asumiendo que somos extranjeros y locos para nosotros mismos. Y lo importante es relatarnos con otro que escucha ese *desbarramiento*, y sabiendo que ese otro también desbarra. No obstante, aunque tonteamos, esto no quiere decir que sea irrelevante lo que decimos, de hecho, un relato de vida se construye desbarrando.

Esta narración es lo que hoy en día dentro del sistema de salud mental no tiene cabida, se ha suprimido el relato para instalar la psicofarmacología y los manuales de clasificación diagnóstica.

Vuelvo al desbarrar. ¿Por qué es tontear? porque no tenemos otra manera de trenzar nuestro relato si no es asumiendo que el discurso del inconsciente es extranjero para cada uno. Un relato es significativo en tanto se construye con otro que escucha y esa escucha no es sencilla. Es una escucha activa, comprometida, abierta, desprejuiciada en el sentido que acepta las grietas y contradicciones, todas ellas condiciones de posibilidad para la construcción de un relato. Siempre estamos *con-cernidos* en la escucha, por lo tanto, del otro lado, también desbarramos, es que no hay manera... Y de vez en cuando, como dice

¿por qué es tontear? porque no tenemos otra manera de trenzar nuestro relato si no es asumiendo que el discurso del inconsciente es extranjero para cada uno. Un relato es significativo en tanto se construye con otro que escucha y esa escucha no es sencilla.

Tosquelles, se interviene “el ritmo, la música, la secuencia y el corte”⁶. Así se escucha. La lengua siempre es sonido, diferentes maneras de delirar = *délire* = *de-lire* = *de leer* (en francés). Construcción de ficción.

El lenguaje es extranjero y todas sus manifestaciones lo son. Por lo tanto, un relato siempre requiere un trabajo de traducción y la consideración de que no es acabado, son retazos porque siempre algo se extravía en el camino.

Tosquelles decía que un psiquiatra, psicoanalista debería ser extranjero o hacer el semblante de él⁷. Esta es una postura clínica de reconocimiento de que el lenguaje es equívoco, agrietado, y que es necesario acompañar comprometidamente el relato para anudar y desanudar y así hacer algo con el sufrimiento. Poner sobre la mesa lo extranjero es evidenciar que en un diálogo siempre se requiere un esfuerzo de traducción.

Esta construcción narrativa es esencial en la locura y en el sufrimiento psíquico en general. Es la manera que tenemos de abrochar algo. Un relato hace de continente de los delirios, de las experiencias psíquicas inusuales; así como también, de la historia de vida, de la comunidad y del contexto. Por esta razón, la clínica no puede descontextualizarse ni esquivar los recursos del cuerpo social.

La línea divisoria entre la alienación psíquica y la alienación social es extremadamente delgada. Cuando Tosquelles llegó a Saint Alban lo primero que hizo fue sanar el hospital enfermo y cambió

- 1 La mayor parte de los ensayos de Tosquelles escritos en francés no se habían traducido nunca ni al catalán ni al castellano y muchos de los textos que escribió en catalán y en castellano eran imposibles de encontrar. Por ello, este libro reúne un conjunto de nuevas traducciones y de textos de difícil acceso publicados en revistas, periódicos o ediciones científicas. Esta primera antología de Tosquelles se presenta como una selección de fragmentos de su vasta producción intelectual, clínica y política entre las décadas de 1930 y 1980, y se inscribe en el deseo de la continuidad del proyecto de edición de las obras completas de Francesc Tosquelles, en lengua francesa, que Jacques Tosquellas esta llevando a cabo con los Archives Complètes en la editorial Éditions d'une, dirigida por Sophie Legrain.
- 2 Escuela Perturbable es un programa extendido de estudios, residencias y producciones culturales que transcurre en paralelo a exposiciones designadas.
- 3 Término utilizado por Tosquelles junto a su maestro Emili Mira i López.
- 4 Entrevista realizada por Francois Pain, Jean-Claude Polack y Danielle Sivadon, en 1987. *Francesc Tosquelles, une politique de la folie*. Ha sido difundida por la Sept y FR3-Toulouse, en 1990. Ha sido producida por Pierre Devert (Anabase). <https://www.youtube.com/watch?v=YDPRkpNo14g>
- 5 “La Déconniatrie: Art, exil et psychiatrie autour de Francois Tosquelles”. Les Abbatoirs, Toulouse. (14/10/21 – 06/03/22).
- 6 Entrevista realizada por Francois Pain, Jean-Claude Polack y Danielle Sivadon, *op. cit.*
- 7 Entrevista, *op. cit.*



el poético título de la exposición

Francesc Tosquelles: Como una máquina de coser en un campo de trigo *alude a una expresión de Tosquelles la cual hacía referencia a la frase de Lautréamont “bello como el encuentro fortuito, sobre una mesa de disección de una máquina de coser y un paraguas”.*

su inconsciente autoritario y concentracionista, redibujó sus muros y sus límites, su centro y sus márgenes. Es decir, consideraba que el espacio, el territorio, el contexto y la relación entre las personas y los lugares estaban muy implicados y eran muy relevantes a la hora de tratar el sufrimiento psíquico.

La institución como espacio de vida y de cooperación implicaba una relación compartida con la ley, es decir, todos debían formar parte del pacto, de las decisiones, así, de esta manera, se podía sostener un verdadero compromiso (en latín: cum-priomissus, juntos con la promesa).

El relato construye redes, crea un tejido para soportar la historia, la subjetividad, también lo traumático. Tosquelles decía, al llegar a Almodóvar de Campo, “no se puede alejar a los heridos de guerra del lugar donde se ha producido el trauma, para no cronificar”⁸, hay que estar ahí. Aquí hay una postura clínica muy interesante: la de no retroceder ante lo real del trauma. Al crear su equipo, Tosquelles eligió un grupo de no profesionales de la salud mental para tratar a los heridos de guerra, porque decía que los psiquiatras temían a la locura y lo que él necesitaba era personas con oídos abiertos, que no retrocedieran ante lo real del sufrimiento, ante lo real del trauma.

Desbarrando descentralizamos el poder, porque descentralizamos el poder del saber, el poder de la cabeza, del saber hegemónico de la ciencia, de la farmacología. Y le damos un lugar a la palabra dicha, a los relatos en primera persona. Lo importante es construir subjetividad, el sujeto en

su comunidad, con su historia, por donde circula y para, por donde deambula y se encuentra.

Tosquelles propone descentralizar la cabeza y poner el acento en los pies, lo llama “Método Hipocrito”⁹. Son los pies los conocedores del mundo, los que cruzan fronteras, el exilio se inscribe en los pies.

Pensaba yo en el interés que en él despierta muy tempranamente en su formación como médico la puericultura y la psicomotricidad, cuando trabajaba con autismo en Clos du Nid¹⁰, como una manera de poner el acento en el lenguaje del cuerpo, más allá de la palabra, o la palabra en el cuerpo. Estas experiencias tempranas le ayudaron posteriormente a su lectura del cuerpo en la locura. Así mismo, el encuentro de Tosquelles con Fernand Deligny en 1959 amplía las fronteras de este saber sobre el cuerpo, sobre el mutismo, e incorpora en el trabajo con la subjetividad la construcción de mapas, líneas de errancia, áreas de estancia, líneas que se cruzan y se yuxtaponen. Lo decía de esta manera: “cambiamos el sentido y la palabra por el silencio y el ritmo”¹¹.

El poético título de la exposición en el MN-CARS, *Francesc Tosquelles. Como una máquina de coser en un campo de trigo*, alude a una expresión de Tosquelles la cual hacía referencia a la frase de Lautréamont que los surrealistas hicieron célebre para hablar de la poesía y de las nuevas formas de creación de belleza azarosa: “bello como el encuentro fortuito, sobre una mesa de disección de una máquina de coser y un paraguas”¹². Esta frase, desviada y desplazada por Tosquelles, es una frase con un contenido que resume y extrapola gran parte de la materialización de su trabajo en Saint Alban.

La locura es una forma de existencia y la subjetividad es contraposición y encuentro fortuito de elementos azarosos, siempre envuelta de un contexto. El sufrimiento psíquico es indisociable de la comunidad, es sobrevivencia, una máquina de coser en un campo de trigo. Se cose con la máquina un tejido, se trenza con la diferencia, hilamos un relato que sujeta. Por eso hacer psicoterapia, como acto de escucha y de acompañamiento, es hacer política.



El título de la exposición desbordaba y bordaba, porque es un título que excedía y tejía con la diferencia azarosa y constitutiva de cualquier subjetividad y grupo. Hay que hilar con el lío, la disidencia, lo contradictorio y el sin sentido.

Así, Saint Alban fue un refugio, como lo destacó Ana Ramo¹³, antropóloga invitada al ciclo, cuando hizo un juego de palabras, una variación fonética entre asilo y aislo... Saint Alban, un territorio aislado de Francia, se transformó en un asilo donde confluyeron muchos otros, refugiados,

Jean Oury dice que “a través de la experiencia Saint Alban y la apertura al mundo circundante, los clubes se vuelven, paradójicamente, verdaderos centros culturales refundando la vida colectiva sobre una tradición auténtica”.

8 Entrevista, *op. cit.*

9 J. Masó, “Vidas de Francesc Tosquelles”, en *Tosquelles. Curar las instituciones*, p. 29.

10 Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona y Museo Nacional y Centro de Arte Reina Sofía. “Carácter Tosquelles” Carles Guerra, en *Tosquelles. Como una máquina de coser en un campo de trigo*, p. 32. “Cuando Tosquelles llegó a Saint-Alban se implicó en el servicio más desatendido: el anexo infantil de la colonia agrícola Le Villaret, donde los niños y adolescentes autistas vivían en condiciones de aislamiento, desnutrición e insalubridad profunda. Con el tiempo Le Villaret acabó formando parte de un “complejo” (Tosquelles se refiere a él como un *combinat*) junto con la asociación Clos du Nid. Tosquelles organizó grupos de vida con una docena de niños con dificultades vinculadas a diversas minusvalías y al diagnóstico de autismo, acompañados de médicos, educadores, enfermeros y monitores. En el cruce del trabajo educativo y terapéutico en Le Clos du Nid Tosquelles ensayó formas de acogida y reeducación. Trabajó sobre la base del dibujo y de la autonomía de los gestos manuales con niños y adolescentes con dificultades para mantenerse en pie, partiendo del lenguaje y del caminar”, p. 32- 33.

11 Entrevista realizada por Francois Pain, Jean-Claude Polack y Danielle Sivadon, *op. cit.*

12 J. Masó, “Las instituciones en la pequeña Viena. Reus y Barcelona 1929-1936”, en *Tosquelles. Curar la Institución*, p. 48.

13 Ana Ramo, antropóloga invitada al ciclo *Curar la institución. La clínica que se mueve*, realizó una ponencia el día 8 de marzo de 2023, bajo el título de la mesa *Otras cosmovisiones de la cura*, ella reflexionó sobre otras formas de sociabilidad, temporalidades diversas y movimiento en el contexto del pueblo Guaraní Mbya.

14 En 1947 Jean Oury realiza su residencia en Saint Alban como psiquiatra, que se prolongará hasta 1949.

15 P. Coupechoux, “La psiquiatría en Francia: negación de la locura y domesticación del sujeto”, *Revista Topia. Psicoanálisis, sociedad y cultura*, XX, n. 59, p. 16-17.

16 El Club Paul Balbet fue fundado en Saint Alban en 1942, con el objetivo de promover la autogestión de los enfermos para la organización de fiestas, bailes, cursos, talleres, teatro y en el que la práctica de la escritura y la imprenta fueron adoptando formas diversas. De ahí nació el periódico *Le Chemin y Trait d'Union*. En la asamblea general se escogía una comisión entre los enfermos que estaría encargada de organizar el club. Se reunían una vez a la semana a una hora fija. El club funcionaba distribuyendo el trabajo, creando y organizando las actividades y talleres, la escritura y edición del periódico, es decir se encargaba de hacer posible el trabajo colectivo.

locos, artistas como Paul Eluard, Tristan Tzara, Auguste Forestier, Frantz Fanon, entre otros. Esa propuesta ética y comprometida con una *actitud colectiva*, como decía Tosquelles, generó un espacio de nutrición muy importante en términos de las subjetividades que rondaron esos tiempos.

Este cruce fue azaroso y no lo fue, porque se abrieron las puertas del manicomio y se incluyó la diferencia como un más. Una situación en la que todos y entre todos sustituyeron los mecanismos de contención que se ejercían. Así, de esta manera, se trabajó con los viejos establecimientos para convertirlos en verdaderas instituciones, siendo la gran diferencia entre establecimiento e institución el que estas últimas se consideran en constante trabajo sobre sí mismas.

Las creaciones producidas en Saint Alban, que dio pie al surgimiento del *Art Brut*, tenían un propósito claro: favorecer el vínculo social en una economía de intercambio. Una vez que esto salió, también se pudo observar el gran contenido de crítica social que suponían las obras.

Jean Oury¹⁴ dice que “a través de la experiencia Saint Alban y la apertura al mundo circundante, los clubes se vuelven, paradójicamente, verdaderos centros culturales refundando la vida colectiva sobre una tradición auténtica, y de esta manera la locura encuentra su dignidad por su forma de cuestionamiento continuo a nuestras reglas de vida”¹⁵.

El club¹⁶ no podía existir si los enfermos no tenían *libertad de circulación* como la de ir de un



toda la propuesta tosquelliana es una reivindicación, por un lado, del poder de la palabra en su dimensión subjetiva, en cuanto a liberar la palabra en la locura y recuperar el valor del relato. Y, por otro lado, promover la importancia de abrir los espacios de existencia.

lugar a otro, ya que como dice Tosquelles “desde el comienzo hay que separarse de un lugar para ir más lejos”¹⁷. Es decir, lo primero es el derecho a deambular, luego devendrá el encuentro con otro. Se incorpora la noción de pasaje. Un mapa para tener un territorio. Deligny decía “es importante que la gente que trabaja en un lugar no se parezca”¹⁸. Es decir, la importancia radica en la heterogeneidad y en la permeabilidad de la institución, que los lugares y las personas entren en relación.

En ese movimiento y porosidad institucional, el funcionamiento de la institución debe interrogarse constantemente, cuestionarse, analizar sus resistencias, las relaciones, etc. La desalienación social y psíquica es un trabajo migrante, en movimiento.

Cuando se le pregunta a Tosquelles si el hospital es un espacio de libertad, pensando en reflexionar sobre su práctica en relación con la experiencia Basagliana, responde que “no es un espacio, es una escuela”¹⁹. Es decir, un pasaje, un tránsito a fin de que cada uno y todos reformulemos las condiciones de libertad.

Cada lugar tiene su propia ley, sus formas de existencia. Por eso fue tan importante en Saint Alban la permeabilidad de la institución, que las personas salieran de un espacio para ir a otro y encontrarse con otros límites. Cada espacio era una institución con sus propias normas y fines. A fin de cuentas, el trayecto por espacios regulados organiza el intercambio de personas y lugares. Instituir el derecho a deambular para luego encontrar, encontrarse.

Tosquelles refiere que “la ciudad es un lugar expandido compuesto por muchos fragmentos”²⁰. Lugares diferentes, más o menos conectados entre sí o yuxtapuestos. Y que la libertad consiste en estar en disposición de desplazarse de uno a otro.

La clínica en movimiento se refiere a esto, la clínica no es en un espacio específico, puede instituirse de diferentes maneras. Requiere un primer encuentro, pero necesita propiciar el movimiento: cruzar fronteras.

Tosquelles comenta en “escuela de libertad” que “para ser libre hay que ser responsable, res como la cosa, la causa, o en catalán: no hay nada objetivo. Y ponsabilidad como la posición del cuerpo, actitud corporal”²¹, tonalidad. Pon o pont (en francés): puente, pasaje. Es decir, la posición, el tono de un cuerpo debe conseguir adaptarse a la transición de pasajes. Él mismo reconoce que está desbarrando al pensar en estas palabras, no obstante, su aplicabilidad clínica es interesante.

Toda la propuesta tosquelliana es una reivindicación, por un lado, del poder de la palabra en su dimensión subjetiva, en cuanto a liberar la palabra en la locura y recuperar el valor del relato. Y, por otro lado, promover la importancia de abrir los espacios de existencia, donde la palabra pueda ser dicha y puesta en circulación, donde el cuerpo pueda transitar por los pasajes de la vida en una vida compartida. La fuerza de lo colectivo y de la institución debe estar al servicio de la subjetividad. El trabajo con la heterogeneidad tiene un gran potencial terapéutico, como decía Oury “nuestra meta es que una organización de conjunto pueda tener en cuenta un vector de singularidad”²².

Para ir terminando, me gustaría plantear algunos aspectos sobre escenarios actuales en salud mental. Uno de los temas relevantes que extraje del ciclo fue la persistencia de la histórica violencia psiquiátrica, formalizada de distinta manera según la época. Colectivos y activistas en salud mental advierten sobre el modo en que los tratamientos nuevamente desubjetivizan y estigmatizan a grupos vulnerables. Como dicen los historiadores en salud mental, los problemas in-

Rafael Huertas planteaba en un artículo reciente,

La gran encrucijada histórica de la psiquiatría ha sido su condición de *prestación especial*²³, su doble condición de especialidad médica (con fines terapéuticos) y de garante de la defensa social. Despojar a la psiquiatría de su condición de disciplina de poder para convertirla en práctica emancipadora es, probablemente, una de las prioridades ineludibles. Es más importante desalienar que curar²⁴.

Minkowski escribió un artículo en 1938²⁵ acerca de la higiene mental, donde manifiesta su inquietud por la deriva que tomaba la propuesta totalizadora de lo que hoy llamamos salud mental.

Llegamos al punto en el que se ve claramente lo que llamamos la higiene mental no puede ser considerada en sí misma. Esto comporta las mismas dificultades y los mismos peligros y puede dar lugar a las mismas deformaciones y a los mismos errores que toda actividad dirigida, es decir, que al sujeto de la higiene mental se le plantea el problema del orden de valores, así como el problema del alcance de nuestra acción, en general respecto a nuestros semejantes. La salud y todavía habría que ver qué es la salud mental, es un valor incontestable pero no es el único ni el supremo valor en la vida. Cada uno de nosotros en el fondo siente la necesidad de conservar un pequeño rincón una zona reservada que es

es importante tanto el
 cuestionamiento del modelo
 hegemónico en salud mental,
 así como también la urgencia en
 proponer una clínica permeable,
 en movimiento, atenta
 a la comunidad y a estas voces.

nuestra y sobre la cual no vengamos invadir las prescripciones exteriores por higiénicas y saludables que sean.

El surgimiento de las voces del activismo de la locura que nacen de la precariedad y la violencia del sistema (tanto las asociaciones, colectivos de pacientes, usuarios y ex-usuarios de dispositivos psiquiátricos, como los grupos de apoyo mutuo, grupos de transición, los expertos por la experiencia o el activismo en primera persona) denuncian un planteamiento que resulta importante analizar para pensar la *institución clínica*. Cuestionamiento que trae una problemática asociada, en cuanto a ¿qué consideramos institución? y ¿qué entendemos por clínica? Todo esto, para reflexionar en cómo considerar este cuerpo social en el análisis de una clínica extensiva.

Toda esta problemática nos indica que es importante tanto el cuestionamiento del modelo hegemónico en salud mental, así como también la urgencia en proponer una clínica permeable, en movimiento, atenta a la comunidad y a estas voces. Plantear una clínica de arraigo humano y de expresión social.

Esto implica asumir una posición ética respecto del lugar que nos da identidad como psiquiatras, psicólogos y psicoanalistas, lo que significa tomar distancia y pensar en los recursos sociales actuales para plantear una clínica situada, que se mueve del hospital o consulta. Una clínica contextualizada que permita – y se abra a – la construcción de subjetividad cuidando la singularidad en un tejido colectivo.

17 Entrevista realizada por Francois Pain, Jean-Claude Polack y Danielle Sivadon, *op. cit.*

18 J. Oury, “19 de septiembre de 1984”, en *Lo colectivo*, p. 27.

19 J. Masó, “La Escuela de la libertad II”, en *Tosquelles. Curar las instituciones*, p. 256.

En octubre de 1987, durante tres días, un grupo de psiquiatras, psicólogos, investigadores y altos funcionarios procedentes de Normandía, Lyon, Ginebra y Trieste se reunió con Francesc Tosquelles en su casa, en Granges-sur-Lot, para hablar de la experiencia de transformación que se había llevado a cabo en los hospitales franceses, italianos e ingleses en sus diferentes formas situadas: la psicoterapia institucional, la antipsiquiatría y las comunidades terapéuticas. La grabación de esta larga conversación tiene una duración de 12 horas.

20 J. Masó, *op. cit.*, p. 256.

21 J. Masó, *op. cit.*, p. 259.

22 J. Oury, “19 de septiembre de 1984”, en *Lo colectivo*, p. 19.

23 La cursiva es mía.

24 R. Huertas, “Crisis y encrucijadas de una psiquiatría en busca de futuro”, *Revista del Hospital Italiano*, p. 34.

25 R. Campo y M. Rupertus, “Introducción”, en *Higiene mental, psiquiatría y sociedad en Iberoamérica (1920-1960)*, p. 12-13.



Bibliografía

- Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona (CCCCB) y Museo Nacional centro de Arte Reina Sofía (MNCARS) (2022). *Tosquelles. Como una máquina de coser en un campo de trigos*. España: Arcadia Editorial.
- Coupechoux P. (2010). La psiquiatría en Francia: negación de la locura y domesticación del sujeto. *Revista Topia. Psicoanálisis, sociedad y cultura*. Argentina, xx, n. 59. www.topia.com.ar
- Deligny F. (2018). *Semilla de Crápula*. Argentina: Editorial Cactus/Tinta Limón Ediciones.
- _____. (2020). *Lo arácnido y otros textos*. Argentina: Editorial Cactus.
- Delion P. (2021). *Qué est-ce que la Psychothérapie institutionnelle?*. France: Éditions d'une.
- _____. (2023). *Oury, donc*. Toulouse: Éditions Érès.
- Huertas R. (2023). Crisis y encrucijadas de una psiquiatría en busca de futuro. *Revista del Hospital italiano*. Buenos Aires. <http://doi.org/10.51987/revhospitalbaire.v43i1.263>
- Masó J. (2022). *Tosquelles. Curar la institución*. Barcelona: Editorial Arcadia.
- Oury J. (2017). *Lo colectivo. Psicopatología institucional de la vida cotidiana. El seminario de Saint-Anne*. España: Xoroi Ediciones.
- _____. (2020). *La Psychothérapie institutionnelle. De Saint Alban à la Borde*. France: Éditions d'Une.
- Polack J.C. (2020). *Politique(s) de L'inconscient. Essais pour une métapsychanalyse*. Toulouse: Editions Érès.
- Ríos Molina A.; Ruperthuz Honorato M. (coords.) (2022). *De manicomios a instituciones psiquiátricas. Experiencias en Iberoamérica, siglos XIX y XX*. España: Silex Ediciones.
- Tosquelles F. (2014). *Función Poética y Psicoterapia*. Barcelona: Ediciones Octaedro.

Beyond Tosquelles

Abstract Curing institutions was Francesc Tosquelles' first proposal when he arrived at Saint Alban. A subject who was building a knowledge forged by and on the border. He began to elaborate the project that was the basis of his clinical and political work in the course of a life itinerary in a convulsive period. And ended up creating an innovative clinical and institutional practice in an isolated territory. An asylum where madmen, political refugees and artists coexisted. The experience at Saint Alban displaced the notion of madness to incorporate it as a subject inserted in the social bond and open up the possibility of thinking an extensive clinic, situated, in movement.

Keywords Francesc Tosquelles; Saint Alban; institutional psychotherapy; Art brut; psychiatry; psychoanalysis.

Texto recibido: 11/2023

Aprovado: 11/2023

Conjugalidade inter-racial e racismo

alteridade à flor da pele

Clara Helena Alves de Lima
Andrea Seixas Magalhães
Mariana Gouvêa de Matos

Resumo O presente trabalho propõe-se a discutir a conjugalidade inter-racial considerando a dimensão estrutural do racismo e a dinâmica de reconhecimento da alteridade no casal. Argumenta-se que ser capaz de admitir e legitimar as diferenças raciais, considerando ambos os parceiros sujeitos racializados, permite o fortalecimento das identidades conjugal e individual e a construção de modos de lidar em conjunto com o sofrimento gerado pelo racismo.

Palavras-chave conjugalidade; casal inter-racial; racismo; alteridade; identidade.

Clara Helena Alves de Lima é mestranda em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Andrea Seixas Magalhães é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Professora Associada do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Mariana Gouvêa de Matos é doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Se aventurar amorosamente é trilhar um caminho em direção ao outro para reencontrar a si mesmo. Freud¹ determinava que a escolha do outro enquanto objeto amoroso se dava a partir de duas formas distintas, a anaclítica e a narcísica, referentes ao modo como foram internalizados os objetos parentais e à vivência do período edípico. A primeira coloca em relevo a relação com os pais da infância, no que diz respeito às suas funções de apoio, complementaridade e segurança para o eu. Assim, busca-se um objeto amoroso que reencena o romance vivido na cena familiar, com os pais. A escolha narcísica, por sua vez, orienta uma busca idealizada por um parceiro que seja semelhante ao que se é, ao que se foi ou ao que se gostaria de ser, tomando o eu como base.

Eiguer², partindo dessas formulações, teoriza que existem três organizadores da vida psíquica conjugal inconsciente: a escolha do objeto amoroso, o eu conjugal e as fantasias inconscientes compartilhadas por cada membro do casal. A escolha do objeto está relacionada às vivências edípicas dos parceiros, em que a proibição do incesto e a angústia de castração impulsionam o sujeito a investir em outro vínculo a partir do qual formará uma nova família. O eu conjugal permite que o casal se reconheça como uma unidade em uma continuidade têmporo-espacial. Esse organizador é responsável pelo sentimento de pertencimento, pela construção de um espaço interior subjetivo que comporte a representação do casal enquanto unidade e pela formação de um ideal de eu conjunto. A interfantasiação, por sua vez, é o ponto de encontro das fantasias que compõem o vínculo do casal.

Os organizadores da vida psíquica inconsciente marcam profundamente os intercâmbios relacionais, a atividade representacional

1 S. Freud, "Sobre o narcisismo: uma introdução", in: *Obras completas*, vol. XIV.

2 A. Eiguer, *Um divã para a família*.



*quando as diferenças surgem
e sobrevém o momento
de cada parceiro deparar
com as decepções e elaborá-las,
aquilo que gera frustração
“põe à prova a solidez
do vínculo sentimental”.*

e os afetos no casal. Assim, a união conjugal se organiza em torno da satisfação de necessidades infantis dos cônjuges, além de ser uma tentativa de resolução de angústias primitivas por meio da projeção de fantasias inconscientes provenientes da história de origem de cada parceiro. A tendência no enamoramento é, portanto, mascarar as faltas em prol da ilusão de completude. Quando as diferenças surgem e sobrevém o momento de cada parceiro deparar com as decepções e elaborá-las, aquilo que gera frustração “põe à prova a solidez do vínculo sentimental”³.

Eiguer comenta a respeito de três saídas da fase de “engajamento da ilusão conjunta” no casal. A primeira via seria o rompimento da relação devido à dificuldade de suportar a decepção. Uma segunda via busca perpetuar o estado ilusório que mantém a relação. A terceira conta com o reconhecimento da decepção face aos aspectos do outro antes ignorados, podendo reforçar a relação através da confrontação da natureza verdadeira do vínculo, das expectativas e decepções, o que possibilita que os parceiros construam a relação em modalidades menos defensivas.

Dessa forma, o reconhecimento mútuo ocupa um lugar importante na construção da conjugalidade. Ele está relacionado, para Eiguer, à identificação dos estados de espírito do outro, implicando o que cada um é e carrega dentro de

si, como fantasias, ilusões e desejos. A dinâmica do reconhecimento articula o semelhante e o diferente, à medida que a subjetividade e o inconsciente do outro são levados em consideração. Reconhecer é “aceitar, admitir e legitimar”⁴.

O autor afirma que aqueles que não se sentem reconhecidos por seus parceiros entram em conflito muito frequentemente. Assim, para a saúde do vínculo intersubjetivo, são necessários o respeito sem julgamentos, o reconhecimento mútuo dos estados psíquicos do outro e de sua diferença, a responsabilidade pelo sofrimento do outro e a reciprocidade dos investimentos em uma intersubjetividade criadora.

Satir sugere que “a possibilidade de formar um casal sadio depende da capacidade de haver um senso de igualdade entre as partes”⁵. Não se trata, contudo, de excluir ou ignorar as diferenças individuais, mas de ser capaz de considerá-las sem hierarquizá-las, evitando que se forme uma relação assimétrica. O estabelecimento de um senso de igualdade na conjugalidade depende da capacidade de enxergar o parceiro como um outro integrado, com sua própria história, vivências e pensamentos. Logo, se trata de reconhecer que o cônjuge é um outro diferente de si, mas de igual valor.

Nesse sentido, a dinâmica do reconhecimento mútuo é um dos pilares de sustentação da relação amorosa enquanto possibilidade de construção de uma identidade conjunta e como forma de sustentação para o eu, visto que é na constatação da diferença entre o eu e o outro que o eu se torna existência singular. Compor uma conjugalidade mais promotora de saúde vai exigir de cada parceiro a consideração da alteridade na relação a dois.

O que se tem a dizer, então, sobre o reconhecimento da alteridade entre pessoas racialmente diferentes que, em relação íntima, põem em movimento uma série de afetos, fantasias e conflitos que dizem respeito a modos de subjetivação distintos em sociedades com estruturas historicamente racistas, como a brasileira?

As diferenças nessa relação não precisarão ser admitidas, pois serão gritadas pelos corpos dos

membros do casal que, dispostos um ao lado do outro, revelam, destacam e confirmam sua oposição. Como apontado por Fanon⁶, o negro é sobredeterminado pelo exterior, a ele não existe a possibilidade de negação de sua própria aparição. Como se dá, então, o reconhecimento nessa modalidade de relação íntima quando o negro foi historicamente despossuído de sua humanidade? Como edificar uma identidade de casal quando o lugar ocupado por esse corpo negro é um não lugar socialmente determinado?

Neste trabalho, privilegia-se a perspectiva de que a conjugalidade não é somente espaço de criação de um “nós” a partir dos modos de funcionamento de cada parceiro, mas ela é, também, espaço de individuação na medida em que, a partir de trocas íntimas, os parceiros diferenciam-se uns dos outros, afirmando sua existência subjetiva⁷. Assim, propõe-se que a possibilidade de existir enquanto sujeito único no relacionamento inter-racial requer o reconhecimento da alteridade e a possibilidade de pensar o “eu” racializado a partir do “nós” inter-racial, ao elaborar questões raciais em jogo e ser capaz de compreender, responsabilizar-se e ser ético com um outro que é ao mesmo tempo tão íntimo e tão estrangeiro em relação a si mesmo.

O negro, a subjetividade negada.
O branco, a racialidade invisível

Compreende-se o conceito de raça, hoje, como um conceito sociológico e político, visto que os sujeitos estão historicamente demarcados por suas características fenotípicas, influenciando na maneira como são vistos pela sociedade, pelas instituições

3 A. Eguier, *op. cit.*, p. 46.

4 A. Eguier, “Desentendimento de casal e luta pelo reconhecimento”, in: *Atendimento psicanalítico de casal*, p. 48.

5 V. Satir, “A mudança no casal”, in: *O casal em crise*, p. 30.

6 F. Fanon, *Peau noire, masques blancs*.

7 A.S. Magalhães, “Um lugar para a alteridade na conjugalidade: contribuições Winnicottianas”, in: *Winnicott: integração e diversidade*.

8 A. Guimarães, *Racismo e antirracismo no Brasil*.

9 L. Schucman, *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.

»»

*Schucman vai definir a branquitude
não somente como lugar simbólico
da expressão genética de sujeitos
brancos, mas enquanto lugar
de poder originado a partir da
manutenção sistemática de privilégios
no que diz respeito ao acesso
a recursos materiais e simbólicos.*

e por eles mesmos⁸. A raça identifica o corpo que carrega traços fenotípicos dotados de um valor social, que posiciona o sujeito objetiva e subjetivamente em seu contexto. A sua atribuição de significado não se destina somente à parcela negra ou indígena da população, embora estas sejam alvo de mistificação e inferiorização com base em características físicas. Sujeitos brancos também são sujeitos marcados socialmente por sua condição racial, e foi justamente a construção de uma branquitude que deu contorno às dinâmicas relacionais baseadas na raça.

Schucman⁹ vai definir a branquitude não somente como lugar simbólico da expressão genética de sujeitos brancos, mas enquanto lugar de poder originado a partir da manutenção sistemática de privilégios no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos gerados pelo colonialismo e que perduram na contemporaneidade. Nesse sentido, o lugar que o branco ocupa na dinâmica das relações inter-raciais precisa ser evidenciado. Se existe um grupo que está à margem da sociedade, está referenciado a outro, o qual possui, portanto, a centralidade do poder. Assim, ambos, brancos e negros, se relacionam a partir de uma estrutura de dominação simbólica e material que cria lugares de poder dicotomizados e torna aquilo que é direito de todos, privilégios de alguns.



*a ideia apresentada
por Fanon de que o negro
jamais foi tão negro quanto sob
o domínio do branco explicita que
as identidades raciais se entrelaçam
em uma trama de opostos que só
existem relacionados entre si.*

Tal estrutura de dominação se apresenta em diferentes níveis na vida conjugal e familiar inter-racial, em que hierarquias de gênero se mostram atreladas à raça. Em estudo sobre famílias inter-raciais, Schucman¹⁰ identifica de que maneira os membros brancos das famílias, sobretudo os homens, podem assumir o papel de representantes da autoridade familiar, em que, a partir de sua condição de gênero e de raça, se autorizam, por exemplo, a ditar as identificações raciais de membros negros na família, embranquecendo-os ao negar sua negrura.

O racismo, nesse sentido, não pode ser reduzido a descrições estatísticas, tampouco se resume a uma hierarquização puramente ideológica que organiza a distribuição desigual de recursos entre brancos e não brancos. Ele se capilariza no âmago da vida política, institucional e subjetiva, orientando modos de relação específicos e complexos, que tornam brancos e negros igualmente interdependentes na construção do seu sentido de “ser” no mundo. Ou, segundo Fanon, de não ser, de existência negada.

O conceito de racismo estrutural¹¹ desloca o problema do racismo como tendo origem no indivíduo e o reposiciona na origem histórico-cultural. Isso quer dizer que, através de diversos processos de dominação e exploração, edificou-se toda uma estrutura social que organiza uma

nova forma de pensar os sujeitos através do marcador social da raça. As figuras sociais do colonizado e do colonizador tornaram-se os sujeitos modernos negro e branco. A ideia de raça deu contorno ao racismo e é ela própria a fachada e as vigas do velho prédio chamado sociedade moderna capitalista.

Logo, não se trata de resgatar a história do racismo tomando o passado como distante, mas sim de entender que a própria ideia de raça enquanto produto social e histórico criou as condições de implementação não somente da escravização e inferiorização do negro, mas estruturou uma nova forma de organização social, subjetiva e produtiva, que perdurou mesmo após o fim do escravismo.

Na obra *Peau noire, masques blancs*, Fanon discute sobre como a situação colonial forjou a identidade negra circunscrita a partir da identidade branca. O branco, ao se assumir símbolo universal de humanidade e superioridade a ser reconhecido e perseguido, relegou ao negro o lugar de máxima diferença. O negro emerge, na cena colonial, como aquilo – e não aquele – que não é o branco, não é o bom, não é o belo. Constituiu-se, portanto, como aquilo que não tem verdadeiro valor humano, enquanto existência negada, representando uma identidade negatizada.

A ideia apresentada por Fanon de que o negro jamais foi tão negro quanto sob o domínio do branco explicita que as identidades raciais se entrelaçam em uma trama de opostos que só existem relacionados entre si. Funcionam tal como um espelho despedaçado, cuja imagem refletida de forma distorcida ajuda a revelar a figura projetada, ao mesmo tempo que a primeira ganha vida e se reconhece na última a partir de sua distorção.

A possibilidade de existir subjetivamente está relacionada, para o autor, ao reconhecimento da humanidade do outro. Dessa forma, ainda que o sujeito esteja marcado pela impossibilidade de essencialização, é contornado por suas particularidades humanas universais, as quais dependem de legitimação. Tal possibilidade é minada em uma sociedade colonizada, em que “qualquer ontologia torna-se irrealizável”¹².

A partir da colonização, o autor reitera que o colonizado precisou se situar diante de dois sistemas de referências distintos: o seu mundo e o mundo do branco. Este, ao desqualificar os costumes e modos de existência do negro, deslegitimou pouco a pouco o sistema de referências deste, impondo a ele o seu modo característico de falar, rezar, produzir e se relacionar. O mundo que se pressupôs legítimo impôs o peso de seu olhar. Como consequência, o negro passou a ter dificuldades de elaborar o próprio esquema corporal nessa nova realidade desconhecida e hostil a ele. A atividade de ver-se a si mesmo tornou-se uma atividade de negação, um conhecimento em terceira pessoa. O outro diz quem sou, como sou, o que sou.

Conforme afirma Faustino, a violência colonial dispensa a necessidade de legitimar-se, pois o negro enquanto Outro, aquele que não é percebido como extensão do eu, “só aparece como predicado dos desejos e gozos do colonizador”¹³. O esquema corporal, atacado e negado, deu lugar a um “esquema epidérmico racial”. O autor descreve que, através da racialização, o conhecimento do próprio corpo não era mais em terceira pessoa, mas em tripla pessoa, pois do outro obtinha distância, ausência, náusea. Nessa cena, o negro descobre a própria negrura, se torna responsável por sua raça, olha objetivamente para suas características culturais e para aquilo que recai sobre ele como estereótipos fetichizantes. É nesse ponto que anda para longe de seu “estar-aqui”, constituindo-se como objeto.

Segundo Fanon, a transformação das bases materiais, relacionais e sociais das estruturas de poder se configura como oportunidade de emancipação. O autor defende que o negro não deve ser colocado diante do dilema de branquear ou desaparecer, mas que “deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir”¹⁴.

10 L. Schucman, *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*.

11 S. Almeida, *Racismo estrutural*.

12 F. Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, p. 103.

13 D. Faustino, “Por que Fanon? Por que agora?": *Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*, p. 58.

14 F. Fanon, *op. cit.*, p. 95.

15 A. Mbembe, *Crítica da razão negra*.

16 N. Souza, *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*.

transformando o sentido de ser negro, haveria a possibilidade de torná-lo símbolo de orgulho e beleza, utilizando-o como caminho para a recuperação do estatuto de humanidade a ele negado pela violência colonial.

Mbembe¹⁵ afirma que o substantivo “negro” preenche três funções primordiais na modernidade: de atribuição, de interiorização e de subversão. A função de atribuição designa aqueles que pela sua aparência e modos particulares de ser tornaram-se o “testemunho da diferença”, isto é, na sua manifestação somática, afetiva, estética e imaginária representaram o princípio da exterioridade, aqueles com os quais não se pode identificar nem reconhecer. O único elo que liga os demais a esse “negro”, à “parte a parte”, é o elo da separação. Assim, esses corpos coisificados, objetificados e excluídos, ao tornarem-se negros, foram despossuídos de sua ontologia. A isto serve a função de atribuição.

Ao longo do tempo, o negro acabou por habitar esse lugar marginal, e, interiorizando esse novo lugar, muitas vezes o tornou subversivo, o endossou para melhor devolver aos seus criadores esse “patrimônio humilhante”. Assim, transformando o sentido de ser negro, haveria a possibilidade de torná-lo símbolo de orgulho e beleza, utilizando-o como caminho para a recuperação do estatuto de humanidade a ele negado pela violência colonial. Isto seria servir-se positivamente das funções de interiorização e subversão.

Souza¹⁶ se aprofundou nas consequências do racismo na subjetividade de pessoas negras em posição de ascensão social no contexto de um Brasil





o pacto narcísico entre brancos patrocina a postura de omissão e silenciamento frente ao seu papel nas desigualdades raciais, reiterando que o racismo constitui um problema exclusivamente do negro e garantindo a manutenção de seus privilégios.

marcado pelo mito da democracia racial e pela ideologia do branqueamento. Segundo a autora, o negro, visto socialmente como inferior, constituiria seu ideal de ego pelos valores dominantes, ou seja, os ideais brancos. Assim, o dilema “branquear ou desaparecer” encontrava resposta no ganho de poder econômico e de prestígio social, bem como na união afetivo-sexual com pessoas brancas, alguém com quem se pode identificar e incorporar os aspectos idealizados. A perseguição do embranquecimento requer, no entanto, o massacre e a negação da própria negrura. Desta forma, o negro nesta condição não enxergaria o próprio corpo enquanto lugar simbólico de autorrealização, mas de auto-ódio e de culpa.

Corroborando com Fanon, Souza sugere que ser negro não é uma condição essencial e inerente a uma categoria específica de humanos, mas um mito ideológico constituído por representações que expressam e ocultam “uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação”¹⁷, administrado pela ordem burguesa capitalista. Nesse sentido, defrontar com a própria negrura é um processo doloroso e passível de reconhecimento ou negação.

Porque o negro é representado como o expoente da diferença, da exclusão, do outro por excelência, não existe, para ele, a possibilidade de não entrar em contato com as representações do

mito negro: o sujo, o feio, o irracional, o sensitivo, o sexual, o exótico, ainda que se opere o mecanismo da negação. Em contrapartida, o branco, subjetivado a partir de valores e estética que se clamam universais e inquestionáveis, se autoriza a esconder ou a revelar a própria branquitude.

Assim, enquanto o negro tem sua subjetividade negada, mas sua racialidade escancarada através do racismo, a subjetividade do branco é legitimada ao mesmo tempo que sua racialidade é invisibilizada. Essa invisibilidade da identidade branca, no entanto, é produzida artificialmente, visto que a branquitude se oculta ou se enuncia quando interessa a ela manter ou reivindicar sua posição social de poder¹⁸. Nessa lógica dialética, o homem negro se configura como um negro e o homem branco, como um homem.

O pacto narcísico entre brancos patrocina a postura de omissão e silenciamento frente ao seu papel nas desigualdades raciais, reiterando que o racismo constitui um problema exclusivamente do negro e garantindo a manutenção de seus privilégios. Amando seus semelhantes e odiando aqueles que identifica como diferentes, o branco se mantém “universal”, ao passo que projeta sobre o negro os aspectos negativos que não pode assumir¹⁹.

A autora afirma que, ao depararem com a desigualdade racial e seus interesses na manutenção do sistema racista, indivíduos brancos costumam sentir vergonha, culpa e até mesmo raiva. Diante do desconforto que esses sentimentos causam, eles podem tentar reduzi-los através da negação do racismo ou mesmo culpabilizando a vítima. Bento argumenta que o desejo de se sentir integrado ao grupo com o qual se identifica pode levar a pessoa branca a reassumir a ideia de superioridade de raça, tornando-a conivente com o racismo.

No entanto, a ação individual de pessoas brancas não determina, sozinha, as condições materiais e simbólicas de violência e exploração a que negros estão submetidos. O discurso de inferioridade de raça que organiza a estrutura social racista surgiu para atender aos interesses das sociedades imperialistas de obtenção de mão

de obra escravizada e exploração de recursos das colônias. Sendo assim, o racismo não começa e termina no sujeito, mas está na base, na moldura e nas entranhas do sistema, circulando nas instituições e na subjetividade dos indivíduos na ordem capitalista.

Considera-se que incluir o branco na problemática sobre as relações raciais é muito mais do que responsabilizá-lo por atitudes racistas: é a oportunidade de inseri-lo enquanto parte fundamental do processo de repensar e construir novos modos de relação – social, material, econômica, interpessoal – visando à emancipação dos sujeitos e evitando incorrer num pacto de omissão e silenciamento com a branquitude. Nesse sentido, a união afetivo-sexual inter-racial deve ser considerada a partir da perspectiva do negro e do branco. É na dimensão intersubjetiva que se formará o vínculo e, por sua vez, a identidade conjugal, trazendo repercussões para a vida psíquica dos sujeitos.

Vivendo raça a dois

Diante disso, a experiência de compor uma conjugalidade envolve as marcas da vida psíquica de cada sujeito, mas, sobretudo, é definida pela forma com que constroem um espaço comum, uma nova identidade que se forma entre um e outro, considerando a disponibilidade para a formação do vínculo intersubjetivo e, sobretudo, a possibilidade de se relacionar com o outro enquanto alteridade.

Compor uma conjugalidade inter-racial requer o reconhecimento de que cada parceiro ocupa posições raciais distintas na organização da vida social e subjetiva. É compreender um e outro enquanto sujeitos racializados e o que isso diz sobre os lugares de poder que ocupam. Tais posições de poder ditam tanto os lugares sociais de parceiros brancos e negros, como também as

17 N. Souza, *op. cit.*, p. 25.

18 M.A. Bento, "Branqueamento e branquitude no Brasil", in: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*; R. Frankenberg, *A miragem de uma branquitude não marcada*.

19 M.A. Bento, *op. cit.*

20 S. Carneiro, *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*.

historicamente,
relações inter-raciais
carregam a marca da violência
colonial – patriarcal e racista –
do branco colonizador
contra negras e indígenas.

representações simbólicas a respeito da própria identidade.

No contexto de subordinação colonial, segundo Fanon, uniões inter-raciais não contemplavam a alteridade dos parceiros, mas a fetichização da raça, em que o que importava para o negro nesta condição era a brancura, que por sua vez indicava a possibilidade de ascensão ao estatuto de dignidade e humanidade restrito a esse grupo. Na mesma perspectiva, Souza teoriza que um dos caminhos percorridos pelo negro quando a brancura é um modelo a ser perseguido é o da escolha do objeto amoroso branco, substituindo o ideal irrealizável por meio da identificação e possibilidade de assimilação indireta das características do parceiro. Nesse caso, não se trata do encontro entre duas identidades que se consideram de igual valor, que transitam no espaço do "entre" para construir uma unidade na diferença.

Historicamente, relações inter-raciais carregam a marca da violência colonial – patriarcal e racista – do branco colonizador contra negras e indígenas. A miscigenação da população brasileira em larga escala, quando deslocada de sua origem política e ideológica, vem encobrir a verdadeira história dessas relações, provenientes do estupro dos brancos escravistas²⁰. Sendo assim, apesar de relações inter-raciais serem estruturantes da racialidade brasileira, não se pode dizer que desde





a relação a dois cria um terceiro espaço subjetivo que abriga aspectos de duas individualidades, bem como tem a possibilidade de legitimar e transformar a identidade de cada parceiro, caso haja reconhecimento da alteridade.

sempre são representativas de uma modalidade de conjugalidade, em que se está em pauta o reconhecimento entre os parceiros. Ao contrário, são frutos da hipersexualização e desumanização do corpo de mulheres e homens negros e indígenas.

No entanto, os aspectos subjetivos envolvidos na escolha e manutenção da relação inter-racial por um parceiro branco são raramente contemplados em estudos. Se a ideologia de embranquecimento lança luz sobre a preferência de negros por parceiros brancos visando atingir o ideal de brancura constituído socialmente, Moutinho²¹ traz um recorte de raça e gênero para a questão, ao pontuar que mulheres brancas se relacionam com homens negros quando a cultura do patriarcado as qualifica como menos interessantes e desejáveis para homens brancos, por exemplo. Constata-se, portanto, que no mercado marital as mulheres negras ocupam o lugar de menor valor, pois sobre elas agem simultaneamente duas opressões: de raça e de gênero²².

No entanto, o campo de investigação das relações inter-raciais pouco leva em consideração processos psíquicos inerentes à construção da conjugalidade e, portanto, não oferece respostas suficientes sobre em que nível essas uniões podem ou não ser confirmatórias para a identidade de cada cônjuge, incluindo a identidade do parceiro não branco.

As identidades individuais dos membros do casal não são estruturas estáticas e completas, referidas a sujeitos que estão plenamente constituídos e fechados em si mesmos²³. A relação a dois cria um terceiro espaço subjetivo que abriga aspectos de duas individualidades, bem como tem a possibilidade de legitimar e transformar a identidade de cada parceiro, caso haja reconhecimento da alteridade. Nesse sentido, cada sujeito-parceiro elabora o eu conjugal com o outro ao mesmo tempo que vivencia o processo inacabável de singularização. Estabelece-se, a partir disso, uma relação dinâmica e recíproca de construção de sentidos entre conjugalidade e individualidade.

A transmutação ilustra o fenômeno de interpenetração subjetiva que a conjugalidade confere à singularidade dos membros do casal, em que transmuta-se o eu individual a partir da experiência de compor o eu conjugal. O espaço do casal deve ser, portanto, transicional, permitindo aos parceiros a afirmação de suas subjetividades e a expressão da dimensão criativa da relação²⁴.

Na conjugalidade inter-racial, a consideração das diferenças entre os membros do casal tem a ver com a legitimação de histórias, vivências, sofrimentos e oportunidades de vida distintas entre os parceiros. Nesse sentido, o reconhecimento da alteridade vai permitir ao casal a criação do espaço da terceiridade²⁵, que diz respeito à capacidade de compreensão e aceitação do outro, ainda que ele seja estrangeiro ao eu, permitindo a sua manifestação criativa sem render-se ou submeter-se a ele, pois o outro não é visto como aquele que anula ou agride o eu, mas que participa de uma criação conjunta da realidade compartilhada. Assim, cada subjetividade é acolhida, gerando responsabilização pelos estados psíquicos do outro e um modo de se relacionar mais ético e colaborativo em que é possível se conectar preservando o próprio espaço mental e, ao mesmo tempo, repensar a si mesmo²⁶.

Killian²⁷, em estudo com casais inter-raciais norte-americanos, discute sobre a dificuldade que alguns deles demonstraram em administrar as divergências em prol de construir uma

identidade de casal. Alguns casais, para resolverem a tensão entre preservar suas identidades individuais e construir uma conjunta, decidiram desconsiderar em parte diferenças referentes às identidades raciais dos parceiros e à história familiar progressiva de cada um. Assim, uma postura de “descentralizar” a raça e a cor na relação íntima tinha o efeito de manter uma aparente estabilidade e unidade no casal. Por outro lado, isso exigiu que os membros do casal renunciassem a tradições referentes às suas histórias de origem, provocando a renúncia de si mesmo.

A longo prazo, os membros desses casais aprendem a evitar certos tópicos que identificam como desconfortáveis para o parceiro ou conflituosos para o casamento, descartando histórias e adotando um *código de silêncio* sobre suas vivências e dores por lealdade familiar ou preocupação com a possibilidade de incompreensão dos parceiros.

Além disso, o código de silêncio pode representar a repetição de um funcionamento próprio de suas famílias de origem, sobretudo quando essas são miscigenadas. O silêncio sobre a raça tem uma função protetora e defensiva, visto que a raça é tão significativa e tem efeitos tão dolorosos sobre as relações que é tornada invisível. Assim, alguns casais, tendo em vista as dificuldades de um contexto social e familiar marcados pelo racismo, precisavam trazer constantemente à tona suas semelhanças e homogeneidade na relação.

21 L. Moutinho, *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivosexuais “inter-raciais” no Brasil e África do Sul*.

22 L. Schucman, *op. cit.*

23 A. Magalhães, “Transmutando a subjetividade na conjugalidade”, in: *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*.

24 A. Magalhães, *O “eu” transformado pelo “nós”: influências da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros*.

25 J. Benjamin, “Beyond doer and done to: an intersubjective view of thirdness”, *Psychoanalytic Quarterly*, v. 73.

26 A. Magalhães, *Um lugar para a alteridade na conjugalidade...*; J. Benjamin, “Two-way streets: recognition of difference and the intersubjective third”, *Differences*, v. 17.

27 K. Killian, “Reconstituting racial histories and identities: the narratives of interracial couples”, *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 27.

28 J. Gondar, “Um racismo desmentido”, in: *Com Ferenczi – O coletivo na clínica: racismo, fragmentações, trânsitos*.

29 F. Fanon, *op. cit.*

30 S. Ferenczi, *Confusão de língua entre os adultos e a criança*.



*em se tratando de Brasil,
Jô Gondar analisa que a negação
da história racial nacional é
operada pelo mecanismo
da clivagem, pois nega-se uma
parte da realidade que é
repudiada, ao mesmo tempo
que se sabe que ela existe.*

Em se tratando de Brasil, Gondar²⁸ analisa que a negação da história racial nacional é operada pelo mecanismo da clivagem, pois nega-se uma parte da realidade que é repudiada, ao mesmo tempo que se sabe que ela existe. A autora explica que o recalque é a resposta de um neurótico ao conflito psíquico, mas a clivagem, como colocado por Freud, é o mecanismo da perversão, maneira pela qual os brasileiros processam culturalmente o sofrimento gerado pelo branco escravista do passado e que se reflete no presente pela manutenção das desigualdades.

Ao resgatar Fanon²⁹ e Ferenczi³⁰, Gondar fala de um racismo desmentido socialmente e que caracteriza um trauma invalidante para aquele que o sofre. O desmentido – ou descrédito e desautorização – é o não reconhecimento daquele que sofre uma violência. Esse não reconhecimento não é somente uma questão discursiva, é um não reconhecimento dos afetos, do sofrimento do sujeito e dele próprio enquanto sujeito. Ferenczi vai dar importância ao momento do desmentido porque é ele que torna a violência um evento traumático e conduz ao aniquilamento do eu.

O elogio da mestiçagem foi instrumentalizado a fim de comprovar a suposta inexistência de racismo no Brasil enquanto se pretendia embranquecer a população e exterminar o negro através da miscigenação, criando um paradoxo



*para Grada Kilomba,
ao reconhecimento segue-se a
vergonha, porque trata-se
de um momento de implicação
do sujeito branco na
manutenção do racismo,
admitindo o seu lugar
na estrutura social violenta
da qual se beneficia.*

narrativo e um encobrimento da realidade perversa das políticas higienistas. Nesse sentido, o casal inter-racial historicamente figurou a maior prova de igualdade racial do país, mas às custas de um desmentido. A possibilidade de tornar o debate sobre a raça central na relação íntima pode ser, portanto, uma saída em direção à saúde do vínculo e de cada membro do casal, pois dar lugar ao sofrimento torna possível a elaboração do que foi encapsulado pelo mecanismo da clivagem.

Kilomba traz a ideia de que os mecanismos de dominação e assujeitamento do negro no colonialismo não ficam no passado, eles são “memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas”³¹. Ela apresenta a “máscara do silenciamento” não somente como objeto de tortura utilizado pelos senhores de escravizados nas colônias americanas, mas como representante do colonialismo como um todo: o engendramento de políticas sádicas que construíram um regime de silenciamento do negro como Outro, ditando quem pode falar, o que acontece quando o negro fala e sobre o que ele pode falar.

As origens da necessidade de silenciar o negro está, para a autora, no medo branco. O medo branco é o medo de se confrontar com as verdades desconfortáveis do Outro, o medo de segredos serem revelados, tais como a escravidão

e o racismo. Kilomba articula o medo branco de ouvir o que poderia ser revelado pelo sujeito negro com a noção de repressão de Freud. A essência da repressão é afastar-se de algo e mantê-lo à distância da consciência³². Ideias e verdades desagradáveis se tornam inconscientes a partir desse processo de repressão, pois geram ansiedade, culpa e vergonha.

Nesse sentido, o falar e o silenciar emergem como um projeto análogo, pois ouvir é um ato de autorização em direção ao falante, já que, se alguém fala, fala algo para alguém. Nessa dialética, aqueles que são ouvidos são aqueles que pertencem e vice-versa. O silenciamento do negro vai controlar, então, a sua possibilidade de pertencer, ao colocá-lo em um não lugar discursivo.

Para Kilomba, ao reconhecimento segue-se a vergonha, porque trata-se de um momento de implicação do sujeito branco na manutenção do racismo, admitindo o seu lugar na estrutura social violenta da qual se beneficia. Reconhecer a realidade do racismo é, finalmente, aceitar a realidade do que Kilomba está chamando de “Outros/as”, os negros silenciados durante séculos. A autora afirma que

reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade, já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser vista/o, mas sim de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os “Outras/os” fossem, mas sim quem elas/ eles realmente são³³.

Considerações finais

Como transformar o espaço da conjugalidade em espaço de transicionalidade, permitindo aos parceiros a afirmação de suas subjetividades, quando se trata de um casal inter-racial? Como construir e preservar a identidade dessa relação tendo em vista que se vive em um país que construiu uma narrativa de inexistência de racismo e tentou eliminar o debate racial da esfera social e íntima? Como dar conta, na relação conjugal, da transmissão de uma história de violência e

desumanização do corpo negro e da tentativa de seu extermínio através da miscigenação com o branco?

As respostas para essas perguntas ainda não existem, mas se o problema do silenciamento sobre a raça e da negação do racismo é característico da conjuntura social brasileira, é só através da retirada da máscara do silêncio que é possível construir relações íntimas e sociais mais éticas.

Para que o branco seja capaz de ouvir e, portanto, de ultrapassar o medo branco, é preciso que se torne consciente de sua própria branquitude e de si mesmo como perpetrador do racismo, o que pode suscitar defesas egoicas como a negação, a culpa e a vergonha, já supracitados. A superação desse estado defensivo passa pelo reconhecimento e pela possibilidade de reparação, o cerne da questão em se tratando de conjugalidade inter-racial.

A reparação consiste na busca pela “mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, [...] abandono de privilégios”³⁴. Tem a função de conscientização do racismo não como uma questão moral, mas como um processo psicológico que exige trabalho e responsabilização.

»
a reparação consiste na busca pela “mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, [...] abandono de privilégios”.
[Grada Kilomba]

Discutir questões raciais a dois, em relação íntima é, portanto, um primeiro movimento que o casal inter-racial deve fazer em direção à saúde do vínculo. Somente através do reconhecimento e da legitimação do racismo enquanto realidade estrutural e de ambos os membros do casal enquanto sujeitos racializados é que a díade pode construir um “nós” ancorado na integração psíquica, na possibilidade de reciprocidade do vínculo e no fortalecimento do eu.

31 G. Kilomba, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, p. 33.

32 S. Freud, “O eu e o Id”, in: *Obras completas*, vol. XIX.

33 G. Kilomba, *op. cit.*, p. 46.

34 G. Kilomba, *op. cit.*, p. 46.

Referências bibliográficas

- Almeida S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Benjamin J. (2004). Beyond Doer and Done to: An Intersubjective View of Thirdness. *Psychoanalytic Quarterly*, v. 73, n. 1, p. 5-46. Doi: 10.1002/j.2167-4086.2004.tb00151.x. PMID: 14750464.
- _____. (2006). Two-Way Streets: Recognition of Difference and the Intersubjective Third. *Differences*, v. 17, n. 1, p. 116-146. Doi 10.1215/10407391-2005-006
- Bento M.A.S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In Carone I.; Bento M.A.S. (orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p. 25-58.
- Carneiro S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.
- Eiguer A. (1985). *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (2013). Desentendimento de casal e luta pelo reconhecimento. In Gomes I.C.; Levy L. (orgs.) *Atendimento psicanalítico de casal*. São Paulo: Zagodoni, p. 44-59.
- Fanon F. (1952). *Peau noire, masques blancs*. Paris: Editions du Seuil.
- _____. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- Faustino D.M. (2015). "Por que Fanon? Por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. UFSC. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7123>.
- Ferenczi S. (1933). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Frankenberg R. (2004). *A miragem de uma branquitude não marcada*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Freud S. (1914/1976). Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xiv, p. 85-120.
- _____. (1923/1976). O eu e o Id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xix, p. 13-86.
- Gondar J. (2022). Um racismo desmentido. In Reis E.S.; Gondar J. (orgs.). *Com Ferenczi – O coletivo na clínica: racismo, fragmentações, trânsitos*. São Paulo: Zagodoni, p. 31-40.
- Guimarães A.S.A. (1999). *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34.
- Killian K.D. (2007). Reconstituting racial histories and identities: the narratives of interracial couples. *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 27, n. 1, p. 27-42. Doi:10.1111/j.1752-0606.2001.tb01137.x
- Kilomba G. (2019). *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Magalhães A.S. (2000). *O "eu" transformado pelo "nós": influências da conjugalidade sobre a subjetividade dos parceiros*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. PUC-Rio.
- _____. (2003). Transmutando a subjetividade na conjugalidade. In Féres-Carneiro T. (org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Edições Loyola, p. 225-245.
- _____. (2018). Um lugar para a alteridade na conjugalidade: contribuições Winnicottianas. In Melgaço A.; Magalhães A.S.; Rojas R.; Cerezer C.; Gonçalves N.; Cidade W. (orgs.). *Winnicott: integração e diversidade* (Integración y Diversidad). Frutal, MG: Prospectiva, p. 301-307.
- Mbembe A. (2014). *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona.
- Moutinho L. (2004). *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivossexuais "inter-raciais" no Brasil e África do Sul*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Satir V. (1995). A mudança no casal. In Andolfi M.; Angelo C.; Saccu C. (orgs.). *O casal em crise*. 3. ed. São Paulo: Summus, p. 29-38.
- Schucman L.V. (2012). *Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. USP. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/t.47.2012.tde-21052012-154521>.
- _____. (2018). *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. Salvador: EDUFBA.
- Souza N.S. (1983). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.

Interracial conjugality and racism: otherness on the brink of explosion

Abstract The present work proposes to discuss interracial conjugality considering the structural dimension of racism and the dynamics of recognition of otherness in the couple. It is argued that being able to admit and legitimize racial differences, considering both partners racialized subjects, allows the strengthening of marital and individual identities and the construction of ways of managing together the suffering generated by racism.

Keywords conjugality; interracial couple; racism; otherness; identity.

Texto recebido: 10/2023

Aprovado: 11/2023

Entre os apagamentos e a produção da memória no âmbito cultural

uma releitura de
Nota sobre o bloco mágico

Flavia Gleich

Resumo A primeira parte do artigo se fundamenta nas teorizações freudianas para explicar o funcionamento da memória. Trabalharemos os textos *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, a carta 52 e *Nota sobre o bloco mágico*, de 1925. Na segunda parte do artigo discutimos os impasses inerentes da memória no âmbito cultural, absorvendo algumas das contribuições do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida.

Palavras-chave memória intrapsíquica; memória cultural; psicanálise; memorial; Derrida.

Flavia Gleich é psicóloga, psicanalista, mestre em Ciências pela Universidade São Paulo (DIVERSITAS-FFLCH/USP) em 2022. Este artigo é derivado da dissertação de mestrado da autora.

Em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), Freud formula a célebre frase de que as histéricas sofriam de reminiscências. Mas o que significa sofrer de reminiscências? Ao que parece, significa que o sofrimento de suas pacientes se daria de forma paradoxal: haveria, de um lado, no inconsciente, um excesso de lembrança e, de outro, um impedimento ao acesso dessa lembrança à consciência, ou seja, do ponto de vista da consciência, haveria um esquecimento.

Para sustentar essa tese seria necessário um esquema que tentasse explicar os mecanismos dinâmicos que envolvem a lembrança e o esquecimento. Desde seus primeiros escritos até o final de sua obra, ele pensou o aparelho psíquico como um aparelho de memória constituído de distintos e sucessivos registros, e aquilo que chamamos de realidade psíquica como uma construção resultante das transmissões – traduções e não traduções – entre esses sistemas, suas falhas e ruídos.

A memória é a responsável pela reconfiguração de informações passadas, sejam elas vivenciadas ou fantasiadas; mais do que isso, a partir da memória é possível construir novas representações, e isso só se estabelece devido à capacidade de reorganização das representações, das marcas que as compõem. Trabalharemos, neste artigo, com textos freudianos considerados pré-psicanalíticos – *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *Carta 52* (1896) – que tratam da memória intrapsíquica e, ao final, estenderemos a discussão para o âmbito cultural, concentrando-nos nos impasses que colocam em convívio contínuo aquilo que se inscreve e o que não se inscreve, tal como proposto pela virada epistemológica realizada no texto *Além do princípio do prazer*, de 1920.



o modelo de sistema nervoso proposto por Freud no “Projeto” se sustenta na capacidade de os neurônios conseguirem escoar a energia/excitação oriunda tanto do meio externo quanto interno de maneira eficaz.

O mecanismo e o processamento da memória

Em seu *Projeto para uma psicologia científica*, o autor propõe uma abordagem materialista, segundo a qual as células matrizes que compõem o sistema nervoso se dividem em três: *phi* (Φ), *psi* (Ψ) e *ômega* (ω). O modelo de sistema nervoso proposto por Freud se sustenta na capacidade de os neurônios conseguirem escoar a energia/excitação oriunda tanto do meio externo quanto interno de maneira eficaz. A principal diferença entre tais sistemas é a característica de se reter ou não a quantidade (Q) que passa através dos neurônios. A retenção ou não retenção se dá pela existência ou não de barreiras de contato; a hipótese dessas barreiras de contato sugere que haveria duas classes distintas de neurônios: os permeáveis e os impermeáveis.

Os neurônios *phi* (Φ) pertencem à classe dos neurônios permeáveis, que não oferecem resistência ao escoamento de Q , recebem energia do mundo externo e são destinados à percepção; já os neurônios *psi* (Ψ) são impermeáveis, o que significa que são dotados de resistência e retentivos de Q , além de receptores de estímulos endógenos. Os neurônios *psi*, ao contrário dos neurônios *phi*, ficam em um estado diferente depois que os estímulos ultrapassam a barreira de contato. Após

vencer o obstáculo imposto pela barreira, a passagem de energia deixa uma trilha, um *traço* que se tornará um caminho privilegiado para futuros fluxos de Q . Freud elaborou a noção de “facilitação” para explicar esse fenômeno. Quando há uma passagem parcial de Q pelas barreiras de contato, elas são alteradas ou marcadas. Essa alteração é fruto de uma diminuição de resistência que implica que a cada nova excitação o mesmo caminho seja percorrido. O que é nomeado por “memória neurônica” seria caracterizado pela menor ou maior facilitação apenas entre os neurônios *psi* (Ψ). É importante termos claro que tal concepção de memória empregada por Freud não teria ainda nenhuma relação com conteúdos psicológicos propriamente ditos.

Freud postula ainda um terceiro tipo de neurônio: *ômega* (ω). Os outros dois sistemas se referem ao nível inconsciente de um ponto de vista econômico. O *ômega* é próprio da percepção-consciência e, diferentemente dos outros dois sistemas, tenta responder às questões ligadas à ordem da qualidade subjetiva da experiência da realidade. O fator temporal é inerente a essa classe de neurônios, eles são capazes de transmitir para o sistema *psi* períodos de excitação determinados. As vivências fundamentais, tais como a satisfação e a dor, impactam decisivamente o funcionamento da consciência.

Ao introduzir o sistema *ômega* (ω), Freud depara com alguns impasses que ele tenta resolver na carta 52 endereçada a Fliess, datada de 6 de dezembro de 1896. Nessa correspondência, o autor amplia a noção de memória esboçada no ano anterior ao inseri-la em um complexo sistema de retranscrições. Agora se trata de uma memória estratificada, que se dá e se processa em diversas camadas, além de se organizar através da articulação e da afetação mútua entre os três sistemas: transferindo quantidade (Q) e qualidade entre si e exercendo uma forma de excitação recíproca.

No novo esquema apresentado, verificamos um edifício mais sólido para a compreensão do aparelho psíquico, dividido em percepção-consciência, pré-consciente e inconsciente. A memória

é então tomada necessariamente como representacional, e é resultado de um campo dinâmico, composto por um material – os traços mnêmicos – extremamente maleável, que sofre diversos e constantes rearranjos.

Na carta 52, o autor teoriza os mecanismos psíquicos como diversas modalidades de registros mnêmicos, que partem da percepção em direção à representação-palavra; é aqui também que Freud aborda a questão da sexualidade (como evento externo que acomete o sujeito e não como condição constitutiva) ligada aos aspectos prazerosos e desprazerosos relativos às lembranças, passíveis ou não de acessarem o sistema consciência. Os registros também representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida, o que indica a questão de uma temporalidade psíquica.

No esquema apresentado por Freud, teríamos:

Em primeiro lugar, as percepções, W (*Wahrnehmungen*), ou P, que correspondem aos neurônios em que se originam as percepções, ligadas à consciência e que não conservam traço mnêmico algum do acontecido, pois consciência e memória são mutuamente excludentes; wz (*Wahrnehmungszeichen*), ou Ps., os primeiros registros psíquicos, seriam as impressões ou os *signos* de percepção, as indicações de percepção que constituem a *primeira inscrição* do ocorrido e associam-se por simultaneidade, mas não podem alcançar por si mesmas a consciência; a segunda forma de *transcrição* ou registro, a inconsciência, UB (*Unbewusstsein*), ou Ics., ordena tais signos segundo outras relações, talvez causais, constituindo *traços*, lembranças conceituais que também não têm acesso à consciência; a pré-consciência (*Vorbewusstsein*), ou Pcs., constitui a terceira transcrição, relacionada às representações verbais que correspondem ao Eu oficial, e é o que torna o acesso ao consciente possível, de acordo com certas regras. A partir daqui, pode-se produzir uma consciência do pensar, secundária, como efeito posterior (*Nachtraglich*) na ordem do tempo¹.

1 S. Freud, “Periodicidade e autoanálise (carta 52)”, in: J.M. Masson, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*.

»
*essa espécie de desgaste
de excitação, operada
pela transcrição, acarreta
um apagamento paulatino dos
traços, e é o que configura
uma defesa normal para
transcrições da mesma
espécie e do mesmo
período psíquico.*

A memória, portanto, está na ordem da substituição, é fruto de sucessivos processos de tradução, o que indica que ela guarda pouco da percepção e do evento original.

O autor pontua que o processo de transcrições e retranscrições atende a aspectos econômicos do psiquismo, sendo que cada transcrição corresponde a uma inibição da anterior e a uma retirada da carga de excitação. Além disso, cada fase está separada no tempo, ou melhor, há um intervalo de tempo necessário para que uma operação seja sucedida por outra. Essa espécie de desgaste de excitação, operada pela transcrição, acarreta um apagamento paulatino dos traços, e é o que configura uma defesa normal para transcrições da mesma espécie e do mesmo período psíquico. Quando se verifica a ocorrência de determinado evento que produz uma certa quantidade de desprazer, seu registro mnêmico tem meios de inibi-lo, uma vez que a lembrança é reativada. Já a defesa patológica é ativada contra traços mnêmicos de uma fase anterior que ainda não tenham sido traduzidos. São os casos relativos a eventos de ordem sexual, provocados por agentes externos, em tempos remotos. A evocação da lembrança, nessa concepção, traria a mesma quantidade de desprazer de quando houve o evento; a lembrança, nesse caso, tem a mesma força de um evento atual.



não haveria tradução possível até o sistema Pcs., ou seja, uma lembrança ligada às representações-palavra, nem para aquilo que se torna compulsório e tampouco para aquilo que sofre o recalque e se torna esquecimento.

A retranscrição, assim, não se produz devido à emergência de desprazer, culminando em recalque e fixação. Notamos a indicação bastante importante de Freud, ao afirmar que as experiências sexuais também liberam prazer e não apenas desprazer. Essa cota de prazer “não inibível”, ou seja, realizada, vem acompanhada por aquilo que Freud nomeia por *compulsão*. Nas palavras do autor:

Nem todas as experiências sexuais liberam desprazer; a maioria delas libera prazer. Assim, a reprodução da maioria delas está ligada a um prazer impossível de inibir. Esse tipo de prazer não inibível constitui uma compulsão. Portanto, somos levados às seguintes teses: quando uma experiência sexual é recordada numa fase diferente, a descarga de prazer é acompanhada pela compulsão, e a descarga de desprazer, pelo recalque. Em ambos os casos, a tradução para as indicações da nova fase parece ser inibida (?)².

É importante observar que já em 1896 Freud insere o termo “compulsão”, que virá a se tornar um conceito com uma roupagem diferente muitos anos depois em “Recordar, repetir e elaborar”, de 1914³. Não haveria tradução possível até o sistema Pcs., ou seja, uma lembrança ligada às representações-palavra, nem para aquilo que se torna compulsório e tampouco para aquilo que sofre o recalque e se torna esquecimento para a

consciência: em ambos os casos trata-se de uma memória inconsciente e inacessível.

Antes falando sobre a memória e seus impeditivos, relativos aos processos de esquecimento e operados pelo recalque, agora o psicanalista marca a compulsão como mais uma modalidade da memória, também associada a um caminho que dificulta o acesso à consciência. No texto de 1914 ele chega a dizer: “É lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz”⁴. Repetir em ato, na transferência, algo que parece impossível de se dizer. “Enquanto ele permanecer em tratamento, não se livrará desta compulsão à repetição; por fim compreendemos que este é seu modo de recordar”⁵. Tratamos na clínica psicanalítica não exatamente do passado, mas justamente daquilo que fracassou em passar e, fundamentalmente, daquilo que resistimos em saber que deixou de passar.

Uma das tarefas cruciais da clínica psicanalítica será a de tramitar por esse esquecimento malfeito, digamos, que insiste em existir e segue impingindo dor ao sujeito, e trabalhar até que seja esquecido verdadeiramente, narrado e historicizado. Que faça o passado de fato passar. Em 1920 Freud dará novas cores para essa força que ele nomeará de compulsão à repetição, dando-lhe o devido destaque para o que era observado na clínica e também nos fenômenos culturais da época. Uma força, diz ele, que tende a levar a tensão ao estado inorgânico, indo contra o registro do simbólico e das ligações e inscrições. Trata-se de uma força mortífera que insiste radicalmente para promover não apenas esquecimentos, mas, sobretudo, apagamentos. Apagamentos de rastros e de sinais que não deixam vestígio consciente algum. Entramos então em uma zona metapsicológica ainda mais complexa na qual se fundamenta uma memória que não teria como ser esquecida, já que nunca foi lembrada, e não teria como ser lembrada, já que não esteve inserida em uma cadeia representacional. Como pensar a memória, então, fora do escopo representacional?

A reformulação sobre o funcionamento do aparelho psíquico com suas possibilidades e impossibilidades de inscrições, traduções e marcações, tal qual um texto, ganhará uma nova expressão em seu ensaio de 1925, *Nota sobre o bloco mágico*. É isso que veremos a seguir, lendo esse artigo com algumas das indicações do filósofo franco-argelino Jacques Derrida – leitor crítico da obra freudiana e que a alimentou substancialmente.

Bloco mágico e a escritura da memória: contribuições de Jacques Derrida

Antes de entrarmos no texto freudiano, vejamos brevemente como Derrida articula algumas das noções ali presentes. Em seu texto capital “Freud e a cena da escritura” (1967), o autor admite que Freud, na esteira de uma determinada tradição filosófica, constrói múltiplas metáforas para ilustrar as relações entre razão, experiência, percepção e memória. Imagens gráficas já haviam sido utilizadas desde Platão e Aristóteles para tentar ilustrar essas mesmas questões; o que o criador da psicanálise introduz, contudo, é “um novo tipo de questão sobre a metaforicidade, a escritura e o espaçamento em geral [...]. A estrutura do aparelho psíquico será representada por uma máquina escrita”⁶. Máquina de escrita essa que desde a carta 52 estava já colocada para Freud, com seus determinantes de “traço”. No entanto, lá se tratava de explicar a memória tendo como base as ciências naturais, ficando sua argumentação ainda sobre o léxico neurológico, fisiológico e positivista. Trinta anos mais tarde, contudo, em *Nota sobre o bloco mágico*, Freud resolve certos problemas contidos no texto anterior e oferece um aparelho complexo que dá conta “da permanência do

com o tempo,
as marcas vão se
acumulando, transformando-se
em traços incompreensíveis
e interferindo na superfície
de contato das folhas.

traço e da virgindade da substância e recepção, da incisão dos sulcos e da nudez sempre intacta da superfície receptiva ou perceptiva”⁷.

É no brinquedo do bloco mágico que Freud rearticula a noção de aparelho psíquico incorporando, fundamentalmente, sua segunda teoria pulsional. Trata-se de um pequeno brinquedo composto de um bloco de resina e duas folhas, uma de celuloide transparente e outra de papel encerado translúcido. Ao escrever no papel, a resina marca as duas folhas, permitindo a constituição de uma escrita. A segunda folha, aquela que realmente recebe as impressões, serve como proteção para a primeira. Se esta estivesse diretamente em contato com o bloco de resina, rasgaria facilmente. Ao retirá-las do contato com o bloco, as folhas voltam a ficar vazias, enquanto todas as marcas passam para a resina. Com o tempo, as marcas vão se acumulando, transformando-se em traços incompreensíveis e interferindo na superfície de contato das folhas. Freud encontra aí uma metáfora para pensar a articulação entre receptividade ilimitada da percepção e a conservação de traços duráveis pela memória. O brinquedo ainda serve para figurar o processo de “suspensão do contato” entre consciência e inconsciente através da separação periódica entre as folhas e o bloco.

É notório que tanto a carta 52, quanto a própria *A interpretação dos sonhos* são obras que

2 S. Freud, *op. cit.*, p. 210.

3 S. Freud, “Recordar, repetir e elaborar”, in: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos.

4 S. Freud, *op. cit.*, p. 199-200.

5 S. Freud, *op. cit.*, p. 201.

6 J. Derrida, “Freud e a cena da escritura”, in: *A escritura e a diferença*, p. 293.

7 J. Derrida, *op. cit.*, p. 295.





*insistindo no caráter
protetor da folha de celuloide,
sem a qual a folha de cera seria
rasgada ou perfurada,
o autor retoma nesse ponto
o que já havia dito em Além
do princípio do prazer.*

formalizam um constructo teórico capaz de supor o aparelho psíquico tanto como uma concepção de texto (leitura e decifração singular) quanto como uma máquina da escritura. Como o próprio Freud afirmou, os sonhos, construídos como uma escrita, submetidos aos mecanismos de condensação e deslocamento, se assemelham aos hieróglifos. Para Derrida, no material onírico, “trata-se de manipular elementos contidos no tesouro hieróglifo, um pouco como uma palavra escrita se iria inspirar em uma língua escrita”⁸. Todavia, ele destaca algo importante a respeito da singularidade do texto onírico, considerando que, se o sonhador escreve um texto, é porque ele inventa sua própria gramática, seu léxico e sua sintaxe. Não há material significante ou texto prévio, nem mesmo código anterior à própria produção textual onírica. O texto consciente também não está submetido a uma tradução e nem é transcrição de um material inconsciente. Não há portanto qualquer indicador material de uma suposta origem.

Não existe texto escrito e presente noutro lugar que desse ocasião, sem ser por ele modificado, a um trabalho e a uma temporalização (pertencendo esta, se seguirmos a literalidade freudiana, à consciência) que lhe sejam exteriores e flutuariam na sua superfície. Não existe texto presente em geral nem mesmo há texto presente-passado, texto passado como tendo sido presente. [...] O texto inconsciente

já está tecido de traços puros, de diferenças em que se unem o sentido e a força, texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são *sempre* já inscrições⁹.

Sendo assim, se não há texto presente em outro lugar, é porque a memória é uma contínua e incessante interpretação de marcações psíquicas, de “traços puros” conforme nos diz o autor. As lembranças não são imutáveis, mas são reconstituições operadas sobre o passado e em constante remanejamento. O que temos é, assim, um sistema dinâmico que, a partir do presente, integra traços mnêmicos em relações que se constituem *a posteriori*.

No texto de 1925 Freud faz uma ressalva ao dizer que esse brinquedo nomeado como bloco mágico “promete ser mais eficaz do que a folha de papel e a ardósia [...]”. Sua aparência é modesta mas, se olharmos mais de perto, descobriremos na sua construção uma notável analogia com o que supus ser a estrutura do nosso aparelho de percepção¹⁰. Ele oferece duas vantagens: “uma superfície de recepção sempre disponível e marcas duradouras das inscrições recebidas”¹¹.

Insistindo no caráter protetor da folha de celuloide, sem a qual a folha de cera seria rasgada ou perfurada, o autor retoma nesse ponto o que já havia dito em *Além do princípio do prazer* ao desenvolver a ideia de que o aparelho perceptivo consistiria em duas camadas: uma proteção externa contra estímulos, com a função de diminuir a magnitude das excitações que chegam, e a superfície receptora de estímulos por trás dela, o sistema Pcp-Cs. Levantando-se da tábua de cera a folha da cobertura – celuloide e papel encerado – a escrita desaparece, torna-se invisível. A tábua de cera, todavia, conserva esse traço já desaparecido. A respeito desse desaparecimento/conservação do traço, Derrida afirma: “A escrita substitui a percepção antes mesmo desta aparecer a si própria. A ‘memória’ ou a escrita são a abertura desse próprio aparecer. O ‘percebido’ só se dá a ler no passado, abaixo da percepção e depois dela”¹². Exaltando o caráter paradoxal desse dispositivo, bem como do próprio aparelho psíquico, que marca e desmarca inscrições, configurando-se

como um texto visível e invisível, legível e ilegível ao mesmo tempo, o autor dirá que

os traços não produzem portanto o espaço da sua inscrição senão dando-se o período de sua desapareição. Desde a origem, no “presente” da sua primeira impressão, são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e de ilegibilidade⁸.

Esse “período de desapareição” é o que resulta do mecanismo de defesa do recalque. A escritura seria, dessa forma, impensável sem o recalque. Ela precisa se deixar invisível para poder ressurgir posteriormente – e em outro lugar.

Muitos anos depois, no texto *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* [1995]/(2001), Derrida avança em suas considerações, chegando a afirmar que a metáfora erguida pelo bloco mágico representa não a memória, mas o arquivo⁹, conferindo ao psiquismo uma qualidade de escrita mnêmica mas, sobretudo, hipomnêmica. Esse brinquedo, com a sistematização de seu funcionamento e concretude, confere o apoio externo como inerente e atrelado à constituição do arquivo. Uma concepção de arquivo nova, permeada e sustentada por contradições e paradoxos é aqui formulada pelo autor:

O arquivo como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnêmica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável *passado*, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que sem o arquivo acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria

8 J. Derrida, *op. cit.*, p. 306.

9 J. Derrida, *op. cit.*, p. 311. Itálico do autor.

10 S. Freud, “Nota sobre o ‘bloco mágico’”, in: *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*, p. 270.

11 S. Freud, *op. cit.*, p. 270.

12 J. Derrida, *op. cit.*, p. 329.

13 J. Derrida, *op. cit.*, p. 331.

14 A palavra “arquivo” vem do termo *arché*, que significa “início”, “origem” e “autoridade”. O que condiciona a existência de um arquivo são sistemas de registros de armazenamento externo. O mais importante para sua existência é a técnica da escrita, que tornou a memória fixa e independente dos portadores vivos. Derrida enxerga o arquivo como uma categoria política: para ele não há poder político sem o controle sobre os arquivos, sem o controle sobre a memória.

15 J. Derrida, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, p. 29. Itálicos do autor.

»
a exterioridade é
fundamental à constituição
do arquivo, que arquiva
ao mesmo tempo que
produz o evento arquivável.
O arquivamento aponta,
portanto, para o passado,
bem como para o
presente e o futuro.

acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina também a estrutura do arquivo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento¹⁵.

A exterioridade é fundamental à constituição do arquivo, que arquiva ao mesmo tempo que produz o evento arquivável. O arquivamento aponta, portanto, para o passado, bem como para o presente e o futuro, em um encadeamento e uma produção incessante, bastante dinâmica. Ao pensar o arquivo derridiano, estamos atrelando a ele a ideia de abertura e do porvir. Em outras palavras: arquivo, nesta chave de leitura, não armazena memória, mas ele se destina a oferecer a possibilidade de criação da memória. A sua função premente é a de prevenir a amnésia.

A pergunta que Derrida se coloca não estará restrita a *como* se arquiva determinado evento – considerando a existência de modos diversos de arquivamento – mas se refere à qualidade dos fatores externos que participam desse processo de arquivamento. É o que veremos a seguir.

Os impasses da memória no âmbito social

Até aqui viemos discutindo, prioritariamente, algumas considerações acerca da qualidade intrapsíquica dos processos de memória. Entendemos,



*as categorias do “lembrar”
são múltiplas e complexas
na medida em que evidenciam
os aspectos plurais daquilo
que se configura como memória.
Para Freud, uma dessas
complexidades se apresenta
na formação dos sintomas.*

contudo, que o alcance da teoria psicanalítica não se restringe ao âmbito apenas individual, muito pelo contrário. A psicanálise, desde seu nascimento, contempla os determinantes inconscientes singulares que se entrecem no laço social e dele participam, no meio cultural e compartilhado. Nessa última seção caminhamos nessa direção e nos perguntamos sobre os impasses em torno dos quais as memórias culturais conseguem ou não se materializar – estamos pensando, sobretudo, no contexto brasileiro. Levando em consideração as ideias de Derrida, como pensar o paradoxo inerente ao arquivo, quando as inscrições da memória cultural se tornam impedidas, até mesmo impossíveis de serem realizadas?

Monumentos, memoriais, bem como inúmeros outros locais de memória institucional que ocupam o espaço público, imbuídos de história, demonstram essa exterioridade indispensável à existência do arquivo, tal como formulado por Derrida.

Uma ressalva importante é apontada pelo psicanalista Paulo Endo¹⁶, quando afirma que as questões relativas à memória cultural compõem um problema ético não apenas pela discussão sobre os registros do que deve e pode ser lembrado e esquecido, mas sobretudo sobre aquilo que jamais será esquecido porque nunca foi lembrado. Essas questões “ficam como que de fora das questões

da memória, não se assuntam, não se pode perscrutá-los”¹⁷. Justamente, a grande contribuição da psicanálise aos estudos da memória política e cultural se verifica à medida que define o inconsciente como um “lugar (topos) ou um lugar terceiro (in between), estrangeiro, excluído (a-topos) do ponto de vista da razão, da consciência e da memória evocativa”¹⁸. Isso porque Freud, em seu pensamento, produz fendas, buracos e solavancos que vão além e ficam aquém das dinâmicas entre o lembrar e o esquecer, incluindo nesses processos as dinâmicas inconscientes que os determinam. Inerente à categoria paradoxal da memória, o autor indica os desafios que a clínica psicanalítica tomará para si, continuamente, desde Freud até os dias de hoje.

Podemos dizer genericamente que, para a psicanálise desde Freud, interessam as dinâmicas do *des-lembrar* (o percebido consciente que foi esquecido); do *mal-lembrar* (do que não pode ser inteiramente lembrado a não ser pela via de sinais, indícios e pistas: os sintomas); do *lembrar-encobrendo* (daquilo que se lembra precisamente para que não seja possível a lembrança, tornada difícil e dolorosa).¹⁹

Como notamos, as categorias do “lembrar” são múltiplas e complexas na medida em que evidenciam os aspectos plurais daquilo que se configura como memória. Para o autor, uma dessas complexidades se apresenta na formação dos sintomas, já que são a demonstração de um “lugar terceiro da memória, um lugar outro, que se instala fora das dinâmicas inerentes ao lembrar e ao esquecer”²⁰. São marcadamente repetitivos e sem chance de trabalho psíquico a realizar, produzindo efeitos que condenam o sujeito ao não esquecimento e, ao mesmo tempo, o impedem de lembrar: “o sintoma exhibe, portanto, o desejo convertido em limbo”²¹. O desejo, apartado da consciência via recalque, se mostra um repetido incessante que não se aloja em lugar algum. Será precisamente nesse sem lugar que a escuta analítica deverá se instalar – para que histórias tenham a chance de serem construídas. A clínica,

nesse sentido, estará imbuída de perscrutar e interpelar o sintoma para dele poder ter a chance de advir o desejo.

Sabemos, a partir das noções trazidas por Freud, que o recalque é um mecanismo psíquico defensivo que opera na intenção de impedir a vinda das representações inconscientes à luz da consciência, mas ele também catapulta aquilo que insiste em reaparecer e se mostrar no sujeito. Nessa medida, o recalque também serve de condição para que uma memória possa se fazer a partir da produção de restos, reatualizações cifradas, enigmas que pedirão sua decifragem, dando a oportunidade de alargamento do campo simbólico.

A partir de 1920, contudo, o psicanalista esteve às voltas com os processos disruptivos de grandes magnitudes e com as questões relativas ao *além* do princípio do prazer, seus devires e seus impeditivos representacionais. Entre os sintomas que insistiam em se reapresentar em seu consultório e a guerra que havia se avizinhado, Freud buscou novos instrumentos teóricos para a decifração dos fenômenos que o rodeavam. Ele fundamentaria aí a sua teoria do psíquico atravessada e sustentada por impasses que colocam em convívio contínuo aquilo que se inscreve e o que não se inscreve, fazendo-se repetir de maneira incessante. Insistimos com a pergunta: como fazer lembrar e tentar inscrever algo que está excluído do campo representacional? Paulo Endo indica a complexidade dessa questão no âmbito cultural.

Populações inteiras extintas que jamais serão encontradas; pessoas e vidas indigentes e não identificadas que pereceram em porões jamais alcançados pelas pesquisas e pelas mídias; outros que sumiram em prisões e valas

»
a partir de 1920, contudo,
o psicanalista esteve às voltas
com os processos disruptivos
de grandes magnitudes
e com as questões relativas
ao além do princípio do prazer,
seus devires e seus impeditivos
representacionais.

comuns são, quando muito, representados por flâmulas genéricas de tais massacres, assassinatos e extermínios que, por sua vez, não poderão repor os traços da existência singular dos que desapareceram completamente nesses processos de erradicação.²²

Para de alguma forma reconhecer a violência a que foram impingidos, erguem-se memoriais ou monumentos, ou rituais fúnebres endereçados a essas vítimas; contudo, tais gestos tratam de um impossível, que seria a restituição singular, única, de cada um daqueles que tiveram suas vidas e histórias perdidas e apagadas. Esses não estão mais vivos para contar o que lhes sucedeu – ou frequentemente não têm escuta e visibilidade para terem suas histórias contadas. Endo aponta para um sentido problemático da memória a ser interpelado com cuidado quando, e principalmente, há a deflagração do uso massivo da violência e da força bruta. Marcados por excessos, apagamentos, silenciamentos, destruições, tais eventos históricos promovem grande destrutividade simbólica, o que nos convoca e mobiliza a pensar como nos posicionaremos e qual destino daremos àquilo que desapareceu sem deixar pegadas ou rastros.

Essa discussão é extremamente importante quando contextualizada em nossas bordas brasileiras. Em um país tingido por sucessivas violências e massacres que vitimizam uma parcela

16 P. Endo, "Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz". *Percurso*, vol. XXX, n. 60.

17 P. Endo, *op. cit.*, p. 77.

18 P. Endo, *op. cit.*, p. 78.

19 P. Endo, *op. cit.*, p. 79. *Itálicos nossos.*

20 P. Endo, *op. cit.*, p. 79.

21 P. Endo, *op. cit.*, p. 80.

22 P. Endo, *op. cit.*, p. 77.



o espaço público, em qualquer lugar que seja, está amplamente marcado pelas disputas por visibilidades e narratividades de acontecimentos violentos do passado social. Os locais de memória, portanto, abarcam aquilo que se faz visível e legível.

bastante expressiva e específica de sua população, e cuja memória social é caracterizada por imensas lacunas e apagamentos, devemos insistir para fazer valer uma ética cultural da memória. Os acontecimentos traumáticos nacionais seguem sendo produzidos impingindo dor sem qualquer constrangimento e pontos de barragem e, mesmo *a posteriori*, têm muita dificuldade em ganhar materialidade e alguma forma de inteligibilidade no espaço público.

O espaço público, em qualquer lugar que seja, está amplamente marcado pelas disputas por visibilidades e narratividades de acontecimentos violentos do passado social. Os locais de memória, portanto, abarcam aquilo que se faz visível e legível mas, sobretudo, trazem em sua materialidade aquilo que também está invisível e ilegível – e, justamente por contemplarem essas dimensões, trazem para a cena pública uma importante dimensão de perturbação e de estranhamento.

São essas questões que nos incitam a seguir com certas perguntas em torno das consequências de uma falta de suporte mínimo para que algo possa se registrar e se inscrever no espaço cultural. Acreditamos que aquilo que fica totalmente desprovido de discurso e de visibilidade sai do campo do saber e desaparece da história, tornando-se imperscrutável.

Voltemos mais uma vez às considerações de Derrida para avançar nessas questões. *Arquiviolítica* é a renomeação à pulsão de morte, realizada pelo filósofo francês. Essa força que tende a complexificar ainda mais as noções sobre a memória: na mesma medida em que resistem às forças do tempo, permanecendo sempre presentes, as marcações psíquicas também sofrem e estão submetidas a um complexo jogo de forças que visam ao seu apagamento.

É como se Freud não conseguisse mais resistir à perversidade irreduzível desta pulsão que ele nomeia pulsão de morte ou pulsão de agressão ou pulsão de destruição, como se estas três palavras fossem nesse caso, sinônimas. Mais tarde Freud dirá que essa pulsão com três nomes é muda. Ela trabalha, mas, uma vez que trabalha sempre em silêncio, não deixa nenhum arquivo que lhe seja próprio. Ela destrói seu próprio arquivo antecipadamente, como se ali estivesse, na verdade, a motivação mesma de seu movimento mais característico. Ela trabalha para destruir o arquivo: com a condição de apagar mas também com vistas a apagar seus “próprios” traços. Ela devora seu arquivo, antes mesmo de tê-lo produzido externamente.²³

Essa ameaça de uma força que tende a fazer apagar, a fazer desaparecer as pegadas que o próprio arquivo buscaria reter está contida no brinquedo do bloco mágico freudiano, modelo exterior que sistematiza o funcionamento do aparelho psíquico após os múltiplos reviramentos provocados pela pulsão de morte na teoria psicanalítica. De modo paradigmático, é através e a partir desse brinquedo que o pensador franco-argelino afirma que a psicanálise tornou-se uma teoria do arquivo, não somente uma teoria da memória: “O modelo singular do bloco mágico incorpora também o que parecia contradizer”²⁴. Essa contradição interna será nomeada por ele como *mal de arquivo*, e é justamente essa ameaça infinita de erradicação dos traços, uma possibilidade de esquecimento para além do recalque, que comporá o desejo do arquivo e, ao mesmo tempo, o desejo da memória, a permanência e a retenção e, fundamentalmente, a produção dos traços. É a produção de memória que dá ao arquivo

derridiano a sua conotação mais pulsante e inovadora, mais viva e pujante, um registro aberto ao porvir e a novas derivações, se afastando de um caráter meramente armazenador e estático.

Como seguiremos falando sobre os eventos traumáticos do passado, numa tentativa incessante de inscrevê-los no presente? Por fim, lembramos aqui um artista brasileiro que buscou fazer valer uma ética da memória traumática nacional, tal como acabamos de acompanhar com Derrida. Citamos o artista plástico Fernando Piola e a sua “Operação Tutoia” realizada entre 2007 e 2009. A obra consiste no plantio paulatino de espécies de folhagens vermelhas no 36º DP, localizado na rua Tutoia²⁵, em São Paulo. Em agosto de 2007, o artista se apresentou como um agente da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e solicitou autorização para cuidar do projeto paisagístico daquela delegacia de polícia. Ao longo de dois anos, a *operação* realizada por Piola se sustentou na transformação gradativa do jardim, criando ali um manto vermelho e resguardando a natureza de sua verdadeira intenção dos responsáveis pela instituição. As folhagens vermelhas que aos poucos se espalharam remetiam às violências sofridas no passado ditatorial naquele mesmo espaço, mas o artista aludia também à reatualização da violência no presente: mesmo tombado, o ex-DOI-Codi se mantém como uma delegacia de polícia e ainda não passou a ser reconfigurado como um lugar destinado à rememoração pública. A permissão do artista se estendeu até maio de 2009, quando o jardim sofreu uma significativa poda feita pela DP com o propósito de atenuar o monocromatismo do paisagismo implantado. Importante mencionar que temos acesso a essa obra apenas através das fotografias tiradas pelo próprio artista.

Na ausência quase completa de uma política de Estado que produza memoriais – ou seja,

»»

*citamos o artista plástico
Fernando Piola e a sua “Operação
Tutoia” realizada entre 2007
e 2009. A obra consiste no plantio
paulatino de espécies de folhagens
vermelhas no 36º DP, localizado
na rua Tutoia, em São Paulo.*

novas inscrições e paisagens e, portanto, novas narrativas em uma tentativa de provocar imaginações inéditas a respeito do horror no contexto brasileiro – insistimos, com os subversivos, mas pequeninos e transitórios memoriais. A questão sobre a possibilidade de conseguirmos construir novos sentidos às violências engendradas no passado e no presente segue em suspenso e, por esse mesmo motivo, demanda de nós esforço teórico, clínico – e, também, artístico e político.

Inseridos que estamos em uma cultura repleta de cataclismas, que almeja a amnésia e os apagamentos – e, nos dias de hoje, especialmente, permeados pelos negacionismos de toda ordem – há uma ética que deve ser sustentada na busca por revelar, ao invés de ocultar, um passado traumático inquietante que segue produzindo, no interior da sociedade brasileira, efeitos deletérios e nocivos no presente e no futuro. Será essa revelação do passado, abarcada por seus inerentes paradoxos e impasses, que nos mobilizará a pensar e a produzir novas e infinitas produções teóricas, clínicas e estéticas.

23 J. Derrida, *op. cit.*, p. 21.

24 J. Derrida, *op. cit.*, p. 32.

25 Este local abrigou o principal centro de detenção e tortura de São Paulo entre 1970 e 1982, o DOI-Codi, no contexto da ditadura civil-militar brasileira.

Referências bibliográficas

- Assmann A. (2016). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. São Paulo: Unicamp.
- _____. (1967/2009). Freud e a cena da escritura. In *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, p. 289-338.
- Derrida J. (1995/2001). *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* Rio de Janeiro: Relume.
- Endo P. (2018). Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz. *Percurso*, vol. xxx, n. 60, p. 77-87.
- Freud S. (1925/2011). Nota sobre o “bloco mágico”. In *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 267-274.
- _____. (1896/1986). Periodicidade e autoanálise (carta 52). In Masson J.M., *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro, p. 208-216.
- _____. (1985/1996). Projeto para uma psicologia científica. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 1, p. 333-443.
- _____. (1914/2010). Recordar, repetir e elaborar. In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 193-209.
- Piola F. (2014). Dez exercícios de aproximação/representação de SP. *Estação Pinacoteca*. Disponível em: <<https://pinacoteca.org.br/programacao/10-exercicios-de-aproximacao-representacao-de-sp/>>

Between erasures and the production of memory in the cultural sphere: a fresh look upon Freud’s “Note upon the ‘Mystic writing-pad’”

Abstract The first part of our article is based on Freudian theories to explain the functioning of memory. We will work on the texts *Project for a scientific psychology* from 1895, *Letter 52* and *Note upon the “Mystic writing-pad”*, from 1925. In the last part of the article we discuss the inherent impasses of memory in the cultural sphere, absorbing some of the contributions of the philosopher Jacques Derrida.

Keywords intrapsychic memory; cultural memory; psychoanalysis; memorial; Derrida.

Texto recebido: 06/2022

Aprovado: 08/2023

Entre o Eu e o Outro

impasses intersubjetivos na condição borderline

Danielly Passos de Oliveira
Luís Cláudio Figueiredo

Resumo Este artigo consiste numa investigação sobre a condição borderline a partir de uma abordagem psicanalítica, tendo como foco o estabelecimento e a manutenção dos vínculos intersubjetivos. Ancorados num caso clínico, examinamos algumas das principais problemáticas da condição borderline. A clínica de sujeitos na condição borderline reafirma a importância da investigação dos limites da psicanálise contemporânea.

Palavras-chave condição borderline; clínica psicanalítica; *self*; vínculos; caso clínico; limites.

Danielly Passos de Oliveira é psicóloga clínica, psicanalista, pós-doutora em Psicologia Clínica (USP-SP), pós-doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica (PUC-SP).

Luís Cláudio Figueiredo é professor doutor, livre docente (USP), professor da PUC-SP, supervisor do pós-doutorado.

Este artigo consiste numa investigação sobre a condição borderline a partir de um estudo de caso clínico, tendo como eixo os desafios atravessados por sujeitos que se encontram em tal condição para estabelecer e manter vínculos interpessoais.

Sujeitos na condição borderline impelem tanto a clínica como a teoria psicanalítica a investigar as condições e as dificuldades pertencentes ao processo de constituição de laços afetivos. De acordo com Green, diferentemente da psicose, na condição borderline a capacidade de criação e de manutenção de laços não se encontra destruída, mas “[...] esses laços sempre se estabelecem de modo a confirmar que o resultado da ligação nunca é positivo”¹. Nesses sujeitos, o que impera não é a lógica da esperança, na qual “[...] a ausência do objeto é a ocasião do surgimento do desejo que traz consigo uma tentativa do reencontro com a experiência da satisfação”².

A lógica da esperança tem seu fundamento no modelo freudiano da primeira tópica, na qual o Ego é constituído a partir de um Ego-prazer originário, capaz de projetar o que é desagradável. Nessa lógica, temos um inconsciente “atravessado pela sexualidade infantil, o sonho, a realização do desejo”³.

No entanto, a partir da reviravolta de 1920, quando Freud passou a sustentar a hipótese da pulsão de morte e dos efeitos do trauma sobre o psiquismo, uma outra lógica ganhou destaque: a do desespero, cuja ênfase está na importância do objeto enquanto agente regulador das pulsões. Nas palavras de Green:

Nessa ótica, a lógica dos processos primários é uma lógica de esperança que faz o desejo triunfar. No que chamamos de lógica do desespero, tudo é

1 A. Green, *A loucura privada: psicanálise dos casos-limite*, p. 58.

2 S.T. Candi, *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*, p. 47.

3 S.T. Candi, *op. cit.*, p. 57.



*o conceito de Eu-pele,
desenvolvido por Anzieu,
pode nos ajudar a compreender
o complexo processo de construção
das fronteiras do self.*

completamente diferente. Nesse caso, não é uma interdição que se encontra em primeiro plano, mas o objeto. Se uma união feliz com ele é vivenciada como impossível, isso ocorre, na mente do sujeito, porque ele não consegue se sentir amado pelo objeto, ou amar o objeto⁴.

Para Green, uma característica central da clínica borderline é que as problemáticas do desejo e da sexualidade se revelam menos importantes do que aquelas que remetem à destrutividade, ao masoquismo e ao narcisismo, próprias da lógica da desesperança. Segundo Candi:

A lógica da desesperança é o avesso da lógica da esperança, ela domina o psiquismo quando não existe espaço interno para alucinar o prazer ligado ao reencontro com o objeto. O objeto foi perdido definitivamente. A procura do prazer é, então, substituída pela procura do desprazer. O nada e a ausência são mais reais do que qualquer objeto que possa prover alívio e conforto⁵.

A clínica de sujeitos na condição borderline tem uma dimensão paradoxal, pois ressalta o lugar fundamental do objeto na constituição e na regulação do psiquismo, a partir das marcas deixadas por sua falta: advindas de um excesso de falhas e de desencontros. Para investigar os impasses enfrentados por esses sujeitos no estabelecimento de vínculos, é preciso examinar o processo de construção dos limites do Eu a partir da relação primária com o objeto.

Para tanto, iremos partir de recortes da análise de uma paciente, articulando-os com conceitos que nos permitam problematizar a constituição interdependente dos espaços intrapsíquico e intersubjetivo.

A pele psíquica: distúrbios no *self* e a condição borderline

Lígia, nome fictício, procurou análise devido à angústia que passou a sentir após o fim de um relacionamento. Tal angústia se assemelhava aos episódios que a acometiam quando precisava se apresentar em público ou participar de atividades que requeriam alguma interação social. Nessas ocasiões, Lígia ficava ansiosa a ponto de vomitar. Ao buscar análise, já adulta, não mais apresentava os sintomas físicos. No lugar deles, vivia num estado permanente de tensão, manifesto por uma urgência de agir antes de pensar.

Lígia parecia ser constantemente invadida por intensidades emocionais que não conseguia compreender nem organizar. Devido à fragilidade do seu continente psíquico, via-se atravessada por um turbilhão emocional que parecia governar suas ações, marcando suas interações pela angústia.

O conceito de Eu-pele, desenvolvido por Anzieu⁶, pode nos ajudar a compreender o complexo processo de construção das fronteiras do *self* e de sua relação com o objeto primário, explicando como as falhas nessa construção afetam a contenção e a transformação das experiências emocionais. O Eu-pele consiste numa representação primária e metafórica do *Eu* ancorada nas vivências do corpo, na sensorialidade tátil, a partir da qual se diferenciam três funções: a de contenção, a de limite que separa o interior do exterior e a de barreira que protege contra o excesso de estímulos e serve de superfície de contato com o mundo externo. A mãe deve, portanto, criar um envelope sob medida para o bebê: um entorno de afeto e de sentido capaz de afirmar sua individualidade; o qual, posteriormente, irá se transformar no mundo interior infantil. Quando ocorrem falhas importantes do objeto primário ao atuar como suporte necessário à constituição do psiquismo infantil, a constituição do Eu-pele é afetada, prejudicando sua função de contenção.

Segundo Kohut⁷, o *self* (concebido como a experiência de si, constituída a partir do

continente psíquico circunscrito pelo Eu-pele) consiste numa estrutura da mente com continuidade no tempo e que recebe investimento libidinal. Considerando o ego, o id e o superego como abstrações construídas pela teoria psicanalítica com o objetivo de definir e representar o aparelho psíquico, Kohut⁸ enfatiza que o *self*, apesar de ser uma estrutura psíquica, não é – tal como o ego, o id e o superego – uma agência da mente, e sim um de seus conteúdos. De acordo com o referido autor⁹, várias representações do *self* se formam e se mantêm ao longo do tempo no ego, no id e no superego. Já Figueiredo afirma que o Eu consiste numa instância formada por duas dimensões distintas: o ego e o *self*. Na dimensão de ego, a diferenciação se dá em relação ao id, do qual o ego se origina. O ego – com suas habilidades e limitações – não constitui, por si, o campo do próprio, pois a singularidade de um sujeito vai se desenvolver na dimensão do *self*.

De acordo com Kohut¹⁰, existem sujeitos que sofrem de distúrbios específicos no campo do *self* e dos objetos arcaicos (objetos-*self* investidos com libido narcísica e não experimentados como separados do *self*). Dentre eles, a condição borderline se caracteriza por uma vulnerabilidade do *self* relacionada à constante ameaça de intrusão de formas arcaicas de subjetividade: os objetos-*self*. Tais objetos se caracterizam por não serem experienciados separados ou independentes do *self*. Eles têm sua origem na forma como a criança pequena investe as pessoas com as quais se relaciona com catexes narcísicas, vivenciando-as como partes de si mesma.

Para Kohut, distúrbios no *self* e nos objetos arcaicos seriam uma decorrência de experiências traumáticas excessivas (que ultrapassam a capacidade de simbolização) vivenciadas num período no qual o *self* infantil se encontra em processo

»»

*no caso de Lígia,
a vulnerabilidade diante
dos abalos narcísicos parecia-nos
profunda e assustadora.*

de formação e, portanto, ainda não separado de seus objetos. Assim, a perda e o desapontamento traumáticos, relacionados ao objeto idealizado e experienciados nos primórdios da vida, impedem que o *self* infantil consiga constituir-se totalmente, diferenciando-se de seus objetos. Tal diferenciação é fundamental e advém da construção de uma estrutura psíquica consistente.

Para Kohut, a estrutura psíquica é construída no decorrer do percurso de separação do *self* de seus objetos fundamentais. São as inevitáveis e graduais falhas do ambiente que, ao alterar o equilíbrio narcísico primário, requerem e, ao mesmo tempo, permitem, pelo processo de internalização das relações de objeto, a construção de uma estrutura psíquica interna. É essa estrutura que confere ao sujeito a capacidade de suportar as tensões narcísicas e de se autoconsolar. Quando a perda do objeto primário ou uma decepção traumática incidem no período de formação do *self*, a estrutura interna necessária para a regulação do equilíbrio narcísico não se desenvolve suficientemente, “deixando o sujeito relativamente sem defesa em face dos efeitos das injúrias narcísicas”¹¹.

No caso de Lígia, a vulnerabilidade diante dos abalos narcísicos parecia-nos profunda e assustadora. No começo da análise, ela se queixava da desproporção entre suas respostas emocionais e as dadas pelos outros. Tal desproporção tornava-se evidente nos relacionamentos amorosos. Neles, repetia-se um padrão de oposição de investimentos, no qual a presença do afeto de um lado parecia requerer um desinvestimento afetivo do outro. Para Lígia, um homem emocionalmente vinculado a ela parecia menos interessante. Três dos seus últimos relacionamentos haviam sido

4 A. Green, *op. cit.*, p. 59.

5 S.T. Candi, *op. cit.*, p. 59.

6 D. Anzieu, *Le Moi-peau: Nouvelle édition revue et augmentée*.

7 H. Kohut, *The analysis of the self: a systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*.

8 H. Kohut, *op. cit.*

9 H. Kohut, *op. cit.*

10 H. Kohut, *op. cit.*

11 H. Kohut, *op. cit.*, p. 65.



*a mãe tratava Lígia,
desde pequena, como confidente,
compartilhando seu desapontamento
diante da indisponibilidade
do marido.*

terminados por ela, pouco depois de ter recebido uma declaração de amor dos namorados. A segurança do amor do outro lhe causava uma drenagem afetiva. Ter certeza de ser amada retirava o brilho e a aventura da relação.

No começo do tratamento analítico, Lígia sofria por um homem casado que nunca havia demonstrado estar afetivamente envolvido. No entanto, esse fato não foi um empecilho para a paciente começar um relacionamento com ele; também não impediu que ela ficasse profundamente desapontada quando o parceiro colocou um fim na relação.

As crises de angústia de Lígia se agravaram na vida adulta após o final deste relacionamento que, na sua percepção, era formado por ela, pelo parceiro e pela sombra ameaçadora da outra mulher. A presença de uma outra mulher que, à primeira vista, poderia ser compreendida como um impedimento para o encontro amoroso, demonstrou ter outro sentido. Ao se dar conta de sua inclinação para se apaixonar por homens comprometidos, Lígia constatou que os homens disponíveis lhe pareciam menos sedutores.

Aos poucos, Lígia foi percebendo o papel que a mulher assumia na consolidação do seu interesse por um homem. Aparentemente seu desejo irrompia dentro de um triângulo formado por ela, pelo homem e por uma outra mulher (ou mulheres). A princípio, questionamos se Lígia formava relacionamentos triangulares impelida por uma atração homossexual inconsciente, o que se revelou simplista, ao atentarmos à complexidade do papel que a outra mulher assumia na sua fantasia.

A outra mulher, que poderia representar uma ameaça para a concretização de um encontro

amoroso feliz, aparecia como uma figura mais fortemente investida do que o homem. Mais do que uma rival – num enredo amoroso que culminava com a decepção –, essa mulher era percebida como alguém com mais capacidade de constituir vínculos bem-sucedidos. Numa relação amorosa triangular, Lígia parecia estar em busca de aprender ou de incorporar os recursos que lhe faltavam e que acreditava que a outra mulher possuía. Eram esses recursos que, na fantasia, permitiam à sua suposta rival se comunicar com os outros de uma forma mais “correta” do que ela.

O impasse entre o eu e o outro

Lígia cresceu numa família formada por ela, a mãe, o pai e irmãs. Desde pequena, era comum que as filhas presenciassem os frequentes desentendimentos entre os pais, os quais, aparentemente, só falavam um com o outro para brigar. Ela não se lembrava de manifestações de carinho entre a mãe e o pai. Ambos pareciam se odiar explicitamente, embora permanecessem casados.

Lígia era constantemente chamada a participar dos confrontos entre os pais. A mãe a tratava, desde pequena, como confidente, compartilhando seu desapontamento diante da indisponibilidade do marido. Ainda criança, Lígia considerava que seu pai não era um bom marido e que fazia sua mãe sofrer intencionalmente.

A decepção com o pai se intensificava pela dificuldade que Lígia tinha de estabelecer uma relação com ele. Quando estava em casa, seu pai procurava se isolar da mulher e das filhas, passando horas na garagem imerso em seu *hobby* de carpintaria. Lígia costumava visitar o pai na garagem, mas suas tentativas de comunicação eram respondidas com silêncio e desatenção. Já sua relação com as irmãs ficava prejudicada por sua posição de “amiga” da mãe. Lígia lidava com as irmãs como se fosse adulta, atuando como uma representante da figura materna.

Na escola, ela também se sentia excluída. Não conseguia fazer parte dos grupos formados

por outras meninas. Tinha crises de ansiedade nas situações em que a atenção dos outros se voltava para ela. Seu excelente desempenho nos estudos era acompanhado por uma preocupação excessiva com a performance acadêmica. Nos períodos de avaliação, Lígia costumava desenvolver sintomas físicos relacionados ao aumento de sua ansiedade. Isso fazia com que preferisse ficar “invisível” para os professores, evitando a todo custo se expor.

Na análise, a paciente compreendeu que, desde cedo, havia aprendido a perceber os homens por duas categorias: como indiferentes e desafetados ou como abusadores em potencial. Nos seus primeiros namoros, já na faculdade, Lígia sofreu por não conseguir concluir o ato sexual. Os rapazes com os quais se relacionou, por diferentes razões, falhavam no momento da penetração. Ela só conseguiu ter sua primeira relação sexual com penetração com um rapaz que havia acabado de conhecer e com o qual não tinha nenhuma relação afetiva.

A cisão entre afeto e sexualidade, que operou desde suas primeiras experiências amorosas e sexuais, continuou nos seus relacionamentos adultos. Em todos eles, observamos um padrão: um jogo de oposição entre potência e assujeitamento. Diante de um “homem mau” – percebido como potente e agressivo –, Lígia se assujeitava: abdicava da própria vontade e adotava uma atitude servil. Já diante de “um homem bom” – percebido como fraco –, Lígia se convertia numa figura bélica: que agia com o objetivo de dominar, demonstrando que ele sempre seria o perdedor.

Lígia buscou na análise uma testemunha da indisponibilidade dos outros para com ela. Por vezes, questionava a possibilidade de estabelecer vínculos bem-sucedidos e recíprocos. O impacto de sua solidão na contratransferência fez com que a analista tentasse assumir o papel de um “objeto bom”: obrigado a compreender e a se flexibilizar para conseguir atender as demandas de Lígia. Esse papel, em que a analista tentou tamponar o desamparo da paciente, impedia que a paciente

»»

Figueiredo considera que a questão dos limites psíquicos se impõe como uma problemática permanente no tratamento desses pacientes.

se confrontasse com padrões que – repetidos na realidade externa – fortaleciam o poder de suas crenças inconscientes.

Os limites e a condição borderline

Figueiredo considera que a questão dos limites psíquicos se impõe como uma problemática permanente no tratamento desses pacientes, pois a precariedade das fronteiras externas implica uma igual precariedade nas fronteiras internas. Para esse autor, o impasse borderline gira em torno da coesão e da estabilidade do *self*. Portanto, a principal ameaça é a da perda de si. Como consequência, as questões borderline são de vida ou morte. A precariedade das fronteiras internas e externas faz a condição psíquica borderline pender para a instabilidade. Diferente da questão narcisista, que diria respeito à autoestima, a questão borderline diz respeito à integridade do *self*. Na condição borderline, “[...] será a própria coesão de si que estará sempre em perigo”¹². As angústias que atravessam sujeitos borderline excedem a oposição entre prazer e desprazer e remetem à problemática da sobrevivência psíquica. “No paciente borderline a existência e a coesão do eu não estão nunca suficientemente asseguradas”¹³.

No caso de Lígia, os pais eram representados como objetos opostos inseridos numa relação dual. No início da análise, a paciente se percebia como profundamente misturada à figura materna. Ao discorrer sobre suas escolhas e opiniões, não conseguia discriminar entre si mesma e a mãe. Lembrando a infância, destacou o período no qual sua mãe suspeitou que o marido tivesse um

12 L.C. Figueiredo, *Elementos para a clínica contemporânea*, p. 88.

13 L.C. Figueiredo, *op. cit.*, p. 109.



a decepção de Lígia com os outros se ancorava na crença de que, a cada encontro intersubjetivo, partes boas do seu self seriam roubadas.

caso extraconjugal. Lígia, aos dez anos de idade, foi informada pela mãe de todos os detalhes da situação. Ela sentiu a infidelidade do pai como uma traição a si mesma, afirmando se recordar da raiva que passou a ter do pai, após descobrir que este tinha uma “outra mulher”.

Lígia associava a desconfiança que passou a sentir do pai com a percepção que, adulta, tinha dos homens. Para ela, era impossível acreditar que um homem pudesse ser fiel ou bem-intencionado. Na sua concepção, os homens enganavam e tiravam proveito das mulheres. Gradualmente, no entanto, ela foi percebendo a semelhança que os parceiros tinham com sua imagem do pai, principalmente no que se referia às dificuldades de comunicação e de relacionamento.

Outro elemento comum entre os namorados de Lígia consistia numa condição passiva preponderante. A paciente reclamava que se via “forçada” a tomar as decisões nos seus relacionamentos, “conduzindo a vida” dos namorados. A falta de confiança nos outros (e no mundo) impedia que Lígia conseguisse estabelecer relações recíprocas. Entre ela e o outro o embate era entre o poder e a submissão.

Por outro lado, observamos que a paciente tinha formado na infância uma relação diferente das demais: marcada pela confiança, e não pela disputa. Essa relação foi estabelecida com um casal parental vinculado aos seus pais. Tal “casal” era composto pelo pai da sua mãe e pela mãe do seu pai. Essas duas figuras parentais representavam para Lígia uma fonte consistente de segurança afetiva. Após alguns anos de análise, a paciente perdeu (num curto intervalo de tempo) tanto o avô quanto a avó, acarretando uma intensificação da sensação de desamparo.

Podemos considerar que a ameaça de desintegração do *self* decorre de uma incapacidade do sujeito de se separar de seus objetos. Isso, por sua vez, remete à dificuldade que os objetos externos primários do sujeito tiveram de exercer a dupla função de confirmação narcísica e de estabelecimento das fronteiras capazes de separar o sujeito dos objetos. De acordo com a explicação de Fédida:

[...] a perda do objeto (separação, abandono...) só implica ameaça se provocar a destruição do eu. A identificação primitiva é tal que a angústia da perda do objeto de amor deixa-se interpretar como a angústia do eu de não conseguir sobreviver para além do desaparecimento do objeto¹⁴.

A paciente vivenciou a morte dos avós como uma experiência de desintegração subjetiva. Inicialmente, demonstrou não aceitação e revolta que, para ela, decorria do processo de desumanização sofrido pelos avós na instituição hospitalar. Segundo Lígia, o tratamento oferecido nos últimos meses de vida reduziu os avós aos seus corpos doentes, forçando-os a se desapropriar de si mesmos. Após a morte de ambos, Lígia mergulhou num estado de melancolia e desapontamento. Não conseguia trabalhar nem realizar suas atividades cotidianas; afirmava ter perdido a crença de que sua vida fazia sentido. De forma semelhante ao que tinha acontecido com seus avós, ela parecia perdida de si mesma.

A ameaça de fragmentação subjetiva sentida pela paciente após a perda do seu casal parental bom (em oposição ao casal parental mau, formado pelos pais) nos fez considerar que esse casal provavelmente atuava em seu psiquismo como os *objetos-self*. Na análise, Lígia afirmava sentir a perda dos avós como uma perda irreparável do que havia de bom em si mesma. Ela se via esvaziada de afetos positivos, sentindo que, em suas relações, dava partes de si (seu tempo, sua atenção, seu conhecimento) sem receber nada em troca.

A decepção de Lígia com os outros se ancorava na crença de que, a cada encontro intersubjetivo, partes boas do seu *self* seriam roubadas, enquanto partes ruins dos outros lhes seriam

entregues. Em suas diversas relações, ela tentava se defender da ameaça de ficar esvaziada do bom e repleta do ruim.

Entre o intersubjetivo e o intrapsíquico

Que lugar ocupa o intersubjetivo no espaço intrapsíquico? Ou: como podemos articular o campo das relações de objeto com a construção do interno? Para discriminar as diferentes formas a partir das quais a alteridade participa da constituição da subjetividade, Coelho Júnior e Figueiredo enfatizam a existência de três modos distintos de relação com o outro. No primeiro, o outro se apresenta em sua dimensão transubjetiva: como aquele que, sem se diferenciar, é capaz de sustentar e de conter – promovendo as identificações primárias. No segundo, o outro aparece em sua dimensão traumática, demarcando diferenças. Já no terceiro, o outro é percebido em sua dimensão interpessoal, capaz de reconhecer o sujeito. De acordo com Figueiredo: “São estas três condições do objeto primário – identidade, diferença e semelhança – que participam sempre, em doses e equilíbrios dinâmicos variados, dos processos sociais e psíquicos, ora com efeitos estruturantes, ora com efeitos patogênicos”¹⁵.

Refletindo sobre o caso de Lígia, e tendo como fundamento a teoria kleiniana, consideramos que quando os objetos primários possuem muitas características e atitudes perturbadoras e ambivalente para o psiquismo infantil, dificilmente serão integrados em suas dimensões boas e más, permanecendo como objetos maus, cindidos (objetos persecutórios), operando no mundo interno à revelia. De acordo com Melanie Klein¹⁶, o ego, desde os primórdios de sua constituição, tenta se proteger da ansiedade (medo da

»
à medida que o ego se desenvolve,
os objetos parciais vão se integrando
e, internalizados, tornam-se vitais
para o desenvolvimento egoico.

aniquilação no embate entre os instintos de vida e os de morte) a partir do uso dos mecanismos de introjeção, projeção e cisão.

Pela introjeção, o objeto primário é trazido para dentro do *self*. Inicialmente, o objeto incorporado é apenas parcial (o seio bom que gratifica e o seio mau que frustra). À medida que o ego se desenvolve, os objetos parciais vão se integrando e, internalizados, tornam-se vitais para o desenvolvimento egoico. Klein¹⁷ enfatiza que os objetos internalizados são sentidos pela criança pequena como se possuíssem vida própria. A relação que a criança estabelece com seus objetos internalizados se desenvolve e se modifica a partir de suas interações com o mundo externo. Objetos internos e externos se influenciam e se reconfiguram mutuamente.

No caso de Lígia, seu sofrimento predominante parecia remeter a uma forte ansiedade persecutória, vinculada à ameaça de desintegração psíquica. Tal ameaça impera quando a oposição entre os objetos bons e os objetos maus permanece forte no psiquismo, devido à falta de integração do ego. Num psiquismo pouco integrado, as relações primárias com os objetos ficam marcadas menos pelo acolhimento (identidade) do que pela diferença traumática. Considerando que a base para a construção da identidade (o mundo próprio) reside na capacidade dos objetos primários de sustentar e conter (*holding*) as ansiedades de um *self* ainda em construção, quando esses objetos falham excessivamente no acolhimento do *self* infantil, o processo de internalização das relações de objeto – a partir do qual os objetos introjetados são assimilados à estrutura da personalidade – estanca. No caso de Lígia, parecia-nos que seus objetos (bons e maus) se apresentavam mais como objetos-*self* do que

14 P. Fédida, *Depressão*, p. 66.

15 N. Coelho Júnior; L.C. Figueiredo, “Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade”, in: N. Coelho Júnior; P. Salém; P. Klautau (orgs.), *Dimensões da intersubjetividade*, p. 251.

16 M. Klein, “The mutual influences in the development of Ego and Id”, in: *Envy and gratitude and other works (1946-1963)*.

17 M. Klein, *op. cit.*



com Lígia, observamos que o contato com o outro se dava principalmente através da identificação projetiva.

diferenciados do *self*. Nesse sentido, eles permaneciam como “introjetos que correspondem aos aspectos insatisfatórios ou ausentes do objeto”¹⁸. Para Coelho Júnior e Figueiredo, o superego arcaico – com seu mundo de objetos internos não assimilados pelo Eu – compõe a principal instância na qual residem as marcas do intersubjetivo no psiquismo. Para os autores, as “identificações” que constituem o superego arcaico (pré-edípico) são “absorvidas”: colocadas para dentro do psiquismo, mas não integradas.

Percebíamos o *self* de Lígia continuamente assombrado por objetos internos absorvidos e não integrados. Dentre eles, os formados pelas partes más dos objetos primários como uma barreira que dificultava as trocas intersubjetivas e como polo atrator de outros objetos maus. Durante o processo de análise, Lígia reclamou de suas relações decepcionantes, frágeis e insatisfatórias, enumerando as tarefas, as responsabilidades e os desapontamentos trazidos por essas relações, no passado e na atualidade.

Partindo do pressuposto de Ogden¹⁹, de que o objetivo de uma análise consiste na assimilação e na modificação dos objetos internos do paciente pela identificação projetiva, e cientes de que a forma mais importante de interação entre o paciente e o analista ocorre por essa via, consideramos que é a partir dos desdobramentos da identificação projetiva na clínica que é possível apreender a imbricação entre os campos do intrapsíquico e do intersubjetivo. Ogden²⁰ enfatiza que a identificação projetiva é um processo psíquico que engloba, simultaneamente, uma defesa, uma forma primitiva de comunicação e de relação objetal e um caminho para a transformação psicológica.

No caso de Lígia, o uso da identificação projetiva como defesa ocorria vinculado à crença de que o outro não era confiável. Assim como acontecia em suas diferentes relações, na contratransferência se repetia o padrão do outro que falha: por ser mau, ou por não conseguir ser bom o suficiente. A cada exame das relações fracassadas, aumentava na analista um sentimento de ambivalência, expresso num desejo de ajudar a paciente somado ao medo de não possuir recursos para tanto.

A representação do outro não confiável (decepcionante), que se espalhava por uma variedade de objetos externos, remetia ao casal parental interno unido indissolúvelmente pelo ódio. No processo analítico, esse casal odioso atraía com a mesma intensidade que repelia. Em suas trocas intersubjetivas, Lígia aguardava temerosa a inevitável decepção que, inconscientemente, ela mesma tratava de produzir.

Como forma primitiva de comunicação e de relação objetal, a identificação projetiva requer a capacidade dos objetos primários de conter, sem atuar, as turbulências emocionais experienciadas pela criança pequena. Cabe também aos objetos a função de digerir, traduzir e nomear vivências ainda sem representação, devolvendo-as organizadas para o sujeito que as projetou.

Com Lígia, observamos que o contato com o outro se dava principalmente através da identificação projetiva. Como acontecia na infância com sua mãe (quando buscava a ajuda materna, percebia que sua mãe ficava tão “contaminada” com o estado da filha, que era incapaz de ajudá-la), a paciente “absorvia” o estado emocional das pessoas com as quais se relacionava.

Na relação transferencial, no início da análise, a analista sentia um mal-estar físico logo após o atendimento de Lígia. No entanto, a possibilidade de, gradualmente, nomear nas sessões o que aparecia no corpo permitiu a diferenciação dos estados afetivos.

Um sonho ocorrido depois de alguns anos de análise trouxe elementos para a compreensão do seu estado emocional. Nele, a paciente reencontrava os avós falecidos que precisavam falar-lhe

algo. Ela primeiro foi em direção à avó e depois do avô. Embora nenhum tivesse falado, Lígia se via invadida por um excesso de ansiedade e de raiva. Ao despertar, ficou com a sensação de que os avós desejaram transmitir-lhe o que sentiam após a morte. Para ela, a experiência não tinha sido a de um sonho, e sim de um contato feito com os avós depois de mortos.

Podemos usar esse sonho como uma ilustração da posição que ela assumia em suas relações com os objetos (internos e externos). Denominamos essa posição de “para-raios”, uma vez que sua função é absorver a raiva e a ansiedade do ambiente em geral. A constituição da posição de para-raios se deu, ao nosso ver, na relação mantida por Lígia com o casal parental odioso. Nesse triângulo formado, desde muito cedo, por Lígia com o pai e a mãe unidos pelo ódio, seu lugar e sua função eram de anteparo e de polo atrator das intensidades negativas produzidas pelo casal. A incorporação dessa rede de relações gerou um padrão que lhe impelia, na vida adulta, a continuar se colocando no lugar daquela que absorve cargas terríveis vindas de outros sujeitos. A raiva e a ansiedade que acometiam a paciente não eram apenas suas, mas sim o resultado de sua atração pelos elementos destrutivos que “coletava” em suas interações.

Nesse sentido, o enredamento e a inevitável interpenetração entre os campos intrapsíquico e intersubjetivo podem ser compreendidos ao examinarmos a repetição dos lugares ocupados pelos sujeitos em suas relações com os objetos. Do mesmo modo, para que ocorra uma transformação, é preciso não apenas que o sujeito se conscientize dos lugares que ocupa reiteradamente, mas que decida sair desses lugares.

Considerações finais

Neste artigo, abordamos alguns impasses que sujeitos na condição *borderline* podem encontrar em

»
sujeitos na condição
borderline fracassam no
estabelecimento e na
manutenção dos vínculos.

suas relações com os objetos (internos e externos). O caso clínico exposto nos conduziu a refletir sobre as vicissitudes e dificuldades decorrentes de uma fragilidade no continente psíquico, ou seja: de uma pele psíquica excessivamente esburacada.

Considerando o *self* como o campo do próprio – da reserva de singularidade de cada sujeito –, entendemos que a construção de relacionamentos intersubjetivos vai convocar o *self*, requisitando sua capacidade de reconhecimento da identidade e da diferença. Se pensamos que na condição *borderline* ocorrem falhas importantes na formação do *self*, podemos entender as razões pelas quais os maiores problemas experimentados nessa condição se manifestam nos relacionamentos intersubjetivos, nos quais é imprescindível a existência de um *self* capaz de se diferenciar e de reconhecer a inelutável alteridade do outro. Sujeitos na condição *borderline* – permanecendo misturados e confundidos com seus objetos – fracassam no estabelecimento e na manutenção dos vínculos pela dificuldade de reconhecer as fronteiras que os separam de seus objetos. Por isso, na clínica com esses sujeitos, tanto a aproximação quanto o afastamento do outro se fazem particularmente problemáticos.

No caso de Lígia, a problemática das fronteiras psíquicas foi tão predominante que se estendeu do início da análise até os anos que se seguiram. A paciente absorvia as intensidades emocionais do seu ambiente, assim como projetava suas próprias emoções em outras pessoas. Nela, a capacidade de delimitar um espaço emocional próprio era muito precária, o que se demonstrava nas relações com os objetos externos, onde a falta de uma membrana psíquica consistente criava uma mistura confusa: um embaralhamento entre o que era ela e o que

18 N. Coelho Júnior; L.C. Figueiredo, *op. cit.*, p. 250.

19 T.H. Ogden, *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*.

20 T.H. Ogden, *op. cit.*

era o outro. No campo intrapsíquico, a precariedade dos limites remetia aos objetos primários introjetados, encravados no seu psiquismo. Esses objetos que não puderam ser perdidos e, conseqüentemente não foram integrados ao *self* continuavam atuando como corpos estranhos, repletos de potências destruidoras e reparadoras, das quais Lígia não conseguia se apropriar.

O percurso analítico com Lígia foi cotidianamente desafiador e complexo, demonstrando o quanto a clínica psicanalítica é constantemente impelida a se rever e a se reinventar para que cada analista consiga, junto a cada paciente, trabalhar na tessitura de uma pele psíquica que seja mais capaz de conter o sujeito e de mediar suas interações consigo mesmo e com o mundo.

Referências bibliográficas

- Anzieu D. (1995). *Le Moi-peau: Nouvelle édition revue et augmentée*. Paris: Dumond.
- Candí S.T. (2020). *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green*. São Paulo: Escuta.
- Coelho Júnior N.; Figueiredo L.C. (2012). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. In Coelho Júnior, N.; Salém P.; Klautau P. (orgs). *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Escuta.
- Fédida P. (1999). *Depressão*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo L.C. (2018). A clínica borderline. In *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- ____ (2022). Da insistência pulsional à resiliência. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, v. 44, n. 47, 16 nov., p. 173-187.
- Green A. (2017). *A loucura privada: psicanálise dos casos-limite*. São Paulo: Escuta.
- Klein M. (1952/1997). The mutual influences in the development of Ego and Id. In *Envy and gratitude and other works (1946-1963)*. London: Vintage Random House.
- Kohut H. (2009). *The analysis of the self: a systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- Marraccini E.M. (2021). *O Eu em ruína – perda e falência psíquica*. São Paulo: Blucher.
- Ogden T.H. (1991). *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*. Northvale, New Jersey, London: Jason Aronson Inc.

Between the self and the other, intersubjective impasses in the borderline condition

Abstract This article consists of an investigation about the borderline condition from a psychoanalytical approach, focusing on the establishment and maintenance of subjective bonds. Based on a clinical case, we examine some of the main problematics of the borderline condition. The clinic of the individuals in the borderline condition reaffirms the importance of the investigation of the limits of contemporary psychoanalysis.

Keywords borderline condition; psychoanalytic clinic; self; bonds; clinical study; limits.

Texto recebido: 09/2022

Aprovado: 11/2023

A vida na era da perplexidade

Sérgio de Gouvêa Franco

Conferência inicialmente proferida – e apresentada aqui com ligeiras modificações – em *live* intitulada *Christopher Bollas: por um pensamento contracolonial e democrático*, patrocinada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em 24 de junho de 2022, com Lia Pitliuk e Sérgio de Gouvêa Franco.

Resumo Reflexão que visa localizar a perplexidade contemporânea, à luz da condição histórica atual, em que se acentuam a experiência do vazio, da fragmentação e da incapacidade de conviver com o outro. O texto tem dois momentos. Começa com o ambiente cultural contemporâneo e sua conexão ao funcionamento mental. Depois toca o tema da democracia e da ameaça à democracia, não pelo enfoque sociológico, mas da psicanálise.

Palavras-chave perplexidade; contemporaneidade; democracia e psicanálise.

Sérgio de Gouvêa Franco é psicanalista, com formação no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; membro deste Departamento. Fez doutorado na Unicamp e pós-doutorado em psicologia clínica na PUC-SP. É o atual presidente da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Professor de psicanálise. Autor de livros, capítulo de livros e artigos científicos no campo da psicanálise, destaque para o livro *Mandrágoras, clínica psicanalítica: Freud e Winnicott*, em parceria com Manoel Berlinck e Karin Wondracek.

Introdução

A invasão da Ucrânia pelos russos, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, pode ter provocado intenso sentimento de estranhamento em muitos de nós. Como pode ser que isso esteja acontecendo? Na verdade, não se trata apenas da invasão da Ucrânia, há uma família de acontecimentos que nos deixa em uma verdadeira *perplexidade* na contemporaneidade.

O uso do termo *perplexidade* em minha fala está inspirado em livro de Christopher Bollas, publicado em 2018, intitulado *Meaning and melancholia, life in the age of bewilderment*, ainda sem tradução para o português. Uma tradução possível para este título instigante seria *Sentido e melancolia, a vida na era da perplexidade*. Não apenas o uso da palavra *perplexidade* está inspirado nesse livro de Bollas: todo o arcabouço e conteúdo do texto vem dele. Mesmo quando falo em Joyce MacDougall ou Bion, estou falando como o psicanalista radicado em Londres se apropria da obra desses autores. A originalidade é quase toda de Bollas. Claro, sou eu que me aproprio dos escritos dele.

Não tocamos apenas o tema da perplexidade. Queremos ver se conseguimos entender um pouco a condição histórica atual, em que se acentuam a experiência do vazio, da fragmentação e da incapacidade de conviver com o outro. Queremos tangenciar temas relativos à psicopatologia que se expressam nas relações sociais contemporâneas. Estruturamos nossa fala assim: começamos com o ambiente cultural contemporâneo e sua conexão com o funcionamento



ao final do século xx,
milhões parecem estar em
uma transformação,
nem sempre reconhecida, nem
sempre consciente, rumo
a um estado de melancolia.

mental. Depois passamos do tema da perplexidade à questão da democracia e à questão aterradora da ameaça da democracia. Sempre estamos falando como psicanalista, ainda que possamos estar olhando para o cenário mais amplo. Não temos a pretensão de um enfoque sociológico sobre o tema do fascismo ou neofascismo, por exemplo.

Claro que o *inquietante* faz parte da experiência humana, desde sempre. Freud escreve sobre isso em texto de 1919 intitulado, em alemão, de *Unheimliche*, que poderia ser traduzido para o português por *aquilo que não é familiar*. O mal-estar está na civilização, faz parte da própria condição humana. A referência é o texto *O mal-estar na civilização*, escrito em 1929 e publicado em 1930. As condições e expressões do mal-estar, precisamos dizer, são históricas. Queremos exatamente examinar as condições recentes que dão contorno ao mal-estar. A eleição de Trump para presidente dos EUA em 2016 nos coloca em alerta, como sinal importante de que certos valores estão sendo colocados em xeque na chamada civilização ocidental, inclusive a democracia. Na era da perplexidade contemporânea, a inquieta condição humana tem cara de desorientação e melancolia. Se fazemos alguma referência à cena política norte-americana, a referência pretende ajudar a pensar o que acontece entre nós. O bolsonarismo brasileiro, em grande medida, é uma repetição do trumpismo norte-americano.

Perspectiva histórica

Talvez seja possível dizer que o século XIX se encerra com inspiração e energia, em ambiente apoiado em avanços tecnológicos e industriais importantes que mudaram o cenário no mundo ocidental e transformaram profundamente as funções sociais. Mas ao término da Primeira Guerra Mundial, o otimismo que se apoia nas revoluções do século XIX começa a se esfalar. Escritores e artistas passam a descrever o esfacelamento de certos ideais humanos e o desmoronamento de uma visão romântica do que poderíamos chamar de um *self* heroico. A Segunda Guerra Mundial aprofunda a crise e é cada vez mais difícil dar sentido às perdas: o uso da bomba nuclear teve efeitos devastadores. O movimento existencialista exatamente pretende capturar a radical perplexidade diante da vida. Vale a pena?

Ao final do século XX, milhões parecem estar em uma transformação, nem sempre reconhecida, nem sempre consciente, rumo a um estado de melancolia. O luto mal resolvido pode estar conduzindo ao desespero, à desorientação e à revolta. Chegamos ao nosso século XXI com uma demanda, no ar, por uma solução para essa desorientação geral. Do *self* humanista só restam vestígios. A intensa aceleração tecnológica constitui novas maneiras de pensar, ser e se relacionar.

Um dos possíveis efeitos para essa perda de sentido é o senso de que a vida fica okay desde que não se faça perguntas demais. O consumo e a ostentação de riqueza e poder são, para muita gente, o único sentido possível. No campo religioso observa-se o avanço do fundamentalismo, com um retorno a um Deus medieval e raivoso. Formas mais amadurecidas de espiritualidade ficam afastadas, substituídas por uma fé cega coligada a um descrédito ao pensamento crítico e científico.

Um elemento que merece consideração e destaque é que estamos grandemente guiados pelas chamadas forças de mercado. Poderosas forças financeiras controlam muita coisa: há uma dúvida acerca da possibilidade de alguma mediação sobre a própria existência. Um senso de impotência

pode estar fortemente presente, colado a sentimentos intensos de perda, sem reparação. Ficam criadas as condições para um funcionamento psíquico e social de forte negação e mesmo de engajamento em processos de vingança. O uso intenso de ansiolíticos e antidepressivos pode ser visto não apenas como uma questão pessoal, mas como um indicativo sobre o que está acontecendo em nossa sociedade. Estamos testemunhando uma verdadeira epidemia de sofrimento mental e uma catastrófica incapacidade de lidar com a crise.

Se tomarmos a eleição de Trump nos EUA em 2016 como um marco – um marco apenas didático e um tanto arbitrário, veremos depois desta eleição um aprofundamento da ansiedade, depressão e desorientação, não apenas nos EUA, mas em toda a dita civilização ocidental. A reflexão sobre essa condição psicológica não se propõe como um substituto da reflexão geopolítica, dos estudos econômicos e dos estudos propriamente políticos. A negação da compreensão psicodinâmica, no entanto, pode ser uma perda de um recurso importante que nos ajuda a compreender o que está acontecendo. Se quisermos ser ousados, os estudos dos fundamentos psicodinâmicos do social podem sustentar alguma esperança de elaboração e saída desse sofrimento que vivemos em tempos tão sombrios.

Profissionais da área da saúde mental têm sido compreensivamente hesitantes em oferecer juízos clínicos sobre figuras políticas proeminentes. Talvez haja circunstâncias, no entanto, em que esse princípio deva ser relativizado, pois não se trata tanto de fazer um diagnóstico acerca de indivíduos e, sim, uma análise dos processos sociais em curso. Embora não se deva chamar um político específico de paranoico, talvez seja correto falar em um processo paranoico em curso em nossa civilização. Poderíamos dizer que posições extremadas na política contemporânea podem estar baseadas em um estado mental ativamente perturbado.

Quanto Trump anunciou que os mexicanos e centro-americanos, amontoados nas fronteiras norte-americanas, eram criminosos e predadores

talvez não seja uma coincidência que, desde meados do século passado, se passou a falar tanto de personalidades limítrofes.

sexuais, ele teria projetado suas próprias perturbações sexuais e criminosas nos latino-americanos. Quando ele se propôs a construir um muro, ele projetou um muro psicológico na arena política. O muro psicológico é muito anterior a qualquer muro de concreto ou aço; há muito ele já tinha construído, dentro de si, um muro psíquico que o protegia de perceber suas responsabilidades em suas transgressões. As derivações para a política brasileira ficam aí para serem feitas e para serem explicitadas.

Selves fraturados

A devastação das duas Guerras trouxe à tona sentimentos complexos – muitas pessoas, levando em conta a devastação de seus países e de suas próprias vidas, podem ter passado a um sentimento de revolta frente às idealizações perdidas. Uma das consequências que queremos assinalar é que pode ser que esse ambiente tenha contribuído para acentuada cisão da personalidade. Talvez não seja uma coincidência que, desde meados do século passado, se passou a falar tanto de personalidades limítrofes. Ainda que se possa criticar um excesso deste diagnóstico, a cisão parece real, não apenas no campo pessoal, mas também social. O diagnóstico de personalidade limítrofe dá mostras dessa cisão, que pode ser pensada como um efeito dos grandes desenvolvimentos sociais das últimas décadas do século xx e início do século XXI.





*estamos dizendo
que em um ambiente
que carece de sentido e se
melancoliza, há uma reação
anormalmente normal.*

Para o indivíduo, a divisão consolidada não funciona bem; o sujeito está em constante conflito; os movimentos tornam-se ambíguos em relação aos objetos. Na escala de uma nação, podemos pensar como os EUA têm mantido uma política externa e posições culturais arrogantes que têm sido muito ofensivas para muitos povos. A experiência de 11 de setembro foi de genuína perplexidade para norte-americanos: “por que tanta gente nos odeia?” Parece que não podem compreender a correlação da história do imperialismo americano no pós-guerra e o resultante antiamericanismo em boa parte do planeta.

Quando nós nos voltamos à situação brasileira, podemos perguntar: será que sabemos dizer o que acontece entre nós? Compreendemos a escravidão, os abusos dos povos originários, os abusos contra a mulher? Entendemos os efeitos do regime de 64? Ou perdemos o contato com a realidade de modo intenso e estamos marcados por um viver dissociado?

Ainda que a vida continue nas Universidades, nas redações dos jornais e nas muitas ONGS espalhadas pelo planeta, há um perceptivo declínio do interesse em temas humanísticos e nas artes. O que se observa é um declínio do mundo interior. A medicação psiquiátrica pode estar ajudando muitos a se afastarem dos temas mais sensíveis e se voltarem a uma vida totalmente prática. A subjetividade para onde vai: o humano ficou pós-humano, o humano ficou não humano?

Joyce McDougall falou em pacientes *normopáticos* há décadas. O termo, e outros

equivalentes, dão conta de reconhecer as multidões que se escondem do mundo interior em uma vida de conforto material e recreação; nesse contexto, a globalização acentua o processo. Winnicott já tinha mostrado que além das personalidades que se retiram, que se tornam esquizoides, há um crescente número que se lança e se ancora na realidade objetivamente percebida. Há uma fuga da realidade, como destacou Freud, mas há também, de modo intenso nas últimas décadas, uma fuga para a realidade, com sensível perda do contato com o mundo subjetivo. Os *normopatas* têm uma vida anormalmente normal. Há uma inclinação, no mundo contemporâneo, para se tornar também um objeto em mundo objetivo, em mundo das máquinas e da tecnologia.

Estamos dizendo que em um ambiente que carece de sentido e se melancoliza, há uma reação anormalmente normal. Os eventos trágicos ficam esquecidos, negados; toda vulnerabilidade parece estar afastada: do supermercado ao pet shop, ninguém suporta sofrer, as redes sociais atestam isto. Há entusiasmo, que pode ser chamado de mecânico, que emerge no mundo dos aplicativos e no ambiente da chamada classe média. Podemos dizer que esse mundo do *normopata* é um mundo com perda de habilidades humanas essenciais. Dizemos que há um empobrecimento do ego, acompanhado de uma menor ou maior experiência de depressão, específica ou difusa. Alguns se viram para o álcool, para o uso de medicação psiquiátrica, para os excessos vários, como a pandemia da COVID-19 atesta e amplifica.

Personalidades limítrofes, dissociadas e *normopáticas* compõem um quadro de uma sociedade com perda radical da vida interior: prevalece a dificuldade de se perceber o valor e o sentido do esforço cotidiano. Personalidades voltadas para a objetividade se tornam indiferentes ao sofrimento humano ao seu redor. Há uma deterioração importante das funções mentais e da capacidade empática: o mundo subjetivo ficou mais pobre. Infelizmente temos sido devastadoramente governados, até recentemente,

por pessoas assim no Brasil; a triste experiência segue em várias partes do planeta.

A mente democrática

Queremos tocar a questão da democracia, não apenas como um sistema de governo, mas também como um modo de funcionamento mental...

Podemos buscar as origens da democracia na Atenas antiga, do século V antes de Cristo. Todo cidadão podia votar na era de Solon, havia a possibilidade de expressar seu ponto de vista em uma assembleia. A democracia ali construída sustenta a sabedoria de incluir vários pontos de vistas divergentes no processo de governo. Claro que a democracia ateniense excluía as mulheres e os escravos, perdendo, portanto, a vitalidade das diferenças de gênero e raça, um preconceito que se estabeleceu em boa parte das democracias ocidentais até hoje. Estrangeiros também eram excluídos; o preconceito contra os estrangeiros, a xenofobia, também segue entre nós. Nem de longe queremos idealizar a democracia ateniense, nem as chamadas democracias ocidentais, que podem ter se tornado sistemas de governo em que há pouco ou nenhum espaço para muitos, se distanciando de uma verdadeira democracia social e popular. Tocamos o tema da democracia como uma realidade ainda por ser conquistada em quase toda parte do planeta.

A democracia é muito exigente, ela demanda tempo: na guerra, a democracia é diminuída ou substituída. Sabemos que o processo democrático pode nos levar a pântanos de indecisão – a alternativa, no entanto, é muito pior. O direito de cada um falar na democracia permitiu um embate de posições contrárias: depois da fala de um, sempre surge a fala de um outro que contesta. Dizemos que há um paralelo na experiência do livre falar da sessão de psicanálise, na livre associação, os pensamentos que atravessam a mente são diversos e contraditórios, como na Ágora ateniense: os pensamentos mais hediondos podem aparecer, o processo é sustentado por certa neutralidade

»»

Bion é um autor que de certa forma representa o século xx. Ele testemunhou a violência da Primeira e da Segunda Guerras e viu nelas o poder capaz de destruir a democracia.

do analista. O analista não tenta barrar nenhum pensamento: no campo da fala, tudo pode ser expresso. Mesmo ideias com pouca força dentro do aparelho psíquico podem ser expressas e não devem ser silenciadas. Diríamos que nesse sentido a sessão analítica é uma experiência de uma democracia psíquica. O mundo interno aparece em sua complexidade, com ideias embaraçosas, chocantes e surpreendentes. O complexo mundo interno que todos temos em comum, e que tão rigorosamente escondemos, aparece: na sessão de análise e na experiência democrática há o convite para que a fala seja feita sem censura. A passagem ao ato, entretanto, fica condenada no consultório e na cena política. Hoje se pergunta se certas expressões verbais não deveriam ser coibidas por se tornarem elas mesmas expressões insuportáveis de violência. Precisamos lidar seriamente com a questão da violência.

Bion é um autor que de certa forma representa o século xx. Ele testemunhou a violência da Primeira e da Segunda Guerras e viu nelas o poder capaz de destruir a democracia. Sua vivência primeiramente como soldado e depois como psiquiatra e psicanalista, e especialmente sua experiência com grupos, mudaram o cenário psicanalítico. Ele descobriu a força de ser confrontado por opiniões contrárias, dentro dos grupos. Descobriu que, caso o psicanalista abandone o grupo aos seus próprios processos, caso o analista deixe sua função de condutor, o grupo lentamente decai em processos primitivos, podendo atingir mecanismos muito perturbadores, muito violentos.



*o trabalho do coordenador
reduz a violência
pelo pensamento inclusivo,
e todos passam a viver
como se o problema
em questão fosse de todos.*

Podemos dizer que, em situação de confronto, a mente pode rapidamente decair em funcionamentos psicóticos e se voltar a ansiedades muito primitivas.

Se quisermos pensar a democracia como um modo de funcionamento da mente, Bion dá uma contribuição importante. O seu trabalho com grupos pode ser pensado como uma exploração da mente humana como representante dos processos democráticos, ainda que ele não tenha explicitamente tematizado a questão. A noção de que o grupo pode e deve se autorregular é importante, abrindo espaço para uma nova experiência potencial. Parece que a vida democrática exige uma certa disposição mental – nos grupos de Bion, por exemplo, procura-se um estado em que todos são iguais. De modo que o que se busca em um grupo psicanalítico é uma das pré-condições da democracia. Sabemos que mesmo quando o paciente se entrega à livre associação, forças poderosas impedem que isso se realize completamente. Se o paciente continua falando, movendo-se de um elemento de discurso a outro, invariavelmente padrões do funcionamento do inconsciente vêm à tona. O curioso é que na mesma sessão, ou em uma próxima, os movimentos da livre associação podem trazer à tona elementos bem diferentes. Na livre associação precisamos suportar essa tensão dialética do discurso. Podemos dizer que a livre associação deixa claro o quão contraditório somos e como uma mente inteiramente coesa é uma ficção. Quando se oferece tempo para o processo, a contradição aparece.

Quem participou de um desses grupos inspirados em Bion sabe que o facilitador do grupo faz uma leitura do grupo de modo que interpreta a fala de cada um como um representante de todos. A fala de cada um é tomada como um elemento e expressão de um movimento de todo o grupo. Nessas condições, ideias que são vividas como insuportáveis passam a ser tomadas como ideias suportáveis. Nesse sentido, o líder sustenta a complexidade do grupo, ao invés de rapidamente eliminar o pensamento divergente: isso é o que Bion chama de função de continência do grupo. Essa experiência de grupo deve ser comparada como uma experiência próxima à experiência da democracia, em que cada fala é tomada como uma fala que pertence ao grupo. Não quer dizer que todos que participam sentem do mesmo modo daquele que fala, mas que partes dos sentimentos veiculados por cada um podem estar em todos. O trabalho do coordenador reduz a violência pelo pensamento inclusivo, e todos passam a viver como se o problema em questão fosse de todos. A experiência em grupos como esses permite que emergja o que há de pior e o que há de melhor em cada um: nesse sentido não há santos nem pecadores, em sentido absoluto.

Estas condições cultivadas por Bion permitem formular o que Winnicott chamou de espaço potencial. O grupo é oportunidade para expressar qualquer ideia. Todos aprendem a ser vulneráveis e na melhor das condições aprendem a lidar com os sentimentos mais desagradáveis, incluindo a raiva e o ódio. A explicitação dos vários conteúdos cria as condições para que um movimento de inclusão possa aparecer.

Trabalhando desse jeito podemos dizer que o processo democrático tem efeitos terapêuticos. A democracia dissemina sentimentos e ideias divergentes, o que permite uma eventual elaboração da diferença. A mente democrática sustenta a convivência de ideias divergentes e as várias experiências dos diversos membros do grupo. Trata-se de um recurso avançado para lidar com partes tóxicas da personalidade. Nesse sentido,

quando um movimento de violência se apresenta, ele pode ser interpretado como um aspecto que está coligado com outros elementos menos violentos, que estão presentes na mesma personalidade. Os conflitos não estão apenas nos grupos, estão no mundo interno das pessoas: mesmo o indivíduo que está expressando ideias as mais agressivas, dentro dele há outras ideias. Junto com o processo destrutivo, é possível encontrar nos grupos um esforço, às vezes submerso, para exatamente lidar com o conflito. Nesse sentido, a vida interior é uma manifestação que pode ser pensada como equivalente ao que acontece nos melhores parlamentos do mundo: ideias e sentimentos divergentes aparecem e lutam. Claro que a experiência, mesmo nos melhores parlamentos do mundo, está carregada de hipocrisia e falsidade.

A experiência democrática, entretanto, tem um fundamento que está ligado ao próprio funcionamento mental. A democracia é a capacidade de suportar um estado de desorganização e mesmo de caos, com um aumento da capacidade de conviver com a incoerência e a cacofonia. Esse primeiro momento de falta de sentido pode ser necessário para futuras composições. Freud sustenta que o inconsciente é composto de aglomerados de pensamentos ou por uma cadeia de significantes, e esses conglomerados podem ser a base para uma visão mais coerente em um ambiente de caos. Tais conglomerados de sentidos podem ter um efeito de carregar o sentido para planos mais amplos. A livre associação mostra que mesmo a incoerência das associações e descontinuidades pode finalmente revelar ideias latentes que são organizadoras – ou seja, esse mundo caótico pode estar sendo governado por forças ocultas que podem finalmente aparecer. Essa base de ramificação latente só pode aparecer, no entanto, se for possível sustentar o processo.

O risco é que as forças antidemocráticas se estabeleçam no indivíduo ou grupo. Se o inconsciente é democrático, sentimentos poderosos podem conduzir a posições autoritárias. Todos nós

»
*as relações democráticas
são muito trabalhosas, não
é possível que seja de modo
diferente, já que as ideias e
sentimentos conflitantes
precisam ser representados.*

conhecemos a potência dessas forças autoritárias, pois todas as forças democráticas e autoritárias fazem parte de todos nós. Se as condições de funcionamento de nossa mente se expressam nas relações sociais, podemos dizer que, quando se estabelece um funcionamento democrático na mente, isso tem enormes efeitos nas relações sociais. O autoritarismo e o totalitarismo pretendem silenciar as vozes divergentes que estão em nosso mundo interior, estabelecendo um mundo apertado e rígido.

Sabemos que as relações democráticas são muito trabalhosas, não é possível que seja de modo diferente, já que as ideias e sentimentos conflitantes precisam ser representados. Infelizmente o que vemos é uma grande impaciência, em nosso mundo de hoje, com os processos que atingem a vida psíquica e a vida social. A complexidade está sendo atacada, visões reducionistas e simplórias pretendem se impor. A impaciência com a democracia pode derivar para atalhos criados pelo medo e talvez pelo ódio – a renúncia da complexidade e o reducionismo são uma das chagas de nosso tempo. A democracia é o antídoto, um estado da mente em que a mente é pensada como um convívio entre vários pontos de vista e várias representações que se debatem. Esse modelo de mente pode ser comparado à experiência ateniense. Mas, em todas as eras, a convivência de contrários pode ter enorme poder transformador: a democracia seria a institucionalização dos processos de mudança que suportam a convivência dos contrários.



*a distração pode
deixar a vida mais fácil,
mas essa facilitação está
sendo feita em detrimento
da responsabilidade social.*

As peças do quebra-cabeça

Constatamos uma profunda mudança na experiência interior do homem moderno e contemporâneo. Em resposta à condição maníaca da personalidade no meio do século XIX, uma mente dividida e fissurada apareceu no século XX – a globalização levada adiante pela tecnologia produziu também efeitos intensos de anti-globalização, com fortes ataques à complexidade.

A busca por sentido envolve um movimento de relacionamento consigo mesmo e com o próximo, mas isso acontece num contexto em que a função de cuidado – aquilo que vivenciamos com nossas mães nos primeiros meses de vida – está em falta. Não apenas nas relações sociais e familiares, mas também como uma dinâmica do aparelho psíquico, pode ser que o cuidado de si esteja ameaçado. Vivendo vidas cada vez mais complexas e exigentes, pode ser que a experiência de cuidado de si esteja insuficiente. Em tempos em que faltam o silêncio e a solidão, a convivência consigo mesmo ficou difícil.

Podemos dizer que o mundo está em profundo risco, a possibilidade do fim da civilização não é retórica. A crise ambiental dá mostras que o fim pode estar perto e, a não ser que alcancemos a capacidade de ultrapassar o fundamentalismo e o materialismo exacerbado, a sociedade poderá continuar se deteriorando, esvaziada de vitalidade emocional e processos reais de convivência.

A democracia é uma forma de *talking cure*, um processo que permite acolher diferentes

pontos de vista com a possibilidade de alcançar alguma integração. Revitalizar a democracia demandará uma capacidade de confrontar um cinismo que tomou conta de nossa civilização. Parece que chegamos ao ponto em que não cremos mais no valor da vida humana: a ascensão do populismo de extrema direita reforça essa condição. A condição é de grande demanda ética, parece que estamos desistindo de nós mesmos. Podemos dizer que, de forma passiva, aceitamos o desastre em várias áreas da vida – isso parece mais fácil do que fazer as mudanças necessárias.

Conclusão

Todos vivemos em um mundo marcado pelo racismo, misoginia e outras formas de patologia social; por outro lado, há também avanços e melhoras sociais progressistas. Para avançarmos, precisamos estar em condições de avaliar a realidade, identificando as formas doentias de pensar em nossa sociedade. Precisamos ver o que, como psicanalistas, chamamos de alucinação negativa, ou seja, os mecanismos que impedem de enxergar um objeto ou situação que está bem à nossa frente. Governos em toda a parte do mundo estão tomando ações para impedir que venha à tona, que chegue à consciência, uma série de elementos importantes – trata-se de um abandono psiquicamente poderoso de partes da realidade que de fato mereceriam nossa atenção. A distração pode deixar a vida mais fácil, mas essa facilitação está sendo feita em detrimento da responsabilidade social. Estamos praticando uma ignorância coletiva, o que eventualmente compromete nossa capacidade de pensar a realidade: é uma diminuição mental que produz vazio e pode ser terreno onde prosperam figuras autoritárias.

O que está se sustentando aqui é que esse cenário político assustador está baseado em uma verdadeira diminuição da saúde mental. Um psicopata é uma pessoa severamente comprometida, sem consciência afetiva e com pouco controle do seu ego e impulsos. Mas o que realmente precisamos entender nesses dias são os sociopatas, figuras

altamente habilidosas em manipular pessoas e acontecimentos para ganhar vantagens pessoais a qualquer custo. O sociopata foge do mundo subjetivo e busca a vitória a qualquer preço. Parece que para muitos não há a possibilidade de se olhar a fratura e trilhar a jornada psicanalítica, que vai muito além de personagens vitoriosos ou vítimas. O sociopata oscila entre esses dois polos e se cristaliza, impedindo a emergência do seu contraditório interior e elegendo inimigos externos para justificar seu imobilismo. Encontra-se aí uma gênese do autoritarismo, o oposto do espírito democrático. Fica claro que a psicanálise é ameaçadora ao sociopata e ao autoritário. Essa figura está plena de contradições que são negadas e terceirizadas para atores externos. A própria prática da psicanálise dificulta esses mecanismos – daí talvez a rejeição a essa disciplina. Dizemos que a pessoa em análise resiste às interpretações e cristalizações autoritárias da sua vida. E, por via de consequência, pode tornar-se mais resistente às negações e manipulações do pensamento autoritário.

Ainda assim, a cena política está à mercê dos sociopatas, gente sedutora, com capacidade de dissimulação, pronta a mudar de posição desde que haja algum interesse em jogo. O sociopata é um oportunista impiedoso, mas que consegue agregar pessoas. Ele inicia trocas de forma que pode acumular significativo poder em nossas sociedades. Precisamos discutir os sociopatas e todos os mecanismos que os sustentam, para não colocarmos mais risco às nossas democracias.

Nesse sentido, dizemos que a democracia vai além de um sistema de governo. Trata-se de um

»
*precisamos lutar
contra os processos de forte
negação da realidade
que se aprofundaram
na crise da COVID-19.*

modo de se relacionar com as pessoas. Mais que isso, democracia é um modo de funcionamento mental, onde a colaboração com o outro ocupa um lugar importante. A psicanálise é um recurso importante para compreender esses mecanismos de exclusão, projeção e ódio, que estão presentes em nossa sociedade, em nossas mentes e em nós mesmos. E pode nos ajudar a sustentar um verdadeiro funcionamento democrático, pessoal e social.

Fizemos apenas um recorte na cena política contemporânea inspirados pelos escritos de Bollas. Encerramos dizendo que precisamos lutar contra os processos de forte negação da realidade que se aprofundaram na crise da COVID-19. Nesse sentido, precisamos trazer de volta à cena a responsabilidade ética e social: sobretudo precisamos de saúde mental, que permite a sustentação da democracia e nos ajuda a lutar contra a mentira que envolve a população e pode impedir uma pessoa de perceber, avaliar e julgar a realidade. A psicanálise é uma disciplina essencial na luta por uma sociedade mais sã e mais democrática.

Referências bibliográficas

- Bollas C. (1992). *As forças do destino. Psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago.
- ____ (1995). *Cracking up: The work of unconscious experience*. New York: Hill and Wang.
- ____ (1998). *Sendo um personagem*. Rio de Janeiro: Revinter.
- ____ (1999). *The mystery of things*. London and New York: Routledge.
- ____ (2000). *Hysteria*. London and New York: Routledge.
- ____ (2000). *Hysteria*. São Paulo: Escuta.
- ____ (2005). *Conceitos de Psicanálise: Associação livre*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/São Paulo: Ediouro.
- ____ (2009). *The evocative object world*. London and New York: Routledge.
- ____ (2012). *A questão infinita*. Porto Alegre: Artmed.
- ____ (2013). *China on the mind*. London and New York: Routledge.
- ____ (2013). *Catch them before they fall. The Psychoanalysis of breakdown*. London and New York: Routledge.
- ____ (2013). *O momento freudiano*. São Paulo: Roca.
- ____ (2015). *When the sun bursts. The enigma of schizophrenia*. New Haven and London: Yale University Press
- ____ (2015). *A sombra do objeto. Psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta.
- ____ (2018). *Meaning and melancholia. Life in the age of bewilderment*. London and New York: Routledge.
- ____ (2021). Os insatisfeitos na civilização. In Staal A.; Levine H. *Psicanálise e vida cotidiana*. São Paulo: Blucher.
- Franco S.G.; Berlinck M.T.; Wondracek K.H.K. (2013). *Mandrágoras, clínica psicanalítica: Freud e Winnicott*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Freud S. (1919/1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xvii.
- ____ (1930/1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. xxi.
- Nettleton S. (2018). *A metapsicologia de Christopher Bollas: uma introdução*. São Paulo: Escuta.
- Winnicott D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Life in the age of bewilderment

Abstract A reflection aiming to locate the contemporary perplexity in the light of the current historical status quo, in which the experience of emptiness, fragmentation, and inability to live with someone is accentuated. The text has two moments. It begins with the contemporary cultural environment and its connection to the mental functioning. Then it touches the theme of democracy and the threat to democracy, always through the eyes of psychoanalysis and not of the sociology.

Keywords perplexity; contemporaneity; democracy, and psychoanalysis.

Texto recebido: 06/2023

Aprovado: 10/2023

Variações de Ferenczi sobre a pulsão de morte

Este artigo é o resultado de um trabalho conjunto de pesquisa, discussão e escrita, e tem um percurso que cabe mencionar. O texto foi apresentado por Eugênio Canesin Dal Molin no 1 Encontro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, realizado em São Paulo nos dias 7 e 8 de junho de 2019; no mesmo ano, as seções “As bases de um conceito” e “A primeira variação” foram publicadas junto de uma apreciação crítica dessas ideias iniciais na revista *Estilos da Clínica*, e, no ano seguinte, no livro *Ferenczi: inquietações clínico-políticas*. O texto original da fala, entretanto, com a apresentação abrangente das ideias de Ferenczi sobre a pulsão de morte (que abarca o período entre 1913 e 1932) seguiu para revistas internacionais e permaneceu inédito até 2023, quando saiu em inglês no *American Journal of Psychoanalysis*. Este texto corresponde à fala de 2019 e à versão publicada pela revista americana.

Eugênio Canesin Dal Molin
Nelson Ernesto Coelho Junior
Renata Udler Cromberg

Resumo Este artigo teórico discute três variações da pulsão de morte, desenvolvidas por Sándor Ferenczi. Apresentamos uma breve história do uso do termo pulsão de morte entre os primeiros psicanalistas e argumentamos que, já em 1913, a noção é usada por Ferenczi e serve como pano de fundo conceitual para o seu pensamento. Durante a década de 1920, Ferenczi revisita parte desse conceito, centrando-se no que ele identifica como um primado da autodestruição. A pulsão destrutiva ganha um caráter adaptativo responsável pela mortificação de partes do indivíduo, em troca da sobrevivência do todo. Nessa variação, a tendência para a regressão surge também como a pulsão de autodestruição, e a aceitação do desprazer envolve uma “máquina de calcular” psíquica. Na última variação, deixada inacabada, a pulsão de morte recebe por vezes novos nomes, como pulsão de “conciliação”, e outras, a própria ideia de pulsão de morte é criticada.

Palavras-chave Sándor Ferenczi; pulsão de morte; destrutividade; metapsicologia; história da psicanálise.

Eugênio Canesin Dal Molin é psicanalista e membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É membro do Conselho Editorial da *Percurso* e dos grupos de trabalho Comunidade de Destino e Discussões Clínicas. Mestre e doutor no IPUSP. É membro fundador do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e professor de curso Teoria Psicanalítica (COGAE/PUC-SP).

Nelson Ernesto Coelho Junior é psicanalista. Professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Renata Udler Cromberg é psicanalista, membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é interlocutora do Grupo Winnicott – Estudos e Pesquisa, e membro do grupo de estudos Comunidade de Destino – Ferenczi e Freud. Doutora e ▶

Quem quiser acompanhar as desventuras de um conceito na obra de um autor pode adotar diferentes estratégias. Uma delas é selecionar e depois discutir alguns textos-chave, em especial aqueles em que o autor se põe a aplicar expressamente o conceito, a exemplificá-lo e a apontar suas articulações com outros conceitos. O problema dessa seleção, embora possível e útil, é que o desenvolvimento das ideias raramente é linear, claro e desprovido de mutações. Não é raro que um termo seja utilizado de determinada maneira, depois de outra, que só mais tarde ganhe a força e o status de um conceito, que receba críticas, que mude de aparência – o termo e o conceito – terminando por circunscrever, expandir ou mesmo inverter as formas que adquirira anteriormente. Também ocorre de um conceito ser construído a partir de elementos que já estavam presentes no campo em que se insere, com outros ou os mesmos nomes; ou seja, que ele mesmo constitua uma reorganização mais ou menos extensa da trama teórica que o antecede.

Esses dois caminhos – o da variação histórica atravessada por um conceito, e o de seu espessamento teórico a partir da maior articulação entre os elementos que o compõem – foram percorridos pela noção de pulsão de morte. O uso do termo “pulsão de morte” (*Todestrieb*) e sua aplicação conceitual antecedem o criativo esforço freudiano de apresentação e discussão empreendido a partir de 1919 e 1920, quando *Além do princípio do prazer*¹ foi posto no papel e publicado. De forma paralela, alguns dos aspectos elaborados (ou reelaborados) por Freud ao pensar sobre a pulsão de morte, como a compulsão à repetição, o papel da agressividade e da destrutividade, a fusão e a defusão pulsional, a ligação e o desligamento, a ideia

¹ Nas próximas menções a esse texto em nota de rodapé, usaremos “Além do...”.



a ideia de uma pulsão de destruição, sob a pena de Spielrein, desenvolvia elementos encontrados posteriormente na conceituação freudiana da pulsão de morte.

de uma tendência que busca o zero tensional e impele a ele, e a reavaliação da anterioridade da passividade em relação à atividade, podem ser identificados tanto na obra freudiana anterior a 1920, como em escritos de alguns dos primeiros psicanalistas que estavam em seu entorno.

Neste artigo, procuramos expor e discutir três das variações feitas por Ferenczi, entre 1913 e 1932, sobre o tema da *Todestrieb*. Em música, chama-se de variação a “apresentação de um mesmo trecho melódico com modificações estruturais que o tornam, aparentemente, novo”². Embora intimamente relacionadas e fiéis ao quadro teórico desenvolvido pelo autor, as variações exibem níveis diferentes de complexidade e articulam, com maior ou menor sucesso, as ideias que orbitam ao redor da noção de pulsão de morte. Como não é nosso objetivo realizar uma leitura crítica do percurso histórico do conceito pulsão de morte entre os primeiros psicanalistas, restringimo-nos a sumarizar, por meio de alguns poucos apontamentos não exaustivos, o que o campo psicanalítico havia produzido em relação ao conceito antes de Ferenczi utilizar o termo pela primeira vez.

► pós-doutora pelo IPUSP. Professora convidada do curso de Teoria Psicanalítica do COGEAE/PUC-SP. É graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade de São Paulo. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e da Associação Internacional de Estudos sobre Spielrein. Autora dos livros *Paranoia, cena incestuosa – abuso e violência sexual* (Artesã) e *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise*, obras completas, v. 1 e v. 2 (2. ed., Blucher, 2021).

As bases de um conceito

Na segunda metade da década de 1900, durante as reuniões das quartas-feiras, Adler defendia continuamente a existência de uma pulsão de agressão autônoma³. A ideia recebeu a crítica de Freud de modo restrito, durante as sessões de discussão, e abertamente, no caso do Pequeno Hans⁴. Na mesma frente, no dia 24 de abril de 1907, tanto o termo como a ideia de pulsão de morte – como *Todestrieb* e como *Tânatos*, em posição conflituosa, mas complementar à pulsão de vida, e a *Eros* – foram utilizados por Wilhelm Stekel⁵.

Também numa quarta-feira, dia 29 de novembro de 1911, Sabina Spielrein apresentou à Sociedade Psicanalítica de Viena o trabalho “A destruição como origem do devir”, publicado em forma de artigo no ano seguinte, no *Jahrbuch*. No texto, a autora utilizou o termo “instinto (*Instinkt*) de morte” uma vez, e argumentou, em síntese, que “a morte é necessária para a criação da vida [...] O que impulsiona a transformação e a construção (criação), diz ela, é a pulsão de destruição”⁶. A ideia de uma pulsão de destruição, sob a pena de Spielrein, desenvolvia elementos encontrados posteriormente na conceituação freudiana da pulsão de morte; entre eles o papel central, biológica e psiquicamente, da destrutividade nos processos mentais. Nesse mesmo correr de anos, 1911-1912, Stekel discutia sonhos que procuram simbolizar a morte e afirmava que, onde esta se revela, também se manifesta a pulsão de vida⁷. A ideia volta a aparecer por suas mãos, em 1912, ao escrever sobre “A psicologia da dúvida”⁸, com o uso do termo *Todestrieb* para designar aquilo que entraria em conflito com a pulsão de vida⁹. Não longe desses assuntos, ainda no ano de 1912, em uma reunião na casa de Freud em que Lou Andreas-Salomé esteve presente, Ferenczi argumentara em favor da ideia de uma *Todestendenz*, “tendência de morte”, à qual Freud mostrou-se contrário¹⁰. Pouco mais de um mês após essa reunião, em 28 de outubro de 1912, Ferenczi enviou a Freud uma carta na qual fala sobre a ideia de escrever um texto a respeito dos “estágios de desenvolvimento do órgão da realidade”

(falta de necessidade = onipotência), magia dos gestos, magia das palavras, senso de realidade”¹¹

O conceito de pulsão de morte não era uma panaceia buscada por todos os psicanalistas à época, mas, ao fim de 1912, alguns dos mais atentos já estavam familiarizados com a expressão e com algumas noções que se lhe tornariam próximas. A partir daqui, acompanharemos três variações de Ferenczi sobre o tema.

A primeira variação:
quietude desprovida de desejos.

Após a publicação de *Além do princípio do prazer*¹², Ferenczi fez ao menos duas referências às

na carta a Groddeck de 1921,
Ferenczi sintetiza a teoria
que serviu de mote para
a escrita de *Thalassa*,
lembra-se de como teria
exposto seus germes
para alguns colegas.

suas próprias ideias sobre o tema da pulsão de morte anteriores à conceituação freudiana.

A primeira dessas referências é de caráter privado e encontra-se em uma carta endereçada a Groddeck no natal de 1921¹³. Em meio a uma ampla variedade de confidências, ele conta que esteve aquartelado na cidade de Papa por oito meses durante a Primeira Guerra, entre 1915 e 1916. À época, sentia-se inibido quanto ao trabalho intelectual, embora julgasse ter uma “valiosa teoria”¹⁴ em mãos. A teoria era a de que “o desenvolvimento genital evoluiu como uma reação da parte dos animais à ameaça de desidratação enquanto adaptavam-se à vida na terra”¹⁵. Ainda que a elaboração da teoria fosse uma constante durante esses anos, Ferenczi relata que não conseguia colocá-la no papel, mas que era capaz de descrevê-la a Freud, Rank, Abraham e Jones. Mesmo antes do período em Papa, prossegue na carta, “desenvolvi minhas visões filosóficas na frente de Lou Salomé, que mais ou menos correspondem àquelas de ‘Além’ [do princípio do prazer], embora tenham acabado de um jeito diferente”¹⁶. Na carta a Groddeck de 1921, como vemos, Ferenczi sintetiza a teoria que serviu de mote para a escrita de *Thalassa*¹⁷, lembra-se de como teria exposto seus germes para alguns colegas, especialmente para Lou Andreas-Salomé, em Munique, e relaciona suas ideias de antes e durante a Primeira Guerra com as que Freud apresenta em *Além do princípio do prazer*.

- 2 A. Houaiss e M. S. Villar, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*, p. 1923.
- 3 De maneira específica na sessão de 3 junho de 1908, que dará origem ao artigo “Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose”, *Fortschritte der Medizin*, n. 26. A ata da sessão pode ser lida em H. Nunberg; E. Federn, E. (eds.), *Les premiers psychanalystes: Minutes de la Société Psychanalytique de Vienne*, v. 1. Para uma leitura crítica das atas, que menciona a discussão dessa ideia, consultar J. Bos, “Rereading the Minutes”, *Annual of Psychoanalysis*, v. 24, p. 229-255.
- 4 S. Freud, “Análise da fobia de um garoto de cinco anos: O pequeno Hans”, in *Obras completas*, v. 8.
- 5 Para a ata, conferir H. Nunberg; E. Federn, *op. cit.*, p. 195-196. Para uma apresentação do uso que Stekel faz dessas ideias no contexto de sua obra, conferir o livro de J. Bos e L. Groenendijk, *The self-marginalization of Wilhelm Stekel: Freudian circles inside and out* e o de F. Clark-Lowes, *Freud's Apostle: Wilhelm Stekel and the early history of Psychoanalysis*.
- 6 R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise*, p. 225.
- 7 W. Stekel, *Die Sprache des Traumes*. Para a reação de Spielrein ao texto do colega, cf. Cromberg, *op. cit.*, p. 283-284.
- 8 W. Stekel, “Der Zweifel”, *Zeitschrift für Psychotherapie*, v. 4, n. 6.
- 9 Remetemos novamente o leitor ao ótimo artigo de J. Bos, “Rereading the Minutes”, *Annual of Psychoanalysis*, v. 24.
- 10 Conferir J.J. Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*.
- 11 E. Brabant; E. Falzeder; P. Giampieri-Deutsch (eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume I, 1908-1914*, p. 420.
- 12 S. Freud, *Além do...*
- 13 Nossa atenção a essa referência deve-se à preciosa leitura do contexto, do conteúdo e da intertextualidade de *Além do princípio do prazer*, de Freud, e de *Thalassa*, de S. Ferenczi, realizada por Luis Cláudio Figueiredo em *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*.
- 14 C. Fortune (ed.), *The Sándor Ferenczi – Georg Groddeck Correspondence, 1921-1933*, p. 10.
- 15 C. Fortune (ed.), *op. cit.*, p. 10.
- 16 C. Fortune, *op. cit.*, p. 10.
- 17 S. Ferenczi, “Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade”, in: *Psicanálise III*.



no artigo

“Estágios do desenvolvimento

do sentido de realidade”;

Ferenczi não recorre à expressão

Todestrieb, mas retoma o estofo

do argumento.

A segunda referência é feita publicamente no ano de 1926, e está no artigo “Para o 70º aniversário de Freud”. Nela encontramos Ferenczi olhando para trás, para aquilo que já havia pensado sobre a pulsão de morte, e para frente, em meio à elaboração do que consideramos ser sua segunda variação sobre o tema:

preconizei um dia, já lá vão muitos anos, que a pulsão de morte talvez pudesse explicar tudo. A minha confiança em Freud fez-me inclinar diante de seu julgamento negativo – até o dia em que foi publicado *Além do princípio do prazer*, obra na qual sua teoria do jogo recíproco da pulsão de vida com a pulsão de morte explica certamente melhor a diversidade dos fatos psicológicos e biológicos do que a minha concepção unilateral o fizera na época.¹⁸

Lemos sobre “Visões filosóficas” que correspondem – e, conseqüentemente, em alguma medida, poderiam ter antecipado – àquelas expostas em *Além...*; e lemos sobre uma teoria em que “a pulsão de morte talvez pudesse explicar tudo”. A que Ferenczi está se referindo, especificamente?

Vimos que ele se reunira com Freud e Lou Salomé em 1912, e que Freud mostrara-se contrário à ideia de uma “tendência de morte”. A crítica, entretanto, não fez com que a ideia fosse sumariamente descartada.

Em 25 de setembro de 1913, menos de um ano depois dessa reunião, Ferenczi sentou-se à escrivaninha e escreveu a Jones, que terminara há

pouco mais de um mês sua análise com o húngaro: “Já tenho, há muito tempo, sentido falta de notícias suas, e, portanto, gostaria de abordá-lo como um (em primeiro lugar, é claro, gerando interesse) agente de fermentação, *perturbar sua paz* (*instinto de morte*), e forçá-lo a dividir comigo mais uma vez alguns dos eventos pessoais e outros, que dizem respeito a nossos interesses mútuos”¹⁹. Os editores da correspondência Ferenczi-Jones fizeram a gentileza de apresentar um fac-símile da primeira página da carta. Lê-se o termo claramente, *Todestrieb*, entre parênteses, relacionado à ideia da paz que pode ser perturbada. Em meio a outras notícias, Ferenczi contou sobre o dia e meio a mais em Munique, e acrescentou que Lou o forçara a “desenvolver – isto é, a colocar no papel as ideias sobre a pulsão de morte. Esse parece ser o trabalho dela”²⁰. A própria Lou Andreas-Salomé escreveu mais tarde sobre o interesse na pulsão de morte pensada por Ferenczi como “procedendo da condição original do bebê no útero como a condição prazerosa de paz despida de desejos”²¹. Embora o uso do termo nesses contextos pareçamos um pouco solto, não podemos deixar de ver nele uma primeira variação do autor sobre o tema da pulsão de morte. Mas o que estaria implicado nesse primeiro arranjo “melódico”?

No artigo “Estágios do desenvolvimento do sentido de realidade”, Ferenczi não recorre à expressão *Todestrieb*, mas retoma o estofo do argumento. Ele procura organizar um crescente de estágios que vai do funcionamento exclusivo do princípio do prazer a outros com maior premência do princípio de realidade. A passagem de um estágio a outro envolve uma maior consideração pelo mundo externo – por suas características, suas imposições, respostas e variações – e, conseqüentemente, uma sequência de golpes na onipotência, que se vê confrontada, cada vez mais ao longo do desenvolvimento, com um meio menos afeito à concordância com os desejos individuais. Em suas palavras, o senso de realidade desenvolve-se devido a “uma série de sucessivos impulsos de recalçamento [...] pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por

‘tendências para a evolução’ espontâneas”²². Trata-se de um desenvolvimento da postulação de Freud, exposta em “Dois princípios do funcionamento psíquico”, a respeito de um estado em que o bebê, sob os cuidados da mãe, seria capaz de entregar-se inteiramente ao princípio do prazer e ignorar o mundo externo.

A hipótese de Ferenczi regride temporalmente o ponto inicial de observação ao considerar a existência pré-natal, e retira de cena, ao menos em seu momento inaugural, tanto as necessidades internas como as ações específicas que, mais tarde, poderiam satisfazê-las. Ficamos frente ao que Freud chamara de “estado de repouso” em sua forma mais primitiva, e ao que se poderia supor como sendo suas características: o feto no útero não teria a necessidade de agir, seja sobre o que lhe é interno, seja sobre o ainda indiferenciado “externo”, porque não lhe caberia alterar nada em si ou no ambiente, por meio de qualquer ação para sua própria manutenção. O resultado dessa conjectura é uma versão sobre o princípio da vida psíquica na qual impera a sensação de onipotência. Ferenczi chama a esse estado de “Período da onipotência incondicional”²³. Como a continuidade da própria vida, nessa leitura, não está propriamente a cargo do feto, mas da gestante, a definição de onipotência proposta pelo autor não é a da sensação ou crença de que os desejos e pensamentos ganham forma no mundo externo, mas a de um estado em que se tem “a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar. É o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o

»»

Ferenczi faz questão de destacar, em nota, que dificuldades e acidentes na gestação podem demandar do feto a necessidade de agir, de “efetuar um trabalho”.

que lhe é necessário à satisfação de suas pulsões, portanto, nada tem a desejar, é desprovido de necessidades”²⁴. A ausência de necessidades e desejos não indica, necessariamente, uma tendência de redução tensional completa, a um $Q=0$, em termos freudianos, mas ao princípio de constância. A questão fica mais interessante.

O idílio intrauterino não seria sempre total, e nem duraria eternamente. Ferenczi faz questão de destacar, em nota, que dificuldades e acidentes na gestação podem demandar do feto a necessidade de agir, de “efetuar um trabalho”²⁵, o que daria fim, ainda antes do nascimento, ao período da onipotência incondicional. Via de regra, porém, é o nascimento que desperta, em sua leitura à época, a necessidade desprazerosa de ação e o primeiro afeto de angústia. Quando observamos o recém-nascido, acrescenta, “temos a impressão de que ele [o bebê] não está nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude isenta de desejos que desfrutava no seio materno, e até mesmo deseja, com todas as suas forças, reencontrar-se nessa situação”²⁶. O meio que recebe o recém-nascido – as pessoas encarregadas de seu cuidado – procura instintivamente reestabelecer condições próximas àquelas experimentadas no útero materno: protege-o contra estímulos externos de toda ordem e procura mantê-lo satisfeito. Essa mesma linha de pensamento seria retomada noutros momentos, em especial no artigo “A adaptação da família à criança”²⁷. Mesmo com todos

18 S. Ferenczi, “Para o 70º aniversário de Freud”, in: *Psicanálise III*, p. 425-426.

19 F. Eros; J. Szekacs-Weisz; K. Robinson (eds.), *Sándor Ferenczi – Ernest Jones. Letters 1911-1933*, p. 17, grifos nossos.

20 F. Eros; J. Szekacs-Weisz; K. Robinson (eds.), *op. cit.*, p. 18.

21 L. Andreas-Salomé citada por F. Eros, J. Szekacs-Weisz e K. Robinson (eds.), *op. cit.*, p. 21n12.

22 S. Ferenczi, “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, in: *Psicanálise II*, p. 59.

23 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 49.

24 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 48-49.

25 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 49n8.

26 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 49.

27 S. Ferenczi, “A adaptação da família à criança”, in: *Psicanálise IV*.



em *Thalassa*, livro
cuja gestação começara,
à época da carta a Jones, o coito,
o sono e a morte são descritos
enquanto modos de “satisfação
da pulsão de retorno ao corpo
materno e ao oceano, ancestral
de todas as mães”.

esses esforços, o bebê encontra-se numa nova situação depois da “perturbação desagradável que subitamente ocorreu, em virtude do nascimento, na situação de satisfação de que usufruía até então”²⁸. Esse novo estado, supõe, levará ao “reinvestimento alucinatório do estado de satisfação perdido”, que fora a “existência tranquila no calor e na placidez do corpo materno”²⁹. A tarefa de alucinar o estado anterior de satisfação – de quietude desprovida de desejos – seria capaz de manter a sensação de onipotência após o nascimento, uma vez que o meio cuidador procura agir em consonância com o que o bebê alucina. A criança “é levada a sentir-se na posse de uma força mágica, [...] é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação”³⁰. Abre-se, desse modo, um segundo período, de “onipotência alucinatória mágica”, em que basta a representação para recriar a situação de satisfação. Quando, após a primeira perturbação, a necessidade desaparece devido ao encontro da alucinação com a presteza do meio, o bebê é capaz de dormir.

Para nossos propósitos, não é necessário que acompanhamos os demais estágios discutidos pelo autor³¹. A pulsão de morte, ainda em 1913, surge como um conceito de ligação entre as postulações sobre 1) um estado de quietude pré-natal; 2) uma tendência à regressão, e 3) uma localização temporal para o estado narcísico inaugural; este que o húngaro já tocara, ainda em 1909, ao escrever

“Introjeção e transferência”³². Cada um desses elementos coexistirá no pensamento de Ferenczi sempre que o tema da pulsão de morte reaparecer.

Variação intermediária: a destruição e a máquina de calcular o desprazer

Acompanhamos como o autor tratou a pulsão de morte no artigo em homenagem ao septuagésimo aniversário de Freud. Outros textos dos anos 1920 ajudam a compreender como ele avaliou a concepção freudiana da pulsão de morte à luz de suas próprias ideias.

No prefácio que escreveu à edição húngara de *Além do princípio do prazer*, Ferenczi fez questão de destacar que “O apego ao passado, a tendência para reencontrar um estado anterior de equilíbrio, a *regressão*, manifesta-se com uma constância tão absoluta na vida psíquica que”³³ teria sido necessário a Freud opor uma pulsão de morte às pulsões de conservação e de evolução (de vida). Se o aspecto regressivo, que é “forma exterior da repetição”³⁴, destaca-se no prefácio de 1923 ao texto freudiano, outro aspecto da primeira variação de Ferenczi sobre a *Todestrieb* não demora a reaparecer. A suposta e atraente quietude da vida intrauterina é retomada em *Thalassa*³⁵ e, pouco depois, em um texto importante para a segunda variação ferencziana sobre pulsão de morte, “O problema da afirmação do desprazer”³⁶.

Em *Thalassa*, livro cuja gestação começara, como vimos, à época da carta a Jones, o coito, o sono e a morte são descritos enquanto modos de “satisfação da pulsão de retorno ao corpo materno e ao oceano, ancestral de todas as mães”³⁷. O movimento regressivo de 1913 ganha extensão, é generalizado a toda a vida orgânica e explicitamente nomeado como “pulsão de retorno”. Mesmo “O desejo edípiano” poderia ser lido, de acordo com Ferenczi, como “a expressão psíquica de uma tendência biológica muito mais geral que impele os seres vivos ao retorno ao estado de repouso que desfrutavam antes do nascimento”³⁸. As críticas mais atuais ao livro são variadas: povoado

de “uretralidade”, com trechos que geram certo “constrangimento”³⁹, ou ainda, que consiste em “*scientific rubbish*”, com um argumento que “acentua a perspectiva falocêntrica de Freud”⁴⁰. Parte do problema fora reconhecido pelo próprio Ferenczi, para quem aquelas ideias pareceriam, mais tarde, “produto de pura especulação”⁴¹. De toda forma, em *Thalassa*, o que encontramos claramente é uma ênfase teórica que segue uma “lógica pós-dualista”⁴²: o coito, por exemplo, seria a descarga de uma tensão, mas também a satisfação da pulsão de retorno ao corpo materno, e, também, de retorno ao oceano que ele supõe estar na origem da vida. O que entra em jogo nessa lógica, e que aqui nos interessa, é a manutenção de um campo de equilíbrio entre uma tendência regressiva “de morte” (que remete tanto à filogênese quanto à ontogênese, e cuja forma ontogênica primeira seria o estado de quietude intrauterino) e uma tendência progressiva “de vida”, cuja origem estaria na impossibilidade de total e absoluta inatividade frente a um ambiente que, por revelar-se não continuamente harmonioso com o ente, é estimulante e traumático.

Já em “O problema da afirmação do desprazer”⁴³, que podemos identificar como central na segunda variação do autor sobre a pulsão de morte,

»»

*o coito, por exemplo,
seria a descarga de uma tensão,
mas também a satisfação
da pulsão de retorno ao corpo
materno, e, também, de retorno
ao oceano que ele supõe
estar na origem da vida.*

encontramos criticamente rerepresentadas algumas de suas concepções anteriores sobre o início da vida psíquica. São dois movimentos que nos interessam. O primeiro é o exercício de retomada daquilo que conhecíamos por meio de seus primeiros artigos, em especial da ideia de um “estágio de onipotência incondicional”, e sua inserção plena no âmbito do narcisismo primário. O segundo é a postulação de uma “máquina de calcular” psíquica.

A ideia envolvida no primeiro movimento parece simples. Tendo em mãos não só as concepções freudianas sobre a pulsão de morte e as pulsões de vida, mas também o desenvolvimento do conceito de narcisismo, Ferenczi atualizou o problema do desenvolvimento do sentido de realidade:

Certos organismos primitivos parecem ter permanecido no estágio narcísico, aguardam passivamente a satisfação de seus desejos e, se esta lhes for constantemente recusada, eles morrem – pura e simplesmente; encontram-se aí tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz.⁴⁴

O “inorgânico”, freudianamente, é identificado como o ponto inicial de teorização; o “primitivo” é considerado enquanto momento de passividade radical; e o predomínio da “pulsão de destruição” é localizado junto a esses dois aspectos. É o que reencontramos três anos depois, no artigo sobre

28 S. Ferenczi, “O desenvolvimento...”, p. 50.

29 S. Ferenczi, “O desenvolvimento...”, p. 50.

30 S. Ferenczi, “O desenvolvimento...”, p. 50.

31 Para uma apresentação abrangente dos demais estágios, conferir R. Mezan, “Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi”, in: *Interfaces da psicanálise*.

32 S. Ferenczi, “Introjeção e transferência”.

33 S. Ferenczi, “Prefácio da edição húngara de *Para além do princípio do prazer*”, p. 242.

34 R. Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*, p. 260.

35 S. Ferenczi, *Thalassa...*

36 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”, in: *Psicanálise III*.

37 S. Ferenczi, *Thalassa...*, p. 326.

38 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 293.

39 L.C. Figueiredo, *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, p. 203.

40 P.L. Rudnytsky, “Introduction”, in: P.L. Rudnytsky; A. Bóky; P. Giamperri-Deutsch (eds.), *Ferenczi’s turn in psychoanalysis*, p. 5.

41 E. Brabant; E. Falzeder (eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume III, 1920-1933*, p. 400.

42 L.C. Figueiredo, *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, p. 188.

43 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”.

44 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 439.



“se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer.”

[S. Ferenczi]

“A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”⁴⁵. Embora no começo da vida o desenvolvimento de funções e órgãos seja rápido e abundante, dando a impressão de uma preponderância das pulsões de vida, tal progresso depende de “condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança”⁴⁶. Seu argumento merece ser citado:

A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação. E, no fundo, não há motivos de espanto, uma vez que o bebê, ao contrário do adulto, ainda se encontra muito mais perto do não ser individual, do qual não foi afastado pela experiência da vida. Deslizar de novo para esse não ser poderia, portanto, nas crianças, acontecer de modo muito mais fácil.⁴⁷

Trata-se de um desdobramento da ideia que já vimos utilizada na carta a Jones, e que ganha mais detalhes: por estar muito próximo de um estado de quietude e repouso, o recém-nascido demanda profundo investimento libidinal dos pais e cuidadores para que as pulsões de vida lhe sejam como que estimuladas e se entrelacem à pulsão de morte que predominaria no início da vida. Mas, ainda em 1926, o húngaro propõe que “a destruição fisiológica provocada” pela fome seria o ponto de origem do “desintrincamento pulsional” na vida psíquica⁴⁸ e que sua expressão no bebê seria o

choro e o esperneio. O objeto, em suas faces boa e provedora, por um lado, e má e frustradora, por outro, só poderia ser percebido após o desintrincamento pulsional gerado pela fome e por sua consequência psíquica, a ambivalência. Se para Ferenczi, até então, a ausência de necessidades que ele supunha existir na vida intrauterina era a regra, leia-se: que a harmonia com o ambiente impedia o surgimento da necessidade, o que ocorrerá após o nascimento – mesmo com a adaptação do meio – será o descompasso eventual entre o surgimento da necessidade e sua pacificação. O fim da harmonia torna-se, conseqüentemente, a primeira fome, o primeiro golpe na onipotência, a descoberta do não eu, e a primeira angústia. Descobrir o objeto corresponde a ter de odiá-lo e à necessidade de passar a reconhecê-lo, mesmo que temporariamente, como malicioso, alheio às vontades e ao controle. Isso muda tudo.

O segundo movimento desenvolvido em 1926, a postulação de uma “máquina de calcular” psíquica, implica a introdução de uma ideia que passa a balizar o pensamento do autor sobre a pulsão de morte. Nessa variação encontramos uma mudança terminológica cuja origem está em Sabina Spielrein; a pulsão de morte é tratada enquanto “pulsão de destruição” ou de autodestruição. A postulação procura dar conta de um problema: como e por que o desprazer pode afirmar-se no psiquismo, a despeito do princípio que procura evitá-lo e de uma tendência, nada desimportante, como vimos, de regressão a um estado em que o desprazer não seria sequer conhecido? Lembremos que a constância tensional é, a rigor, a manutenção do nível de excitação, nem seu aumento, nem sua diminuição, e que o meio é um agitador necessário, mas inconveniente.

De acordo com o analista húngaro, “Se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer; o menos desagradável torna-se, portanto, relativamente agradável e pode ser afirmado como tal”⁴⁹. Nessa linha de raciocínio, encontraremos mais tarde a defesa de uma tendência à tranquilidade, ao equilíbrio, que

é buscada mesmo em situações nas quais o meio é fatalmente ameaçador: “O exemplo do pássaro, fascinado pela visão da serpente ou pelas garras da águia, que, após um curto período de resistência, atira-se para a própria ruína, pode ser citado aqui”⁵⁰. A pulsão de morte terá seu sinal como que invertido, de tendência à regressão, à manutenção do mesmo e do próprio, em tendência de adaptação massiva, ou de submissão eventualmente desmesurada, ao meio agitador, capaz de fazer pressão e oferecer perigo mortal. A dinâmica descrita é adaptativa, de renúncia a partes amadas do Eu em prol da introjeção dos objetos maliciosos: uma parcial destruição do Eu que é tolerada “somente com o objetivo de construir, a partir do que restou, um Eu capaz de resistência ainda maior”⁵¹. Esse sacrifício parcial do Eu causaria, como defendera Freud em *Além do princípio do prazer*, a mortificação das camadas externas do ser, aquelas que estão em contato com o meio. Mas a autodestruição, que tem por resultado a mortificação adaptativa de partes do Eu, argumenta Ferenczi, traz ainda outra consequência: as pulsões de vida, libertas pelo desintricamento pulsional, passam a ocupar-se não mais do todo, mas somente das partes que foram poupadas. Estas então se desenvolvem continuamente, numa espécie de amadurecimento propiciado pela destruição parcial.

Partindo desse conjunto de hipóteses, a terceira variação, explorada nos últimos textos do autor, em especial no *Diário clínico*, envolve uma revisão crítica que decompõe o campo de aplicação do conceito de pulsão de morte ao ligá-lo predominantemente ao masoquismo e à submissão ao

45 S. Ferenczi, “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, in: *Psicanálise IV*.

46 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 58.

47 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 58.

48 S. Ferenczi, “O problema...”, p. 435.

49 S. Ferenczi, “O problema...”, p. 434.

50 S. Ferenczi, “Notes and fragments”, p. 224-225, do dia 24 ago. 1930, in: M. Balint (ed.), *Final contributions to the problems and methods of Psycho-Analysis*.

51 S. Ferenczi, “O problema...”, p. 441.

52 S. Freud, *Civilization and its discontents*, p. 130.

53 E. Brabant; E. Falzeder (eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume III, 1920-1933*, p. 388-389.

54 S. Ferenczi, *Diário clínico*.

55 S. Ferenczi, “Notes and fragments”.



o que começamos a ver
[na crítica de Ferenczi a
Melanie Klein] é uma
realocação do conflito
que termina por impor
questionamentos ao conceito
de pulsão de morte.

meio. Parece-nos esclarecedora uma ilustração do que está em jogo nessa passagem entre as variações.

Quando, em 1930, Ferenczi lê sobre a concórdância de Freud com Melanie Klein a respeito de como a severidade do Superego que a criança desenvolve não corresponde “à severidade do tratamento que a própria criança recebeu”⁵², ele decide fazer uma sugestão “do ponto de vista traumático”. As seguintes palavras são remetidas a Freud:

Ao invés de aceitar a visão de Melanie Klein [...], não seria mais correto agarrar-se à natureza individualmente adquirida (i.e., traumática), isto é, origem, da consciência e da neurose, e manter que a consciência muito rígida (ou seja, *inclinação para autodestruição*) é o resultado de um tratamento *relativamente muito estrito* – i.e., muito estrito em relação à individualmente variada forte necessidade de amor. Esta última pode, é claro, ser inata.⁵³

O que começamos a ver assim é uma realocação do conflito que termina por impor questionamentos ao conceito de pulsão de morte.

Terceira variação: pulsão ou princípio de conciliação

No *Diário clínico*⁵⁴ e nas notas escritas nos anos 1930⁵⁵, encontramos uma série de passagens em que Ferenczi procura fazer avançarem essas ideias, que sofrem considerável elaboração. Seu objetivo



*altruísmo e egoísmo
obedeceriam e comporiam,
nesses momentos, um princípio
mais geral, que o autor chama
de “tranquilidade” e que consiste,
economicamente, na busca
da constância tensional.*

passa pela melodia com a qual já nos familiarizamos, a saber: a concepção de uma tendência regressiva que procura retomar um estado de quietude e paz, de passividade quanto à satisfação⁵⁶, e a ideia de uma profunda adaptação à influência de pressões externas, do meio, que agem de modo perturbador, traumático⁵⁷. Nessa terceira variação, todavia, vemos acordes consonantes e dissonantes. As hipóteses ora recolocam a dualidade pulsional em termos de atividade/sadismo, passividade/masochismo, e egoísmo/altruísmo, ora rechaçam a ideia de uma “pulsão de morte”.

Quando a direção de seu pensamento trabalha a dualidade, ele nomeia os polos de pulsão ou princípio de autoasserção e pulsão ou princípio de conciliação, e os relaciona ao masculino e ao feminino. Nesses momentos, suas hipóteses enfatizam tanto o conflito primário entre indivíduo-meio (que a questão do trauma trouxera para o centro de suas atenções), quanto o conflito intrapsíquico secundário, que resulta do anterior, entre um movimento de diferenciação e outro que busca restaurar a “mútua identificação”⁵⁸ entre o indivíduo e o meio. Voltaremos a esse ponto em breve.

De modo paralelo, a outra direção de pensamento que encontramos no autor é de crítica à noção de pulsão de morte, e pode ser encontrada repetidamente em suas anotações. É o caso, por exemplo, de uma nota de agosto de 1932, garimpada por Judith Dupont (e citada por Avello), em que lemos: “Nada além de pulsão de vida/ pulsão de

morte, um erro/ (pessimista)”⁵⁹. A mesma direção crítica revela-se quando, na nota de 1930 sobre o pássaro que se atira nas garras da águia, Ferenczi busca um terceiro princípio ou pulsão capaz de condensar os termos da nova oposição que propõe: “No momento em que se deve deixar de usar o ambiente como material para a própria segurança e bem-estar [...], aceita-se o papel sacrificial, digamos assim, com prazer, i.e. o papel de material para outras forças maiores, mais autoassertivas, mais egoístas”⁶⁰. Altruísmo e egoísmo obedeceriam e comporiam, nesses momentos, um princípio mais geral, que o autor chama de “tranquilidade” e que consiste, economicamente, na busca da constância tensional. A questão torna a passar pelo problema da afirmação do desprazer.

Concordamos com Gondar⁶¹ quando ela afirma que o húngaro tem uma compreensão monista (i.e., materialista) da relação mente-corpo e que vê as pulsões de vida e de morte como variações de ritmo em um movimento pulsional mais longo. E também estamos de acordo com Avello⁶² sobre a direção de fundo do pensamento de Ferenczi ser um destronamento do conceito (ou de alguns elementos do conceito) de pulsão de morte como montado por Freud; por exemplo, de seu caráter originário. Mas a noção de um dualismo de princípios e de pulsões não é abandonada completamente. Não “é inteiramente absurdo manter uma posição dualista:”, lemos em seu *Diário*, no dia 23 de fevereiro de 1932:

os incontáveis exemplos de bipolaridade, ambivalência, ambitendência em todo lugar parecem justificar olhar para o todo da natureza, de uma vez, não somente do ponto de vista dos princípios de egoísmo mas também a partir da direção oposta das pulsões: aquela do altruísmo (ou abnegação) [selflessness].

*Tudo isso representa apenas uma pequena modificação da suposição de Freud sobre instintos de vida e de morte. Daria nomes diferentes às mesmas coisas.*⁶³

Ele vai além e diz que o “Egoísmo é o impulso de livrar-se a todo custo de uma quantidade de tensão produtora de desprazer”. Para que o egoísmo

(leia-se, a inabilidade para sofrer) tome forma, “pulsões e impulsos conciliatórios são mobilizados de todos os lados e juntados como que por mágica”⁶⁴ e unidos a ele.

Se aceitamos a existência de uma natureza impulsiva nesse “desejo de conciliar”, chegamos à ideia de que, “para a substância ou ser no qual essa pulsão é ou torna-se forte ou exclusivamente dominante, o sofrimento não é algo meramente que pode ser suportado, mas algo desejável ou uma fonte de satisfação”⁶⁵. O sadismo seria a manifestação desse princípio egoísta, e o masoquismo a manifestação aguda do princípio de conciliação, que se torna um “querer sofrer”. O sofrimento traumático, ele argumenta na mesma passagem, esgota o princípio de autoassertão, permitindo a invasão de aspectos do agressor no Eu. Ao final da entrada do dia 23 de fevereiro de 1932, lemos: “A pulsão de autoassertão pode ser vista como a base para o princípio do prazer de Freud, o princípio para a conciliação como a base para seu princípio de realidade”⁶⁶.

Se aqui a autoassertão é ligada ao princípio do prazer, e a conciliação ao princípio de realidade, pouco mais de dois meses depois, no dia 26 de abril, o autor ataca o mesmo problema na forma de uma pergunta que realoca as ligações e mostra que ele ainda desenvolvia os termos de sua

56 E. Dal Molin; N. Coelho Jr.; R. Cromberg, “A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica”, *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2.

57 Conferir também a esse respeito R. Herzog e F. Pacheco-Ferreira, “Trauma e pulsão de morte em Ferenczi”, *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 18, n. 2.

58 S. Ferenczi, “Notes and fragments”, p. 252, 14 set. 1932.

59 J.J. Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*, p. 272.

60 S. Ferenczi, “Notes and fragments”, p. 225.

61 J. Gondar, “A vontade de (se) destruir: Ferenczi com Nietzsche”, in: E.S. Reis; J. Gondar, *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*.

62 O livro de Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi*, no qual baseamos parte de nossa leitura, é uma preciosidade para pesquisadores interessados no tema.

63 S. Ferenczi, *The clinical diary of Sándor Ferenczi*, p. 41.

64 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 42.

65 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 42.

66 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 42.

67 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 91, grifos nossos.

68 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 115.

69 S. Ferenczi, *op. cit.*, p.147.



*o sadismo seria
a manifestação desse princípio
egoísta, e o masoquismo
a manifestação aguda do princípio
de conciliação, que se torna
um “querer sofrer”.*

hipótese: “deve o instinto de morte ser postulado como um instinto de bondade e autossacrifício, algo materno-feminino em oposição ao masculino?”⁶⁷. Em três de junho, a variação sobre o tema da pulsão de morte rende outra pergunta: “Não é a ansiedade, portanto, em última análise, *um sentimento do poder da pulsão de morte*, um começo da morte (inanição)?”⁶⁸.

O questionamento desdobra-se, conforme Ferenczi tenta entender as diferenças entre o psiquismo da criança e do adulto no *Diário clínico*. Em 30 de junho do mesmo ano, ele argumenta que a “individualidade” não estaria desde cedo plenamente desenvolvida, como já ouvíamos em “A criança mal acolhida...”, e acrescenta:

a tendência a apagar-se (adoecer e morrer em crianças muito pequenas) e a predominância nelas do instinto de morte: sua extrema impressionabilidade (mimetismo) também pode ser somente um sinal dos bem fracos instintos de vida e de autoassertividade; de fato talvez já seja uma incipiente, mas de algum modo postergada, morte.⁶⁹

O autor insere aqui um estágio no desenvolvimento do sentido de realidade anterior ao alucinatório, a que chama de período mimético. Este se caracteriza por um “estar sujeito a impressões sem nenhuma proteção, é a forma original da vida”, e nele “o desprazer também chega enfim a termo, embora não pela mudança do mundo externo, mas pela complacência da substância



*o trabalho analítico
pode demandar uma regressão
que permita a experiência de ser
em um ambiente não intrusivo
e maleável às manifestações
singulares de egoísmo
e autoasserção.*

viva, isto é, uma parcial renúncia do fraco impulso autoassertivo que acabou de ser tentado, uma imediata resignação e adaptação do self ao ambiente”⁷⁰.

No mesmo ano, em “Confusão de línguas”, Ferenczi escreveu sobre como, durante uma experiência traumática, alguém pode, ao enfrentar um ambiente destrutivo ou intrusivo, sentir-se abandonada ao ponto em que “a personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que a ameaça e agride”⁷¹ – uma estratégia defensiva que envolve a cisão e pode levar, se repetida, à fragmentação e mesmo à “atomização”⁷². A ênfase no aspecto potencialmente traumático da interação com o meio, nos efeitos mortíferos que podem então ser gerados (autotomia, morte psíquica, introjeção do agressor), justificam a localização, feita por Figueiredo e Coelho Junior⁷³, de uma paradoxal defesa passiva descrita pelo húngaro em seu *Diário clínico* (entradas de 21 de fevereiro e de 2 de outubro de 1932). Isso inauguraria uma matriz de adoecimento psíquico por passivação a que nomeiam “ferencziana”, de modo a distingui-la da matriz de adoecimento psíquico por ativação, característica, argumentam, do pensamento de Freud e Klein.

Se voltarmos ao *Diário*, no dia 24 de agosto, Ferenczi escreve que

A personalidade infantil, ainda pouco constituída, não tem a capacidade de existir, digamos assim, sem ser suportada por todos os lados pelo ambiente. Sem esse suporte os mecanismos psíquicos e orgânicos divergem, explodem, por assim dizer; ainda não há um centro do eu forte o suficiente para merecer a menção, que poderia manter o todo junto, também por si próprio. [...] A análise deveria ser capaz de fornecer ao paciente o meio favorável que faltou previamente para a construção do eu, e então dar um fim ao estado de mimetismo, que como um reflexo condicionado só conduz a pessoa à repetição. Uma nova *couvade* [incubação], por assim dizer, e uma nova fuga {taking flight}.⁷⁴

No trecho acima, além da exposição de uma ideia que já está a oito nove avos do conceito de *holding* winnicottiano, vemos como, para o autor húngaro, o trabalho analítico pode demandar uma regressão que permita a experiência de ser em um ambiente não intrusivo e maleável às manifestações singulares de egoísmo e autoasserção. É em tal contexto que finalmente, em 13 de agosto de 1932, a crítica que decorre do desenvolvimento dessas ideias ganha a seguinte forma: “A ideia do instinto de morte vai muito longe, já está tingida de sadismo; *pulsão de repousar* [*Ruhetreib*] e *comunicar* (comunicação [*Mit-teilung*], *sharing*) acumulações ‘excessivas’ de prazer e desprazer é a realidade, ou o é quando não artificialmente – traumáticamente – perturbada”⁷⁵. Junto à *pulsão de repousar*, que já ganhara forma coloquial na carta para Jones em 1913, Ferenczi localiza um impulso para comunicar, para compartilhar com o outro, para ligar com a ajuda dos objetos que compõem o ambiente. Para ele, nessa última variação, o ambiente consistiria, ao mesmo tempo, num potencial receptor dessas comunicações de excessos tensionais e num potencial perturbador das tentativas de manutenção da quietude, quando ele mesmo (ambiente) é responsável por tais excessos. Quando visto nesses termos, tal esforço de manutenção da constância tensional, que mobilizaria o ser no sentido do repouso, torna-se tributário de uma dinâmica que não poderia, de início, limitar-se ao campo

intraprésiquico – o conflito primário arma-se entre um ainda “pouco constituído” próprio e tudo que não lhe é plenamente consonante ou não lhe serve como paraexcitação. Na melhor expressão encontrada por Ferenczi para esse problema, em “O princípio de relaxamento e neocatarse”, vemos que “as forças intrapésiquicas apenas representam o conflito que se desenrolou na origem entre o indivíduo e o mundo externo”⁷⁶.

Quem compôs uma bela melodia pode terminar perseguido por ela, percebendo-se dominado e ainda elaborando a sequência das notas mesmo depois de tê-la colocado na partitura. Parece-nos que a última variação de Ferenczi sobre a *Todestrieb* ainda não chegara a seu formato final quando o húngaro morreu, em 1933. Como no caso das experiências com a técnica, mais tempo talvez significasse mais mudanças. Mesmo que

»»

“as forças intrapésiquicas apenas representam o conflito que se desenrolou na origem entre o indivíduo e o mundo externo.”

[S. Ferenczi]

não seja no encaço de formatos definitivos que nos colocamos, resta a impressão de que a música só se torna realmente boa quando é capaz expressar – diríamos, agitar – algo em quem a escuta.

Referências bibliográficas

- Adler A. (1908). Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose. *Fortschritte der Medizin*, n. 26, p. 577-584.
- Avello J.J. (2006). *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Brabant E.; Falzeder E.; Giampieri-Deutsch P. (eds.) (1993). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume I, 1908-1914*. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Brabant E. Falzeder E. (eds.) (2000). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume III, 1920-1933*. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Bos J. (1996). Rereading the minutes. *Annual of Psychoanalysis*, v. 24, p. 229-255.
- Bos J.; Groenendijk L. (2007). *The self-marginalization of Wilhelm Stekel: Freudian circles inside and out*. New York: Springer Books.
- Clark-Lowes F. (2010). *Freud's Apostle: Wilhelm Stekel and the early history of Psychoanalysis*. Authors OnLine: Gamlingay.
- 70 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 147-148.
- 71 S. Ferenczi, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança – a linguagem da ternura e da paixão”, p. 118.
- 72 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 120.
- 73 L.C. Figueiredo; N.E. Coelho Jr, *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em Psicanálise*.
- 74 S. Ferenczi, *The clinical diary of Sándor Ferenczi*, p. 210-211.
- 75 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 200.
- 76 S. Ferenczi, “O princípio de relaxamento e neocatarse”, in: *Psicanálise IV*, p. 77.
- Cromberg R.U. (org.). (2014). *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise*, vol. 1. Trad. R.D. Mundt. São Paulo: Matriz.
- Dal Molin E.C.; Coelho Jr. N.; Cromberg R.U. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 231-245. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p231-245>>.
- ____ (2023). Ferenczi's variations on the death drive. *The American Journal of Psychoanalysis*, v. 83, p. 231-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/s11231-023-09407-9>>.
- Eros F.; Szekacs-Weisz J.; Robinson K. (eds.) (2013). *Sándor Ferenczi – Ernest Jones. Letters 1911-1933*. London: Karnac.
- Ferenczi S. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Psicanálise II*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 45-61. (Trabalho original publicado em 1913).
- ____ (1924). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 277-357. (Trabalho original publicado em 1924).
- ____ (1923). Prefácio da edição húngara de *Para além do princípio do prazer*. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 241-242. (Trabalho original publicado em 1923).
- ____ (1926). Para o 70º aniversário de Freud. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 421-430. (Trabalho original publicado em 1926).
- ____ (1926). O problema da afirmação do desprazer. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 431-444. (Trabalho original publicado em 1926).
- ____ (1928). A adaptação da família à criança. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 1-16. (Trabalho original publicado em 1928).

- _____. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 55-60. (Trabalho original publicado em 1929).
- _____. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 61-78. (Trabalho original publicado em 1930).
- _____. (1930-1932). Notes and fragments. In *Final contributions to the problems and methods of Psycho-Analysis*. (M. Balint, ed.). London: Karnac, p. 216-279.
- _____. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança – a linguagem da ternura e da paixão. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 111-121. (Trabalho original publicado em 1933).
- _____. (1932/1988). *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (J. Dupont, ed.; M. Balint; N.Z. Jackson, trans.). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Figueiredo L.C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo L.C.; Coelho Junior, N.E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em Psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Fortune C. (ed.) (2002). *The Sándor Ferenczi – Georg Groddeck Correspondence, 1921-1933*. London: Open Gate Press.
- Freud S. (1909/2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos: O pequeno Hans. In *Obras completas*, vol. 8. São Paulo: Companhia das Letras, p. 123-284. (Trabalho original publicado em 1909).
- _____. (1911/2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras completas*, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, p. 108-121. (Trabalho original publicado em 1911).
- _____. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In *Obras completas*, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, p. 161-239. (Trabalho original publicado em 1920).
- _____. (1930). *Civilization and Its discontents*. Standard Edition, vol. 21, p. 64-145.
- Gondar J. (2017). A vontade de (se) destruir: Ferenczi com Nietzsche. In Reis E.S.; Gondar J., *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 65-77.
- Herzog R.; Pacheco-Ferreira F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 18, n. 2, p. 181-194. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>>.
- Houaiss A.; Villar M.S. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Mezan R. (2002). Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. In *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 151-173.
- Mezan R. (2013). *Freud: a trama dos conceitos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Nunberg H.; Federn E. (eds.). (1976). *Les premiers psychanalystes : Minutes de la Société Psychanalytique de Vienne*, v. 1. Trad. N. Schwab-Bakman. Paris: Gallimard.
- Stekel W. (1911). *Die Sprache des Traumes*. Wiesbaden: Bergmann.
- Stekel W. (1912). Der Zweifel. *Zeitschrift für Psychotherapie*, v. 4, n. 6, p. 332-355.

Ferenczi's variations on the death instinct

Abstract This theoretical paper discusses three variations on the death drive, developed by Sándor Ferenczi. We present a brief history of the use of the term death drive among the first psychoanalysts and argue that, as early as 1913, the notion is used by Ferenczi and serves as a conceptual background for his thinking. During the 1920s, Ferenczi revisits part of this concept, focusing on what he identifies as a primacy of self-destruction. The destructive drive gains an adaptive character responsible for the mortification of parts of the individual, in exchange for the survival of the whole. In this variation, the tendency to regress also arises as the self-destruction drive and the acceptance of unpleasure involves a psychic “reckoning-machine.” In the final variation, left unfinished, the death drive at times receives new names, like drive for “conciliation,” and at others, the very idea of the death drive is criticized.

Keywords Sándor Ferenczi; death drive; destruction; metapsychology; history of psychoanalysis.

Texto recebido: 10/2023

Aprovado: 11/2023

Vida e experiência cultural na psicanálise de Winnicott

Isabel Castello Branco

Resumo Este artigo discute a articulação entre as noções de vida e experiência cultural. Na psicanálise de Winnicott, *estar vivo* designa mais do que simplesmente existir, significa dispor criativamente da existência. Dessa perspectiva, a experiência cultural é pensada como um contínuo *fabricar* no mundo, por meio do qual se vive “a vida que vale a pena ser vivida”.

Palavras-chave estar vivo; criatividade; experiência cultural; vida.

Isabel Castello Branco é psicanalista com formação no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana (IBPW), membro individual da International Winnicott Association (IWA), membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

À minha mãe, in memoriam.

Introdução

A exploração de algumas das articulações entre as noções de vida e experiência cultural na psicanálise de Winnicott dá forma ao trajeto proposto neste texto. Sob essa perspectiva, o conceito de criatividade assume papel central, pois está intrinsecamente ligado aos desdobramentos da questão que, em termos winnicottianos, diz respeito à vida, ou, de modo mais preciso, à indagação sobre o que “versa a própria vida”. Com o intuito de ilustrar essa concepção de criatividade, essencial às noções a serem exploradas, invocamos o poema *O elefante*, de Carlos Drummond de Andrade. Não se pretende com isso confundir campos diversos, como poesia e psicanálise, mas integrar à investigação aspectos da natureza humana que confluem para a exposição do tema e foram bem apreendidos pelo olhar e dizer poéticos de Drummond. Assim, a noção de “estar vivo”, tal como se refere Winnicott àquele que se sente real e vivendo “a vida que vale a pena ser vivida”, será também abordada em um registro diverso do campo exclusivamente constituído pela psicanálise.

Uma das mais fecundas e importantes investigações de Winnicott sobre a noção de vida, ou de “estar vivo”, diz respeito à elaboração do conceito de criatividade. Em primeiro lugar, no sentido atribuído a esse conceito pelo autor, a criatividade não corresponde àquela em pauta nas artes¹. Como fica claro, “viver criativamente” não é sinônimo de “ser artisticamente criativo”; ter uma existência criativa é

¹ Segundo K. Wright, ainda que Winnicott não tenha desenvolvido uma concepção mais abrangente sobre a criação artística, há uma teoria da arte implícita em suas obras que pede um desenvolvimento mais completo. O presente artigo não segue essa trilha, mas ela parece de fato promissora.



Hamlet, segundo a leitura de Winnicott, versaria sobre o dilema insolúvel em que se encontra o personagem devido à dissociação que nele se processa.

uma necessidade, e uma necessidade para a qual não é requisitado talento especial algum. A capacidade intrínseca ao viver criativo é fruto do encontro com o objeto e a experiência onipotente de tê-lo criado; ela está relacionada ao gesto de criar o que estava lá para ser encontrado.

Nesse sentido, a investigação de Winnicott estabelece uma crítica incisiva à abordagem realizada pela psicanálise que o precede. Segundo ele, o tratamento desse tema sempre elidiu o problema central: em lugar de focar no impulso criativo, comprometeu-se com a identificação entre criação e obra de arte. Duas referências, reportadas pelo autor, ilustram o tipo de desvio ao qual ele se refere. A primeira nos remete ao texto de Freud, “Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci”, no qual a biografia do pintor renascentista comparceria como chave explicativa de uma de suas obras. A outra referência é *Hamlet* e a confusão que “certas leituras” cometem ao tratar personagens como personalidades históricas, misturando a biografia do autor com a do personagem.

Em contraposição a essa perspectiva, *Hamlet*, segundo a leitura de Winnicott, versaria sobre o dilema insolúvel em que se encontra o personagem devido à dissociação que nele se processa, como defesa, entre seus elementos masculinos e femininos. Dessa perspectiva, a dificuldade presente no célebre monólogo – ser ou não ser – residiria na impossibilidade do personagem de decifrar esse impasse, fruto de um estado alterado. Winnicott recusa, portanto, a ideia de que *Hamlet* encenaria uma questão pessoal de Shakespeare. Do seu ponto de vista, fazer essa passagem implica “ignorar ou mesmo afrontar sua característica precípua, ou seja, a poesia [...] é

muito fácil esquecer a poesia das peças ao escrever sobre as *dramatis personae* como se fossem personagens históricas”².

As duas passagens atestam a crítica a esse tipo de empreitada psicanalítica – seja ela feita com base na biografia ou pela extrapolação do caráter estritamente poético de uma obra. Na psicanálise de Winnicott, deparamos com um uso muito particular do mundo da arte, do qual a epígrafe com os versos de Tagore (*On the seashore of endless worlds, children play*)³ constitui um bom exemplo. Sua utilização no texto sobre a localização da experiência cultural encontra plena consonância com as noções que lhe são caras no fazer psicanalítico. Nesse sentido, mais importante do que a citação poética é a imbricação entre vida e experiência cultural, da qual o texto sobre a localização da experiência cultural parece ser testemunha, uma espécie de “conto de formação”, como considera Tales Ab’Sáber⁴.

O sentido dos versos de Tagore será buscado em uma narrativa que contempla momentos do percurso do próprio Winnicott. Assim, o breve relato tem início com a declaração de que, desde sua juventude, a imagem contida nesses versos o intrigou e, embora ele desconhecesse seu significado, deixou-lhe uma marca cuja impressão nunca se desvaneceu. A discussão sobre o lugar da experiência cultural se dá então a partir do intenso e perene efeito de uma obra poética sobre ele, de modo a situar o âmbito da experiência cultural na vida humana.

Nesse relato, feito na primeira pessoa (do singular), o psicanalista nos conta que, da perspectiva freudiana, ele “*soube*” que o “mar e a praia representavam a relação interminável entre homem e mulher, e a criança surgia dessa união para ter um breve momento antes de, por sua vez, se tornar adulta ou gerar filhos”⁵. Em outros termos, a chave de leitura dos versos estava dada pela concepção fundante da sexualidade na constituição do psiquismo humano, tal como Freud a concebeu. Como estudante do simbolismo inconsciente, também “*soube* (pois sempre se *sabe*) que o mar é a mãe e que a criança nasce na beira da praia. Os bebês saem do mar e são vomitados na praia, como Jonas e a baleia”. Assim, prossegue Winnicott, “a praia

é o corpo da mãe, uma vez que a criança nasceu, e mãe e bebê, agora viável, começam a se conhecer”⁶. A mudança significativa, introduzida e implícita nessa passagem, diz respeito à importância adquirida pela relação mãe-bebê, na sua própria concepção e formulação da psicanálise.

A centralidade dessa díade asseverou o estabelecimento de um aspecto fundamental à apreensão do humano e do vínculo que lhe é próprio no início da vida. No entanto, a compreensão da relação mãe-bebê lhe parecia ainda incompleta, tributária de uma concepção sofisticada da relação genitor-filho cujo entendimento poderia vir a ser mais proveitosamente considerado sob outra perspectiva. Tratava-se de adotar, em lugar do ponto de vista da mãe ou do observador, o ponto de vista pouco sofisticado do bebê, compreendendo seu mundo próprio. Durante longo tempo, sua mente permanece, segundo ele, em um estado de “desconhecimento” e, precisamente a partir desse não saber, tem lugar o mundo do brincar, com suas noções de objetos e fenômenos transicionais. No intervalo de tempo compreendido entre esse “desconhecimento” e a percepção da extensão de suas proposições, ele “brinca” com o conceito de “representações mentais” e suas descrições em termos de objetos internos e também com os mecanismos de projeção e introjeção, em termos de um “fora” e um “dentro”.

Por fim, o desenvolvimento de sua própria teoria o leva a compreender que o brincar não se dá nesses espaços, “não é nem uma questão de realidade psíquica interna nem de realidade material externa”⁷. O psicanalista pôde então decifrar o impacto dos versos escolhidos como epígrafe para o texto sobre a localização da experiência.

2 D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*, p. 139.

3 “As crianças brincam na beira da praia dos mundos sem-fim” (apud Winnicott, *op. cit.*, p. 154).

4 T. Ab’Sáber, *Winnicott: experiência e paradoxo*, p. 42.

5 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 155.

6 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 155.

7 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 156.

8 M.I.A. Lins; R. Luz, *D.W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*, p. 204.

9 R. Williams, *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*, p. 117.

10 R. Williams, *op. cit.*, p. 123.



*a respeito do termo cultura
cabe um breve apontamento,
que talvez ilumine o caráter de
imprecisão que lhe é próprio.*

Esse efeito advém da compreensão do jogo ao qual o poeta foi capaz de dar forma: o brincar, no poema, não se passa “dentro” e nem “fora”, ele se dá *entre* a terra e o mar. E, como escreve Rogério Luz, o poeta alcançou o sentido dessa experiência que “vai além do fato bruto de existir, como também além do fato bruto de ser apenas saudável”⁸. Esse brincar diz respeito ao criar, à vida criativa.

A experiência cultural e o termo cultura

A “experiência cultural” é a experiência que se dá no espaço intermediário; um espaço *entre* a realidade psíquica interna e o mundo externo, também pensado como o “lugar em que vivemos”. No termo experiência cultural, a ênfase é concedida à noção de experiência e se busca também dimensionar a extensão apreendida pela palavra cultura, embora a definição dessas duas noções não seja rigorosamente estabelecida.

A respeito do termo cultura cabe um breve apontamento, que talvez ilumine o caráter de imprecisão que lhe é próprio. Segundo o escritor e crítico literário Raymond Williams, um dos intelectuais que se dedicou a pensar esse tema, *culture* “é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa”⁹. Essa dificuldade decorre, segundo ele, de seu “intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias, mas principalmente porque passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamento distintos e incompatíveis”¹⁰. E mais adiante, afirma ainda o autor: “a complexidade, vale dizer, não está, afinal, na palavra, mas



embora encontrada em diversos momentos de sua obra, a noção de experiência não é definida com precisão ao longo da obra winnicottiana.

nos problemas que as variações de uso indicam de maneira significativa”¹¹.

Com base nessas considerações, parece provável que “diante da complexa e ainda ativa história” da palavra cultura, Winnicott tenha escolhido declinar da armadilha de propor o “verdadeiro, adequado ou científico” sentido do termo e manteve-o tão aberto quanto possível para designar o campo que lhe interessava investigar. De tal forma que o termo “experiência cultural” pode ser utilizado como extensão da ideia de fenômenos transicionais e do brincar, evidenciando a natureza do vínculo entre vida e cultura. A experiência humana da cultura é pensada como o fio que ata o homem ao sentido singular de sua vida, circunscrevendo o lugar em que vivemos a “vida que vale a pena ser vivida”.

Examinemos também o sentido da noção de “experiência” para Winnicott. Embora encontrada em diversos momentos de sua obra – como, por exemplo, “experiência de onipotência”, “zona de experimentação”, “experiência cultural” e também apenas como “experiência” ou, ainda, a mais simples de todas as experiências, a “experiência de ser” –, essa noção não é definida com precisão ao longo da obra winnicottiana. Sua inteligibilidade decorre do uso que o autor faz dela em cada estágio do desenvolvimento maturacional. Contudo, segundo Elsa Dias¹², há um traço comum aos diversos usos do termo na psicanálise winnicottiana, há uma nítida imbricação entre o que se designa como experiência e o “sentimento do real”, pois somente é real o que se dá na experiência e esta só acontece se for sentida como real. Assim, desse ponto de vista, é possível afirmar que a capacidade para a experiência é concebida como essencialmente articulada ao “estar vivo”.

Um dos aspectos do desenvolvimento emocional

Segundo Winnicott, a aceitação da realidade, tarefa que se impõe paulatinamente ao bebê e que nunca se realiza completamente, convoca todo ser humano à constante “tensão de relacionar realidade interna e externa”¹³. O alívio da tensão gerada nesse perpétuo “trânsito” tem lugar no que o autor denomina “espaço intermediário” – um espaço *entre* o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido.

O relacionamento da criança com o mundo tem início nesse espaço intermediário, e para essa aventura são essenciais a “continuidade (temporal) do ambiente emocional externo e dos elementos particulares ao ambiente físico, como o objeto transicional, ou objetos”¹⁴, cuja principal função é iniciar os seres humanos nessa “área neutra de experiência”. Os fenômenos que têm lugar a partir desses objetos são chamados transicionais e têm lugar nas etapas iniciais da vida. Eles são marcados basicamente pela ligação do bebê ao objeto transicional e pelo início da capacidade de simbolização, constituindo a capacidade de brincar. Na saúde, o objeto transicional não “vai para dentro” e tampouco o sentimento em relação a ele é necessariamente reprimido. Ele também não é esquecido ou tem sua ausência lamentada. Na verdade, em decorrência do fato de os fenômenos transicionais se espriarem pelo campo cultural, o objeto transicional “perde sentido”¹⁵. Assim, o objeto transicional pode ser entendido no “grau zero” do simbolismo, como o fator que opera “a jornada feita pelo bebê do puramente subjetivo ao objetivo”¹⁶.

Ser, existir, estar vivo

Como estudiosos da obra winnicottiana não deixaram de assinalar, Winnicott deriva o acesso aos aspectos essenciais da existência humana do estudo dos fenômenos ligados à psicose, estabelecendo uma estreita relação entre o lugar ocupado pela dependência e a investigação sobre a origem

dos fenômenos psicóticos. Segundo Loparic, é precisamente a condição de dependência que determina as necessidades e os problemas fundamentais com os quais o bebê tem que lidar; necessidades e problemas, designados pelo autor, como o “de nascer, de sentir-se real, de ter contato com a realidade, de assegurar sua integração do ser no tempo e no espaço (isto é, num mundo), de criar a distinção entre a realidade interna e externa, de criar a capacidade de uso das coisas e a de ser si mesmo”¹⁷. É também a partir da condição de dependência que Winnicott situa a etiologia das psicoses, concebida como resultante de falhas da mãe na relação com o bebê.

Ao trabalhar a questão da psicose na psicanálise winnicottiana, Gurfinkel assinala a importância da experiência de Winnicott, sublinhando que sua clínica psicanalítica e a longa experiência com bebês muito pequenos conduziram o interesse pela investigação concernente à relação do homem com a realidade, permitindo a ele entrever a ocorrência de uma “falha” na relação do sujeito com a realidade. Assim, a partir da compreensão desses fenômenos, ele pôde elucidar o processo de desenvolvimento humano e concluir que os processos de integração, personalização e realização, tomados como naturais, decorrem de uma construção. Eles “são aquisições resultantes de um trajeto percorrido em um momento muito arcaico por cada bebê apenas acordado para a vida”¹⁸. No caso da psicose, esse trajeto teria sofrido uma perturbação.

Por fim, e segundo o próprio Winnicott, um outro aspecto também decorrente da clínica da

»
a vida será pensada em sua
articulação com a criatividade.

Assim, a noção de vida, sobre a qual
se detém este artigo, se desenha
a partir dessa confluência.

psicose é a requisição da importante questão “sobre o que versa a vida”. A noção de vida que lhe interessa não corresponde necessariamente à ideia de saúde comumente aceita. Como ele mesmo escreve: “a ausência de uma doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida. Os pacientes psicóticos que variam o tempo todo entre viver e não viver nos forçam a abordar esse problema, que não pertence aos psiconeuróticos, mas a todos os seres humanos”¹⁹. Nesse sentido, a vida, ou ainda, sua relação com a saúde, se coloca em outros termos.

A vida será pensada em sua articulação com a criatividade. Assim, a noção de vida, sobre a qual se detém este artigo, se desenha a partir dessa confluência. Para examiná-la, faremos um recorte de passagens do texto de Winnicott, intitulado “Vivendo de modo criativo”²⁰. Nele, o autor afirma que “para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como uma posição básica a partir da qual operar”²¹. Em consequência dessa colocação, e na mesma passagem, o autor acrescenta: “a criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é *está vivo*. Pode ser que o impulso esteja em repouso; mas, quando a palavra “fazer” pode ser usada com propriedade, já existe criatividade”²². A seguir, mas ainda no mesmo texto do qual anunciamos um recorte, o psicanalista, articulando criatividade ao “estar vivo” (*being alive*), sublinha: a “criatividade é própria do estar vivo” (*creativity belongs to being alive*)²³. No entanto, para que essa ligação entre criatividade e *estar vivo* (*being alive*) se dê, ela requisita os cuidados do ambiente materno. O bebê “precisa crescer em complexidade e tornar-se um ‘existente’ (*exister*) estabelecido, para que

11 R. Williams, *op. cit.*, p. 123.

12 E.O. Dias, *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*.

13 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 33.

14 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 33.

15 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 20.

16 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 21.

17 Z. Loparic, “Winnicott: uma psicanálise não edipiana”, *Percurso*, n. 17, p. 46.

18 D. Gurfinkel, “Fé perceptiva e experiência de realidade”, *Natureza Humana*, v. 3, n. 1, p. 148.

19 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 161, grifos do autor.

20 D.W. Winnicott, *Tudo começa em casa*, p. 23.

21 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 23.

22 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 23.

23 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 26.



“estar vivo” articula-se
de um tal modo à criatividade,
que a falha ou a inviabilidade da ilusão
de onipotência solapa a possibilidade
mesma do “estar vivo”.

possa experimentar a procura e o encontro de um objeto como um ato criativo²⁴. Ainda na mesma passagem, mas no parágrafo seguinte, Winnicott retoma uma ideia que lhe é cara e que estrutura essa argumentação: é preciso “Ser, antes de Fazer. O Ser tem que se desenvolver antes do Fazer”²⁵.

Em primeiro lugar, para a melhor compreensão dessas passagens, vale ressaltar que a criatividade, para Winnicott, é *fazer*, mas um *fazer* que ganha sentido porque é engendrado pelo *ser*. E isso significa que o bebê humano precisa antes *ser*, para que possa “experimentar a procura e o encontro de um objeto como um ato criativo”, ou seja, “estar vivo” (*being alive*).

Ao trabalhar a noção de origem em Heidegger e Winnicott, Loparic sustenta que, para o psicanalista inglês, a origem do ser humano é pensada a partir do nascimento, e o ser emerge do que a teoria winnicottiana designa como “solidão essencial”. O ser emerge da solidão, sendo o estado que a precede, ainda mais primitivo, denominado estado do não ser. Dessa perspectiva, o nascimento é a emergência do ser a partir do não ser. Para nascer e tornar-se um existente estabelecido (*exister*), o bebê humano precisa de uma mãe-ambiente. Ele precisa de um contato com a mãe, no qual se instala um estado de dependência absoluta: “é no colo materno que o bebê se apropria do ser e passa a se relacionar com a presença como tal”²⁶. Desse ponto de vista, a dependência absoluta, tecida no acolhimento materno, é o primeiro lugar para *ser*; somente sendo nesse lugar, o homem se torna “alguém que se sente real e que é capaz de estar-no-mundo e de se relacionar com outros seres humanos e com as coisas (as primeiras delas sendo brinquedos) de modo criativo”²⁷. No início de tudo está a condição

de *ser*, possível no contato com a mãe que é. Sem isso, o *fazer* não tem sentido.

Mesmo que seja difícil descrever o momento em que o bebê está pronto para ser *criativo*; como escreve Winnicott, na primeira mamada teórica ele já tem uma contribuição a *fazer*. Como sabemos, os cuidados da “mãe suficientemente boa” proporcionam ao bebê “a oportunidade de ter a *ilusão* de que o seio é uma parte dele”²⁸. O seio, assim concedido ao bebê, propicia a *ilusão* de que o órgão é de algum modo criação dele. Há, portanto, uma espécie de “sobreposição” entre aquilo que é oferecido e o que é experimentado: “a mãe coloca o seio real justamente onde o bebê está pronto para criá-lo e o faz no momento exato”²⁹. Da ilusão proporcionada por essa convergência decorre a crença na existência de uma realidade que corresponde à criação do bebê, sem a qual o mundo, inicialmente subjetivo, não ganha sentido. Assim, ao buscar descrever o que se passa nesses momentos, Winnicott destaca: “se a mãe se adapta suficientemente bem, o bebê conclui que o mamilo e o leite são resultados de um gesto produzido pela necessidade ou são consequências de uma ideia que veio montada na crista de uma onda instintiva”³⁰. Esse é um “gesto espontâneo”, um gesto apoiado em uma tensão instintual, ainda não reconhecida como parte dele mesmo, em direção a um “objeto”; ele é feito a partir de uma necessidade “pessoal”, derivada da sua vitalidade, e consiste na sua “contribuição pessoal”³¹. Ao fazê-lo o bebê *está sendo* criativo.

“Estar vivo” articula-se de um tal modo à criatividade, que a falha ou a inviabilidade da ilusão de onipotência solapa a possibilidade mesma do “estar vivo”, impedindo a própria capacidade de viver experiências. Nesse caso, em lugar de “estar vivo”, estabelecendo um contato pessoal com os acontecimentos, o indivíduo está mais ocupado em defender-se dos acontecimentos da vida.

Entre a terra e o mar

Winnicott não deixou de contemplar o encontro de suas ideias com realizações artísticas. Retomando



com o objetivo de pensar
aspectos da experiência cultural,
convidamos o leitor a revisitar um
poema de Carlos Drummond
de Andrade, “O elefante”.

alguns poucos exemplos desse movimento, lembramos de suas observações sobre *Hamlet*, os versos de Tagore e também sobre o pintor Francis Bacon. Sobre Bacon, aliás, o autor sublinha nada saber sobre a vida privada do artista, mas que tem a impressão de que o pintor, ao olhar para rostos, “se esforça dolorosamente para ser visto”³². Com certeza, nenhuma dessas menções remete à interpretação da biografia dos artistas. Ao contrário. Mas se considerado como uma espécie de modelo do lugar designado à arte na arquitetura de seu artigo, o uso dos versos de Tagore expressa a convicção na possibilidade de um certo tipo de confluência entre o fazer artístico e os frutos do trabalho científico criador. Assim, na medida em que expressam faces do ser humano, o olhar e dizer poéticos podem ser colocados (e o são pelo autor) a serviço do conhecimento psicanalítico. Podemos entrever nesse uso o estabelecimento de uma relação complementar, evidentemente entre áreas de natureza distinta, que visa traduzir o caráter essencial do impulso criativo à vida.

Com o objetivo de pensar aspectos da experiência cultural, convidamos o leitor a revisitar um poema de Carlos Drummond de Andrade, “O elefante”. Nele, como veremos a seguir, o poeta “fabrica” seu gesto no mundo e o recria a cada dia. Do nosso ponto de vista, seus versos podem ser lidos como uma tradução da experiência cultural. Lembrando que essa experiência é concebida como um gesto afirmativo do *self* que, na esteira do uso dos objetos transicionais, faz do espaço intermediário sua morada, atualizando

esse uso nos objetos dispostos no mundo. “O elefante”, como bem o define Alcides Villaça, é um poema de “encruzilhada e de síntese”³³ onde todos podemos nos encontrar.

Não se pretende, evidentemente, ensinar uma análise literária e tampouco ensaiar uma tentativa de tradução psicanalítica do poema. Mesmo porque, como nos diz Villaça, em razão da abertura a inúmeras sugestões de leitura às quais remete, ele se torna quase inapreensível. Não se trata, portanto, de alimentar maior pretensão do que a de indicar a hipótese de seus versos de algum modo expressarem o cerne da experiência cultural.

A fabricação de Drummond

Antes de apresentar nossa hipótese de leitura, alinhavamos algumas observações sobre o tecido que compõe “O elefante”. Em primeiro lugar, é um dos poemas do livro *A rosa do povo*, publicado em 1945. Ao tratar do momento que envolve a confecção e publicação dessa obra, o crítico Alfredo Bosi problematiza a própria noção de contexto de uma obra. Ele escreve: “Georg Simmel nos ensinou que pulsa no sujeito que pensa e cria precisamente o desejo de compreender o todo complexo que o rodeia e penetra [...]. Em outras palavras, o contexto que interessa ao intérprete de poesia é o horizonte percebido, sentido e expresso no texto poético”³⁴. Simmel, continua Bosi, utiliza a expressão “cultura subjetiva” para designar e “qualificar o processo de imagens e pensamentos pelo qual o poeta, enquanto pessoa diferenciada, figura e modula as suas representações do real”³⁵. Assim, acompanhando a ressalva feita à ideia de contexto,

24 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 26.

25 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 26.

26 Z. Loparic, “Origem em Heidegger e Winnicott”, *APRENDER – Cader- nos de Filosofia e Psicologia da Educação*, p. 36.

27 Z. Loparic, *op. cit.*, p. 37.

28 D.W. Winnicott, *O brincar...*, p. 29.

29 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 29.

30 D.W. Winnicott, *Natureza Humana*, p. 130.

31 Cf. E.O. Dias, *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*, p. 170.

32 D.W. Winnicott, *O brincar...*, p. 182.

33 A. Villaça, *Passos de Drummond*, p. 58.

34 A. Bosi, *Três leituras: Machado, Drummond, Carpeaux*, p. 37.

35 A. Bosi, *op. cit.*, p. 37.



A Rosa do povo é um livro escrito durante a II Guerra Mundial e apresentado ao público no ano em que finda o conflito, com a vitória das forças aliadas contra o nazifascismo.

tal como tematizada por Bosi, sublinhamos apenas alguns poucos fatos determinantes na construção de *A rosa do povo* e que fazem parte da “cultura subjetiva” que nos interessa.

A rosa do povo é um livro escrito durante a II Guerra Mundial e apresentado ao público no ano em que finda o conflito, com a vitória das forças aliadas contra o nazifascismo. O Brasil entrou na guerra em meados de 1944, e a vitória dos aliados teve forte influência na mudança de regime político em nosso país. Assim, o mundo convulsionado, cenário em que se dá a construção de *A rosa do povo*, é trágico. Vivia-se em meio à II Guerra Mundial e isso em tudo altera o tecido dessa “cultura subjetiva” que constitui o livro como um todo. Em outros termos, o mundo exigia, como em toda situação limite, compromisso audacioso.

“O elefante” permite um sem número de leituras, e Villaça se ocupa de uma de suas faces. Segundo o crítico, a tarefa a que se lança Drummond é afirmativa: “trata-se de converter o regime da franca declaração de princípios, identificados com o solidarismo socialista, numa ação poética efetivamente sustentada na concretude máxima de que são capazes, por exemplo, os símbolos e os mitos”³⁶. Portanto, um poema feito de matéria complexa. O “contexto”, a que se refere Bosi, se impõe em toda sua magnitude. O poeta parece interrogar: o que pode fazer o homem, em sua precariedade?

O elefante

*Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.*

*E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.
[...]*

*E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.*

O primeiro verso instaura o gesto: *fabrico um elefante*. Fabricar significa “produzir (algo) a partir de matérias-primas; manufaturar; executar a construção de; construir, edificar; inventar (algo), forjar, maquinar”³⁷. Assim, fabricar é tanto o ato de transformar matéria em objetos – e, nessa acepção, equivale a produzir, manufaturar ou mesmo construir algo – como também é sinônimo de inventar, forjar ou maquinar algo. Portanto, esse *fabricar* de que nos fala o poeta tem o sentido de produzir algo no mundo, fazendo do sujeito um fabricante, aquele que transforma matéria em objeto, mas também artífice, aquele que cria algo, como quem fabrica versos. Não seria essa a natureza do gesto criativo, próprio à experiência cultural? O fabricante/

artífice, no âmbito da cultura, não seria precisamente aquele que inventa, cria, transforma o que encontra na “tradição herdada”? E assim, nesse fazer, recria o mundo a cada gesto? A vida criativa, como escreve Winnicott, é própria do estar vivo.

Além dessa dimensão, a narrativa do poema parece comprometer-se com o tempo humano, o tempo humano da experiência de dispor criativamente do mundo: fabricar/ produzir/fazer um gesto e lançar-se indefinidamente ao seu recomeço (“fabrico um elefante” e “amanhã recomeço”). Em sua análise desse poema de Drummond, Villaça comenta que “escrever um poema é fabricar um elefante”³⁸. É fazer indefinidamente o gesto criativo que instaura o mundo, primeiramente subjetivo. Entendemos que essa “fabricação” diz respeito à construção do poema e todas as sutilezas próprias à lírica, mas também à criatividade, inerente à experiência cultural no mundo.

Assim, voltemos ao fabricante e seu belo engenho. Esse elefante, segundo a feliz expressão de Villaça, “algo chapliniano”, passeia sua carência, ou precariedade. Ele é feito de material, digamos, próprio ao mundo material ou “mundo compartilhado” – *Um tanto de madeira/ tirado a velhos móveis* –, e outro tanto de algodão e paina, com os quais sua precária estrutura é preenchida. No entanto, tem lugar também um elemento que se aloja entre eles, proveniente do que podemos designar como “mundo subjetivo”, a doçura. Segundo Villaça, esse último ingrediente introduz uma complicação, pois o elefante, mesmo sem perder sua dimensão de precariedade, ganha um “*animus* do criador, que dota seu engenho de inequívoca *personalidade*, como se o sopro íntimo do próprio artesão se insuflasse em meio ao arranjo dos pobres materiais disponíveis, alojando-se entre o algodão e a paina”³⁹. Desse ponto de vista, essa espécie de “sopro íntimo” assemelha-se à criatividade, ou melhor, à natureza do gesto inerente à criatividade, ao viver criativo, sem o qual,

embora não seja de modo
algum uma experiência
garantida, ter uma
vida criativa é
uma necessidade.

segundo Winnicott, não existe o sentimento de estar vivo. Assim, o elefante ganha vida, está vivo, a partir desse *animus* que o constitui. O caráter misto de sua arquitetura traduz, ou ainda, encarna o espaço intermediário em que se dá a experiência cultural e no qual vivemos a vida que vale a pena ser vivida. O elefante carrega em si a matéria híbrida da qual é feito, é a um só tempo a criação que instaura o objeto e o próprio objeto da criação. O poema sobre o elefante pode ser pensado como uma ilustração da natureza própria ao gesto criativo, ao brincar e à experiência cultural. Nele encontramos os elementos que a compõem, o tempo que lhe é próprio, descrevendo o sentido do gesto reiterado indefinidamente na vida daquele que está vivo: *fabrico e amanhã recomeço*.

Por fim

Para todo aquele que se dedica a pensar a contribuição da psicanálise winnicottiana, fica evidente que somente uma vida criativa situa o indivíduo na experiência de que a vida vale a pena ser vivida. Mas, mais do que isso, a vida, nesse sentido, não se restringe a simplesmente existir, ela se define pela experiência de “estar vivo”. Embora não seja de modo algum uma experiência garantida, ter uma vida criativa é uma necessidade. Essa experiência se ancora em determinadas condições, próprias às relações entre o bebê recém-chegado ao mundo e a pessoa que lhe destina cuidados, que dão origem a um espaço designado como potencial ou intermediário, no qual se desenrolam os fenômenos transicionais e, posteriormente, a experiência cultural.

36 A. Villaça, *op. cit.*, p. 60.

37 A. Houaiss, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 865.

38 A. Villaça, *op. cit.*, p. 69.

39 A. Villaça, *op. cit.*, p. 64.

Dessa perspectiva, tanto a noção de criatividade quanto a concepção de vida estão intrinsecamente articuladas à ilusão de onipotência, experimentada pelo bebê, de criar o mundo. A noção de experiência cultural, por sua vez, condensa termos de natureza distinta, mas o sentido, dado o campo que pretende abarcar, permanece amplo o suficiente para permitir sua utilização como extensão da ideia de fenômenos transicionais e do brincar. Também a concepção de vida, ou, como visto, de “estar vivo”, articulada a essa experiência, mantém-se necessariamente aberta e encontra na ideia de criatividade

o aspecto central de seu desenvolvimento. Por criatividade entende-se a manutenção, ao longo da vida, da capacidade de criar o mundo. Assim, a vida é identificada com o que a qualifica de modo essencial, a vida criativa, fruto da experiência de “estar vivo”. Desse ponto de vista, a experiência cultural pode ser traduzida como um modo de *estar* no mundo da vida, vivendo uma experiência viva. E, nesse sentido, o elefante de Drummond parece lembrar-nos das armadilhas e possibilidades inerentes ao viver. De um tal modo, que talvez possamos nos perguntar: o que pode o homem senão *estar vivo*?

Referências bibliográficas

- Ab'Sáber T. (2021). *Winnicott: experiência e paradoxo*. São Paulo: Ubu.
- Andrade C.D. de (2002). A rosa do povo. In *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- ____ (2002). Corpo. In *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Abram J. (2000). *A linguagem de Winnicott. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Bosi A. (2017). *Três leituras: Machado, Drummond, Carpeaux*. São Paulo: Editora 34.
- Dias E.O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gurfinkel D. (2001). Fé perceptiva e experiência de realidade. *Natureza Humana*, v. 3, n. 1, p. 141-73.
- Houaiss A. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lins M.I.A.; Luz R. (1998). *D.W. Winnicott: experiência clínica e experiência estética*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Loparic Z. (1996). Winnicott: uma psicanálise não edipiana. *Percursos*, n. 17, p. 41-47.
- ____ (2008). Origem em Heidegger e Winnicott. *APRENDER – Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação*. Vitória da Conquista, vol. VI, n. II, p. 15-44.
- Villaça A. (2006). *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify.
- Williams R. (2007). *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Trad. S.G. Vasconcelos. São Paulo: Boitempo.
- Winnicott D.W. (2019). *O brincar e a realidade*. Trad. B. Longhi. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1971. Título original: *Playing and reality*. Segundo a classificação de Hjulmand, temas 1971a).
- ____ (1999). *Tudo começa em casa*. Trad. P. Sandler. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986. Título original: *Home is where we start from*. Segundo a classificação de Hjulmand, temas 1986b).
- ____ (1990). *Natureza Humana*. Trad. D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988. Título original: *Human nature*).
- ____ (1994). *Explorações psicanalíticas*. Trad. J.O. de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1989. Título original: *Psychoanalytic explorations*. Segundo a classificação de Hjulmand, temas 1989a).
- Wright K. (2013). The search for form: a Winnicottian theory of artistic creation. In Abram J. (ed.), *Donald Winnicott today*. London: Routledge.

Life and cultural experience in Winnicott's psychoanalysis

Abstract This paper discusses the articulation between the notions of cultural experience and life. In Winnicott's psychoanalysis being alive means more than existing, it means having a creative enjoyment of existence. From this perspective, the cultural experience is thought of as a continuous making in the world, through which “the life worth living” is lived.

Keywords being alive; creativity; cultural experience; life.

Texto recebido: 06/2023

Aprovado: 10/2023

Jorge Broide

Escutar territórios e sujeitos: por uma psicanálise viva

Realização Ana Claudia Patitucci, Bela M. Sister, Cristina Parada Franch, Danielle Melanie Breyton, Deborah Joan de Cardoso, Silvio Hotimsky e Tatiana Inglez-Mazzarella

Jorge Broide é graduado em Psicologia pela PUC-SP, mestre em Psicologia Clínica pela PUCCAMP, doutor em Psicologia Social pela PUC-SP, onde é professor da graduação em Psicologia. É Psicanalista, Analista Institucional, cocoordenador da SUR: Psicanálise e Intervenção Social, coordenador do curso de especialização “Psicanálise nas Situações Sociais Críticas” no COGEAE, da PUC-SP, e professor convidado do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social da USP. Coordena o Projeto Gabriela na Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais na PUC-SP para o desenvolvimento do trabalho com população em situação de rua.

Foi diretor do Centro de Defesa de Direitos Humanos de Osasco na década de 1970, idealizador e um dos organizadores do I e II Encontros de Psicanalistas e Psicólogos Marxistas promovido em parceria com a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana (Cuba), em 1986 e 1988. Ao longo de dez anos foi presidente do Centro Latino-Americano em Saúde Mental.

É autor de vários livros e artigos publicados no Brasil, na Argentina e em Portugal especialmente voltados a diferentes situações sociais críticas, tema central de suas reflexões desde 1976. Entre eles, destacam-se Clínica Psicanalítica na Rua (Juruá, 2022), Psicanálise nas situações sociais críticas, Violência, juventude e periferia: em uma abordagem grupal (Juruá, 2008), e coautor nas obras Butantã: um bairro em movimento. Memória, vida e transformação (Versal, 2013); A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções (Escuta, 2015), População de rua: pesquisa social participativa (Juruá, 2018) e Psicanálise na Cidade (Escuta, 2022). Também é coordenador da Coleção Práxis

Psicanalítica da Juruá Editora e membro da Comissão Científica da Editora Escuta.

O grupo de entrevistas da *Percurso* buscava há tempo dialogar com os trabalhos ligados às clínicas públicas de psicanálise. Há uma longa história que tem sido contada sobre esse tema nos últimos anos, fazendo justiça a inúmeros profissionais e grupos que se debruçaram sobre essas práticas que nos remetem ao diálogo necessário e essencial entre Política e Psicanálise.

Vale destacar, entre outros, a publicação de *Territórios Clínicos – mapeamento realizado pela Fundação Tide Setúbal e do podcast “As clínicas públicas de psicanálise no Brasil”*, que contaram com o apoio da mesma Fundação e da editora *Perspectiva*.

Ao estudarmos essas produções, somadas ao importantíssimo livro *As Clínicas Públicas de Freud* de Elizabeth Ann Danto, em que a autora faz uma extensa pesquisa das relações entre Psicanálise, Políticas Públicas e busca de justiça social, optamos em entrevistar Jorge Broide por conta de sua trajetória de várias décadas nessa área, e da importância de seu trabalho.

Broide relata, em nosso encontro, que iniciou sua trajetória ainda quando era estudante da Faculdade de Psicologia em um estágio na Organização de Auxílio Fraternal (OAF). Jovem estudante de psicologia, judeu e ateu, era conduzido pela Freira Fortunata, que rezava e dirigia uma kombi até o viaduto da Vila Guilherme, onde se encontrariam com moradores de rua para escutá-los. Tratava-se de entrar em um outro mundo que o desafiava e o encantava; o da escuta dos sujeitos que viviam em situações de enorme violência e vulnerabilidade social, privados de direitos básicos da cidadania. Dava-se aí o frutífero encontro entre o futuro psicanalista e os religiosos praticantes da Teologia da Libertação.

Broide se comprometeu profundamente com os trabalhos realizados em torno de

viadutos, praças, prisões, centros comunitários, mas cada vez mais se fez acompanhar pela construção de um conhecimento que se desenvolveu por meio de muito estudo e pesquisa. Entre as várias marcas que influenciaram sua trajetória, destaca-se aqui na entrevista a importante parceria com a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana, onde muitos diálogos puderam ser realizados e que foram determinantes na trajetória do nosso entrevistado.

A partir da constatação da insuficiência do saber psicanalítico para lidar com situações sociais tão complexas, Broide buscou somar aos estudos psicanalíticos saberes advindos da Filosofia, Educação, Geografia, Saúde Pública e Sociologia. Tratou de desenvolver um currículo extenso que une vários campos de conhecimento que, articulados à Psicanálise, viabilizam o trabalho em emergências sociais.

Desenvolveu, em conjunto com Emilia Estivalet Broide, conceitos como *Escuta Territorial* e *Ancoragem* que passaram a compor um verdadeiro campo metodológico onde se sustentam muitos trabalhos que conferem à Psicanálise um outro patamar em sua dimensão ética.

Ao conhecer o trabalho de Elizabeth Ann Danto, Jorge relata ter ficado feliz e aliviado. Sentiu-se herdeiro da convocatória feita por Freud, em 1918, para o desenvolvimento de clínicas públicas. Clínicas essas que se mantiveram até 1938 na chamada *Viena Vermelha*, e em outras cidades da Europa. Lembrou que, por muitos anos, ouviu críticas e desconfianças que apontavam que sua prática não poderia ser considerada dentro do exercício da Psicanálise.

Ao encerrar a entrevista com Broide, pensamos ser exatamente nesse contexto da escuta da dor e do sofrimento humano em sua dimensão mais extrema que a Psicanálise se faz mais profunda e original.

Silvio Hotimsky





Organização de Auxílio Fraterno [OAF]. era uma instituição que trabalhava, e ainda trabalha, com a população em situação de rua.

PERCURSO Gostaríamos que você nos contasse sobre sua aproximação com a psicanálise e sobre sua formação. Como construiu as relações entre a psicanálise e a política?

BROIDE Quando eu estava na faculdade, comecei a trabalhar como voluntário em uma instituição de que até hoje gosto muito, a Organização de Auxílio Fraterno [OAF]. Era uma instituição que trabalhava, e ainda trabalha, com a população em situação de rua. Tenho pensado muito nisso, estou fazendo 70 anos e vamos nos lembrando de coisas.

PERCURSO Em que ano da faculdade você estava?

BROIDE Estava no segundo ano, em 1976. Era um moleque, imaginem vocês! Lembro bem a primeira vez que fomos para a rua, era de noite, embaixo do viaduto da Vila Guilherme. Íamos em uma kombi dirigida pela Fortunata, uma freira nordestina que rezava a Salve Rainha enquanto dirigia. Essa cena é muito interessante, fico pensando nela, dirigindo, rezando, e eu dizendo: “que mundo esse, hein?”

A experiência da rua já tinha me pegado na adolescência, quando li *Capitães de Areia*. Os meninos de rua, a vida na rua, foram algo que me tocou profundamente. Então, comecei como voluntário na OAF e depois fui contratado como gerente do setor de adolescentes de rua. Fiquei um tempo. Não muito, mas fiquei. Trabalhamos com adolescentes e crianças no Largo da Concórdia, no Brás.

Na mesma época, um professor de psicologia social, o Padre Abib Andery, me convidou para trabalhar no Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Osasco. Soube depois que esse tinha sido o segundo centro de defesa de direitos humanos do Brasil. E junto tinha o Padre Agostinho, com quem aprendi muita coisa. Eu, um judeu ateu, aprendi muita coisa com a Igreja, com o pessoal da Teologia da Libertação. Eu e Agostinho começamos a trabalhar na Cadeia Pública de Osasco, fazíamos grupos no pátio da cadeia. Eles nos trancavam, passavam a chave e nos deixavam lá, para vermos o que era bom. Os três primeiros grupos foram coordenados pela Lúcia Wisnik, que faleceu muito jovem, pela Martinha [Marta Azzolini] e por mim. Trabalhávamos ali e na rua também. Do trabalho de rua participavam a Heidi Tabacof, Cristina Magalhães, Manoel Berlinck, entre outros. Depois foi se constituindo uma equipe maior na penitenciária onde estavam o Claudio Wagner, a Fátima Vicente, Cibele Giacone e outros. Eu tinha ficado muito tocado com a questão de como fazer uma clínica na rua naquele tempo, de uma forma muito diferente do que penso hoje. Além do trabalho de rua no Largo e na cadeia de Osasco, tinha o trabalho numa prisão clandestina, onde a polícia escondia e torturava os presos correccionais. A Justiça nos apoiava para entrar lá e retirar crianças, mulheres e homens que estavam presos indevidamente. Montamos também uma central de atendimento. Foi tudo concomitante.

No Centro de Defesa de Direitos Humanos, entrei em contato com os líderes sindicais que estavam saindo da clandestinidade. Havia toda uma articulação, estava começando a fundação do PT. Era o tempo das greves e manifestação dos metalúrgicos do ABC no estádio da Vila Euclides, tudo muito forte. Atendíamos os militantes, mas sobretudo fazíamos a capacitação das populações das favelas contra a violência da Rota [Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar, da Polícia Militar]. Subíamos os morros e íamos trabalhando sobre como deviam se defender, sobre como e quando se identificar, sobre como pedir que os policiais

se identificassem para que soubessem que estavam, de algum modo, sendo controlados. Era um momento em que ainda havia, ali no Centro de Defesa, vários grupos semiclandestinos, todos apoiados pela Teologia da Libertação. Havia os remanescentes da greve da COBRASMA [Companhia Brasileira de Material Ferroviário], de 1968 e outras pessoas que acabei conhecendo e me marcaram muito. Fui entrando num mundo que me tocou profundamente, muito diferente do meu mundo de origem, ali eu via a vida se dar. Brinco que sou um psicanalista freudiano, mas cada vez mais sou um “nelson rodriguiano”, por trabalhar com a vida como ela é, trabalhar nos lugares onde a vida se joga desse jeito. Então, começou assim.

Depois eu segui, fiz muitos outros trabalhos em Osasco, ao longo de décadas, e toda vez que voltava lá, lembrava que tínhamos sido três diretores no Centro de Defesa dos Direitos Humanos, eu tinha 23 anos, e era o mais velho! O outro era o Benedito Mariano, que foi secretário de segurança municipal no governo da Marta Suplicy, ouvidor da polícia, e atualmente secretário de segurança de Diadema. Uma pessoa muito interessante, também vindo do movimento sindical, acho que dos metalúrgicos. E o terceiro era o Emídio de Souza, que depois foi prefeito de Osasco e é deputado estadual.

PERCURSO Desde o início a política esteve presente em seu trabalho, assim como a psicanálise?

BROIDE O conflito social e a psicanálise. Na época, o que tínhamos era aquela rigidez freudiana da IPA, muito, muito forte, e com um enorme distanciamento da realidade. Então, começamos pelo Reich, ele foi a nossa porta de entrada porque trazia a questão política, a experiência de trabalho com os estudantes, com os sindicalistas, com os operários e seu envolvimento, na época, na luta contra o nazismo. Depois, fui reencontrar tudo isso nas clínicas públicas, para as quais o Reich é uma pessoa superimportante. Foi por aí que entrei na psicanálise, uma psicanálise mais ligada ao marxismo.



*o trabalho de um psicanalista
nas políticas públicas
é um campo profissional também
importante. Eu já tinha alguma
ideia dessa articulação via Reich,
mas não tinha isso
organizado na cabeça.*

PERCURSO Você frequentava grupos de estudos? Como era?

BROIDE Na época, frequentei grupos de estudos com o Fábio Landa por um bom tempo; ele coordenava esse grupo que trabalhava em Osasco, e estudávamos juntos. Inclusive, atendíamos no mesmo consultório.

PERCURSO Você costuma dizer que o trabalho da psicanálise não se resume ao consultório. Como as clínicas públicas entraram na sua vida?

BROIDE Foi algo muito interessante. Faço isso há 46 anos. Tenho meu consultório e vou fazendo esses trabalhos, alguns voluntariamente, outros profissionalmente. O trabalho de um psicanalista nas políticas públicas é um campo profissional também importante. Eu já tinha alguma ideia dessa articulação via Reich, mas não tinha isso organizado na cabeça. Quando veio o livro da Elizabeth Ann Danto, foi um marco para mim porque me dei conta de que sou herdeiro de algo importante. Sem saber direito, me constituí como um herdeiro dessas pessoas e do próprio Freud.

PERCURSO Quer dizer, ela nomeia para você o que estava na sua experiência há muitos anos. A publicação desse livro aqui no Brasil foi só em 2019, não?

BROIDE É recente. Até então, o nosso trabalho era tido como algo que escutei milhares de vezes na vida: “Isso não é psicanálise, o que você faz



*temos trabalhado muito
com prefeituras do Brasil afora.
Tem sido muito legal
porque o que nós montamos
é uma capacitação em que trabalhamos
com conteúdos teóricos
e com supervisão de casos.*

é outra coisa”. Eu nunca aceitei. Mas é duro... Então, o livro da Elizabeth Danto ajudou muito no sentido de as pessoas entenderem o papel do Freud, e dos primeiros psicanalistas nessa clínica.

PERCURSO Por que é tão duro não ter seu trabalho reconhecido como psicanálise?

BROIDE É duro porque vivemos um isolamento, uma ausência de interlocução. E, também, muito ataque. Então você tem que sustentar o lugar em que acredita.

PERCURSO É interessante porque, transferencialmente, se experimenta aquilo que se procura escutar e tratar. O analista fica tão invisibilizado quanto o sujeito que está na rua.

BROIDE Exatamente. Era muito difícil. Inclusive, artigos foram muitas vezes recusados para publicação. Lembro uma vez em que fizemos uma mesa com o Paul Singer, em Porto Alegre, falando do trabalho que fazíamos em Catende, na Zona da Mata Sul de Pernambuco. Era uma enorme usina de açúcar que se tornou o maior empreendimento de economia solidária do país, talvez da América Latina. Era também o maior assentamento de reforma agrária do Brasil. Eu fazia esse trabalho através da Secretaria Nacional de Economia Solidária, junto com o Professor Paul Singer e sua equipe. A fazenda e a usina tinham 25.000 hectares e perpassavam cinco cidades com oito vilas e quatro mil famílias. Foi um trabalho incrível!

Não quiseram publicar, disseram que não era clínica. Esse é o isolamento.

PERCURSO Isso impede a ampliação dessa clínica, não é? De ser mais divulgada, mais praticada.

BROIDE É, assim foi. O interessante é que isso está mudando em muitos lugares, tem sido um momento bastante importante. Algumas sociedades de psicanálise têm me chamado, o que é, de alguma forma, surpreendente. Em uma dessas instituições estamos construindo uma clínica social na qual se atende em um abrigo a população trans de rua. Fui convidado por algumas outras instituições para dar cursos e escrever artigos sobre a Psicanálise nas situações sociais críticas. As pessoas querem saber, querem dialogar.

PERCURSO Nessa clínica, vocês trabalham com a urgência e não com uma demanda propriamente dita. Uma urgência que vocês detectam no território através de uma escuta atenta. E você fala de uma escuta territorial. Qual a especificidade dessa escuta?

BROIDE O que geralmente acontece é que os problemas chegam para nós. Nos procuram dizendo que tem um tal problema com a população de rua, com isso ou com aquilo, nos demandam.

PERCURSO Quem demanda?

BROIDE O Estado, o terceiro setor e a iniciativa privada. Temos trabalhado muito com prefeituras do Brasil afora. Tem sido muito legal porque o que nós montamos é uma capacitação em que trabalhamos com conteúdos teóricos e com supervisão de casos. Geralmente no SUS [Sistema Único da Saúde] e no SUAS [Sistema Único de Assistência Social]. Acho que já capacitamos umas duas ou três mil pessoas, trabalhadores que estão na trincheira, como dizemos. Eles não têm que ser psicanalistas, mas a compreensão de alguns conceitos da psicanálise muda completamente o trabalho deles. Por exemplo, quando esse trabalhador entende o conceito de transferência, ou seja, que aquilo que está acontecendo ali é o sujeito que está falando com a própria história, e não



com ele, não o está atacando. Isso muda completamente o jeito de o atendimento acontecer, ou a forma como se dão as relações no território.

PERCURSO Como você trabalha, com quem?

BROIDE Fundamentalmente a Emília [Broide] e eu. Temos uma pequena firma para emitir nota fiscal a que demos o nome de “Sur”, sul em espanhol. Aí começaram a vir todos esses trabalhos que fazemos pela “Sur”. Com esses trabalhos, constituímos um grupo grande de jovens. Hoje em dia são uns 30 jovens que fazem clínica em lugares muito complicados.

PERCURSO Jovens estudantes de faculdade?

BROIDE São estudantes da PUC. Outros recém-formados. Vejo que aquela experiência que tive quando ainda estava na faculdade está no âmago da minha prática. Incrível, porque agora é uma molecada de 22, 23 anos, atendendo população de rua, em situações difícilimas, na República, na Zona Leste, em parceria com a Fundação Tide Setúbal, onde eles têm o galpão, e na Zona Sul. Atendem em diferentes tipos de trabalhos. E nós trabalhamos a partir da escuta territorial. O que é a escuta territorial? Partimos do princípio, sendo psicanalistas, de que existe uma série de laços conscientes e inconscientes entre as pessoas no território da cidade, e que os laços inconscientes vão constituindo uma materialidade muito importante. Por exemplo, se o cara está vendendo cachorro-quente em um carrinho, toda a vida dele está jogada naqueles dois metros quadrados. É ali que ele vive, que conhece a vida, que sustenta a família. Tudo aquilo que importa de alguma maneira está ali, onde se joga de alguma forma. São esses laços que escutamos, as relações inconscientes que estão nas calçadas, nas ruas, nos comerciantes. E fazemos isso escutando mesmo: “Oi, boa tarde. Como é que estão as coisas aqui?”. Vamos falando e escutamos na escuta clínica, usando os quatro conceitos do Lacan. Escutamos a transferência, a pulsão, o inconsciente e a repetição. E as pessoas falam, falam de verdade o que acontece ali. Geralmente,

*sempre uso uma imagem
que é como se descêssemos
de um elevador, parando abaixo
da calçada, e aí vemos
um mundo gigantesco de relações
e de questões que afetam
profundamente a vida das pessoas.*

quando andamos nas calçadas, andamos cegos, completamente cegos...

PERCURSO Como assim?

BROIDE Você só vê a aparência da aparência. Não vê todos os laços que estão presentes, pulsantes. A vida das pessoas está em jogo na cidade, como a nossa vida está em jogo aqui. Sempre uso uma imagem que é como se descêssemos de um elevador, parando abaixo da calçada, e aí vemos um mundo gigantesco de relações e de questões que afetam profundamente a vida das pessoas. E com a escuta, vamos identificando os principais emergentes e significantes do território. Emergentes, em uma linguagem pichoniana, e significantes, na linguagem lacaniana. O que é que pulsa nesse território? A partir desses significantes, nós vamos construir os dispositivos clínicos. Consideramos que o consultório é um dispositivo clínico, mas podemos e devemos construir outros dispositivos clínicos de acordo com a emergência social, com aquilo que de fato está afetando a vida das pessoas naquele lugar. Usamos um certo arcabouço interdisciplinar, mas é de acordo com os significantes que vamos montando os dispositivos.

PERCURSO Você poderia dar um exemplo?

BROIDE Antes da pandemia, uma instituição que fica no Jabaquara nos pediu para fazer um atendimento clínico. Essa instituição é cercada por favelas e tem um setor que atende adolescentes



pensamos num projeto que chamamos de “Filas e Portas”. A porta da creche é o lugar onde o território está completamente pulsante.

As pessoas vão buscar as crianças, se encontram [...] E a nossa equipe está ali na porta também. E as pessoas começam a falar, falar, falar.

em conflito com a lei. Nós começamos o trabalho e fomos escutando as pessoas do território. Chegamos a três significantes principais: o estresse, a depressão e o cuidado com as crianças. Era aquilo que preocupava as pessoas.

PERCURSO Quem vocês escutaram? As pessoas que trabalhavam na instituição, os usuários?

BROIDE Os funcionários da instituição e as pessoas da comunidade. Quem atendia e quem era atendido. Fomos fazer visitas domiciliares na favela, nas casas dos adolescentes em conflito com a lei. E chegamos a aqueles três significantes. Quando iríamos começar o atendimento, a sala estava pronta, todo mundo feliz com uma salinha para atender, algo comportadíssimo, acontece a pandemia! Nós falamos: “Não, não vamos recuar”. E o que fizemos? Anotamos os números de WhatsApp de todas as pessoas atendidas pela instituição, as que estavam lá no meio da favela, as que estavam na distribuição das cestas básicas, e mandamos um link com o seguinte dizer: “Se você está deprimido, se você está estressado, se está preocupado com as crianças, nós estamos constituindo um serviço de atendimento psicológico gratuito. Entre em tal link, caso queira”. Uma coisa de uma simplicidade total. Aí foi interessantíssimo. Entramos em lugares onde nunca entraríamos. Era a mulher que ligava lá do barraco contando o que estava acontecendo... Não teríamos acesso a essas pessoas se não fosse dessa maneira.

Então, sempre escutamos o território com essa metodologia e, a partir daí, vamos construindo um dispositivo. Fizemos isso também na Zona Leste, onde trabalhamos com a Fundação Tide Setúbal. Atendemos grupos de mulheres e, como elas vêm com os filhos, atendemos grupos de crianças, grupos nas escolas. E estamos desenvolvendo também um projeto de que gosto muito. Com o trabalho na instituição do Jabaquara, descobrimos, ali do lado, um lugar que se chama Fila do Pão, onde há 30 anos se distribui pão e legumes para os famintos. Então, a nossa equipe passou a ir para lá, às 7 horas da manhã nas sextas-feiras: “Bom dia, dona Maria”. “Bom dia! Ó, chegaram os psicólogos!”. E assim as pessoas vão falando, falando, às vezes fazemos um encaminhamento, mas principalmente escutamos. Vimos que a fila e a porta constituem um espaço clínico com uma potência gigantesca, tanto é que pensamos num projeto que chamamos de “Filas e Portas”. Lá na Zona Leste tem uma creche, uma CEMEI [Centro Municipal de Educação Infantil] e, imagina, a porta da creche é o lugar onde o território está completamente pulsante. As pessoas vão buscar as crianças, se encontram, conversam, é onde surge tudo. E a nossa equipe está ali na porta também. E as pessoas começam a falar, falar, falar. A partir do território vamos montando diferentes dispositivos.

PERCURSO Quer dizer, de uma emergência se cria uma demanda e se monta um dispositivo clínico.

BROIDE Isso. E, muitas vezes, o dispositivo é interdisciplinar.

PERCURSO Por que é importante o dispositivo ser interdisciplinar ou multidisciplinar?

BROIDE Porque a cidade é muito complexa. Só a psicanálise não dá conta de trabalhar nesse território, de jeito nenhum. Um outro trabalho que estamos fazendo é no centro da cidade, na República, com a população de rua e com os catadores avulsos. E aqui estamos conseguindo reunir diferentes setores, que é o que tenho falado há muito



tempo: para as questões graves de política pública não é possível trabalhar sem uma aliança e uma articulação entre o poder público, setor privado e o terceiro setor. Sem isso, não vai acontecer nada. Ali, de alguma maneira, nós estamos conseguindo. Tem um prédio muito interessante, o antigo prédio da Telefônica, na Rua 7 de Abril, onde está sendo feito um retrofit enorme. E a empresa nos contratou para fazer um trabalho ao redor, naquele quadrilátero, na rua Basílio da Gama, República, com as pessoas que ficam ali. Vamos trabalhando a necessidade de se ter um atendimento à população de rua, e desse atendimento faz parte a construção de redes, o acompanhamento da população aonde quer que ela vá. O trabalho não é só com a população na rua: se uma pessoa se interna, nós vamos juntos; se ela vai ver a família, vamos juntos...

PERCURSO Tem um acompanhamento.

BROIDE Tem um acompanhamento em todos os laços que a pessoa vai fazendo. Estamos construindo uma parceria com a Metaforma, que é essa empresa; com a BASE, e procurando outros parceiros. Esse trabalho se dá no âmbito da PUC-SP, na Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais [CEDEPE], um órgão ligado diretamente à Reitoria, o que nos ajuda muito na sustentação institucional e na produção de conhecimento.

PERCURSO Quantas pessoas são mobilizadas em um trabalho desses?

BROIDE No trabalho na Zona Sul e na Zona Leste, são quinze pessoas. A Emília e eu coordenamos. No Centro, com a população de rua, mais quinze, todos estudantes da PUC-SP e também alguns que foram se formando. Eu faço a coordenação e supervisão, e a Camila Ribeiro Leite, que foi minha aluna e se formou há uns dez anos, faz toda a supervisão do trabalho de campo. Nesse trabalho, temos que apresentar o orçamento para um engenheiro e ele pede uma linguagem com que nós não estamos acostumados, temos que nos desdobrar para descobrir. Ele diz: "Eu não posso apresentar esse projeto do jeito que está para os

esse trabalho se dá no âmbito da PUC-SP, na Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais [CEDEPE], um órgão ligado diretamente à Reitoria.

meus financiadores. Eles não vão participar." Isso exige de nós todo um trabalho de estruturação, o que é diferente do trabalho de campo, onde nos viramos muito bem.

PERCURSO O orçamento que vocês têm é para essa mobilidade da equipe, para a remuneração das pessoas e dos coordenadores também?

BROIDE Para todos. Pensamos que todos têm que ser remunerados. Grande parte do trabalho, porém, ainda é voluntário. Agora, eles dão um dinheiro que ajuda a manter o trabalho de pé. No caso da Zona Leste, a Fundação Tide Setúbal está remunerando através de um edital do qual participamos. Na Zona Sul, não. Nós estamos sempre em busca de recursos. O fato de o trabalho do Centro ser respaldado pela PUC é muito legal.

Tem uma história interessante nisso: aconteceu um problema com a população de rua que invadiu uma casa na frente da PUC. A reitora me chamou para ver como podíamos resolver a situação. Fizemos um grupo pequeno e ajudamos bastante. E então ela me disse: "Jorge, eu acho que a PUC tem que ser como a Poli, que tem na engenharia, a tecnologia construtiva. Nós não podemos competir com a Poli nisso, mas na metodologia e no trabalho social, sim. Vamos fazer aqui um lugar de desenvolvimento, de metodologia e de trabalho social com a população em situação de rua". Estamos agora nessa construção. E, através da PUC, pedimos financiamento.



*se você não souber onde
vai cada prego e a que preço,
você não pode começar a construção.
Mas a nossa metodologia é diferente.
Nós precisamos ir escutando,
e a escuta vai levando para
diferentes lugares e
diferentes dispositivos”.*

PERCURSO Eles têm um setor que ajuda a estruturar um projeto para conseguir financiamento?

BROIDE Sim, estão nos ajudando enormemente. Nós ficamos alocados na CEDEPE [Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais], um centro de estudos especiais que presta serviços para a comunidade. Eles têm uma equipe para fazer os projetos e estamos trabalhando com eles. A linguagem de projetos é muito específica, muito difícil para nós, e temos que aprender. A exigência é muito grande. É preciso ter um plano com um objetivo geral e objetivos específicos bem claros. O número de pessoas, o que cada uma vai fazer, o custo de cada um.

PERCURSO Fico imaginando como se delimitam as horas de trabalho num atendimento como esse que vocês fazem na cidade. Às vezes é preciso ficar um pouco mais, um pouco menos. Vocês têm um horário de entrada e de saída?

BROIDE Temos uma noção. Por exemplo, o pessoal vai para o campo terça, quarta e sexta. Três períodos no Centro. Na Zona Leste vão em dois períodos.

PERCURSO Tarde ou manhã...

BROIDE Isso, contamos assim. Agora, aquele trabalho não é só com a engenharia, é em qualquer projeto, qualquer licitação, qualquer edital. E depois tem que ter indicadores de resultado. Como você avalia o que você fez? Se deu certo, se não deu certo. Por que deu certo, por que não?

PERCURSO Mas os engenheiros topam aprender com vocês também?

BROIDE Topam. No projeto do Centro, estamos há um ano com eles, que aplicam o ESG [Environmental, Social and Governance]¹. Estamos também com o pessoal do ESG da BASE.

Em uma conversa que tive com um engenheiro há uns quinze dias atrás, eu falava: “Não aguento mais, cara... Já fizemos umas 40 vezes isso aqui!”. Ele respondeu: “Eu preciso saber o que vai acontecer”. “Ok, eu entendi, mas você precisa me entender. Quando você vai construir um prédio, antes de começar você precisa saber quantos pregos, a que preço e em que lugar você vai colocar. Se você não souber onde vai cada prego e a que preço, você não pode começar a construção. Mas a nossa metodologia é diferente. Nós precisamos ir escutando, e a escuta vai levando para diferentes lugares e diferentes dispositivos”. No final, foi uma conversa muito interessante.

PERCURSO Em um dos seus textos, nos chamou atenção você falar da presença de um jornalista na equipe. Ficamos nos perguntando: qual seria a função dele?

BROIDE Foi ótimo, porque selecionamos o que o território pede mesmo, o que o dispositivo pede. No caso dos jornalistas, foi com o grupo Ponte Jornalismo, que trabalha com a questão da segurança pública e dos direitos humanos. Eles são ótimos. Nós fizemos uma pesquisa sobre a população de rua, para a Secretaria Municipal de Direitos Humanos, no Governo Haddad, com o objetivo de subsidiar o Plano Municipal para a população em situação de rua na cidade de São Paulo. A ideia era que os dez pesquisadores fossem pessoas que haviam estado ou estavam em situação de rua. Era preciso formar esses

¹ Em português, *Índice Ambiental, Social e Governança*. Diz respeito à integração da geração de valor econômico à preocupação com as questões ambientais, sociais e de governança corporativas por parte das empresas.



pesquisadores para que fossem para a rua, e mudasse o foco deles: não mais fazer denúncia nem falar deles, mas escutar o outro. Muda completamente o foco. Trabalhamos intensamente com eles. Durante três ou quatro meses, não fomos para rua, fizemos um grupo terapêutico, a Emília e eu, com eles dez. Havia também um outro grupo, com dois psicólogos mais jovens, que faziam um grupo de campo e pensavam aonde ir, como ir etc. E um terceiro grupo, com o pessoal do Ponte, que propunha perguntas: como é olhar para a cidade? Como é a cidade? Como são a escrita e a leitura? Eles jogavam um monte de livros ali no chão e o pessoal ia pegando, desde literatura de cordel até outras coisas, e iam discutindo, escrevendo, contando o que tinham visto, como registrar isso. Esse trabalho foi muito legal, muito interessante mesmo.

PERCURSO Esse foi um trabalho específico com os jornalistas?

BROIDE Isso, convidamos o pessoal do Ponte pela experiência que eles têm com esse tipo de coisa. Fazíamos reuniões semanais, para pensar o que tinha ocorrido na semana inteira. Acompanhá-vamos milimetricamente o que estava acontecendo. E o pessoal do Ponte participava das análises, das visitas, das conversas, das escutas. O saber do jornalismo agregou muito.

PERCURSO Nesses dispositivos, o que vocês devolvem para a população? Vocês escutam, e depois?

BROIDE Escutamos na transferência e vão surgindo as questões mais importantes da vida e da urgência da vida. Com isso, vem a questão da elaboração dessa situação, de poder falar disso, e a partir dessa escuta entender o que é necessário para aquele sujeito. E, assim, formar uma rede de sustentação. A nossa equipe tem que fazer uma rede quente, como dizemos, com os serviços do lugar. Rede quente é rede mesmo, não é telefonar: “Oi, tudo bem, vou te mandar...”. Não!

PERCURSO Ir junto, mobilizar para entender o que está acontecendo.

em geral, quando um trabalho é feito, e muitas vezes se faz um bom trabalho, quando a pessoa sai dali, acabou. Para nós, não! Nós já entendemos que é outra coisa. Ele sai e nós vamos junto. Ele vai para a casa da família, nós vamos junto.

BROIDE Isso. Ir lá quebrar o pau com o cara da UBS [Unidade Básica de Saúde] que diz para a pessoa que não pode entrar com seu cachorro. E aí tem que se entranhar na cidade, nas relações pulsantes que estão presentes com uma materialidade impressionante. Muitas vezes não vemos, mas que tem uma materialidade, isso tem. A construção de redes que possam criar laços de sustentação para essa dor, para isso que o pessoal está vivendo. E laços de acompanhamento para onde eles vão.

O que é que se faz num trabalho de rua? Em geral, quando um trabalho é feito, e muitas vezes se faz um bom trabalho, quando a pessoa sai dali, acabou. Para nós, não! Nós já entendemos que é outra coisa. Ele sai e nós vamos junto. Ele vai para a casa da família, nós vamos junto. Vamos escutar a família, damos o nosso telefone para a mãe ligar, para eles se falarem. Se ele for internado, vamos visitar. Se for preso, vamos tratar de visitar também. O trabalho vai na direção da construção de uma rede. Todos nós temos redes, redes de classe social, e não nos damos conta do tamanho e da importância que elas têm. E o outro, despossuído dessa rede, está sempre diante do abismo. E é nesse abismo que temos que trabalhar.

Em nosso grupo, fazemos questão de trabalhar com o material clínico que é trazido, processamos esse material através de uma metodologia qualitativa de pesquisa. Isso permite que façamos uma generalização do que está ocorrendo ali para espaços maiores. Vemos os significantes



esse é um trabalho de longo prazo, que inclui a questão da miséria absoluta no Centro, procurando saídas, encontrando caminhos que pressupõem espaços de projetos de vida, de profissionalização. Trabalhamos com um conceito, o PIA [Plano Individual de Atendimento], que é do SUAS.

na metodologia rigorosa de pesquisa qualitativa, que se transformam em indicadores: aparece um aqui, aparece lá, como em um sonho. Aparece de diferentes maneiras, mas o conflito está posto. E vemos a repetição dos significantes através de crônicas. A crônica é um escrito que cada pessoa faz a partir da sua transferência ou contratransferência no atendimento. Depois do atendimento, ela escreve sob a forma de crônica: “Senti isso, pensei aquilo. Lembrei tal poesia...”. Tem gente que desenha. Quanto mais autêntico for, quanto mais estiver falando seu próprio discurso, melhor a crônica. É muito legal trabalhar com crônica porque ela te coloca na cena: você lê e a entende, se sente nela. Então, dessas crônicas levantamos os significantes, construímos indicadores que, depois, são processados para construirmos categorias de análise. Sempre a partir dos dados clínicos. Quando fazemos isso podemos dialogar com as políticas públicas. Estamos falando de generalizações consistentes com a política pública, com os empresários, com a universidade.

PERCURSO Para promover ações?

BROIDE Sim. É todo um processo. Tem a escuta territorial e a construção de um dispositivo. Na escuta territorial já tem crônicas. A pessoa vai escrevendo o que vai vendo da cidade. Depois tem o processamento desse material. Para mim, isso é muito importante para a psicanálise poder dialogar com o mundo de um outro jeito.

PERCURSO E quando vocês consideram finalizado o trabalho? Como se encerra?

BROIDE Estamos pensando, por exemplo, em dar continuidade ao trabalho do Centro. O prédio vai acabar, mas a ideia é buscar outros financiadores. Estamos pensando na PUC como uma interlocutora importantíssima para o desenvolvimento de políticas públicas. O que está sendo feito no centro da cidade é um desastre, um verdadeiro desastre!

PERCURSO Quando você fala em dialogar com as políticas públicas, se refere a um vínculo com o Estado? Como se dá essa conversa com o Estado?

BROIDE Tem vezes que dá para conversar e tem vezes que não dá. Atualmente está difícil. Mas o que pretendemos é o debate. Outro dia, o Tarcísio [de Freitas, governador de São Paulo] estava dando uma entrevista no Jornal Nacional e Globo News falando sobre a Cracolândia. Na mesma matéria me entrevistaram e eu disse algo bem diferente. Foi ótimo, porque é o ponto de vista de uma outra pessoa falando sobre aquilo que está ocorrendo no centro, e é importante que a psicanálise participe no debate sobre a vida na cidade. Esse é um trabalho de longo prazo, que inclui a questão da miséria absoluta no Centro, procurando saídas, encontrando caminhos que pressupõem espaços de projetos de vida, de profissionalização. Trabalhamos com um conceito, o PIA [Plano Individual de Atendimento], que é do SUAS. A partir da escuta do inconsciente deles, é que podemos descobrir caminhos. Temos que ir construindo com eles. Usamos, também, outro conceito, que para nós é importante. É o conceito das ancoragens, que inventamos, eu e Emília, desenhando em um guardanapo de bar.

Quando se atende pessoas em situações sociais críticas, muitas vezes não dá para entender como é que elas ainda estão vivas! Fomos entendendo que, se a pessoa está viva, é porque existem alguns fios invisíveis que a amarram à vida. Ela não sabe quais são, e nós também não. Na escuta, na transferência, é que vamos começar a entender e descobrir esses laços, esses fios que amarram a



pessoa à vida. A partir da escuta desses fios é que vamos vendo onde é importante amarrá-los para a sustentação daquele sujeito. Amarramos nesses fios que são as ancoragens. A equipe tem como radar exatamente as ancoragens do sujeito, ou seja, os fios que o amarram à vida. Seguir esses fios nos interessa quando fazemos o acompanhamento. Eles também são o nosso radar no território. Porque uma coisa é andar no território de qualquer jeito, o que é perigoso e infrutífero. Outra coisa é ir em busca de uma ancoragem para entrarmos por ela. Por exemplo, um garoto pode contar que lá na comunidade dele tem a mãe, mas tem também a dona Maria: “Ela é legal, gosta de mim desde pequenininho”. “Ah é? Então conta da dona Maria”. Ele começa a contar da Dona Maria e vemos que pulsa. Aí vamos até o território falar com ela. Como é que pulsa? A dona Maria olha para ele e diz: “Tomou banho hoje, hein, menino!? Tá bonito!”

*quando essa pessoa fala
enquanto sujeito, ela sai
da invisibilidade.
É uma experiência inaudita
para ela porque ninguém,
ou muito pouca gente,
a escutou na vida.*

experiência de ser sujeito, de poder falar de verdade daquilo que lhe acontece. Para nós, isso é muito importante. É a partir disso que são construídos esses laços, esses vínculos, as ancoragens, as visitas, a busca de sentido.

PERCURSO É com essa escuta para onde tem cuidado de vida, para onde o fio vai se tecendo e tornando uma rede mais sólida para sustentar a vida, que vocês vão treinando a equipe?

BROIDE Exatamente, onde tem pulsação de vida. E, de novo, com a ideia do interdisciplinar: nossa equipe do Centro agora tem um geógrafo, doutor em geografia, na obra de Milton Santos.

PERCURSO É curioso como esse trabalho não era reconhecido como psicanálise. Porque o que vocês fazem é retomar os estudos sobre a histeria, quando Freud diz que a questão não é ver, é escutar. Quando se escuta, se vê outra coisa e, naquele momento, o inconsciente recalcado. O que vocês fazem é isso, só que transformado a partir da virada de 1920, ou seja, tornando também o inconsciente pulsional, não só o recalcado, em algo que ganha visibilidade e então pode ser tratado.

BROIDE Sim, é isso.

PERCURSO É através da escuta e do reconhecimento que ela faz que se dá a visibilidade.

BROIDE Isso, sai da invisibilidade. Nós dizemos que não ouvimos pessoas, nós escutamos sujeitos. Quando essa pessoa fala enquanto sujeito, ela sai da invisibilidade. É uma experiência inaudita para ela porque ninguém, ou muito pouca gente, a escutou na vida. O fato de ela se sentir escutada, de contar sua história, de ter um olhar, um desejo de vida para ela, se contrapõe a todo olhar de desejo de morte até então. Se sentir um sujeito falando sobre sua vida traz visibilidade para a pessoa e provoca um impacto. Quando me perguntam: “Mas quantas pessoas saíram da rua?”. Eu não sei. Muitas morreram. Mas é uma outra morte, porque a pessoa saiu da invisibilidade. Ela teve a

PERCURSO Você poderia nos contar como pensa a questão da temporalidade das pessoas que estão em situação de rua?

BROIDE Penso que nós, eu também, vivemos num outro mundo, estamos fora desse país! Quando a pessoa vai para a rua não é por *uma* ruptura, é a *última* ruptura. Ela teve muitas rupturas e é a última que dá o salto qualitativo. Na rua, ela muda o psiquismo, porque se antes tinha que fazer laços com diferentes lugares, comunidade, escola, família, na rua se junta tudo naquele espaço urbano. É ali que ela aprende, que tem a vida erótica, a vida afetiva, ganha dinheiro. É tudo no mesmo lugar.



são centenas de milhões de reais que já foram jogados fora por não entenderem isso. Como o que costumamos escutar: “A gente tira o cara da rua e ele volta!”. Claro que volta, não adianta, porque tudo que é importante para ele está ali. Se não fizer um processo de elaboração, ele vai voltar.

Isso faz com que ela tenha uma regressão *semelhante* ao bebê com a mãe: a rua vira uma mãe, que aparentemente tem tudo. E tudo está ali, mesmo. Entendemos isso há muitos anos, e isso muda completamente o trabalho com a política pública. São centenas de milhões de reais que já foram jogados fora por não entenderem isso. Como o que costumamos escutar: “A gente tira o cara da rua e ele volta!”. Claro que volta, não adianta, porque tudo que é importante para ele está ali. Se não fizer um processo de elaboração, ele vai voltar.

PERCURSO Ou ele vai morrer.

BROIDE Sim, ou ele vai morrer. Bilhões de reais são gastos fazendo esse tipo de bobagem. E nós, a partir do saber da psicanálise e da escuta clínica, podemos dizer para o gestor: “Não, assim não vai funcionar”. Quando fazemos a capacitação das pessoas que trabalham com a população de rua, e elas entendem isso, muda muito o trabalho delas. É o que a psicanálise vem fazendo no mundo.

Voltando à pergunta de vocês, quando a pessoa sofre o processo de ir morar na rua, acontece

uma mudança na sua noção de espaço e de tempo, principalmente depois de seis meses. Até então a pessoa ainda está lutando. Depois, desanda. Seis meses é um marco. Tanto que se perguntamos a alguém: “Há quanto tempo você está na rua?”, ele pode responder: “Dois anos”. Se fizermos a mesma pergunta no dia seguinte, “Um ano”. E no outro dia, “Quatro anos”. Aí você pensa: “Esse cara está mentindo”. Então perguntamos: “O que que aconteceu? Como é isso?”. Ele vai dizer: “Desde que a minha mãe morreu”, “desde que a minha mulher me mandou embora de casa”. O tempo vai sendo marcado pelas perdas.

PERCURSO A rua, em geral, é um lugar mais ou menos constante na vida de alguém que mora nela? Ou pode ser qualquer lugar?

BROIDE Ele vai aonde circulam o dinheiro, a comida, as coisas. O comerciante que dá água, que dá comida. Isso é muito importante.

PERCURSO Em geral, as pessoas ficam na mesma região, no mesmo perímetro, durante os dois, três anos ou quatro anos?

BROIDE A vida inteira. Atendemos pessoas na República que estão morando naquela região há quarenta anos, desde os oito anos de idade! Pode mudar um quarteirão para lá, outro para cá. É muito importante pensar em como resolver a questão da moradia. Existem programas, como o Casa ou o Moradia Primeiro, *Housing First*². Mas não dá para fazer isso sem esse acompanhamento.

PERCURSO Como você vê a política pública atual?

BROIDE O Centro está vivendo uma ocupação militar, com bases da polícia em lugares estratégicos e muita repressão. Não vai funcionar. Eles estão fazendo a mesma coisa que o [João] Dória tentou fazer, que todos eles já tentaram, só que agora dizem: “Nós vamos ocupar o lugar militarmente”.

PERCURSO Isso é o Estado junto com a Prefeitura?

BROIDE Os dois. Quando atacam a Cracolândia, por exemplo, eles não entendem que o Centro

2 O projeto *Moradia Primeiro* do Governo Federal, baseado no modelo *Housing First*, parte do princípio do acesso imediato de uma pessoa em situação crônica de rua (mais de cinco anos na rua, uso abusivo de álcool e outras drogas e com transtorno mental) a uma moradia segura, individual, dispersa no território do município e integrada à comunidade. Ao entrar no projeto a pessoa passa a ser acompanhada por equipe flexível, composta por profissionais de diferentes áreas de modo a responder às demandas apresentadas pela pessoa de forma a apoiá-la a permanecer na moradia.

é constituído por estruturas de relações que se movimentam pela cidade. Outra questão muito grave é a do sistema prisional. Aproximadamente, mais de 50% da população em situação de rua é oriunda do sistema prisional.

PERCURSO Esses dados são recentes?

BROIDE São de agora. Como aumentou muito o sistema prisional, hoje em dia são 800 mil presos com, no mínimo, cinco pessoas relacionadas a cada um deles. O Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, atrás dos Estados Unidos e da China. É muita gente envolvida nisso. Não faz muito tempo, descobrimos que existe uma multa que a pessoa que sai da prisão tem que pagar. Descobrimos isso fazendo um trabalho com os servidores do SUAS, em Santos. Certo dia, um deles comentou que um homem tinha voltado para a prisão porque não tinha pagado a multa. Me surpreendi: “Como!? Que multa?”.

PERCURSO Nós descobrimos isso lendo os seus textos. É impressionante!

BROIDE Pouca gente sabe disso. É muito sério. É um crime de Estado terrível. Fui atrás para entender isso. Falei com um, falei com outro, até que cheguei a um juiz amigo, e perguntei: “Que multa penal é essa?”. Ele tentou desconversar, insistiu e ele disse para eu procurar um colega dele que sabia disso. Eu fui, e ele me mostrou, no código penal, a pena para tráfico e para crime contra o patrimônio: tanto tempo de reclusão, mais uma multa. Ele me explicou que essa multa se divide em duas: uma é a multa fiscal, que nenhum de nós vai ser preso por multa fiscal, e a outra é uma multa penal. Se a pessoa não paga, não cumpriu toda a sua pena, e se não cumpriu toda a sua pena ela não pode tirar carteira de trabalho.

PERCURSO É kafkiano, não tem saída!

BROIDE Não tem saída. O poder judiciário não sabe a violência que joga na cidade todos os dias por conta disso.

PERCURSO Isso está na constituição?



assim como a Cracolândia, o sistema prisional é uma estrutura que navega profundamente pela cidade.

Descobrimos isso escutando as entranhas da cidade. Pouco a pouco vimos as relações entre as pessoas mudarem e se constituírem através do código do sistema penal.

BROIDE Está no código penal. A pessoa sai do presídio sem nada, só com a roupa do corpo, e com uma multa, ao redor de sete mil reais, que ela nem sabia que existia. Geralmente é isso que ela tem que pagar para ressarcir o Estado por sua estadia. Se não paga, não recupera seus documentos. E daí vai para a rua.

PERCURSO É por isso que tem essa porcentagem alta de 50%, estão todos na rua.

BROIDE Eles não têm alternativa. Isso estabelece uma dinâmica muito forte. Assim como a Cracolândia, o sistema prisional é uma estrutura que navega profundamente pela cidade. Descobrimos isso escutando as entranhas da cidade. Pouco a pouco fomos vendo o jeito de falar, as gírias, as relações entre as pessoas mudarem e se constituírem através do código do sistema penal. As relações com os sistemas de atendimentos também mudaram, porque o sistema penal passou a ser trazido na transferência. Querem dominar o espaço, trazem a ética e a forma de controle do sistema penal. Mesmo que não saibamos, o sistema penal está navegando pela cidade. Quando você está no carro, o cara vem, levanta a camisa e dá a volta em si mesmo, vocês já devem ter visto isso, ele está dizendo: “Eu não estou armado”. Isso tem a ver com o sistema penal.

PERCURSO Você associa o sistema penal ao crime organizado, ou não obrigatoriamente?



Milton Santos é um dos grandes intelectuais brasileiros.

Tinha que ser mais lido por nós, porque ele sabe o que está falando sobre território; e quando fala de globalização, ele tem uma imagem muito boa.

BROIDE Sim, muito, mas essas pessoas que estão na rua, de alguma forma, são o dejetivo do dejetivo. São os corpos matáveis de que fala Agamben, que não valem nem o sacrifício dos deuses. São essas pessoas que vão para a Cracolândia e vão se deteriorando.

PERCURSO Em diferentes textos, você cita Milton Santos dizendo que a globalização perversa levaria os indivíduos a um estado de invisibilidade, e que a clínica pública vai facilitar reconexões e uma possível reterritorialização. Você poderia falar um pouco sobre essa ideia?

BROIDE Milton Santos é um dos grandes intelectuais brasileiros. Tinha que ser mais lido por nós, porque ele sabe o que está falando sobre território; e quando fala de globalização, ele tem uma imagem muito boa. Ele diz que os pontos do capital estão em rede nos países centrais, eles entram no território, fragmentam o território e transformam aquilo que é comunicação em informação. Sempre dou o exemplo do Jornal Nacional. Nós assistimos, e quando termina pensamos “o que foi que se falou mesmo?”. É muita informação e não tem nenhuma comunicação. E é no território que os produtos do capital vão se infiltrando. Então, a invisibilidade que o moleque sente é tão profunda, que no imaginário dele, se ele tiver o boné da Nike, vai sair da invisibilidade. Por isso ele rouba. Nesse sentido, o capital vai fragmentando o território.

Milton Santos fala que a reterritorialização tem a ver com a afetividade e com a contiguidade, proximidade. Para mim, isso tem tudo a ver com a psicanálise! Qual é o nosso papel como psicanalistas? Fazer a palavra e o afeto circularem no território, na rua, na instituição, em qualquer canto. A palavra vai criando e transformando. Isso dá sentido ao que fazemos no território. Trabalhamos com a contiguidade e com a afetividade, exatamente para reterritorializar esse lugar tão fragmentado. Eu acho isso lindíssimo, genial!

PERCURSO E tem algo nesse trabalho que é da ordem de um desvelamento do ícone do capital, que você diz que é algo muito vital para aquele adolescente que está buscando a existência, a visibilidade, não é? É como se o trabalho pela palavra e pelo afeto deixasse cair essa imagem, porque toca em um lugar mais apreensível pela experiência daquele sujeito.

BROIDE Sim. Ele vai viver isso e vai poder sair da alienação. Quando falamos: “Pô, meu, você vai matar o cara por causa desse boné? Você está louco? O que tem esse boné?”

PERCURSO Mas só dá para ser escutado se a palavra vier desse lugar de afeto.

BROIDE Desse lugar de escuta, dialogando com aquele sujeito. Emília e eu fizemos um livro a partir do meu doutorado sobre esse assunto. Nós dávamos supervisão em um Instituto, e nos pediram ajuda porque dois moleques que trabalhavam como monitores do Pronasci [Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania] mataram um outro menino. Propusemos um grupo onde todos estivessem juntos, os meninos sobreviventes de situações de violência muito graves e a equipe do Instituto. Um grupo horizontal.

Os dois moleques chegaram dizendo: “Eu sou fodido, agora virei matador”. A conversa foi indo, e um deles diz: “Olha, eu tinha feito dezesseis cursos, na hora que eu apertei o gatilho, perdi tudo. Perdi a minha vida!”. Então, a conversa começa a mudar completamente de figura. Um grupo como esse, em que o moleque pode

ter um insight desse tipo, serve muito mais para ele do que ser preso por um tempo.

O que eu posso dizer é que esses trabalhos todos que nós fazemos são, para mim, uma alegria! Eu me sinto experimentando situações muito diferentes a partir da psicanálise. Me sinto vivo! Sinto uma psicanálise viva!

Estamos fazendo um trabalho agora, Emília e eu, que começamos dez dias atrás, em Embu das Artes, capacitando todas as equipes dos CRAS [Centro de Referência de Assistência Social]. São equipamentos do SUAS que ficam dentro do território. Eu vou na quarta-feira, a Emília vai na sexta-feira, e trabalhamos com alguns textos, como sempre, por duas horas, uma hora com a teoria e outra para a supervisão dos casos. Eu sempre digo que nós temos que entender “onde é que o bicho está pegando”. E quando entendemos, temos que apalpar o bicho: concretizar, sentir de verdade. Eles estão fazendo grupos e sentem muita dificuldade. Por exemplo, num grupo que a Emília atende, o pessoal estava apavorado porque pessoas do tráfico tinham entrado e ocupado uma sala do CRAS para contar dinheiro lá dentro. Num caso como esse, não tem o que fazer. Os limites do território já são outros. Em outro grupo, o problema trazido era a falta de adesão das adolescentes grávidas nos grupos de conversa. Começamos com a pergunta: “Como é que vocês convidam as meninas?”. Foram percebendo que no próprio convite que faziam estavam inscritos os preconceitos em relação à menina grávida. Puderam perceber que as meninas estavam muito afetadas pela forma com que eram convidadas. Lógico que não iriam, e por isso não tinha grupo.

PERCURSO Quais são os referenciais teóricos da psicanálise que você utiliza no seu trabalho? E quais os conceitos fundamentais para pensar essa clínica?

BROIDE Freud, Lacan, Pichon Rivière. Toda a obra de Freud que se soma à de Lacan quando pensamos nos quatro conceitos fundamentais: o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão. Tenho estudado Lacan há um tempo, mas



*a filosofia do Badiou explica
muito bem como a filosofia
e a psicanálise servem para operar
sobre coisas que não dialogam entre si.*

*Quando se está trabalhando
em uma urgência social,
as coisas não dialogam entre si.*

sou muito freudiano. Já o conceito de tarefa de Pichon é absolutamente transformador. O líder do dispositivo é a tarefa, é a urgência com que nós trabalhamos. Não é o coordenador. É a tarefa que nos lidera nos grupos, ela é a razão de existir do grupo. Estamos conversando aqui porque a tarefa é a entrevista para a revista, não é isso? Essa tarefa dirige toda a conversa que estamos tendo. Ter isso claro faz toda a diferença.

PERCURSO Que outras áreas do conhecimento você considera importantes para sustentar a clínica nas situações de vulnerabilidade?

BROIDE Hoje em dia, para mim, a filosofia ajuda muito. Eu não tenho nenhuma formação em filosofia, mas tenho alguns autores de referência: Foucault, que fala que um dispositivo é sempre de uma urgência social; Deleuze, para quem os dispositivos são máquinas de fazer ver e falar; Agamben, que diz que somos um dispositivo e traz a questão grupal, fundamental, porque esses dispositivos utilizados em grande parte são grupais. A filosofia do Badiou explica muito bem como a filosofia e a psicanálise servem para operar sobre coisas que não dialogam entre si. Quando se está trabalhando em uma urgência social, as coisas não dialogam entre si. Eu brinco dizendo que é abacate com parafuso, não é abacate com melancia; é limão com pneu, é isso que nós encontramos. E o que se faz com isso? Badiou tem um conceito muito interessante que é o do espaço vazio, que se



a primeira pergunta que eu faço quando alguém vem falar comigo: “Você se analisa? Que tipo de análise você faz?”. Sem isso a conversa não segue. Porque ele precisa elaborar o que vai ver na transferência, que são cenas difíceis de fato.

parece com o que Lacan fala da construção de um espaço vazio onde o sujeito e o conflito possam aparecer. O grupo como esse espaço vazio, o lugar de atendimento como esse espaço vazio, que não seja ocupado pelo meu desejo, pela minha ansiedade, para que o sujeito possa surgir ali. Fora isso também tem as questões da sociologia. Aprendi muito com Octavio Ianni, com Emir Sader e com Paulo Freire, que têm textos muitos importantes. Atualmente, tem o Luiz Eduardo Soares e o Gabriel Feltran, todo esse pessoal que está produzindo coisas muito interessantes na área da antropologia e da segurança pública.

PERCURSO Como você pensa a questão do enquadre interno do analista para sustentar esse trabalho em situações de extrema vulnerabilidade? Há algum outro cuidado específico além dos clássicos – teoria, supervisão e análise –, para esse psicanalista que faz a escuta territorial? O que você recomendaria para um jovem que quer fazer esse trabalho?

BROIDE A primeira pergunta que eu faço quando alguém vem falar comigo: “Você se analisa? Que tipo de análise você faz?”. Sem isso a conversa não segue. Porque ele precisa elaborar o que vai ver na transferência, que são cenas difíceis de fato. Depois, fazemos um acompanhamento com a supervisão. Na verdade, temos duas equipes que se interligam, com mais ou menos trinta pessoas no total. Semanalmente, fazemos um

acompanhamento com a supervisão e com uma reunião sobre temas que precisamos conversar. No trabalho do Centro, a Camila faz a supervisão de campo, ela está lá acompanhando o tempo inteiro. Também tomamos alguns cuidados importantes. Por exemplo, menina não pode ir sozinha para o campo. Nem duas mulheres juntas. Têm que ir pelo menos com um homem. E tem que cuidar com que roupa vai. Nesses lugares a questão erótica é muito forte, ainda mais uma menina branca, bonita, jovem. Imagina o que mobiliza, alguns avançam. As meninas têm que poder falar disso na supervisão. Alguns jovens entendem essa clínica com muita rapidez, mostram grande capacidade de escuta e intervenção, outros nem tanto, mas fazem um bom trabalho.

PERCURSO A crônica, citada por você anteriormente, deve ser um instrumento de elaboração muito importante, para além de colher os significantes que estão presentes no território. Ela ajuda a construir o que estamos chamando de um enquadre interno em que o profissional possa se segurar no atendimento?

BROIDE A crônica traz isso, é um instrumento muito bacana. Hoje, quando escrevemos é sempre a partir da clínica que aparece nas crônicas. Usamos as vinhetas das crônicas porque elas trazem o campo pulsante, assim não fica algo teórico. Na verdade, o trabalho é uma espiral de elaboração que começa na segunda-feira quando tem a supervisão e o pessoal fala da semana passada. Quando eles vão para o campo, sempre fazemos um pré-campo, um pré-grupo, como no futebol ou em qualquer esporte coletivo: ao entrar na quadra, se combina quem pega lá, quem pega aqui, quem fica atrás, quem vai para frente... é puro futebol. Depois fazemos o pós-campo: todo mundo senta e elabora aquilo que aconteceu. Não dá para sair assim sem mais. O pessoal se senta em um lugar, podem até tomar uma cerveja, mas trabalham e decantam aquilo que viram e sentiram, falam sobre o que aconteceu. Muitas vezes, no trabalho do Centro, vão num daqueles bares da Galeria Metrópole, e eu acho ótimo, porque precisam de

um relax. E depois fazem a crônica. Existe um movimento de elaboração que se dá logo após o atendimento. A crônica quente é muito diferente da crônica fria. Nós temos que estar quentes ali também. A equipe é muito importante, porque é nela que as pessoas têm a liberdade de dizer: “O cara chegou, me olhou daquele jeito... eu fiquei morrendo de medo!”. Tem que ter essa liberdade entre eles e conosco também, na supervisão. Isso é muito importante, senão a pessoa não aguenta! Essas redes de ancoragens existem continuamente dentro da equipe.

PERCURSO Você trabalhou para a realização do primeiro Encontro de Psicanalistas e Psicólogos Marxistas em Cuba, no ano de 1986. Poderia nos contar qual foi a importância dessa experiência na sua vida?

BROIDE Teve uma importância muito grande. Quanto mais o tempo vai passando, mais vou pensando sobre isso, de formas variadas. Especialmente porque sempre me chama atenção o quão jovem eu era. E fui lá descobrir como e o que se podia fazer. Foi muito importante ter convívio com pessoas do calibre com as quais convivi. Afora todos os conflitos e os problemas políticos, fiquei muito tocado porque a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana foi a primeira instituição que me acolheu de verdade. Eu chegava lá e me pediam para dar aula, para corrigir provas. Me acolhiam como se eu estivesse chegando na minha casa, tive uma relação muito forte com eles. Toda essa experiência me marcou muito. Conheci gente de todo lugar, da América Latina, o pessoal da Europa, muitos dos argentinos que estavam lá. E depois também a convivência com as pessoas mais velhas, 10, 15, 20 anos mais velhas do que eu. Conheci a Mimi [Marie Langer] e todo o pessoal do Plataforma. Eu tinha que brigar com eles, discutir, mas foi muito interessante. Acabamos amigos depois.

Nessa semana, estava lendo um texto de José Bleger sobre grupos, que ele apresentou na Faculdade de Psicologia, na Universidade de Havana, em 1961. Naquela época Bleger, Leon Rozitchner



afora todos os conflitos e os problemas políticos, fiquei muito tocado porque a Faculdade de Psicologia da Universidade de Havana foi a primeira instituição que me acolheu de verdade.

Me acolhiam como se eu estivesse chegando na minha casa.

e vários outros foram para lá. Quando começamos, no primeiro encontro, aconteceu uma coisa impressionante. Havia um comitê organizador internacional e cada um de nós coordenava um grupo de vinte a trinta pessoas. No primeiro dia foi o caos mais absoluto! Um falava abacate e o outro falava pneu. Não tinha conversa. Então, nós, do Comitê Organizador Internacional e que coordenávamos os grupos, tivemos a feliz ideia de proibir falar de teoria. O grupo tinha que falar a partir da sua prática, do que fazia. Aí foi uma explosão! As pessoas tinham uma felicidade em ver que dava para falar, de um jeito ou de outro, que dava para estar perto, foi muito interessante. Eu também aprendi a conversar com a diversidade.

PERCURSO Como você vê o grande crescimento das Clínicas Públicas, atualmente, em todo o país?

BROIDE Vejo com um enorme otimismo. Penso, inclusive, que o Brasil, hoje, se não é o, está entre os mais produtivos em psicanálise no mundo. E todas essas clínicas são fruto disso. As pessoas não estão com medo de inventar, e isso tem uma importância grande. Tem muitos psicólogos com formação psicanalítica no SUS e no SUAS, que vão atender na Amazônia ou outros lugares do país. Historicamente, essas clínicas começaram a surgir na época da repressão, e hoje em dia se espalham. São muitas experiências diferentes, os grupos estão se reunindo, por exemplo, no projeto dos Territórios Clínicos desenvolvidos pela Fundação



“nosso trabalho é escutar o que vocês estão sentindo, pensando, com o que estão preocupados, para pensarmos juntos”. E não tem uma vez que eu ou alguém fale assim, de forma simples, sem firula, que não venha imediatamente uma quantidade gigantesca de coisas.

Tide Setúbal, através da coordenação da Tide Setúbal, psicanalista aqui do Sedes.

PERCURSO Haverá um congresso em Minas, agora em novembro, que reunirá as diferentes Clínicas de Borda.

BROIDE Isso. Estão fazendo os fanzines das Clínicas de Borda. Nós fizemos um zine também, o da Rede Sur, que conta o trabalho da Zona Leste e da Zona Sul. Está bem bacana. Penso que esses trabalhos que estão acontecendo no Brasil são psicanálise viva, que opera com o cerne da clínica. Psicanálise viva, instigante, criativa, que erra e acerta um monte.

PERCURSO A psicanálise no Brasil está criativa e pulsante por isso, pelas clínicas, ou seria o contrário?

BROIDE Acho que é uma junção do todo. Temos que reconhecer também o papel importante dos argentinos aqui no Brasil, inclusive no próprio Sedes. Em 1976, a Argentina vivia essa explosão da psicanálise que vemos hoje aqui. E foi nesse ano que aconteceu o golpe militar, e a repressão foi tão brutal que os psicanalistas tiveram que sair do país. Alguns vieram para cá, outros foram para outros lugares.

Uma vez, em 1986, fui a um congresso em Buenos Aires e apresentei um caso sobre uma família que morava nos banheiros do Parque da Lapa. Nós íamos ao parque, batíamos na porta

dos banheiros e falávamos: “Boa tarde!”. Olhavam assustados, pensando que era a prefeitura. “Boa tarde, nós somos psicólogos. “Nosso trabalho é escutar o que vocês estão sentindo, pensando, com o que estão preocupados, para pensarmos juntos”. E não tem uma vez que eu ou alguém fale assim, de forma simples, sem firula, que não venha imediatamente uma quantidade gigantesca de coisas. É raro não acontecer, é muito forte. Na rua, nos lugares em que trabalhamos, na Fila do Pão, na Zona Leste, eles falam: “Chegaram os psicólogos!”. No Centro: “Chegaram os psicodoidos!”. Tem muito humor na rua.

Mas, voltando ao congresso em Buenos Aires, um argentino perguntou: “Como é que vocês fazem isso?” Respondi: “Nós só continuamos o que vocês tiveram que parar”. Eu penso isso.

PERCURSO Os coletivos que fazem as clínicas públicas estão desenvolvendo também formação de analistas?

BROIDE Sim, clínica e formação são indissociáveis. Está acontecendo em vários lugares, nas universidades também. Eu ofereci uma disciplina eletiva na PUC que se chama “Psicanálise na cidade: a construção de dispositivos clínicos”. Existe um movimento que está se espalhando, e não sei onde vai dar. Mas tem alguma semelhança com a Viena Vermelha, onde foram se constituindo os vários trabalhos clínicos. E, como escrevo no prefácio do livro da Elizabeth Danto, em nenhum momento Freud disse: isso não é psicanálise ou isso não pode ser feito.

PERCURSO Você diz que, mesmo sendo minoritário dentro da psicanálise, esse movimento das clínicas públicas, que começou com a fala de Freud no Congresso de Budapeste, em 1918, não cessa nunca. O que não deixa esse movimento cessar?

BROIDE A ética, existe uma ética na psicanálise, em que o sujeito interessa, queremos escutá-lo. Quando Freud fala em 1918, ele fala de uma ética de escutar o sujeito que veio da guerra, escutar o sujeito que veio do horror, escutar o horror da cidade, como escutamos agora.

PERCURSO Há momentos históricos ou sociais que favorecem o interesse pela psicanálise que acontece para além do consultório? Resultando nesse movimento de florescimento dessas clínicas?

BROIDE Aqui no Brasil, acredito que uma das questões – e não acho que seja só essa, mas uma delas – tenha sido a questão do Temer e do Bolsonaro. Com todos os problemas que já tínhamos antes, as pessoas ficaram muito incomodadas vendo que algo precisava ser feito. E, junto com esse

momento político, tivemos ainda a pandemia. Foram eventos que mobilizaram muito o trabalho.

PERCURSO Em vídeos e textos, você se refere ao horror e ao belo nos trabalhos realizados em situações sociais críticas. Como é isso?

BROIDE Eu acho que nesses atendimentos todos, ao longo de tantos anos, sempre que surge o sujeito na transferência, surge o belo. E é belo mesmo, seja onde for!

Daniel Omar Perez
Paulo Beer
Vanessa Chreim

Sobre a estrutura discursiva do mundo atual

Realização Bruno Esposito, Camila Junqueira, Gisela Haddad, Ivy Semiguen e Lucas Simões Sessa.

Daniel Omar Perez é professor de filosofia, pesquisador e psicanalista. Autor de livros como *Kant e o problema da significação* (Champagnat, 2008); *O Inconsciente: onde mora o desejo* (Civilização Brasileira, 2012); *Ontologia sem espelhos. Ensaio sobre a realidade* (CRV, 2014) publicado também na França pela Editora Harmattan, *Sentimentos em conflito* (PHI, 2019), *O pêndulo de Epicuro* (CRV, 2019). Em 2021 e 2022 publicou a tradução das *Reflexões de Antropologia* de Kant, livro I, livro II, livro III (Editora Langage).

Paulo Beer é psicanalista, doutor em Psicologia Social (IPUSP), professor e orientador convidado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (IPUSP). Editor de *Lacuna: uma revista de psicanálise*, da *Revista Traço* e editor associado da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Autor de *Psicanálise e ciência: um debate necessário* (Blucher, 2017) e *Verdade e sofrimento: psicanálise, ciência e a produção de sintomas* (Perspectiva, 2023).

Vanessa Chreim é doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-SP), membro do LIPSIC, do GBPSF e do Departamento de Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É autora do livro *Dimensões da Recusa* (Blucher, 2021).

Embora o negacionismo como um fenômeno sociopolítico e cultural – em que fatos comprometedores ou violentos são maquiados ou “esquecidos” – possa ser considerado antigo, as manifestações de negação histórica e a luta contra elas que acontece atualmente em um cenário midiático-digital global – muitas vezes sob um véu relativo de anonimato e impunidade – têm permitido a adesão ilimitada de pessoas para disseminá-las. Tal adesão acontece seguindo a rápida e potente troca de informações entre usuários do mundo todo pela internet, que afetam de forma direta ou indireta, negativa ou positiva a vida de todos. São regras novas, que de certa forma questionam e até substituem os antigos pactos sociais que, através dos constrangimentos, permitiam uma convivência em que as diferenças deveriam ser respeitadas. Ao ser alçada à nova gestora das trocas inter-humanas, a Internet e suas redes sociais impuseram uma nova gestão do convívio humano. São elas que permitem ou não que alguém receba de imediato o respaldo e suporte de mais pessoas, criando tanto um cenário de acolhimento quanto de linchamento, assim como são capazes de unir uma multidão em torno de um sentimento de pertencimento recíproco, identificados entre si como “nós” e separados pelo outro, “eles”, os de fora.

É neste contexto que temos visto o negacionismo ganhar musculatura com a adesão fascinada de muitos a uma “outra” realidade – em parte pelo aceno a um possível conforto psíquico na desresponsabilização dos custos e implicações das escolhas do viver – enquanto outros assistem, assustados e impotentes, a cenas de uma realidade social absurda, em meio a discursos totalitários



e à homogeneização de formas de expressão que impossibilitam a circulação crítica.

Seja na negação da legitimidade de consensos, ou na defesa de ideais absolutos, estão em jogo não só outros modos possíveis de relação com a verdade, mas de se estar no mundo. Uma era de rápida velocidade de produção e circulação da informação em que os fatos cedem espaço aos apelos a emoções ou crenças pessoais, e as formas tradicionais de organização, seleção, classificação e exclusão discursivas – sejam elas inconscientes ou não – são colocadas em xeque em um ambiente em que não só não há mais uma autoridade estabelecida, como é possível a qualquer um dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto da

Cortázar afirmava que as palavras ficavam doentes e cansavam, perdiam sua utilidade e ficavam esgotadas.

maneira que bem entender. Com potencial para se espalhar rapidamente, a circulação das informações foge a qualquer controle, e tem impactado inclusive os rumos de democracias contemporâneas.

A seção Debate da revista Percurso convidava psicanalistas a refletir sobre o tema.

Daniel Omar Perez *O declínio da palavra*

Na década de 1930, Sigmund Freud parecia se conformar pelo fato de massas entusiasmadas e enfurecidas estarem queimando seus livros em vez de o queimarem. Não sabia que alguns anos depois a maior parte da sua família e seus amigos seriam assassinados em campos de extermínio e ele próprio deveria fugir para a Inglaterra. Um discurso sustentava um gozo que semeou de corpos mortos os campos de batalha, as ruas e os campos de extermínio na Europa. Tratava-se de um discurso articulado, com palavras precisas, uma identificação com a imagem do líder (salvador, protetor, mãe, guia, pai aterrorizador) que fazia do grupo uma coesão de irmãos, uma fraternidade de iguais onde os desiguais eram eliminados.

No dia 24 de março de 1981, na cidade de Madri, o escritor argentino Júlio Cortázar, radicado em Paris, primeiro por opção e depois em exílio obrigatório, proferiu um discurso num evento convocado pela CADHU (Comissão Argentina de Direitos Humanos). A ocasião era o aniversário do golpe de Estado cívico-militar da

Argentina de 1976. Naquela oportunidade, Cortázar afirmava que as palavras ficavam doentes e cansavam, perdiam sua utilidade e ficavam esgotadas. Existem palavras que, pelo seu uso, peso, densidade, valor, volume, massa, espessura, tonalidade e ritmo podem nomear aquilo que está entalado na garganta e, assim, permitir levar adiante um processo analítico, uma implicação na cena que se relata, uma mudança de posição subjetiva. Também sabemos que uma palavra pode ser uma pedrada na cabeça, uma carga nos ombros, o gume afiado de uma faca ou uma bomba.

Em seu discurso Cortázar nos adverte acerca das palavras que são tão usadas em reuniões, colóquios, mesas-redondas, debates, tribunais e comissões que ficam sem aderência. São palavras-sabonetes que escorregam entre os dentes e a língua fazendo vibrar os lábios. Assim, a boca toda constitui o órgão emissor de sons que deslocam sem articular a possibilidade de um efeito de sujeito ou um laço para alguém do gozo que se esgota em si mesmo em uma economia de movimento entrópico. Trata-se de palavras gastas ao



*o projeto europeu burguês
do esclarecimento criou a ilusão
de que com informação
e com educação o obscurantismo
seria vencido.*

serviço de um gozo que consome o próprio sujeito em questão. Vou dar exemplos. Nos anos 1960-1970, os golpes de Estado cívico-militares, executados em quase todos os países da América Latina, para nos salvar da tirania, do terror, da falta de liberdade e do obscurantismo do comunismo aplicavam projetos sistemáticos de tirania, terror, falta de liberdade e obscurantismo. A ditadura argentina de 1976-1983 divulgava uma publicidade que afirmava “os argentinos somos direitos e humanos” enquanto violava todos os direitos humanos em um genocídio que sequestrou, torturou, matou e fez desaparecer pessoas. Boa parte da população justificava o crime de Estado contra o outro setor da população dizendo “alguma coisa devem ter feito”. Acaso seria a justificativa e o autoengano de quem, aterrorizado pelo substituto do pai autoritário, repete frases que deve dizer, mas nas quais não acredita? Ou independentemente de acreditar ou não entra na cena gozando com a morte violenta do outro que não reprime seu desejo de emancipação?

Quatro décadas mais tarde daquele discurso de Cortázar a situação das palavras não é menos complexa. Algumas palavras são tão usadas em vídeos, mensagens de texto nas redes sociais, textos publicados em internet, comentários de postagens etc. que não têm senão uma espessura Imaginária ao serviço do gozo Real. Vou dar exemplos. Falar sobre racismo e conviver com ele é moeda corrente no Brasil tanto para os discursos de denúncia quanto para quem o nega. Parece que não há o que diminua os índices de jovens negros vítimas de mortes violentas na periferia. Os números e a crueldade são semelhantes às maiores guerras do planeta, mas tudo se passa como se

as palavras escorregassem como sabonetes. Discursos Imaginários e Gozo Real onde o amarre do Simbólico encontra-se foracluído. Isso é o que permite que alguém possa negar o racismo e o outro propalar o mais entusiasmado discurso de denúncia, desde uma universidade pública ou um poder judiciário onde as empregadas domésticas, na maioria mulheres negras, sejam terceirizadas, não tenham direitos trabalhistas iguais aos dos outros trabalhadores da mesma instituição, e seu salário seja o menor de todos, mesmo quando essas instituições têm a autonomia para acabar com esse racismo. Quando afirmo que o simbólico está foracluído da articulação imaginário-real, não significa que cada indivíduo que participa do grupo que repete palavras, segmentos de discursos ou discursos totalizantes possa, automaticamente, receber o diagnóstico de psicótico, digo que, ao não ter amarra, a situação é psicotizante. O patriota do país periférico que reverencia a bandeira do país imperial, a convenção de defensores da crença da terra plana que usa telefones satelitais, o anarquista que defende o direito de propriedade privada usando o aparelho de repressão do Estado, o privatista que tem décadas como funcionário público são exemplos não de sentenças autocontraditórias senão de um discurso Imaginário sobre um gozo Real.

O projeto europeu burguês do esclarecimento criou a ilusão, nas massas da classe média e dos intelectuais, de que com informação e com educação o obscurantismo seria vencido, a razão (o mais bem distribuído entre os seres humanos, segundo René Descartes), por fim, venceria a crença dogmática e se imporiam o melhor argumento. Nunca tivemos um nível de escolaridade mais alto do que hoje, nunca tivemos mais acesso à informação quanto hoje. Ingênua confiança no conceito europeu de consciência? Ou gozo mortífero ora na maquinária de extermínio nazista, ora nas ditaduras militares da América Latina, ora nos projetos neoliberais que, contra a globalização, globalizam não apenas um modo de exploração econômica senão também modos de sofrimento psíquico, sintomas diagnosticados

de forma padronizada acompanhados de tratamentos farmacológicos precisos?

As condições materiais de existência se sustentam no deslocamento incessante de palavras onde o gozo gasta os corpos produzindo depressão, burnout, tdah, tode, toc como significantes com os quais se identificar na exaustão, na impossibilidade de estabelecer laços, de suportar a diferença.

Paulo Beer

Negacionismo, razão e afeto

Pensar o negacionismo hoje, passada a pandemia, é uma tarefa mais profícua do que em meio a uma emergência. Os ânimos exaltados não colaboram com a escuta, nem dos outros, nem de nós mesmos; e talvez esse tenha sido um ponto limite das respostas possíveis que encontramos (ou não) quando foi preciso enfrentar um governo negacionista em meio a uma tragédia. Agora, é imperativo manter o tema quente para que possamos construir outras possibilidades.

O primeiro passo é diagnóstico. Muito se pensa no negacionismo enquanto negação da ciência, negação da história, negação da verdade. Afirma-se, também, tratar-se de uma sobreposição da emoção sobre os fatos. Construções usualmente solidárias entre si, e que podem levar a uma compreensão dicotômica, cuja insuficiência frequentemente resulta na acusação de que o outro é negacionista. Ainda mais grave, me parece, é a recorrente separação entre fatos e emoções, que flerta com um ideal de pureza da razão que mais atrapalha do que ajuda. Um flerte que se repete e continuará se repetindo, uma vez que a própria ideia de uma ciência que possa se sustentar somente sobre critérios puramente racionais parece não perder seu charme.

Contudo, se nos propusermos ultrapassar a simples deslegitimação daqueles que consideramos negacionistas e escutarmos o que dizem, algo surpreendente poderá ser encontrado: uma constante no discurso, não importa qual seja o objeto, que afirma que aquela é a verdadeira ciência,

»
se nos propusermos ultrapassar a simples deslegitimação daqueles que consideramos negacionistas e escutarmos o que dizem, algo surpreendente poderá ser encontrado.

ou a verdadeira história, ou os fatos verdadeiros. Aqueles que compartilham tais ideias são os únicos que não estão sendo enganados, e que muitas vezes se incubem de mostrar a verdade verdadeira aos outros, coitados subjugados pela ideologia dominante, deslumbrados por suas emoções que os deixam anestesiados frente a uma realidade tão cabal. Não é preciso fazer grandes esforços para perceber certa proximidade entre o que os dois lados dizem, deixando-nos a incumbência de levar a sério a pergunta sobre a diferença entre eles.

Afirmo, antes que perca qualquer possibilidade de simpatia de quem me lê, que entendo haver uma diferença, e que dizer que há dois lados não significa que eu considere que são dois lados iguais ou sequer comparáveis. Mas afirmo isso partindo de uma ideia bastante específica que me permite diferenciar posições negacionistas e não negacionistas: a legitimação de consensos. É isso que nos resta, se pensamos, por exemplo, a ciência para além de uma idealização pautada na enunciação do verdadeiro. E não é pouco. Filósofos da ciência como Isabelle Stengers, Bruno Latour e Ian Hacking demonstram, com clareza, como a força do conhecimento científico deriva de seu caráter provisório, conceitual, não absoluto. Compreendo, portanto, o negacionismo enquanto a negação da legitimidade de consensos, não somente de consensos estabelecidos específicos, mas do próprio funcionamento de um tipo de conhecimento que se sustenta em consensos. A posição negacionista derivaria da recolocação



podemos depreender que as ferramentas digitais não se limitam à reunião de pares, mas produzem, elas mesmas, traços identificatórios.

da verdade absoluta ali onde havia um consenso, um “ali deve uma verdade advir”.

Isso nos coloca duas questões: a primeira diz respeito à possibilidade de sermos negacionistas em relação ao (e não contra o) conhecimento produzido cientificamente. A segunda consiste na necessidade de compreensão das causas que levariam à substituição do consenso por uma verdade absoluta em nossa sociedade.

A primeira pode ser respondida de modo mais direto: sim, podemos ser negacionistas ao defender o conhecimento produzido cientificamente. Isso porque há uma diferença entre produto e processo, de modo que mesmo que o processo de produção de conhecimento se enquadre nas definições de científico (sejam lá quais forem), mesmo que a produção funcione através do estabelecimento de consensos, aquilo que foi produzido ganha certa autonomia em relação ao processo e permite diferentes tipos de relação. O conhecimento, uma vez produzido, é um objeto que nos ampara, com o qual podemos nos identificar e que, assim como pode ser criticado, pode também ser defendido com unhas e dentes, fechando-se às possibilidades de questionamento, isto é, transformando-o numa verdade absoluta. O mesmo pode ser afirmado sobre o processo científico quando idealizado, como muito bem apontado por Bruno Latour e Steve Woolgar em *Vida de laboratório* (1979), livro que despertou as mais intensas reações ao colocar sob exame um ideal de produção científica.

Tomando a dialética pela qual Lacan propõe a relação de oposição entre verdade e saber, já desde seus primeiros seminários, a verdade seria justamente aquilo que explicita a incompletude

do saber. Uma concepção evidentemente oposta àquela de verdade absoluta, buscada nas formas erráticas tão valorizadas por nós psicanalistas: a verdade fala nos sonhos, nos atos falhos, nos chistes, nos sintomas. O que, por si, já daria outro sentido ao “ali deve uma verdade advir”; sigamos.

A verdade emerge desestabilizando o saber, mas ela mesma se estabelece como um novo saber num momento seguinte, com o qual podemos nos identificar, no qual podemos nos amparar. Novo saber este que, por sua vez, será desestabilizado pela verdade. Dentro desse processo dialético, não podemos esquecer justamente a dimensão afetiva: se o saber produz amparo, a emergência de uma verdade produz angústia. Perder o objeto nunca é sem consequências, e sustentar uma posição de implicação com um objeto sem negar seu caráter provisório e contingencial não é, como sabemos, uma tarefa fácil. Talvez aí possamos compreender por que ideais de ciência que prometem mais do que conseguem cumprir são tão sedutores.

O que nos leva à segunda pergunta, sobre as particularidades de tais processos nos dias de hoje. Muito se fala sobre a capacidade de agrupamento e massificação possibilitada pelos ambientes virtuais, ao permitir o enlaçamento de indivíduos com traços identificatórios partilhados a despeito de limitações físicas. Isso é, sem dúvida, um fator central, entretanto há outro a ser considerado. Para além da importância da identificação lateral permitida pelo reconhecimento da partilha de um objeto de amor, como bem demonstrou Freud, há também o próprio processo de estabelecimento de um determinado objeto enquanto um objeto de amor. Em nossa discussão, do estabelecimento de uma ideia (ou um conjunto de ideias) como um objeto a ser defendido sem limitações.

Podemos depreender que as ferramentas digitais não se limitam à reunião de pares, mas produzem, elas mesmas, traços identificatórios. Como se, pensando na dialética verdade/saber, fosse possível produzir situações certeiras de questionamento de consensos estabelecidos, levando não somente à descrença em relação a certos saberes até então inquestionados, mas a um questionamento



generalizado da legitimidade dos consensos. O que pode ser visto nas frequentes chamadas que se iniciam com “o que não querem que você saiba” ou “você está sendo enganado”. Isso num contexto marcado pela emergência de figuras que não somente fomentam tal tipo de deslegitimação dos consensos, mas que se apresentam como enunciadoras da verdade. Se a enunciação de uma verdade que desestabiliza um saber produz angústia, a subsequente oferta de uma figura que pode ser reconhecida como enunciativa legítima do verdadeiro produz amparo. Um amparo sustentado, agora, não por uma ideia específica, mas por um enunciador, alguém que se propõe a denunciar todas as mentiras. E que coloca a verdade absoluta enquanto algo a ser resgatado na cruzada contra os consensos que servem a interesses escusos.

Considerando que a produção de consensos, diferentemente da crença numa verdade

a COVID-19 impôs uma transformação radical do mundo como o conhecíamos: viver uma pandemia era inacreditável, e então, muitas coisas que pareciam incríveis se tornaram críveis.

absoluta, demanda um mínimo de engajamento e responsabilização pelo coletivo, não surpreende que uma sociedade marcada por processos de fragmentação social e individualização tenha dificuldades em sustentar o valor de um conhecimento que pode ser questionado. Afinal, se – como dizia Margareth Thatcher – o social não existe, tampouco existe consenso, ou ciência. Ao que parece, o mito que nos assombra tem raízes evidentes.

Vanessa Chreim

A relação do sujeito com a realidade tem revelado um rasgo inquietante há um bom tempo. Por exemplo, quando o dicionário Oxford elegeu o termo “pós-verdade” como palavra do ano de 2016. Curiosamente, foi neste ano que comecei a pesquisar o conceito de Recusa (*Verleugnung*), intrigada sobre esse mecanismo de defesa, que se revela cada vez mais presente na clínica contemporânea, muito além da perversão. Eis então que na pandemia de COVID as manifestações da Recusa se tornaram mais evidentes: Ivo Cassol, ex-governador de Rondônia, atestou que as faíscas de solda curam a COVID-19. Disse “O cara estava com coronavírus, foi soldar e se curou. Trouxe os funcionários, soldou e se curou”. É lógico que o negacionismo é um fenômeno complexo, mas podemos pensar que a COVID-19 impôs uma transformação radical do mundo como o conhecíamos: viver uma pandemia era inacreditável, e então, muitas coisas que pareciam incríveis se tornaram críveis.

Não podemos perder de vista que a Recusa que Freud (1927) descreve não é relativa à

realidade material, e sim à realidade psíquica. O psiquismo se defende do que é insuportável, inadmissível, intolerável. É da dor, da solidão, do desamor, do desamparo, da finitude, da impotência, da ignorância, da decadência do corpo, e de tantas outras facetas da castração das quais todos nós fugimos.

Um dos alvos favoritos da Recusa é a relação do sujeito com o Saber, ou melhor, ela se impõe contra o não saber, sustentando crenças intransigentes, certezas inquestionáveis e convicções aprisionadoras, justamente como forma de livrar o psiquismo da angústia face à imprevisibilidade da vida, como na pandemia. Nos custou muito admitir que a ciência não era onipotente, que o processo de conhecimento leva tempo e envolve erros e riscos. Nós sempre soubemos disso, “mas, mesmo assim” (Mannoni, 1969), vivíamos uma necessária Recusa, até que de repente a ilusão se quebrou e a realidade se tornou insuportavelmente amedrontadora quando nos vimos ameaçados de morte. Até a forma como interpretamos



entre o tumultuado período eleitoral no Brasil, a Guerra da Ucrânia e da Rússia, e agora a de Israel e Hamas, vemos um assustador retorno do fanatismo.

a bula das vacinas mudou: essas letras miúdas assustadoras sempre anunciaram efeitos colaterais e reações adversas, mas a maior parte da população confiava nos médicos e aceitava os riscos. Mas quando a ciência não achou a cura da COVID-19, o “só sei que nada sei” se tornou um fosso tão desesperador que nos levou a afirmar o oposto: “não tenho dúvida nenhuma”.

Face ao desespero, as fakenews ganham espaço para proliferação, como discursos que prometem um saber privilegiado, inquestionável e que alimenta a ressurreição de nossas crenças, o que gera a sensação de segurança e pertencimento. Confesso que eu mesma compartilhei fakenews sem me dar conta: era uma notícia a respeito de um político, que parecia bem capaz de fazer o que o texto sugeria, visto que já não faltavam exemplos de intolerância da sua parte. Eu simplesmente não duvidei: angustiada com o cenário político, parecia ter encontrado ali uma comprovação da minha crença, e só cliquei no “compartilhar”. Mea culpa.

Ironicamente, quem mais procurou combater o negacionismo na pandemia acabou guinando também para uma relação pretensiosa com um saber absoluto: Natalia Pasternak decidiu dizer o que é ciência ou não. Curioso ela ter escolhido a Psicanálise como alvo, afinal, reconhecer a existência do inconsciente é conceber um ser humano ignorante a respeito do que se passa em sua própria mente. O não saber é um lugar ético na psicanálise, mas para algumas pessoas, só quem promete a pílula de felicidade é que merece o título de ciência. Afinal, quem quer saber de castração?

Tenho muito respeito pelos mecanismos de defesa: seja escutando um negacionista, ou uma

mulher que só se dá conta na idade adulta que viveu um abuso sexual na infância, eu compreendo que a Recusa teve ali um papel protetivo. Mas a armadura pode virar uma armadilha: toda defesa tem um potencial para aprisionar o sujeito em modos de relacionamentos autodestrutivos. Nesse sentido, acho muito inspirador quando Green (1974) propõe que o objetivo da análise é colocar o paciente em contato com sua própria realidade psíquica, o que não tem nada a ver com confrontar o paciente com uma suposta verdade.

A verdade é sempre transitória, assim como as teorias psicanalíticas, e as narrativas históricas. Nos últimos anos, vimos surgir um questionamento muito profícuo a respeito da tal “Descoberta do Brasil”. A reinterpretação e a construção de novas narrativas permitiram reconhecer as marcas de colonização e escravização, que continuam atravessando nosso tecido social, como no racismo estrutural. O perigo é o de uma história única (parafraseando Chimamanda Ngozi Adichie), é de presumir que existe uma realidade unívoca.

Afinal, é essa a posição enquistada do fetichista: ele continuou acreditando que a mulher tinha um pênis e foi castrada, porque ele não abriu mão da teoria sexual infantil do primado do falo, não se deixou transformar pelo não saber ao se defrontar com a diferença sexual. Assim, ele precisa desmentir a castração justamente porque a teme. As fakenews e o negacionismo também vêm desacreditar a ameaça em vez de se deixar transformar por novas informações, como os que dizem “ah, mas você ainda acredita na mídia?”. Ou será que no fundo ninguém acredita na mídia? Ou só na mídia que lhe convém?

Entre o tumultuado período eleitoral no Brasil, a Guerra da Ucrânia e da Rússia, e agora a de Israel e Hamas, vemos um assustador retorno do fanatismo, que é fomentado pelas próprias estruturas de consumo das redes sociais, feitas para não pensar. Fiz um exercício: perguntei para os amigos se eles concordam com certas frases (discursos de ódio) que estão nos vídeos que compartilharam, e felizmente, eles diziam que não, e então,

espontaneamente, retiravam a postagem do ar. Se cada um de nós tirasse tempo para escrever o que pensa, ou melhor, pensar sobre o que escreve, quem sabe teríamos um rico campo de diálogo construindo uma compreensão mais complexa dos fenômenos. Mas quem de nós vai ler o texto do amigo? E quem de nós vai estar aberto a ser interrogado e admitir que mudou de opinião?

Ora, o Instagram não foi feito para isso. É Insta, instantâneo. Os stories não contam história nenhuma, é uma imagem sem contexto que induz o espectador a tirar conclusões apressadas. Assim, na velocidade das redes sociais emitimos opiniões sobre o mundo, dizemos o que pensamos, por meio de um aplicativo que – paradoxalmente – muitos dizem que usam para não

pensar. Assim como outras formas de adicção e consumo impulsivo, o bombardeio de estímulos da tela opera como uma alucinação negativa, que permite a Recusa da realidade psíquica.

Mas há Recusas mais porosas e outras menos: conforme nos blindamos para não entrar em contato com o impensável, nos tornamos menos aptos a pensar, sentir e julgar (Arendt), o que abre campo para a violência cega. Em nome da religião, da ciência e até da Psicanálise, já ocorreram muitas violências na história da humanidade. Como confessei acima, também tenho meus momentos anencéfalos e também corro o risco de pasteurizar diferenças e me tornar intolerante. Então, por favor, avisem-me com carinho, que eu tento não recusar.

Dançando nos parapeitos da morte

Maria Silvia Borghese

Comentado por:

Paulo Endo e Norma Lottenberg Semer

Maria Silvia Borghese é psicanalista, professora e supervisora do Curso de Psicanálise do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre e doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, com pós-doutorado em Psicologia Social pelo IPUSP. Autora dos livros *Depressão & doença nervosa moderna* (2004) e *O tempo e os medos* (2017).

Paulo Endo é psicanalista, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Assessor do Territórios Clínicos de la Memoria (Argentina) e membro da Unit Research on Dreams, Memories and Imagination Studies (Polônia) e da Memory Studies Association Latin America (MSA/LA). Coordena o Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia e Memória do Instituto de Estudos Avançados da USP. Tem dezenas de publicações sob a forma de livros, capítulos e artigos em revistas especializadas. Em 2006 foi agraciado com o prêmio Jabuti pela obra *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico* e seu livro *Psicanálise: confins/memória, política e sujeitos sem direitos*, publicado em 2022, se encontra disponível para download gratuito no link: <https://www.blucher.com.br/psicanalise-confins>

Norma Lottenberg Semer é psicanalista. Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicanalista de crianças e adolescentes pela *International Psychoanalytical Association* (IPA). Coordenadora do Curso Introdutório de Psicanálise da Infância e Adolescência da SBPSP (CINAPSIA). Vice-coordenadora do Comitê de Investigações da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL). Psicóloga pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Saúde Mental pelo Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e professora aposentada do mesmo Departamento. Autora de capítulos de livros e artigos em revistas especializadas.

1 E.L. Freud; H. Meng, *Cartas entre Freud e Pfister – um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, São Paulo: Ultimato, 2009.

O convite da sessão Debate Clínico da revista *Percurso* me encontrou em um ano especialmente movimentado. Hesitei em aceitar a tarefa de escrever sobre um caso clínico, mas um paciente me veio à cabeça de imediato. Há tempos, pensava em retomar essa longa história, o que significava tolerar a *dança nos parapeitos da morte* ao lado do paciente uma vez mais.

Em 1910, em uma carta ao pastor Pfister¹, Freud afirma que as coisas psicanalíticas são compreensíveis apenas quando completas e pormenorizadas, assim como a própria análise, que só avança quando o paciente decide descer de suas abstrações substitutivas até os pequenos detalhes, chegando a dizer que a discrição é incompatível com a boa exposição de uma análise, e que ao analista resta a necessidade de “ser inescrupuloso, expor-se, entregar-se como pasto, trair-se, portar-se, enfim, como um artista que compra as tintas com o dinheiro da despesa da casa e queima seus móveis para aquecer o modelo”.

Assim me senti, sabendo que cometeria alguns atos “criminosos” aqui e ali, pois a transferência e o exame da transferência só se viabilizam pela tolerância ao contágio. Enfim, escrever sobre a clínica é tarefa complexa, pois acontece onde se entrelaçam os mundos psíquicos de analista e analisante.

Entrelaçamentos...

Marcelo me procurou em meados dos anos 1990, encaminhado por uma amiga dele, que havia feito apenas algumas entrevistas comigo, anos antes. Mesmo assim, chega dizendo que eu havia sido bem recomendada, sabia que a tinha ajudado muito. Eu custei a me lembrar da mulher

mencionada, menos ainda sabia da importância desses poucos encontros. Tudo me soava falso nessas primeiras manifestações elogiosas sobre meu trabalho. As entrevistas, contudo, prosseguiram.

Marcelo tinha 45 anos, estava saindo de um namoro. Ao mesmo tempo que seguia tentando me seduzir com elogios, relatava que tinha caído em um buraco sem fundo, a partir do dia em que não pôde mais deixar de enxergar, no olhar de sua companheira, uma profunda decepção. “Ela me disse que só fiz mal a ela, que ela estava morrendo ao meu lado. Era verdade”.

Marcelo conta ainda que é usuário contumaz da dobradinha álcool/cocaína, que ele e sua namorada costumavam passar dias seguidos “bebendo, cheirando e transando”. É um homem grandalhão, mas tem mãos delicadas; não chega a ser bonito, mas é sedutor e charmoso; está sempre bem vestido, suas camisas são impecáveis, mas seus cabelos compridos e grisalhos estão sempre despenteados e desgrehados; é educado ao falar, mas fala alto; solta alguns palavrões em momentos quase calculados, que resultam inoportunos, se constrange e se desculpa frequentemente por tê-los proferido; tem um olhar triste atrás de óculos bastante chamativos/divertidos, que mudam a cada sessão. Lembro de me perguntar “quem era aquela figura que estava chegando de um modo tão peculiar”. Assustava-me o que eu, àquela altura, apenas intuía como sendo um enorme sofrimento “envelopado” pela *persona* que apresentava.

Marcelo falava muito de sua separação, das injustiças cometidas pela namorada, sentia-se incompreendido por ela, pois não via problema “no uso recreativo de drogas”. Estava inconformado com a decisão dela de desaparecer completamente de sua vida. “Jamais vou entender. A gente tinha tudo que todo mundo quer ter: dinheiro, amigos, diversão, uma puta vida”.

“O que é uma puta vida?”, pergunto de maneira provocativa. Essa expressão logo se revela paradigmática em sua análise, pois condensava as principais questões no entorno de seu sofrimento. De uma “puta vida” a uma “vida filha da puta”, assim Marcelo passou a se contar em cada sessão.



Marcelo conta ainda que é usuário contumaz da dobradinha álcool/cocaína, que ele e sua namorada costumavam passar dias seguidos “bebendo, cheirando e transando”.

A morte em cena...

Marcelo era um dos cinco filhos de um casal “apaixonado, festeiro e cheio de amigos”, morava em um apartamento enorme, resultante da junção de dois grandes apartamentos, “a sala era imensa, o lugar das festas, ficava no meio do que virou, de um lado, a ala impenetrável dos meus pais e, de outro, a ala da filharada que vivia um pouco largada”. A casa era frequentada por amigos, escritores, artistas, pessoas que buscavam encontros e oportunidades. Seus pais ajudavam a todos, exerciam uma espécie de *mecenato*.

Porém, as festas acabaram com a morte repentina de sua mãe, quando ele tinha apenas 10 anos. Marcelo nunca soube exatamente o que aconteceu, mas fantasiava que “minha mãe tomou *acidentalmente* barbitúricos em excesso, misturados com álcool, não sei. Morreu aos 36 anos, como a Elis”. Diz não se lembrar da mãe, apenas alguns fragmentos, mas a descreve como uma mulher cheia de vida, extremamente carinhosa e paciente com os filhos, embora delegasse a maior parte da sua criação a babás e empregadas domésticas. Buscando memórias da mãe, Marcelo se lembra vivamente do dia “em que minha mãe me flagrou andando no parapeito da varanda. Eu adorava fazer isso, sempre subia no parapeito e amava a sensação de olhar lá pra baixo, do oitavo andar, brincava de equilibrista. Nesse dia, ela me flagrou. Foi chegando de mansinho, falando baixinho, pedindo pra eu descer, até que me agarrou no colo. Ficou horas me fazendo jurar que eu



as sessões prosseguiam bastante agitadas. Marcelo costumava chegar vinte minutos mais cedo e os passava falando alto ao telefone celular. Fazia-se presente, invadindo sonoramente as sessões de minha paciente anterior.

nunca mais iria repetir aquilo. Não lembro bem, mas acho que fiz isso várias vezes depois”.

Alguns meses após a morte de sua mãe, seu pai sofre um infarto fulminante, morrendo na mesa do café da manhã. Marcelo e os irmãos estavam na escola, ele se lembra de ter pensado “meu pai morreu”, quando seus tios chegaram à porta de sua sala de aula. Vale ressaltar que Marcelo nunca foi preciso com datas e idades, mudando essas informações algumas vezes, mas conta que seu irmão mais velho, já com dezoito anos, decidiu continuar morando na mesma casa, tornando-se responsável pelos quatro irmãos menores, dois meninos e duas adolescentes. Os tios concordaram, o corpo de funcionários domésticos foi mantido, “começando a fase mais louca e caótica da minha vida”.

Marcelo falava muito pouco de seu pai, descreve-o como austero, severo e bastante ausente: “daqueles caras que vão de terno buscar os filhos na praia, sabe?” Dúvidas sobre a morte de seu pai, contudo, apareciam discretamente, “meu pai não suportou a perda de sua mulher, sobrando pra ele apenas a vida careta que, sozinho, passou a viver”.

Para que serve a análise?

Embora considerasse a análise o espaço no qual poderia curar as feridas de sua recente separação, dava-se conta, à sua maneira, de suas questões mais profundas, formulando indagações sobre si mesmo de maneira bastante direta, quase corante. Algumas interpretações me ocorriam, mas

pareciam óbvias demais diante da crueza de alguns de seus relatos e, de certa maneira, *morriam* enquanto ensaiavam sair de minha boca. Nessa fase inicial, não havia propriamente angústia em Marcelo, queria apenas “colar os caquinhos partidos e recuperar a vida que vinha levando com minha namorada porque ela me jogou nesse abismo da solidão. Você já se drogou sozinha? Nem queira... vai do tédio a um tipo de euforia esquisita e eu odeio esses dois lugares”. “Ah, eu sei dessa relação meio manjada: a vida que meus pais levavam parece a minha vida hoje. Não tem aquela história de que os frutos não caem mesmo longe das árvores?”.

As sessões prosseguiam bastante agitadas. Marcelo costumava chegar vinte minutos mais cedo e os passava falando alto ao telefone celular. Fazia-se presente, invadindo sonoramente as sessões de minha paciente anterior. Invariavelmente, começava as sessões falando de viagens que havia feito no fim de semana ou de festas que havia frequentado. Enchia a sala com nomes e sobrenomes de banqueiros, empresários, “homens do showbusiness”, artistas etc. Todos eram amigos de longa data, era requisitado por “quase todas as pessoas que contavam na cidade”. O tom de voz começava a baixar apenas quando contava que havia se drogado: “estou com uma ressaca/rebordosa monstro”. Não poucas vezes, iniciava a sessão tomando analgésicos, trazendo de antemão uma garrafa de água. Na segunda metade da sessão, mais esvaziado das festas e das drogas, soltava frases desconexas, com olhar baixo, parecendo impenetrável: “vida de babaca é atribulada, sabia?”, “eu me sinto descendo uma ladeira em um carro sem freios, que eu ainda acelero”. Porém, logo buscava uma saída através de risos, até gargalhadas, e brincadeiras sarcásticas.

Nos dois primeiros anos, eu seguia sem saber o que dizer a Marcelo. Não era difícil permanecer em silêncio, ele era um grande falador e não deixava brechas em sua narrativa. Eu me sentia muitas vezes como sua mãe, flagrando-o em sua dança mórbida nos parapeitos entre a vida e a morte. Quando lhe parecia que minha postura ou tom de

voz eram de preocupação, ele logo voltava a falar alto, decretando o encerramento da sessão, tentando uma retomada *desajeitadamente heroica*: “eu já te disse que sou como Phoenix, morri e nasci um milhão de vezes”, “a sessão terminou, preciso correr porque hoje tem um evento enorme. Quer um ingresso? Posso conseguir pra você, não me custa nada”.

Phoenix ou Prometeu...

Marcelo adorava se autodenominar *Phoenix* mas eu o enxergava mais propriamente como *Prometeu*, acorrentado no alto de uma montanha (ou parapeito?), tendo o fígado bicado por uma enorme águia preta até a morte todos os dias, para acordar, eternamente, nas manhãs seguintes e fazer a mesma travessia de cada dia. Na verdade, esse era o ritmo de suas sessões: despertava muito falante e disposto para, em seguida, ser novamente bicado pela águia mortífera. A mim, restaria apenas o lugar da mãe desesperada? Deveria eu aceitar o convite para frequentar junto com ele os eventos “descolados e perigosos” que ele me fazia? Aos poucos, fui me dando conta de que essa seria a única via possível. Fedida² bem assinala que cada paciente carrega uma metáfora como possibilidade para a transferência. Se a aceitarmos, vamos precisar nos acorrentar no alto da montanha com cada um deles.

Após alguns meses em análise, contudo, Marcelo começa a dar sinais de cansaço da vida alucinante que levava. Suas sessões eram mais silenciosas, passou a trazer reflexões importantes sobre seu primeiro casamento, a relação “lacunar” que mantinha com seus dois filhos, embora se considerasse um pai amoroso. Aos 19 anos, casara-se com uma mulher muito rica, quase 10 anos mais velha, “uma supermãe, que se viu obrigada a criar três crianças. Como eu abusei daquela mulher! No começo, era amoroso e atencioso, mas logo comecei a desaparecer de casa, a voltar dias depois, sem qualquer aviso ou contato. Ela me aguentou demais, no final pegou meus filhos e voltou para sua cidade natal. Ela se casou novamente, o marido dela me adora, sempre me hospedo na



Marcelo caía em um choro convulsivo, arrastando a sessão para além do tempo, até que ele se acalmava e dizia se sentir muito sozinho: “tem uma solidão que não consigo explicar. Achava que era porque perdi meus pais muito cedo, mas essa solidão já estava lá”.

casa deles quando visito meus filhos. Ela ainda me ajuda financeiramente quando preciso apagar alguns incêndios, mas eu sempre lhe pago de volta. Ela brinca que eu preciso manter uma conta aberta com ela, e é verdade”.

Marcelo costumava falar que sua vida era “uma caricatura”, que poderia ter sido muito bem vivida, mas que se transformava rapidamente, e sem controle, em “um trem descarrilado”. Usava essas frases prontas, analogias e metáforas, seu discurso era bastante “imagético”, mas os silêncios, vazios e olhares desnorteados começaram a se impor e alterar o ritmo de suas sessões.

Eu não sei dançar tão devagar...

Obviamente, eu me preocupava cada vez mais, sentia-me tateando vagarosamente para alcançá-lo no parapeito dessa vida/morte diária, tarefa que me parecia impossível. Comecei a sentar com ele nessa beira de abismo, pedir a ele que dançasse mais devagar, prestasse atenção ao seu próprio ritmo. Ficávamos minutos em silêncio. Muitas vezes, eu me flagrava dizendo “está tudo bem” e Marcelo caía em um choro convulsivo, arrastando a sessão para além do tempo, até que ele se acalmava e dizia se sentir muito sozinho: “tem uma solidão que não consigo explicar. Achava que era porque perdi meus pais muito cedo, mas essa solidão já estava lá”.

Marcelo tinha uma espécie de governanta em casa, herdada de sua ex-mulher, uma senhora carinhosa que literalmente tomava conta de todos os



com o avanço da relação com sua namorada “careta”, Marcelo pôde viver um período estável e mais produtivo: reformou sua casa, passando a morar com a namorada, passou a receber regularmente os filhos e se reaproximou de alguns de seus irmãos.

aspectos de sua vida. Sempre teve clareza quanto à importância dessas mulheres mais velhas, mães substitutas. Lembrava-se vivamente de que, muitas vezes em sua infância, ia dormir na ala das empregadas da casa da mãe ou pra lá migrava no meio da noite. “Minha solidão é a solidão de não ter sido olhado, não ter sido percebido. Eu chorei copiosamente naquele filminho do menino esquecido em casa no Natal. Aquele menininho era eu. Todo mundo rindo no cinema e eu afundado naquela tristeza”.

Do choro à angústia...

Apesar de Marcelo seguir se valendo de clichês e frases prontas, seu discurso passou a ser, aos poucos, mais encarnado. Suas sessões estavam mais densas. Sua vida, porém, parecia estar mais tranquila. Passou a organizar uma série de eventos corporativos e começou a namorar uma mulher “totalmente careta e certinha, dorme cedo, acorda às seis da manhã, já disse que me larga na primeira que eu aprontar. Estou tentando”. Durante esses períodos em que sua vida parecia mais previsível e rotineira, Marcelo dizia não precisar tanto das sessões, mas raramente faltava ou se atrasava: “gosto de ficar perto das minhas protetoras e você hoje é a principal delas”. Tentava me seduzir, mas, ao mesmo tempo, transferia um peso considerável pela responsabilidade de mantê-lo longe dos *parapeitos*.

A vida financeira de Marcelo era um caos. Passava meses vivendo como um bilionário, sempre que recebia antecipadamente pelos inúmeros eventos que realizava. Sabia como gastar dinheiro e gastava sem dó. Muitas vezes, tentou pagar pelas sessões de análise antecipadamente: “posso pagar um ano pra frente? Você me conhece, logo não vou ter como te pagar, melhor prevenir”. Contudo, sempre achei importante que ele seguisse pagando pelas sessões mês a mês. Na maior parte das vezes, Marcelo pagava regularmente pelas sessões, embora sua vida pudesse ruir de uma hora para a outra, nesse constante “ressurgir das cinzas”.

Com o avanço da relação com sua namorada “careta”, “parece um pouco com você, com todo respeito”, Marcelo pôde viver um período estável e mais produtivo: reformou sua casa, passando a morar com a namorada, passou a receber regularmente os filhos e se reaproximou de alguns de seus irmãos. Embora se questionasse sobre a validade de prosseguir a análise, uma vez que “estava ótimo”, nunca pensou efetivamente em interromper o trabalho analítico, pois se mostrava desconfiado quanto a “essa calmaria, que já dura mais de um ano”. No final das sessões desse período, perguntava-se quando essa tranquilidade ia acabar, soltando risadas nervosas, dizendo temer o tédio que poderia chegar, destruindo sua vida.

Premonição confirmada...

Marcelo passou a apresentar cansaço intenso, fortes dores de cabeça, indisposição ao se alimentar, náuseas e vômitos após a ingestão de bebidas. “Como sempre te falo, vida de babaca é atribulada. Nunca me cuidei, você sabe. Resultado, estou com *Hepatite C* e vou iniciar imediatamente um tratamento à base de Interferon. Essa merda provoca efeitos colaterais bastante fodidos. Tava tudo muito bom pra ser verdade. Não adianta, tem sempre uma conta que eu vou precisar pagar. Mas eu não vou morrer, não”.

De fato, Marcelo não morreu, mas a doença trouxe um duro período de devastação em todos os sentidos. Sua namorada “precisou” se afastar

por causa do trabalho, mudando de cidade um mês depois do início do tratamento, e sua disposição para o trabalho reduziu bastante. Marcelo bem que tentou enfrentar o tratamento como se nada fosse. Inicialmente, ia a festas, bebia, chegando a usar cocaína. Contudo, a doença e o tratamento o derrubaram, literalmente. Em uma madrugada, foi encontrado desmaiado em seu carro, sujo de urina, fezes e vômito, sendo internado para se estabilizar. Fazíamos sessões pelo telefone, momentos difíceis. Pela primeira vez, Marcelo estava com medo de morrer.

Seguimos por dois ou três meses com sessões telefônicas, trabalhando a possibilidade de ele chamar de volta as pessoas queridas e importantes, coisa que ele passou a fazer. Sua namorada voltou, os filhos se reaproximaram e uma de suas irmãs passou a lhe fazer companhia. Ele detestava essa condição, “logo eu que sempre tenho brincado de viver e morrer com tanta habilidade e competência”.

Foram onze meses de tratamento, dois dos quais ele passou internado em hospital. Sua condição financeira ficou muito difícil e, pela primeira vez, ele passou a dever pelas sessões, negando-se a fazer qualquer negociação sobre redução de valores. “Eu vou te pagar, tenha certeza. Não vou pagar menos pra você nunca, respeito seu trabalho. Prefiro parar do que fazer isso. Mas não quero e não posso parar”. A questão do dinheiro em qualquer análise costuma ser espinhosa, referida a processos primários que, como sabemos, não se dão a revelar, facilmente. No caso de Marcelo, as dificuldades financeiras eram nomeadas com certo sarcasmo, de maneira a anular vestígios de angústia: “eu vivo em um mundo onde o dinheiro concentra todos os valores de uma pessoa. Sem dinheiro, sem valor. Não me queixo disso, é assim e pronto. Eu sempre encontro trabalho e sou muito bem remunerado; você sabe que, com meus contatos, não tem pra ninguém. Conheço a nata e também a escória que tem dinheiro. Sou muito bem pago por isso. Deixa eu sarar, que logo te pago”.

Mais uma vez, Marcelo se reergueu financeiramente. No final de seu tratamento, já mais



essa pausa durou apenas cinco ou seis meses, terminando quando Marcelo deixa na minha portaria um envelope contendo um cheque no valor de três sessões que ficara devendo ao interromper suas sessões de análise.

fortalecido, iniciou projetos novos em outra grande empresa e fez uma festa “badalada” na cidade para comemorar *a cura*. Porém, o período de adoecimento havia deixado marcas profundas, Marcelo sabia disso.

Quero um tempo da análise...

“Você foi testemunha de um momento que preciso esquecer. Mesmo que você não me pergunte nada, eu chego aqui e começo a passar mal. Minha vida está boa, calma, a namorada voltou a morar comigo, filhos estão perto. Só preciso suportar o tédio. Eu ainda passo mal se bebo qualquer coisa. A vontade é grande, mas não dá... Ainda”. E, assim, Marcelo foi viver seu primeiro afastamento da análise e das duras questões, pois “precisava se afastar de dores e sofrimentos”.

Essa pausa durou apenas cinco ou seis meses, terminando quando Marcelo deixa na minha portaria um envelope contendo um cheque no valor de três sessões que ficara devendo ao interromper suas sessões de análise. Eu sabia que aquela “conta aberta” era necessária, por isso, simplesmente aguardei. O cheque chega, enfim, com um bilhete “não estou dando conta. Pode me ligar pra gente marcar meu retorno?”

Assim, Marcelo retorna às sessões: “você sabe como é minha namorada, né? Careta e preocupada. Eu fui almoçar com amigos e tomei umas grappas a mais, acho que no final acabei cheirando uma carreirinha de nada com um deles. Confesso que cheguei em casa meio doidão. Então, ela me



o período de análise que se seguiu – mais ou menos quatro anos – foi distinto dos anos anteriores. Marcelo havia esgotado as possibilidades de garantir o pífio equilíbrio entre viver e morrer.

disse pra eu voltar pra análise ou vai embora. Aqui estou eu. Assim, ela fica tranquila”.

Mais uma vez flagrado no parapeito...

Marcelo passou algumas sessões dedicando-se a me colocar a par das festas e viagens que havia feito, dos inúmeros convites para iniciar projetos, de uma longa visita que havia feito aos filhos. Mais vagorosamente, porém, começa a falar sobre a dificuldade de retomar sua vida após a doença, de como estava se sentindo mais velho, fraco e cansado. O medo de morrer o aterrorizava, não sabia se conseguiria seguir vivendo. “Não confunda o que vou dizer: eu não sou um suicida e nem tenho desejo de morrer. Mas estou incompetente para tocar a vida, estou me cansando de tanta destruição. Desse cansaço, eu tenho medo. Isso pode me matar”.

O período de análise que se seguiu – mais ou menos quatro anos – foi distinto dos anos anteriores. Marcelo havia esgotado as possibilidades de garantir o pífio equilíbrio entre viver e morrer. Viver perigosamente não era mais uma opção, pois suas tentativas de “construir vida sobre os escombros da morte” começaram a fracassar quase que imediatamente. Conversávamos bastante sobre formas de viver para longe “daquela puta vida, da maneira filha da puta de viver”. O período de adoecimento e o tratamento, as consequências e sequelas graves em seu corpo, romperam suas ilusões defensivas,

derrubaram seu mito do *herói que sempre ressurgiria das cinzas*. “É uma boa notícia o cansaço, sinal de que seus pactos antigos estão se rompendo”, lhe dizia. “Sigo tentando, mas sou tentado”, brincava Marcelo de maneira menos jocosa.

Uma questão se impunha...

Que função (ou lugar?) tinha essa análise para Marcelo? Em *Análise terminável e análise interminável* (1937)³, Freud discute sobre a indissolubilidade da neurose de transferência, como um substrato indesejável e sobranter em todo processo analítico, questionando-se inclusive sobre a impossibilidade de se analisar cabalmente os materiais mais primitivos, justamente os essenciais. O caso de Marcelo me levou a refletir sobre isso em algumas supervisões que busquei fazer ao longo de seu processo. Angustiava-me o fato de que, apesar dos avanços no trabalho analítico, com aprofundamento significativo de suas elaborações, meu paciente parecia me dizer, ao mesmo tempo, que precisava das sessões, de sua relação comigo, não apenas para se manter saudável, mas sobretudo para se manter vivo.

“Seguir tentando viver, tentado a permanecer vivo” é o que lhe repito algumas vezes. E Marcelo começou a se fortalecer e reorganizar a vida outra vez. Agora, em bases mais sustentáveis: vendeu sua casa, comprando um apartamento mais modesto para viver, casando-se alguns meses depois; investiu o dinheiro remanescente e começou a trabalhar com o filho, a essa altura um adulto jovem; recuperou a saúde física, ficando longe das drogas em geral, passando a fazer esportes convencionais. De modo geral, sua vida estava “mais discreta, frequente poucos amigos”. Entramos em uma fase na análise em que “busco compreender melhor o que me acontece. Acho que é bipolaridade, deveria tomar lítio?”

Navegar nos mares da mãe era preciso...

Sempre pensei em suas oscilações para além da narrativa psiquiátrica mais direta, por isso, escutei

3 S. Freud, *Análise terminável e análise interminável*, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1937/1976.

interessada quando Marcelo começou a buscar se compreender a partir dessa perspectiva, tentando produzir alguma tessitura no lugar do buraco que dizia carregar. Pela primeira vez, solicita que o encaminhe a um psiquiatra, coisa que recusara até então: “eu não sou de confiança, como você bem sabe. Sempre vivi entupido de drogas, conseguia Rivotril no mercado paralelo, aquilo sempre me fez muito mal, vivia chapado”. Começou, assim, a considerar a possibilidade de ser acompanhado, de tomar algo que “evitasse suas caídas no fundo do poço”.

Isso não chegou a acontecer nesse momento, pois sua mulher recebeu uma proposta para trabalhar em Portugal. “Lisboa se parece muito com o Rio. Vai fazer muito bem para nós dois”. Ainda que Marcelo não falasse explicitamente, a manutenção de sua vida e da casa era garantida por sua mulher, havia um pacto entre eles que funcionava bem, pois também contribuía para a vida que construíam juntos: “sou muito bom em estética e decoração, adoro as coisas da casa, ganho menos dinheiro hoje, mas não me sinto mal como me sentia antigamente”. Nesses tempos, falava muito de sua mãe, de sua “alma feminina”. Tivemos sessões muito bonitas, reencontros dele com a legião de mulheres que sempre o acompanharam e o salvaram. Surgem lembranças de cenas e sonhos com sua mãe, uma mãe mais atenciosa e amorosa que ele suspeitava nunca ter tido. Ainda assim, ela agora existia nele.

Eu permanecia praticamente em silêncio nessas últimas sessões, escutando-o calmamente, acompanhando-o nesses momentos verdadeiramente belos. A dimensão estética, a beleza, os sabores, as flores. Tudo isso, Marcelo carregou como bagagem para Portugal. Olhei meu paciente se despedindo e vi um homem mais velho (58 anos em 2009), sereno, sem a agitação que o aterrorizava. “Dessa vez eu vou mesmo embora... ou não?” Não precisou dar risadas sarcásticas, simplesmente se despediu. Era uma sensação inédita no seguimento dessa análise, que pude experimentar aliviada.



*acredita que vou fazer 70 anos?
Você tem muito a ver com isso. Fiquei vivo. Estou com início de cirrose, mas me cuidando. Quero pagar pelas sessões que fiquei devendo.*

Mas... sempre as conjunções adversativas...

No início de 2012, chega uma mensagem “preciso falar”. Marcelo vem acompanhado do irmão mais velho, que eu jamais conhecera. Os dois entram juntos na minha sala. “Estava passando o réveillon com ele no Rio. Um pouco depois da meia-noite, estava na varanda admirando as luzes da cidade, a agitação do réveillon, me aproximei do parapeito e me inclinei um pouco para olhar. Dessa vez, foi ele que me flagrou. Tínhamos bebido um pouco e a gente se abraçou, choramos muito. Na manhã seguinte, ele ligou para um psiquiatra. Eu já disse que estou bem, não havia intenção alguma naquele meu gesto. Por isso, quis vir conversar com você”. O irmão diz: “me assustei porque ele estava bastante inclinado, porque ele não se deu conta do risco. Ele nunca vê o risco”. Marcelo, contudo, sabia dos riscos: “eu estou bem, voltei a morar no Brasil ano passado, mas bebo em ocasiões especiais e sabemos onde isso pode parar”. Tivemos mais duas sessões, Marcelo decide finalmente procurar o psiquiatra e seguiu seu caminho, prometendo me dar notícias. Nunca me pagou pelas sessões desse período.

Suas notícias demoraram a chegar. Durante a pandemia, em 2020, Marcelo pede “apenas uma conversa”. “Dessa vez demorei pra falar com você, né? Acredita que vou fazer 70 anos? Você tem muito a ver com isso. Fiquei vivo. Estou com início de cirrose, mas me cuidando. Quero pagar pelas sessões que fiquei devendo. Ando meio quebrado, mas a vida modesta tem mais a ver



*a experiência analítica
que transparece no relato
e reaparece na figura compacta
de Marcelo indica camadas justapostas
entre um bebê, um adulto jovem
e um velho moribundo.*

comigo agora”. Prometeu pagar uma sessão por mês. E assim foi.

Comentário de Paulo Endo

A exposição de um caso, sem endereçamento claro ou conhecido, na composição de outras metainterpretações que se acrescentariam, substituiriam e/ou modificariam a interpretação do(a) narrador(a) do caso, é um exercício clínico que veda certas percepções para ativar não percebidos, outros percebidos que se organizam, ou não, noutra cena entre três narrações sobre uma mesma clínica e que, separadas e juntas, perfazem o horizonte infinito da interpretação psicanalítica e de seu testemunho. Retoma-se assim, na proposta do Debate Clínico, algo muito fundamental do que fazemos em, com e sobre psicanálise nesse interessante espaço sugerido pela revista *Percurso* em que, numa pequena reunião entre psicanalistas, a princípio desconhecidos/as, um caso é reapresentado como mobilizador de um trabalho, de um pensamento sobre um tratamento e do dever da psicanálise. O que se segue então é um dos vértices do triângulo proposto a partir da narrativa-mãe apresentada pela analista do caso.

* * *

A experiência analítica que transparece no relato e reaparece na figura compacta de Marcelo indica camadas justapostas, nem sempre deslindáveis,

Encerro essa escrita destacando algumas linhas gerais de interpretação do caso, que podem até parecer óbvias, como por exemplo: *impulsos mortíferos desdobrados em fantasias maníacas onipotentes e/ou em claras atuações propriamente suicidas, pactos identificatórios com as figuras materna e paterna, que o aprisionavam vivendo nos limites do gozo mortífero etc.*

No entanto, minha principal intenção no relato foi revelar movimentos transferenciais – e contratransferenciais – que colocam em discussão, por si mesmos, a validade do trabalho analítico, em casos em que a tolerância à contaminação e aos entrelaçamentos se dão apenas no limite de uma análise *(im)possível*.

entre um bebê, um adulto jovem e um velho moribundo. O que as compacta e indiscrimina é o apelo à morte. O menino no parapeito, o adulto que já fez de tudo na vida e o velho doente. Efeito dessa indiscriminação é a impossibilidade de impor sobre si os próprios cuidados, efeitos de castrações impossíveis ou incompletas e dos lutos sobre as próprias impossibilidades que não puderam acontecer.

É um velho, mas é também um jovem adulto e é uma criança. Transitar, usufruir, se arriscar nessa corda bamba – ou parapeito – que ele inventa supõe, contudo, um personagem suspenso num fio móvel, também equidistante entre a vida e a morte que se apresentam nas figuras maternas, nas namoradas e na analista. Com elas ele caminha sobre brasas, mas também as atíça e convida rumo às brasas. Já se drogou sozinha? Quer uns ingressos para qualquer espetáculo? Posso conseguir. Quer ser minha parceira de infortúnio?

A potência sedutora narrada nesse convite é emitida com a delicadeza de um menino para quem a morte é atraente e aterrorizante, e o processo lento de pôr fim à própria vida se revelou mais consistente e definidor do que a queda abrupta do parapeito. É possível pensar que a queda no parapeito visava, antes e sempre,

à queda no colo e, do mesmo modo, a queda na hepatite seria a prova de realidade de que não haverá colos, afagos, atenuantes para quem consistentemente frequentou a morte como possibilidade sedutora e desejada.

O velho bem alinhado (como o pai) e de cabelo desgrenhado e óculos coloridos e divertidos conclui uma figura agradável, simpática, diferente e não usual. Nela se revela até mesmo uma definição da vida, do viver em proximidade com o morrer: morrer não deve ser levado tão a sério assim.

A morte não deveria ser intencional, salvo nos arroubos do suicídio deliberado, mas Marcelo parece dizer: Mas ela é. Ele inventa uma possibilidade de se avizinhar da morte, aguardando uma proteção que eficazmente encontra nas mulheres. Suas namoradas, sua analista e na potente imagem do reencontro com a mãe ausente que o arranca dos parapeitos rumo ao seu peito e, enfim, o apazigua.

O pronome possessivo sua(s) aqui indica certamente que ele as possui de algum modo, e sua posse também indica que elas são mais tragadas ao parapeito do que o retiram de lá. As suas mulheres são gentilmente convidadas a viver abismadas se aceitam o doce convite do precipício, como o detalhado relato da analista nos permite entrever.

Essa forma de gozo, que define uma vida inteira e parte das vidas que com ele se precipitam, impõe uma duração impressionante e revela que Marcelo não sabe ser outro se não o menino do parapeito que aguarda um colo “careta”. O colo “careta” é, no fim, o colo de verdade, a proximidade artificial com o seio, o aquietar-se em segurança num lugar impossível. Sem esse colo que o salvaria de si, não há a tensão entre a queda e a proteção; o tudo e o nada; a pobreza e a riqueza; a sobriedade e a embriaguez e, no fim, entre a vida e a morte, e tudo se indiscrimina.

Quem dirá que a sobriedade é mais intensa, gozosa e profunda que a embriaguez? Quem dirá que não é apenas na embriaguez que se pode se livrar das cabeças, da ponderação, castração e propósito? E quem dirá, no auge de sua sobriedade, que os prazeres sublimatórios entregam o mesmo



*a impossibilidade das criaturas
no Hades, como Prometeu,
é que elas não podem se matar.
Suas vidas não lhes pertencem e suas
mortes serão, para sempre,
jamais alcançadas.*

colorido e intensidade que os prazeres orais, anais e polimorfos?

Marcelo tipifica uma trajetória heroica, suscita e fascina por provocar definições heterodoxas sobre a vida. Viva rápido e morra jovem! Não foi assim com Mozart, Kid Vicious, Elis e seus pais?

Porém, não foi assim com Marcelo. Ele envelheceu e seu corpo passou a ser a prova da impossibilidade do luto de sua vida que se foi. O fígado senil e castigado e o rosto rugoso que adorna com óculos divertidos o assombrariam com a possibilidade de uma existência patética. No horizonte incerto de seus ideais se vislumbra a vida exuberante de seus pais e de todos que puderam morrer jovens, ante os quais ele seria, então, um fracasso a definhar lentamente e que, portanto, não cumprirá deixar um belo cadáver.

A impossibilidade das criaturas no Hades, como Prometeu, é que elas não podem se matar. Suas vidas não lhes pertencem e suas mortes serão, para sempre, jamais alcançadas. As criaturas do Hades fracassaram em pôr fim à própria vida ou em escolher como gostariam de morrer. Do mesmo modo é Fênix, obrigada a renascer e a triunfar sobre a morte, sempre e infinitas vezes. São os não mortos, para quem a morte foi vedada. A penúria de Prometeu e o triunfo da Fênix, oniricamente justapostos, conflagrariam uma das possíveis representações de Marcelo: uma Fênix paradoxal e melancólica, tal como tantas vezes evidenciou sua analista em seu relato. “Assim que sarar te p(e)ago”. Em outros termos: Vou renascer e você testemunhará ou viverá para ver!



*é instigante tensionar
a orfandade de Marcelo
com o seu abandono regular
e crônico que mil vezes
o precipitou no tudo
ou nada.*

Entre não gozar e gozar sempre, retorno ao relato e não encontro nenhuma menção às experiências sexuais de Marcelo, salvo uma menção na qual ele caracteriza o transar muito como parte de seus excessos. Ou seja, não se trata da experiência sexual, mas do sexo como não experiência. “Dias seguidos bebendo, cheirando e transando”.

Contudo o gozo de Marcelo aparece em outra figura sexual: na “puta vida” e na “vida filha da puta”. Só se concebe o sexo se for muito e desregulado; ou banal e culpabilizado: a fantasia da polimorfia como ideal sexual e suas figuras congêneres limitam a própria experiência sexual, ausente do relato que nos oferece a analista de Marcelo. A puta vida, a vida de puta, a vida de um filho da puta. A putaria aparece como organizador possível de sua vida sexual, excessiva às vezes, nula e banal outras vezes, como a vida das putas. Uma vida sem amor?

Mas também Marcelo é um “filho da puta” que odeia a mãe (“puta”) que não teve, que arrasta as mulheres para seu destino mortífero e que se ampara na culpa das mulheres para não ser abandonado à própria sorte, à própria morte. A morte será sempre o enigma erótico no ponto de restauração da própria vida, no qual os lutos das representações da criança e do jovem adulto que foi zombam do velho doente que jamais quereria ser. Eis aí, na velhice, o menino no parapeito em busca de um colo infinito e sem abismos.

“Desmaiado em seu carro, sujo de urina, fezes e vômito”. O bebê pós-maturo que coloca em risco a si e a suas mães.

É instigante tensionar a orfandade de Marcelo com o seu abandono regular e crônico que mil vezes o precipitou no tudo ou nada. Pais idealizados guardaram a marca de uma tarefa que ele, como herdeiro, não pode cumprir. Aos setenta anos, doente, dependente e sem dinheiro, Marcelo não disfarçará mais suas rugas com seus óculos chamativos. A ambiguidade parental de um pai que ia de terno à praia e uma mãe carinhosa e rodeada de babás se perpetua como enigmas de uma parentalidade que não se ofereceu. Um pai que não se diverte com os filhos na praia? Uma mãe que se protege com anteparos de sua maternidade? E por que ambos partem cedo antes de se tornarem prescindíveis?

Reflexões importantes sobre a neurose de transferência são sugeridas pela analista narradora. Vale a pena refletir com ela:

Em *Análise terminável e análise interminável* (1937)⁴, Freud discute sobre a indissolubilidade da neurose de transferência, como um substrato indesejável e sobranete em todo processo analítico, questionando-se inclusive sobre a impossibilidade de se analisar cabalmente os materiais mais primitivos, justamente os essenciais. O caso de Marcelo me levou a refletir sobre isso em algumas supervisões que busquei fazer ao longo de seu processo. Angustiava-me o fato de que, apesar dos avanços no trabalho analítico, com aprofundamento significativo de suas elaborações, meu paciente parecia me dizer, ao mesmo tempo, que precisava das sessões, de sua relação comigo, não apenas para se manter saudável, mas sobretudo para se manter vivo.

Essa intensidade transferencial que, por vezes, expulsa a interpretação para o longínquo lugar do desespero remonta na clínica o que eu pensava em 2005, em *A violência no coração da cidade*, como o vetor de uma *pulsão de sobrevivência* que se manifesta em situações-limite e em contextos sociais e políticos em que a vida é constantemente ameaçada. A reflexão da analista de Marcelo me

4 S. Freud, *Análise terminável e análise interminável*, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1937/1976.



fez retomar esse conceito como uma insistência em sobreviver, gerada, por sua vez, a partir das condições de morte que esse mesmo sujeito gera.

E, de fato, as férteis imagens associativas de Prometeu e Fênix indicam que a vida e toda a atividade psíquica permaneceram cativas dessas repetições, como procurei sugerir acima. Repetições que só se executam pela repetição de sucessivos fracassos e nunca definitivos sucessos. É um triunfo sobre a morte na qual a ressuscitação é o grande e definitivo evento.

A cena transferencial refaria então um estado de indignação que pronto se manifestaria na escatologia da concretude do corpo regredido, imiscuído à própria urina, vômitos e fezes.

Eu pensava na ocasião que a regressão tópica a uma pulsão de sobrevivência – ativada pela regularidade de ameaças à vida, não geradas pelo sujeito mas por outrem, e que lhe exigiam respostas psíquicas urgentes e imediatas – se escoraria em experiências humanas de enlaxamento diversas, ocasionais e urgentes, dada a oportunidade, em situações de risco extremo à sobrevivência.

No caso de Marcelo, sua analista indica esse valor de prótese e escoramento no próprio mecanismo da transferência já nas sucessivas demandas por uma análise – “Não estou dando conta.” –, o que revela a potência das condições de gênese da transferência como asseguramento da sobrevivência psíquica e como valor de esperança de que, psiquicamente, outra vida seja possível, se restaurada a representação do corpo autônomo, que se escora no corpo da analista como prótese. Um corpo capaz de urinar, defecar, respirar e se alimentar sozinho logo que o cordão umbilical é cortado.

No limite a substância corpórea da transferência indicaria que, na compactação de corpos expostos e em risco, a resposta analítica e transferencial emula um corpo fonte que pode e, por vezes, tem de alcançar uma linguagem aquém, mas em seu horizonte. Porém nesse caso, e seria instigante pensar, distante dos mecanismos do recalque, da

*a cena transferencial refaria
então um estado de indignação
que pronto se manifestaria
na escatologia da concretude
do corpo regredido, imiscuído
à própria urina, vômitos e fezes.*

denegação e da repressão, e perto, muito perto, de corpos que esqueceram os automatismos que permitem a sobrevivência autônoma (arco reflexo) e saberão reagir, limitando os riscos à vida, mesmo se caminhando sobre parapeitos.

Marcelo viveu. Alguma fratura, distância, desobediência puderam acontecer psiquicamente frente aos destinos inconscientemente herdados dos pais que morreram muito jovens. Porém, ele hesita ante a cronicidade da vida e o imperativo do ter de viver. Seu destino, definido por si próprio, foi viver, mas hesita diante de tudo o que lhe custa para fazê-lo. Ainda o que não suporta é a cronicidade imposta pelo viver sozinho. Sente que depende de outros corpos vivos como amparo, castração e salvação, como se não pudesse e soubesse viver longe dos precipícios onde a vida ordinária acontece.

Por fim peço licença para finalizar com um poema de Paulo Leminski como parte das minhas associações geradas pela leitura do caso, sobretudo em diálogo com as reflexões finais desse comentário. Aproveito para agradecer o convite da *Percurso* e à nossa analista narradora pelo prazer do diálogo ao longo do processo de produção desse material.

O que passou, passou?

[Paulo Leminski, 1994]

Antigamente, se morria
1907, digamos, aquilo sim
é que era morrer.



“é essencial ao desenvolvimento das ideias psicanalíticas e ao trabalho clínico que os analistas escrevam e publiquem, apesar do conflito de lealdade estar presente.”

[V. Chetrit-Vatine]

Morria gente todo dia,
e morria com muito prazer,
já que todo mundo sabia
que o Juízo, afinal, viria,
e todo mundo ia renascer.
Morria-se praticamente de tudo.
De doença, de parto, de tosse.
E ainda se morria de amor,
como se amar morte fosse.
Pra morrer, bastava um susto,
um lenço no vento, um suspiro e pronto,
lá se ia nosso defunto
para a terra dos pés juntos.
Dia de anos, casamento, batizado,
morrer era um tipo de festa,
uma das coisas da vida,
como ser ou não ser convidado.
O escândalo era de praxe.
Mas os danos eram pequenos.
Descansou. Partiu. Deus o tenha.
Sempre alguém tinha uma frase

que deixava aquilo mais ou menos.
Tinha coisas que matavam na certa.
Pepino com leite, vento encanado,
praga de velha e amor mal curado.
Tinha coisas que têm que morrer,
tinha coisas que têm que matar.
A honra, a terra e o sangue
mandou muita gente praquele lugar.
Que mais podia um velho fazer,
nos idos de 1916,
a não ser pegar pneumonia,
deixar tudo para os filhos
e virar fotografia?
Ninguém vivia pra sempre.
Afinal, a vida é um upa.
Não deu pra ir mais além.
Mas ninguém tem culpa.
Quem mandou não ser devoto
de Santo Inácio de Acapulco,
Menino Jesus de Praga?
O diabo anda solto.
Aqui se faz, aqui se paga.
Almoçou e fez a barba,
tomou banho e foi no vento.
Não tem o que reclamar.
Agora, vamos ao testamento.
Hoje, a morte está difícil.
Tem recursos, tem asilos, tem remédios.
Agora, a morte tem limites.
E, em caso de necessidade,
a ciência da eternidade
inventou a criônica.
Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.

Comentário de Norma Lottenberg Semer

O convite da revista *Percurso* me deixou honrada, motivada e temerosa. Espero dar conta da proposta e agradeço a confiança pela escolha de

meu nome. Chetrit-Vatine⁵, em trabalho sobre a reflexão de um caso clínico de colega, assinala quão ousada é essa missão, em termos científicos e éticos. É essencial ao desenvolvimento das ideias psicanalíticas e ao trabalho clínico que os analistas escrevam e publiquem, apesar do conflito de lealdade estar presente⁶. Quanto à ética, é necessário proteger a confidencialidade dos

5 V. Chetrit-Vatine, The analyst at work. Some thoughts related to ethical seduction of the analyst encounter: A commentary on “A man who was tied up”, *International Journal of Psychoanalysis*, n. 89, p. 491-496, 2008.

6 J.L. Kantrowitz, *Writing about patients: responsibilities, risks, and ramifications*, New York: Other Press, 2006.



pacientes e providenciar material para dar suporte às ideias⁷. Freud⁸ sustentou que os analistas têm o dever de publicar aquilo que aprendem com seus pacientes, o que poderia ajudar muitos outros.

A analista inicia seu relato abordando com clareza e coragem a decisão de trazer Marcelo e a si mesma: a situação de que a análise é sempre uma transgressão, bem como a exposição da clínica, e que estaria ciente de alguns “atos criminosos”. Manteve a recomendação de Freud⁹ para escrever apenas quando terminasse a análise.

Vou adentrar a intimidade da dupla analista-analisando, mesmo convidada. Estaria eu em uma posição de certa forma privilegiada, à distância? Talvez ao contrário, por estar justamente impedida de vivenciar a experiência encarnada e não ter acesso ao frescor das emoções que se passaram entre-dois. O analista precisa estar envolvido e implicado, conforme preconiza Frayze-Pereira¹⁰, e disposto a viver a experiência, entregue ao risco.

O que eu poderia falar sobre essa experiência analista-analisando que me chegou em mãos? Eu me senti na posição da analista de Marcelo: “nos dois primeiros anos seguia sem saber o que dizer” – bem como em situações nas quais muitas vezes me pergunto: o que posso falar para esta pessoa que está aqui comigo que seja significativo, que tenha um sentido em sua vida, que provoque um *insight* ou uma mudança psíquica?

Em vez de tentar responder a essa pergunta, mantê-la como indagação poderia ser uma fonte de curiosidade, investigação e inspiração no trabalho cotidiano, a cada momento, com a especificidade e singularidade do encontro analítico. Não se trata do que falar, mas sobretudo de como ouvir, afinando a escuta psicanalítica, como a de aprimorar o instrumento musical, no caso, a função psicanalítica da personalidade, minha e do analisando, sendo a técnica uma condição necessária, mas não suficiente. É preciso que um músico toque com “alma” e também toque a “alma” de seus ouvintes.

Ora, a analista de Marcelo aborda, no final de seu texto, a escolha de enfatizar, de acordo

“nos dois primeiros anos seguia sem saber o que dizer a Marcelo”. A analista pôde suportar essa posição, habitual e frequente, de tolerar não saber.

com sua perspectiva teórica, exatamente este tema ao se referir à atenção, dedicação e aos cuidados transferenciais e contratransferenciais, dado que o trabalho se deu no “entre-dois” na experiência emocional, na conexão dos mundos psíquicos, como propõe Frayze-Pereira¹¹.

Encontro uma correspondência na psicanálise contemporânea como ampliação do campo psíquico na sala de análise e das ressonâncias no analista, em vez da clássica versão de procurar o inconsciente ou o conteúdo latente, mas sim de se buscar a natureza da dor psíquica.

Conforme mencionado, a analista nos conta que “nos dois primeiros anos seguia sem saber o que dizer a Marcelo”. A analista pôde suportar essa posição, habitual e frequente, de tolerar não saber, manter-se em um estado de disponibilidade, de presença viva e atenta. Bion¹² utiliza o conceito capacidade negativa, a condição do analista para suportar um estado de “não-saber”. Vários temas foram abordados posteriormente, quando Marcelo teve condições de se aproximar de si mesmo: lutos, orfandade, onipotência, negação da realidade psíquica, funcionamento mental pelo princípio do prazer, entre outros. Notável a capacidade de acolhimento e continência interna da analista para caminhar junto a Marcelo no fio da navalha e aguardar. Qualquer passo em falso poderia ser fatal, como o título do trabalho revela. Eram duas pessoas nos parapeitos da janela: Marcelo, brincando com sua vida, e a analista mantendo o *setting* e a análise, com a condição de perceber, conter e lidar com a angústia enquanto



*a vida sem graça
e a identificação com os pais, com
modo narcísico e regido pelo princípio
do prazer. Ora, renunciar
às primeiras identificações
é tarefa impossível.*

ele bailava pela vida, anestesiando-se de suas dores e sofrimento. A preocupação ficava com a analista enquanto ele continuava aliado a um aspecto mortífero. É possível observar também um tom de triunfo, quando lhe dizia que era de um outro mundo, de banqueiros, empresários, “homens do *show business*”, artistas e outros. A analista captou sua dor bem como a necessidade de construção de um vínculo de confiança para que pudessem, juntos, descer aos porões de sua mente.

As primeiras comunicações de Marcelo foram bem impactantes: “Ela me disse que só fiz mal a ela, que estava morrendo ao meu lado. Era verdade”. Assim, Marcelo perguntava à analista se suportaria ficar a seu lado, se poderia sobreviver à sua destrutividade.

A analista descreve suas impressões iniciais de forma cuidadosa, evidenciando as dualidades,

em um funcionamento psíquico marcado por cisões: *homem grandalhão e mãos delicadas; camisas impecáveis e cabelos desgrenhados; olhar triste atrás de óculos divertidos*. Percebeu que junto ao homem grandalhão estava um pequeno menino assustado, fragilizado e sem saber o que fazer com suas dores.

Penso que Marcelo não conseguia ter acesso à angústia nas fases iniciais. Quando a analista o convida a questionar uma “puta vida”, pressupõe um mundo baseado em defesas maníacas, segundo a formulação de Winnicott¹³. Essa “puta vida” era relatada em termos de aspectos materiais e concretos com pouco acesso às ressonâncias emocionais ou à subjetividade. Talvez o mundo material lhe desse maior sensação de domínio, ou o libertaria de suas angústias e de seu mundo mental.

Entretanto, esse sistema já estava falido, caso contrário não necessitaria das drogas e nem teria vindo buscar análise. Essa intervenção da analista abriu caminho para que ambos pudessem pensar na “vida filha da puta” – e Marcelo trazer sua história tão triste. Diz não se lembrar da mãe, apenas alguns fragmentos, mas a descreve como uma mulher cheia de vida, extremamente carinhosa e paciente com os filhos. Uma mãe que apostou na vida para seu filho, mas talvez fizesse a mesma coisa em termos de jogos perigosos para si própria.

Havia também o sentimento de abandono, a raiva dessa vida filha da puta que o deixou sozinho sem os pais, embora reconhecesse sua solidão desde muito cedo na vida, por não se sentir olhado, percebido. A vida sem graça e a identificação com os pais, com modo narcísico e regido pelo princípio do prazer. Ora, renunciar às primeiras identificações é tarefa impossível. Para Freud¹⁴, “...os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros”.

Marcelo perdeu os pais muito cedo e manteve um modo mais infantil de se relacionar com essas figuras. Assim, não teve oportunidade de crescer junto com seus pais e relacionar-se com eles de forma adulta, menos idealizada ou com menos carga emocional. Ficaram registros da infância, memórias em sentimentos. Seu irmão mais velho de dezoito anos se tornou a figura “adulta”

- 7 M.S. Goldstein, *A Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e a pesquisa psicanalítica com material clínico de paciente*, Tese de doutorado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020.
- 8 S. Freud, Fragmento da análise de um caso de histeria, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1905/1988, vol. VII, p. 19-25.
- 9 S. Freud, Recomendação aos médicos que exercem a Psicanálise, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1912/1988, vol. XII, p. 125-133.
- 10 J.A. Frayze-Pereira, *Arte, dor, inquietudes entre Estética e Psicanálise*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- 11 J.A. Frayze-Pereira, Programa da Diretoria de Cultura e Comunidade, *Boletim Informativo da SBPSP*, jun. 2023.
- 12 W.R. Bion, *Atenção e interpretação*, Rio de Janeiro: Imago, 1970/1973.
- 13 D. Winnicott, A defesa maníaca, *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise*, 2. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935/1982, p. 247-67.
- 14 S. Freud, O Ego e o Id, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1923/1988, vol. XIX, p. 15-71.

quando era apenas um adolescente. Marcelo se manteve em um estado de mente adolescente com as aventuras onipotentes necessárias para aquele momento de vida, mas não para a vida adulta.

Que tarefa delicada para a analista ser ao mesmo tempo uma mãe acolhedora que transmite a ele o desejo de que fique vivo e não ser a mãe tão aderida ao princípio do prazer e que não suporta a realidade. Uma analista que ficou com ele, observando-o caminhar no parapeito, sofrendo com ele e principalmente não foi embora antes do tempo, como sua mãe.

Ao longo do tempo Marcelo pôde aprender com a experiência psicanalítica e ter mais contato consigo mesmo. Houve algumas mudanças no seu funcionamento psíquico, com expansão da condição mental para falar de si, das emoções, sentimentos, angústias, enfim, mais contato com seu mundo interno. Nas oscilações entre vincular-se e não se vincular, foi possível se ligar à analista “careta” e aproveitar a análise como uma experiência transformadora para sua vida, sobretudo pela confiança na caretice da analista – que garantiu a estabilidade do vínculo e do *setting*. A experiência analítica precisa permitir introjeções para dotar os objetos internos de novas qualidades¹⁵.

No segundo tempo da análise, foi possível viver uma experiência diferente em que ambos puderam estar juntos em uma parceria, colhendo frutos e flores das sementes plantadas durante todos os anos anteriores. É bem comovente a descrição desses momentos:

Nesses tempos, falava muito de sua mãe, de sua “alma feminina”. Tivemos sessões muito bonitas, reencontros

dele com a legião de mulheres que sempre o acompanharam e o salvaram. Surgem lembranças de cenas e sonhos com sua mãe, uma mãe mais atenciosa e amorosa que ele suspeitava nunca ter tido. Ainda assim, ela agora existia nele [...] A dimensão estética, a beleza, os sabores, as flores. Tudo isso, Marcelo carregou como bagagem para Portugal. Olhei meu paciente se despedindo e vi um homem mais velho (58 anos em 2009), sereno, sem a agitação que o aterrorizava.

Como ilustração, gostaria de citar alguns trechos de uma entrevista de Cecília Meireles. Quando nasceu, em 1901, seu pai já havia falecido havia três meses. Sua mãe faleceu quando a menina tinha três anos de idade, e Cecília passou a ser cuidada pela avó materna.

Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência... A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo de minha personalidade. Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa sempre foi a área da minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar.¹⁶

Marcelo, com outras condições psíquicas e outra história de vida, pôde descobrir alguma poesia e beleza da vida ao lado de sua analista.

15 D. Meltzer, Notas sobre processos introjetivos, *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, vol. XXIII, 3, 1982/1989.

16 C. Meireles, Entrevista à revista *Manchete* em 03 out. 1953, *Flor de Poemas* (Coleção Poiesis), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983 (by Herdeiras Cecília Meireles).

O Projeto de uma psicanálise científica

Janaina Namba

Resenha de Richard Simanke, *A Fundação da Psicanálise: uma análise do Projeto de uma psicologia de Freud* – v. 1, São Paulo, Instituto Langage, 2023, 320 p.

O primeiro volume de *A fundação da Psicanálise, do neurônio à memória*, faz parte de um projeto de muito fôlego empreendido por Richard Simanke. Para além de uma tese para a obtenção do título de professor titular, esse livro inicia uma série de seis volumes que conta com um estudo minucioso a respeito dos primórdios da psicanálise.

O que Simanke nos apresenta é um texto que se propõe a analisar internamente de maneira conceitual, estrutural e profunda, acrescida de um contexto histórico, um dos textos freudianos mais estranhos e obscuros, a saber, o “Projeto para uma Psicologia Científica” (que daqui em diante será denominado apenas como “Projeto”), que pode ser visto como estando integrado e em continuidade com o restante da obra freudiana, apesar de se encontrar nos moldes das teorias

nerológicas de um Exner¹ ou de um Meynert². O “Projeto”, como é mais comumente conhecido, é um manuscrito inacabado, “recuperado décadas depois de ter sido escrito, por Marie Bonaparte (1882-1962), juntamente com as cartas e demais manuscritos enviados por Freud a Fliess, [...] em 1950” (p. 18). As primeiras quatro páginas desse texto, segundo Simanke, foram escritas no início de setembro de 1895, num trem noturno vindo de Berlim, em “uma caligrafia febril” que anunciava a intenção de fornecer uma “psicologia científico-naturalista [...] e exprimia noções complexas, mas familiares como ‘neurônio’, ‘inércia’, ‘quantidade’, ‘ação específica’”, entre outras (p. 17).

O texto a que tivemos acesso do “Projeto” foi redigido “num único impulso” ao longo de poucas semanas, tendo como resultado “a forma extremamente abreviada e condensada, com muitos saltos argumentativos, omissões e ambiguidades que contribuem para conferir-lhe um caráter críptico e obscuro, por vezes no limite da ilegibilidade” (p. 19). Apesar de tais características que podem vir a impedir o leitor a se debruçar sobre o texto do “Projeto”, Simanke mostra que essa é “a primeira tentativa de *síntese*, por parte de Freud, dos pressupostos e das indicações teóricas de suas investigações até aquele momento” (p. 26). E a estrutura da análise do texto “procurou seguir as articulações teóricas do ‘Projeto’: ‘Parte Geral’, ‘Psicopatologia’ e ‘Tentativa de apresentar os Processos normais’” (p. 27).

Desde a concepção das afasias, do final dos anos 1890, Freud, ao criticar o *localizacionismo*, propõe que as lesões possam ser funcionais e que se possa “distinguir as paralisias orgânicas das paralisias histéricas”, o que “irá abrir caminho para uma teoria psicológica das neuroses nos anos subsequentes” (p. 33). Em 1893, na “Comunicação Preliminar”, publicação conjunta com Breuer, Freud já considera que as paralisias/paresias ou disfunções sensoriais das histéricas sejam causadas por disfunções psíquicas, ou ainda por traumas que não tiveram uma reação efetiva ou eficaz, considerando assim duas séries de condições: uma em função da natureza do trauma, e a outra não em função das lembranças, “mas pelo estado psíquico em que

1 Sigmund Exner (1846-1926) foi aluno de Ernst von Brücke, como Freud, mas em 1870 já trabalhava como assistente no Instituto de Fisiologia da Universidade de Viena, para posteriormente em 1891 sucedê-lo como professor diretor da cadeira de fisiologia.

2 Theodor Meynert (1833-1892), psiquiatra e neuropatologista. Em 1875 tornou-se diretor da Psiquiatria Clínica, associada à Universidade de Viena.

Janaina Namba é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora na Universidade Federal de São Carlos. Autora de *Expressão e Linguagem: aspectos da teoria freudiana* (Blucher, 2020).

se achava o doente quando se deram as vivências em questão” (Freud & Breuer, 1892/2016, p. 29).

No mesmo ano de publicação da “Psicoterapia da Histeria” (parte teórica freudiana dos Estudos sobre Histeria), Freud encontra-se às voltas com a oposição de Breuer frente ao seu posicionamento quanto à defesa patológica histerica que envolve a impossibilidade de lembrança dos restos mnêmicos de origem sexual, de modo que são assim mantidos inconscientes. (Freud, 1895/2016, p. 421) Além disso também com a tentativa de elaboração de um trabalho em psicologia que tivesse suas bases orgânicas que intitulava $\varphi\psi\omega$, o qual consumia boa parte de sua energia e tempo, causando uma mistura de sensações que se habituara comunicar a Fliess:

Agora, os dois cadernos. Eu rascunhei todos num único rompanete desde o meu retorno, e eles trarão pouca novidade para você, mas detenho-me em um terceiro caderno que trata da psicopatologia da repressão [...]. Trabalhei mais uma vez com novos esboços e, nesse processo, fiquei alternativamente orgulhoso e entusiasmado, envergonhado e miserável – até que agora, após um excesso de tormento mental, disse-me apaticamente: ela ainda não se encaixa e talvez nunca o faça (Freud apud Simanke, 2023, p. 40).

Dadas as condições expostas por Freud, normalmente interpreta-se que houve uma crescente decepção de sua parte com relação ao manuscrito, “culminando com o seu abandono” (p. 41). Mas Simanke nos alerta que é preciso ter cautela e problematizar tais interpretações, pois de uma certa maneira as ideias do Projeto estão presentes no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* de 1900, ainda que o vínculo entre a base nervosa e a base psicológica como uma das suas principais preocupações será posteriormente “periodicamente reafirmado, embora jamais cumprido” (Simanke & Caropreso apud p. 41).

Em fevereiro de 1896 ainda escreve a Fliess dizendo que está envolvido com a metapsicologia, que acredita “cada vez mais firmemente na teoria química do neurônio” (p. 43) e que pretende

encontrar com a ajuda do colega os fundamentos fisiológicos da psicologia. Ou seja, “mesmo na apresentação do aparelho psíquico de 1900, os neurônios e as *facilitações* do Projeto continuam a ser mencionados, mesmo que raramente” (p. 44). Na psicologia freudiana que, podemos dizer, teve início com a Concepção das afasias, afirmou que

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso provavelmente não tem uma relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não terminam simplesmente onde os psíquicos se iniciaram. Na verdade a cadeia continua, só que cada membro dela corresponde, a partir de um dado momento, a um fenômeno psíquico (Freud, 1891/2014, p. 72).

No entanto, em 1898, em outra carta a Fliess, menciona que “não pretende deixar a psicologia pendendo no ar, sem uma base orgânica”, mas de qualquer maneira não sabe como prosseguir, ou como subsidiar tal base para realizar uma ligação como essa, isto é, como se só o psicológico estivesse sendo considerado. Para Simanke, a psicologia freudiana é um “como se” resultante de uma lacuna do conhecimento” (p. 47). Desse modo a metapsicologia ganharia uma tonalidade provisória, o que não implica dizer que o projeto freudiano tenha sido renegado ou abandonado. Até onde nos mostra o autor, devemos vê-lo como uma diretriz programática da teoria psicanalítica que sempre se valeu de áreas afins como etnografia, biologia, medicina, filosofia entre outras.

“A psicologia também é uma ciência natural. Que outra coisa ela poderia ser?” (Freud, 1938/2001, p. 284). É a pergunta que Freud faz, retoricamente, é claro, em “Some Elementary lessons of Psychoanalysis”, texto datado de 1938, e que recupera ideias basilares dos primórdios da psicanálise, isto é, de que a natureza do psíquico é inconsciente e provém de uma base orgânica.

O “Projeto” nos mostra, portanto, “uma definição dessa psicologia científico-naturalista pretendida por Freud e que inclui explicitamente duas ideias centrais – neurônio e quantidade [...]” (p. 54). Não seria uma ideia propriamente

nova vincular os processos psíquicos às atividades neurais de modo a associá-los à mente e aos pensamentos, mas desvinculá-los da anatomia era algo que Freud vinha desenvolvendo há poucos anos, desde a “Concepção das afasias”. A grande novidade, porém, era respaldar e “apresentar os processos psíquicos como quantitativamente determinados” (p. 54). Ou seja, o respaldo de uma psicologia de caráter científico viria da fisiologia, da patologia e da física, pois as quantidades eram pensadas em termos de força e quantidade de movimento.

Para investigar qual o exato significado de quantidade para Freud, Simanke percorre o trabalho de alguns filósofos, psicólogos, médicos pesquisadores que influenciaram o criador da psicanálise, tais como Herbart, Fechner, Brücke, Helmholtz, Exner e Meynert. Segundo esse último, “apenas uma única energia funcional simples, embora seu princípio seja desconhecido, [...] pertence às células cerebrais sob forma de sensibilidade [...]” (Meynert apud Simanke, p. 66). Contrariamente, Freud “distinguirá diferentes formas de quantidades segundo a origem (exógena ou endógena), quanto ao estado de movimento (em repouso ou em fluxo) ou ainda, quanto à sua relação com seus diversos sistemas” (p. 67), isto é, se a energia se encontra livre ou ligada. Seja como for, ela é sempre o correlato daquilo que é designado como afeto e nesse momento inicial encontra-se submetida “à lei geral do movimento”, ou à “lei da inércia” (p. 72).

Do ponto de vista energético, Freud indica que o “afeto tende ao movimento antes que à fixação, então a transposição desta característica para a sua dimensão mínima [...] fornece um panorama de um neurônio pelo qual a quantidade passa, através do qual ela flui [...]” (p. 88). Ou seja, uma ideia que depois irá se desdobrar na descarga dos fluxos nervosos, através do arco-reflexo e que naquele momento podia ser pensada através das *barreiras de contato*.

No entanto, a ideia da existência de barreiras de contato, ou do fluxo nervoso, só irá aparecer após 1884, ano em que Freud dá uma conferência,

instigado pelo próprio Meynert, sobre a estrutura dos elementos do sistema nervoso, que até o momento eram tomados como descontínuos, isto é, o corpo celular e fibra nervosa eram pensados como estruturas separadas e distintas. Somente após a revolução charcotiana no final dos anos 1880 é que o paradigma localizacionista se rompe e as patologias psiquiátricas passam a ser pensadas como se estendendo por todo o corpo, ou seja, não é necessária uma lesão localizada em algum elemento do sistema nervoso para que uma patologia psiquiátrica possa ser desencadeada (Longé, 2021, p. 55-56). Simanke afirma que para Freud:

O princípio de inércia fornece, por um lado, o motivo ou justificativa para o movimento reflexo – eliminar quantidade. Por outro lado, no entanto, esta forma de compreender o reflexo como um esforço para suprimir a recepção de $Q\eta$ pela emissão completa de $Q\eta$ complementa a definição do próprio princípio (p. 90).

Ou seja, se anteriormente havia apenas uma tendência à descarga por parte do aparelho nervoso, passa a ser pensado como necessário ao funcionamento um equilíbrio entre a descarga e a manutenção de Q que acaba por tender a zero. “Mas o princípio de inércia, diz Freud, é rompido desde o início por outra relação” (Freud apud p. 91). Isso significa dizer que a complexidade do sistema nervoso obriga-nos a considerar outros estímulos provenientes do interior do próprio corpo e das grandes necessidades como fome, respiração e a sexualidade; e não um sistema nervoso simples, herdeiro de um protoplasma envolvido por membranas estimuláveis (Freud, 1895/1950/2003, p. 340).

No entanto, em 1920, apesar de Freud não mencionar novamente o protoplasma, ele sugere que imaginemos “um organismo vivo em sua máxima simplificação, como uma vesícula indiferenciada de substância estimulável” (Freud, 1920/2020, p. 105), indicando que a embriologia poderia mostrar uma história evolutiva do sistema nervoso e, portanto, o modo como houve a transformação desse sistema nervoso a partir do

impacto constante dos estímulos provenientes desde fora e do desenvolvimento de uma camada protetora contra estímulos mais intensos (Freud, 1920/2020, p. 107).

Simanke também nos indica que a ênfase que Freud atribui à excitabilidade do protoplasma, em 1895, prepara “a noção de constância, exigida justamente pela diferenciação entre um meio interno em oposição a um meio externo” (p. 96) e “norteará os esforços freudianos para caracterizar funcionalmente seu aparelho de neurônios [...]” (p. 123). E a conclusão sobre essa concepção quantitativa é de que “todas as operações sobre o sistema nervoso devem ser consideradas sob o ponto de vista da função primária ou secundária”, esta última sendo imposta pela necessidade vital (Freud, 1895/2001, p. 341).

Se primariamente o sistema nervoso recebe estímulos e os escoar deixando-os numa quantidade que tende a zero, secundariamente, isto é, somente *a posteriori* ele passa a fugir desses estímulos. De acordo com Simanke, é a necessidade vital que indica à função secundária que não reaja através de uma fuga, mas através de uma ação específica, pois o sistema nervoso não pode fugir dos estímulos endógenos. E com relação aos estímulos exógenos, uma vez instaurada a função secundária, há uma seleção “das respostas reflexas mais eficientes” para uma ação de fuga (p. 125).

Contudo, mesmo se tiverem sido as propriedades específicas de um sistema biológico organizado que exigiram a substituição da inércia pela constância, esta acumulação, não obstante, deve ter suas condições de possibilidade mecânicas estabelecidas. [...] É para justificar esta possibilidade que a noção de *barreira de contato* é introduzida (p. 155).

Ao acompanharmos Simanke, vemos assim que as funções neurais primordiais são a de descarga de quantidade de energia, seja fugindo dos estímulos externos, seja evitando ou agindo sobre os estímulos internos. No entanto, resta uma quantidade mínima circulante dentro do circuito estabelecido pelos neurônios. Isto é, “para que haja

constância é preciso alguma *resistência* que se oponha ao fluxo de quantidade, caso contrário toda ela escoaria para o exterior ao fim e ao cabo, e o sistema retornaria à inércia” (p. 155).

“Portanto, deve-se conceber o neurônio como um dispositivo que evoluiu de tal forma a tornar a veiculação da quantidade o mais eficiente possível, ideia que Freud desenvolverá de forma mais explícita”, ao considerar a memória (p. 156).

Vemos assim que Freud antecipa a estrutura sináptica, isto é, identifica uma estrutura da arquitetura neural que não é o neurônio propriamente dito, mas algo existente entre eles que denomina, como vimos acima, barreira de contato. Essas barreiras impõem ao fluxo de quantidade de energia uma resistência, o que significa dizer que são essas barreiras que determinam a formação de caminhos preferenciais, impondo uma maior ou menor resistência ao percurso (p. 156).

Ora, isso será a base da memória nos termos neurais. Mas como pode-se pensar essa circuitaria que sustenta a mecânica corporal em termos psíquicos? Simanke mostra uma ambiguidade no discurso freudiano: “Ele inaugura aqui o emprego sistemático e frequentemente ambíguo de um misto de categorias e conceitos neurológicos e psicológicos que irá caracterizar a metapsicologia, embora o vocabulário psicológico dos trabalhos posteriores contribua para encobrir essa ambiguidade” (p. 174).

Além disso, quando Freud menciona, no caso Elizabeth, que “as pernas passaram a participar da conversa” e que a dificuldade da paciente era justamente fazer a vida caminhar, pode-se depreender que essa transposição além de ambígua seja analógica e com isso a “mecânica” psíquica, por assim dizer, possa funcionar analogamente à mecânica neural.

Mas além das barreiras de contato, Freud irá considerar também outros tipos de neurônio de acordo com suas diferentes funções: ϕ para percepção e ψ para a memória. E assim como fez na *Interpretação dos Sonhos* (1900), mostra no “Projeto” que a percepção é incompatível com a memória.

O primeiro livro se encerra com o capítulo a respeito da funcionalidade e o problema da dor. Simanke nos indica que será justamente pela diferenciação entre as magnitudes de energia internas e externas que Freud vem a refletir em boa parte de sua obra que existe “uma relação de proporcionalidade inversa entre a complexidade e a intensidade dos processos” (p. 280). E os processos biológicos, por excelência, pressupõem uma estrutura mais complexa, pois na comparação entre um organismo vivo e os processos físicos do mundo exterior, a quantidade circulante é menor e menos intensa, o que ocorre também com os diferentes sistemas φ , ψ e ω .

Se a disposição dos sistemas, a complexidade e as magnitudes dos processos biológicos dizem respeito à funcionalidade, a dor coloca o problema do limite dessa funcionalidade como Freud já indica nas primeiras linhas da seção 6 (A dor) no

“Projeto”: “Todos os dispositivos de natureza biológica têm uma eficácia delimitada por certa fronteira, fora da qual fracassa. Esse fracasso pode ser visto nos fenômenos que roçam o patológico, proporcionando, por assim dizer, ‘arquétipos’ normais para o patológico” (Freud, 1895/2001, p. 351).

Segundo Simanke a “caracterização da vivência de dor, mais à frente (na seção 12 do *Projeto*), fornecerá ocasião para a formulação do conceito de *defesa*, o qual, na sua versão patológica ou neurótica, dá origem à noção metapsicológica de repressão (*Vedrängung*). [...] O termo repressão já é, aliás, amplamente empregado na Parte II do *Projeto*, como sinônimo de defesa neurótica” (p. 289).

Tais diferenciações quanto à repressão e as noções de defesa, normal ou patológica, serão abordadas no volume que analisará com mais detalhes a segunda parte do “Projeto”.

Aguardemos!

Noves fora crivo é arte

Celso Gutfreind

Resenha de Sérgio Telles, *Peregrinação ao Père-Lachaise*, São Paulo, Tao Editora, 2024, 110 p.

É mais ou menos assim que nos foi contado o argumento: Jonas é publicitário. Ele tem veleidades literárias. Luta com e contra elas até tornar-se um escritor. Casa com Berenice, faz filhos, sente-se feliz como se a vida tivesse de cenário a propaganda da margarina. Mas, um dia, ao chegar em casa, descobre que foi traído. Separa de Berenice, casa com Matilde, sexualmente mais solta, mas que não o faz esquecer a velha mágoa. A sua vida afetiva e profissional está um caos e, nesse clima pouco ensolarado, chega a um analista.

A análise faz chover descobertas, com o perdão da redundância, de forma analítica. O analista interpreta em ritmo escorreito, o paciente associa com inteligência e, finalmente, conhece as razões de seus atos tristes e, em especial, da sua infelicidade. Chovem insights: tornou-se escritor porque a mãe, distante afetivamente, era apaixonada pelos livros. Era no fundo uma forma de se aproximar dela. O pai, um comerciante de origem portuguesa, mostrava-se fiel à família, mas também havia um muro pétreo entre eles. A análise

descortina a vida, mostra a morte, agrega o transgeracional *comme il faut*. Jonas escreve textos sobre o pai, a mãe e a família. Associa, desinibe, representa.

Tudo anda nesta narrativa mais ou menos assim como estou contando. E faz sentido, por mais denotativo e monótono que seja. Afinal, quem escreve é Sérgio Telles, conhecido psicanalista, descolado no seu metiê. Deste lado do balcão, seu currículo de escritos clínicos traz legitimidade e verossimilhança a um texto expondo na prática o que é uma teoria neste campo. Telles sabe o que está escrevendo.

Mas, se fosse assim, seria pouco, senão um fracasso, desses que amigos leitores costumam não confessar, embora não seja o meu caso. Sou também escritor, logo leitor. E, igualmente analista, logo tendo a não abrir mão de uma verdade que é tão somente a minha.

Ficássemos no argumento exposto acima e na análise de Jonas, estaríamos diante de mais um bem-sucedido trabalho clínico-teórico, como tantos iguais a ele, no campo metapsicológico contemporâneo, esse que repete e repete e repete. E, traindo um dos próprios carros-chefes da psicanálise que o sustenta, não consegue chegar ao novo. Seria, é claro, linear. Pedagógico. Exemplar. Para ser aprovado como mudança de categoria em algum Instituto de Psicanálise reconhecido, ou como apresentação em algum Congresso oficial.

Felizmente, *Peregrinação ao Père-Lachaise* não é isso. Porque Sérgio Telles também ocupa o outro lado do balcão, como um escritor que assume corajosamente a batuta de um romance para enfrentar a gastura da linguagem. Para isso, compõe uma trama bem urdida que sabe juntar, separar, temperar o tempo e o espaço onde a história se desvela. E constrói personagens nada didáticos. E surpreende. E, principalmente, emociona o pensamento do leitor, fazendo-o encontrar o sentimento.

Já posso, agora, eu mesmo alterar o meu relato. Na cena inicial, Jonas e Matilde estão no cemitério francês, onde visitam o túmulo de Proust, uma das referências dessa obra, senão a principal. Há outras e, em torno de todas elas, rola sempre

Celso Gutfreind é especialista em psiquiatria pela Fundação Universitária Mario Martins e pós-doutor pela Universidade de Paris. Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Autor de 46 livros de literatura ficcional, poética e científica, pelos quais recebeu vários prêmios.

uma brincadeira, como propunha Freud para as crianças e os escritores.

E, diante de um psicanalista escritor, como não evocar as aproximações de Freud com a arte, quando inicia mais explicativo de uma para com a outra, como no estudo sobre Leonardo da Vinci? Com o tempo, depõe suas armas analíticas diante da estética e prefere se aprofundar no efeito da arte em nossas emoções, mirando o conhecimento da arte, como fez no estudo sobre o Moisés, de Michelangelo...

De certa forma, a mesma trajetória aparece no livro de Telles, quando os fatos analíticos vão depondo suas armas e o autor prioriza a combinação subjetiva inusitada deles, como propunha Jakobson para a poesia, influenciando poetas e críticos literários como Octavio Paz para garimpar a arte.

A cena do túmulo pode ser a Madeleine revisitada. Jonas e Matilde, afinal, estão lá para estarem em Paris. E estão em Paris para desvendarem o segredo transgeracional da história do avô paterno português que ocultara alguns acontecimentos relacionados a sua vida na França. O segredo é fofego, detalhado, violento, e bem descrito. Mas – dane-se o *spoiler* – o que vale não é o conteúdo disso – a revelação analítica, à la primeira tópica –, e sim a forma sem número, a estrutura montada, o jeito como é revelado, na combinação das frases e suas ações. Por que Moisés coçava a barba? – perguntava Freud, e respondia a partir da obra. Por que Jonas escreve e se movimenta? – pergunta Telles e responde a partir da obra.

E agora todos os conceitos científicos prestam contas à inventividade do autor. À sua imaginação que não é pouca. Uma outra história surge dentro desta e já não sabemos se Jonas é o personagem que narra ou é narrado. E o emocional recebe um plano cultural, histórico, antropológico, com direito a uma reflexão terrivelmente cáustica sobre o Brasil, próxima ao final do livro. Há espelhos para tudo quanto é lado. E surge um novo personagem-autor que conta a seu modo a mesma história para o pai que não é comerciante português. Onde está a cópia? O simulacro?

Aí vem uma nova prosa com imagens surpreendentes. E poemas estranhos. E o lúdico de pelo menos duas histórias que brincam entre si. E, nessa brincadeira, há uma homenagem à própria literatura, com o inventário da criação de um escritor, buscando a própria gênese e as raízes da criatividade, mas não de forma anódina e sim no contexto dos acontecimentos do texto em si, o que inclui um pequeno ensaio. Gêneros diversos se misturam no que chamam novela. Uma verdadeira polifonia.

O que foi metapsicologia torna-se metalinguagem, superior a ela, portanto: “Jonas via os escritores como seres especiais, os únicos capazes de ver a verdade, de perceber as ilusões que envolvem os homens, distorcendo-lhes a visão de si mesmos, dos outros e da realidade, com isso impossibilitando-os de navegar com precisão nas fortes correntezas do amor e do ódio que agitam o caos informe da vida.” (p. 22).

Diante de um frasista de tal monta, o que se anuncia como novela é agora uma diversidade de gêneros, à la Clarice Lispector. Capítulo curto, capítulo longo, guinadas, um jeito pessoal de fazer o literário geral, depurada a angústia das influências, sugeridas ao longo do livro. Como o novo romance francês ou o pós-moderno universal, mas ao estilo de Sérgio Telles.

Agora, sim, a psicanálise começa a fazer sentido, pois o seu sentido inicial dilui-se na continuidade de uma narração bem construída. Já pode ser vários, cada leitor que escolha o seu, o meu é esse.

Aí está, a meu ver, o melhor de uma literatura: na liberdade de construir imagens, na coragem de liberar a trama construída, entre o ir e vir, com a soltura de uma história contada livremente, sem as amarras da vida. Com estilo. Com linguagem. Com chegada à metáfora, incluindo essa de que a análise guarda ainda a serventia de adentrar segredos, liberando espaços psíquicos, o que aprendeu com o melhor da literatura e suas rimas e solturas. A busca ao túmulo de Proust reaparece no final como uma outra metáfora, no sentido de que a parentalidade literária pode soltar-nos da biológica, jurídica e afetiva.

De amarras concretas, basta a vida, agora é preciso voar e mergulhar: “Literatura não era o produto acabado e formal, consubstanciado num texto publicado, e sim a tarefa desumana de transformar o vivenciado, o sentido e o imaginado num escrito, transmutar sangue em palavras, músculos e tendões em páginas escritas, aprisionar o tempo em suas entrelinhas.” (p. 81).

Mas pode estar aí também o melhor de uma psicanálise, quando, passados os seus conceitos e carros-chefes inconscientes ou interpretativos, resta a possibilidade singela e enorme de contar e ressignificar uma história de vida.

Para viver, precisamos contar e recontar uma história que é a nossa, justo esse regresso pessoal e histórico que Freud sugeria no começo de seus trabalhos, antes que, nos seus desdobramentos, saturássemos a simplicidade de suas intenções.

Teoria nenhuma daria conta disso. E olha que houve e há muitas, também nas entrelinhas do começo dessa história, dando-lhe costas largas. Mas, para seguir em frente, com o peito

aberto, precisou encontrar a sua forma única e criativa de contar: “Ao passar pelo crivo de uma sensibilidade criativa, o enigma a que chamamos *vida* nela provoca uma resposta específica, que é a obra de arte.” – sugere a personagem, em ritmo de crítica, mais para o final do livro.

Com a sua estrutura ousadamente pessoal e imagens fortes em cada cena, *Peregrinação ao Père-Lachaise* passa pelo crivo das sensibilidades criativas e provoca infinitas respostas específicas.

Já não é teoria.

Já não é clínica.

É arte.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1910/1996). Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914/1996). O Moisés de Michelangelo. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Gutfreind C. (2019). *A arte de tratar – por uma psicanálise estética*. Porto Alegre: Artmed.
- Jakobson R. (1975). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Paz O. (1982). *O arco e a lira*. São Paulo: Nova Fronteira.

A terceira margem

Suely Aires

Resenha de Léa Silveira, *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*, São Paulo, Blucher, 2022, 438p.

“Gosto de pensar no livro como um hiperobjeto, [...] não apenas como algo que guardamos na estante, mas um acontecimento que inclui uma série de pessoas”¹. Tomo essa imagem para, como leitora, me aproximar do livro de Léa Silveira em um movimento que se desloca no tempo e no espaço, desde a pesquisa de doutorado nos anos 2000 e dos encontros em São Carlos e Campinas, até os dias atuais em que tenho o prazer de ter em mãos o belo exemplar da Blucher e seu usual cuidado de revisão e edição. Esse objeto que ultrapassa tempo e espaço pode agora chegar ao/à leitor/a de outra forma: tanto pelo que cada um/a de nós lê, em nosso tempo, em diálogo com outros livros e textos que se dedicam à obra de Lacan, hoje já numerosos; quanto pelo que se desenrolou do percurso da autora e de suas atuais pesquisas sobre feminismos, filosofia e psicanálise. O ponto de leitura, entendido como o ponto de onde o/a leitor/a recorta o texto, permitirá extrair diferentes consequências do escrito. Tomo, então, na *travessia* proposta por Léa Silveira, uma

terceira margem: aquela que permite destacar, no argumento tecido entre estruturalismo e subjetividade, o conceito fundante da psicanálise, o inconsciente.

Inicialmente cabe apresentar o livro em sua estrutura: precedido por um prefácio de Monique David-Ménard, o livro organiza-se em três capítulos, os quais sustentam, de forma precisa e bem argumentada, a *travessia* feita por Lacan ao buscar articular sujeito e estrutura. Nessa direção, Léa Silveira acompanha o percurso seguido por Lacan, identificando seus aliados e os alvos privilegiados de sua crítica. Como é de conhecimento dos leitores de Lacan, a releitura da obra freudiana o impele em um estranho caminho que se faz entre uma declarada fidelidade ao pensamento de Freud e a busca por originalidade. Lacan, ao propor que o sentido de um retorno a Freud nada mais seria do que o retorno ao sentido que Freud dera à psicanálise, sugere assim um dado modo de leitura que deve diferenciar-se dos demais, em especial dos psicanalistas norte-americanos – a chamada *ego psychology* – e da tradição interpretativa inaugurada por Melanie Klein. Sua leitura apresenta-se, portanto, como a mais verdadeira por se ancorar na letra freudiana, o que implica ainda o recurso aos termos em alemão e uma crítica regular à tradução francesa dos textos de Freud.

Nessa primeira aproximação já se encontra um mérito da autora: Léa Silveira aponta o caminho seguido por Lacan, mas não torna seus os adversários ou as querelas propostas pelo psicanalista francês. Ela segue uma dada linha argumentativa, levando adiante e extraindo consequências do que é apresentado, mas evita rigorosamente qualquer redução ou simplificação de posições enunciativas. Quase como se pudéssemos ouvir a voz dos demais autores sob o argumento de Lacan.

Um desses autores é, sem dúvida, Claude Lévi-Strauss. Figura central na aproximação que Lacan faz ao estruturalismo, Lévi-Strauss influencia diretamente a concepção lacaniana de inconsciente, justamente por ofertar uma possibilidade de tomar esse termo sem recorrer à noção

¹ C. Saavedra, *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*, p. 19.

Suely Aires é psicanalista, psicóloga (UFBA), mestre e doutora em Filosofia (Unicamp), docente do Instituto de Psicologia-UFBA, Membro fundadora do Centro de Pesquisa Outrarte – psicanálise entre ciência e arte (Unicamp) e Membro do GT de Filosofia e Psicanálise (ANPOF).

de interioridade ou a qualquer espacialização do conceito. Destaca-se, por exemplo, a argumentação presente no texto “A Eficácia Simbólica”²: ao tomar como modelo o trabalho realizado por um xamã da América do Sul – que reduz o sofrimento do paciente em situações de parto por meio da criação de uma narrativa mítica – Lévi-Strauss reflete sobre o tratamento psicanalítico e nomeia como eficácia simbólica a construção de um mito, seja individual ou coletivo, que produz efeitos sobre o paciente. Se na comunidade estudada na América do Sul podemos acompanhar uma narrativa composta de elementos da comunidade social e proferida pelo xamã, na qual estão inseridos tanto o paciente quanto o curandeiro, na cura psicanalítica esta narrativa é individualizada e proferida pelo próprio sujeito.

Segundo Lévi-Strauss, a diferença entre os dois métodos estaria na origem do mito: (1) encontrado na psicanálise como tesouro individual ou (2) recebido da tradição coletiva, no caso do xamanismo. Pensar a psicanálise como uma prática de eficácia simbólica permite, portanto, tomar a palavra em seu sentido criador, de modo a reduzir a importância da realidade ou da verdade factual.

Não pomos os fatos em dúvida. O que é necessário indagar é se o valor terapêutico da cura se deve ao caráter real das situações rememoradas, ou se o poder traumatizante destas situações não provém do fato de que, no momento em que se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente sob forma de mito vivido. Com isto, entendemos que o poder traumatizante de uma situação qualquer não pode resultar de seus caracteres intrínsecos, mas da aptidão de certos acontecimentos, que surgem num contexto psicológico, histórico e social apropriado para induzir uma cristalização afetiva, que se faz no molde de uma estrutura preexistente. Em relação ao acontecimento ou à particularidade histórica, essas estruturas – ou, mais exatamente, essas leis de estrutura – são verdadeiramente intemporais. No psicopata, toda a vida psíquica e todas as experiências ulteriores se organizam em função de uma estrutura exclusiva ou predominante, sob a ação catalítica de um

mito inicial; mas esta estrutura, e as outras que nele são relegadas a um lugar subalterno, se encontram também no homem normal, primitivo ou civilizado. O conjunto dessas estruturas formaria o que denominamos de inconsciente³.

A definição levi-straussiana de inconsciente, tal como brevemente apresentada acima, fornece a Lacan os elementos básicos – articulação entre ordem simbólica, linguagem e inconsciente – para uma nova abordagem do conceito. Que, seguindo o argumento de Léa Silveira, o aproxima radicalmente do estruturalismo. “O inconsciente é estruturado como linguagem”, aforismo lacaniano repetido durante décadas de seu ensino, encontra-se aí antecipado pelo conjunto de elementos indicados por Lévi-Strauss, pois (1) não é necessária qualquer vinculação entre o relato e uma realidade efetivamente vivida pelo sujeito, seja ele um paciente do xamã ou do psicanalista, (2) a construção narrativa do paciente permite organizar e contextualizar suas vivências em uma perspectiva psicológica, histórica e social e (3) a temporalidade da narrativa não está associada à temporalidade dos eventos, de modo que não se trata de uma significação prévia ocorrida no momento da vivência, mas da construção *a posteriori* do sentido no mito individual.

Cabe destacar o cuidado com o qual Léa Silveira passeia entre diferentes textos de antropologia: tecendo um fio sobre outro, a autora nos permite identificar tanto o modo como Lévi-Strauss argumenta em prol de uma dada concepção de sociedade e estrutura, quanto permite ao/à leitor/a reconhecer os pontos de apoio que Lacan toma em seu debate em torno do pensamento freudiano. A voz de Lévi-Strauss se faz ouvir, em sua dissonância em relação à apropriação lacaniana: essa delicada tessitura entre linguagem, cultura e estrutura permite não apenas uma conceituação original de inconsciente, como também possibilita que certa concepção de sujeito seja aí suposta, ponto relevante para *a travessia da estrutura*.

Um segundo autor que buscarei destacar na argumentação de Lacan e na travessia efetuada

por Silveira é o filósofo Georges Politzer e sua crítica aos fundamentos da psicologia e da psicanálise freudiana. A proposta politzeriana de uma crítica dos fundamentos da psicologia consiste em questionar o estatuto científico e filosófico do objeto da psicologia e criticar a impessoalidade dessa “ciência”, por meio da identificação dos pressupostos que mantêm a psicologia no campo das abstrações, não representativas do drama do agente particular. Como leitor de Politzer, Lacan se propõe a evitar as aporias de uma leitura da subjetividade como interioridade que duplica o mundo e faz do objeto da psicologia uma abstração. Aqui há uma inversão temporal interessante: podemos supor que é por haver lido Politzer que o encontro com Lévi-Strauss produziu em Lacan tamanho efeito.

Se ambos permitem a Lacan colocar em questão o conceito freudiano de inconsciente, nem por isso auxiliam propriamente o psicanalista francês no novo problema em que se enreda: a noção de sujeito. Termo ausente em Freud, o sujeito toma relevância na argumentação lacaniana por uma via muito bem trilhada por Silveira: o impasse entre teoria e clínica ou, mais propriamente, a proposição de uma teoria da clínica em sua relação com o estruturalismo. Se, de um lado, Politzer, como filósofo, enfatiza o agente concreto da ação no campo da psicologia, recusando qualquer mito de interioridade que faça supor o homem dentro do homem, de outro lado, Lévi-Strauss, como antropólogo, ocupa-se da descrição de ações de homens comuns inseridos em ritos de uma cultura, o que permite reconhecer as estruturas fundantes de diferentes organizações sociais.

É por meio de mais um gesto de retorno – de Lacan a Ferdinand de Saussure⁴ via Lévi-Strauss – que uma teorização sobre língua e linguagem permite abordar a noção de fala e seu valor na clínica. Dito de outro modo: o recurso

de Lacan à teoria saussureana – ainda que em subversão – cumpre o papel de apoio para pensar a fala de agentes concretos e supor sujeito, em dupla acepção. A fala, campo por excelência de intervenção da psicanálise desde Freud, pode agora vir a ser problematizada por meio da linguística estrutural na condição que se dê ênfase ao que efetivamente é descartado na argumentação de Saussure: as variações individuais – podemos dizer, subjetivas – no uso da língua. Não por acaso o interesse de Lacan se dá em torno da fala de pacientes psicóticos que, em sua extrema singularidade, encontra-se em dissonância ao uso comum da linguagem para fins de comunicação.

Voltemos a folhear detidamente o livro *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*, a fim de dar destaque aos tópicos “Rumo ao dispositivo específico da psicose: três negações” e “Dispositivo específico da psicose: *Verwerfung*”. Em cada uma dessas partes, o/a leitor/a segue detalhadamente o recorte feito por Lacan sobre os textos freudianos que buscam situar o mecanismo fundamental da neurose. O estranhamento diante da alucinação negativa relatada pelo homem dos lobos leva Freud⁵ a afirmar que este jovem homem “nada quer saber da castração no sentido do recalque”. Esta mesma frase é retomada por Lacan para situar este *nada querer saber* em relação à negação, em um diálogo que se faz com outro texto freudiano: *Die Verneinung*⁶. Para além da apresentação dos movimentos do texto, Silveira consegue indicar a precisão do bisturi lacaniano que recorta a *Verwerfung* e, em um mesmo movimento, como leitora crítica dos textos de Freud, Lacan, Hippolyte e comentadores, constituir, por outras vias, novos argumentos que dão maior consistência à operação lacaniana.

Vale a pena citar diretamente um trecho que me parece revelar a elegância e precisão do argumento da autora, ao justificar com Lacan a escolha do termo *forclusion*:

Termos como rejeição, supressão, repúdio – inicialmente utilizados – não deixam de possuir uma aproximação semântica forte com a negação nesse sentido que se quer

2 C. Lévi-Strauss, “A eficácia simbólica”, in: *Antropologia Estrutural*.

3 C. Lévi-Strauss, *op. cit.*, p. 233-234.

4 F. Saussure, *Curso de Linguística Geral*.

5 S. Freud, “História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)”, in: *Obras Completas*, v. 14.

6 S. Freud, *A negação*.

evitar: negação de algo que no início se apresenta positivamente ao sujeito, isto é, negação já pertencente ao registro simbólico. Já *forclusion*, um termo do léxico jurídico que convenientemente carrega uma ideia de ‘enclausurar fora’ [...] torna-se apropriado para indicar uma negação que não parte de uma iniciativa subjetiva, mas de um processo maior do que o sujeito, embora o implique [...]’⁷.

Silveira enlaça assim o argumento de Freud – em torno da castração e da alucinação negativa do homem dos lobos – com o gesto lacaniano de definir um mecanismo específico da psicose que permita que a clínica psicanalítica dê provas de sua validade no campo das psicoses, conforme Lacan havia buscado desde 1932, quando da escrita da *Tese*, e que, apenas agora, em seu encontro com o estruturalismo, pode ser propriamente articulada em sua relação com a direção da cura. Chegamos, então, finalmente ao cerne do argumento de Silveira: a teorização sobre sujeito proposta por Lacan encontra seu impasse em relação à estrutura. Ou, dito de outro modo, entre estruturalismo e subjetividade uma tensão intransponível se institui, a qual deve ser solucionada para que Lacan constitua sua teorização. Não por acaso devemos considerar que a travessia feita por Lacan implica uma apropriação do estruturalismo que o transforma – a ele, Lacan, e ao estruturalismo – e, em um momento posterior, sua ultrapassagem.

Contudo, se a travessia aponta um percurso, nem por isso podemos dizer que o ponto de partida e o ponto de chegada estejam tão claramente em relação, visto que o itinerário se faz *entre*: entre um dado modo de pensar a estrutura e um modo original de tratar o sujeito. Orientando a travessia – como um barqueiro que sobe e desce o rio sem cessar – encontramos Gilles Deleuze e seu “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?”⁸. A riqueza do argumento de Deleuze consiste, dentre outros méritos, em buscar situar critérios de identificação próprios ao estruturalismo e, em seus exemplos, apoia-se em textos e proposições de diferentes autores, inclusive de Lacan. Talvez por isso, a estrutura definida por Deleuze contemple, entre seus critérios, a casa

vazia, já que, sob outra ótica – que não inclui Lacan no bojo dos teóricos do estruturalismo – considera-se que “[...] a estrutura dos estruturalistas é coerente e completa, ao passo que a estrutura lacaniana é antinômica e des-completada”⁹. Por considerar a casa vazia como um elemento de reconhecimento do estruturalismo, Deleuze produz simultaneamente um gesto de inclusão de Lacan no rol dos estruturalistas e uma ampliação da noção de estrutura.

O impasse da relação entre sujeito e estrutura se coloca de forma explícita quando afirma: “num sentido, os lugares só são preenchidos ou ocupados por seres reais [...] Num outro sentido, porém, podemos dizer que os lugares já estão preenchidos ou ocupados pelos elementos simbólicos no nível da própria estrutura”. Esse paradoxo, na apresentação deleuziana, é efeito direto da *casa vazia*, lugar a ser preenchido na estrutura e que, no entanto, não pode nem deve ser ocupado. Na perspectiva deleuziana, “o sujeito é precisamente a instância que segue o lugar vazio”. O argumento de Silveira segue um caminho próprio ao buscar situar e problematizar sujeito e linguagem na teoria lacaniana, dando à estrutura e ao estruturalismo seu feixe de forças. Deleuze, por sua vez, parece alterar o estruturalismo, atribuir-lhe características que o ampliam e podem fazer caber o argumento lacaniano. Nesse sentido, sustenta:

O estruturalismo não é absolutamente um pensamento que suprime o sujeito, mas um pensamento que o esmigalha e o distribui sistematicamente, que contesta a identidade do sujeito, que o dissipa e o faz passar de um lugar a outro, sujeito sempre nômade, fato de individualizações, mas impessoais, ou de singularidades, mas pré-individuais¹⁰.

Cabe acompanhar a sutileza do argumento de Léa Silveira, pois o impasse entre sujeito e estrutura se mantém ao longo do livro, sem nenhuma solução fácil que deixe, seja Lacan, seja o/a leitor/a, sob proteção das dúvidas e questionamentos. A travessia que acompanhamos é a do psicanalista Jacques Lacan, cujo desenrolar

segue para além do momento estruturalista e da primazia do simbólico; mas também é a travessia da autora Léa Silveira, cuja agudeza nos leva a pensar Lacan para além de Lacan e colocar hoje, em outra margem, mas ainda no fluxo das teorizações, o que do feminismo provoca a psicanálise e, em outra volta, o que da psicanálise interessa às teóricas feministas. Quanto ao/à leitor/a, resta navegar entre margens, em um ir e vir entre teorias, autores e provocações que permitem novas descobertas e que nos fazem reconhecer que um livro atravessa o tempo.

Referências bibliográficas

- Deleuze G. (1967). À quoi reconnaît-on le structuralisme, in François Châtelet (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. VIII. Paris: Le xxe siècle, Hachette.
- Dosse F. (2007). *História do Estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Bauru: EDUSC, 2 vols.
- Freud S. (1918 [1914]/2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In *Obras Completas*, v. 14. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. Trad. e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (1919/2014). *A negação*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify.
- Lévi-Strauss C. (1949/1996). A eficácia simbólica. In *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Politzer G. (1998). *Crítica dos Fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Trad. Marcos Marcionilo; Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: UNIMEP.
- Saavedra C. (2021). *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário.
- Saussure F. (1916/1995). *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Che- lini; José Paulo Paes; Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- Silveira L. (2022). *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*. São Paulo: Blucher.

7 L. Silveira, *A travessia da estrutura em Jacques Lacan*, p. 209.

8 G. Deleuze, “À quoi reconnaît-on le structuralisme”, in: F. Châtelet (dir.), *Histoire de la philosophie*, vol. VIII

9 Miller apud F. Dosse, *História do Estruturalismo*, p. 175.

10 G. Deleuze, *op. cit.*, p. 300.

Otto Rank e as encruzilhadas da Psicanálise

Pedro Fernandez de Souza

Resenha de Otto Rank, *Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos sonhos*, tradução de Natan Schäfer, São Paulo, Blucher, 2023, 165 p.

A publicação de *Poesia e mito*, uma coletânea de dois textos até ontem desconhecidos de Otto Rank, tem uma enorme importância para a comunidade psicanalítica e para qualquer pessoa que se interesse por psicanálise ou pela figura de Sigmund Freud. Com excelente tradução de Natan Schäfer, a edição conta ainda com uma apresentação de Caio Padovan (*A outra interpretação dos sonhos*) e um estudo de Camila de Moura (*Os profetas da psicanálise*), que dialoga com ambos os textos de Rank. Ladeando as palavras de Rank, as palavras dos pesquisadores brasileiros fazem jus à importância dos dois ensaios traduzidos: são mostras de erudição sintética, uma raridade no meio acadêmico.

Intitulados *Sonho e poesia* e *Sonho e mito*, os textos traduzidos são significativos por si sós: neles, Rank esparge a sua erudição de homem de letras, mostrando e explorando as correspondências entre a formação de mitos e a formação de sonhos, por um lado, e expondo, como se num extenso catálogo, as palavras quase váticas de inúmeros poetas que não só sabiam, antes da psicanálise, as regras da formação onírica formuladas a duras penas pelos cientistas da alma, como as utilizavam em suas obras literárias. O escritor

literário, então, o famoso *Dichter*, emerge aqui como um autêntico precursor individual da interpretação freudiana dos sonhos – e o mito, por outro lado, emerge como uma vasta produção coletiva em cujo tecido simbólico os mesmos mecanismos oníricos marcariam presença.

Os dois textos dão testemunho, portanto, do esforço ainda incipiente em 1914, quando de sua publicação, por aplicar a psicanálise no âmbito das *Geisteswissenschaften*, as chamadas “ciências do espírito” ou “ciências humanas”. Até então inéditos em português, eles mereceriam uma tradução como a que agora se oferece ao público lusófono sem que nenhuma outra justificativa tivesse de ser aventada. Mas eles detêm uma importância ainda maior. Afinal de contas, à diferença dos outros artigos de Rank – que podem ser encontrados nos periódicos especializados de psicanálise por qualquer um que tenha acesso a eles –, *Sonho e poesia* e *Sonho e mito* são textos perdidos. Mais que isso: são textos anátemas, apagados, réprobos, deslembados, banidos.

Esclareçamos o leitor. As últimas palavras do prefácio à oitava edição da *Interpretação dos sonhos*, redigido em dezembro de 1929, são as seguintes: “ambos os ensaios, *Sonho e poesia* e *Sonho e mito*, com que Otto Rank havia contribuído para as edições anteriores, foram omitidos”¹. Esses são os últimos vestígios de um fato pouco notado entre os pesquisadores de Freud: a intercalação, entre os capítulos VI e VII da obra, desses dois textos de inteira autoria de Otto Rank, inseridos pela primeira vez no livro em sua quarta edição, de 1914². A essa edição, Freud escreveu um prefácio bem curto, noticiando não só que recém-saíra uma tradução do livro para o inglês, mas também que “o senhor Otto Rank desta vez não apenas cuidou das correções, como também enriqueceu o texto com duas contribuições independentes (anexo ao capítulo VI)”³.

Não foi só isso: na capa da *magnum opus* de Freud figurava também o nome de Otto Rank, na condição de coautor. Isso ocorreu entre 1914 e 1922, entre a quarta e a sétima edição. Em 1925, preparava-se a primeira grande edição das “obras” de

Sigmund Freud (os *Gesammelte Schriften*), dentre as quais não poderia faltar, evidentemente, o livro de 1900. A decisão de Freud: republicar o “original”, de 1900, num primeiro tomo, mais os acréscimos posteriores num segundo tomo. Foi então que os ensaios de Rank foram inteiramente deletados do livro. Pouco tempo antes, desde o início da década de 1920 – como nos relata Caio Padovan em sua introdução a *Poesia e mito* –, Rank e Freud iniciaram mais uma das típicas dissensões freudianas: fim de amizade, fim de relação, apagamento das contribuições do ex-coautor.

Os traços de Rank na *Interpretação dos sonhos* são vários. Seu nome aparece em notas de rodapé, em citações, e até mesmo em trechos inteiros que Freud colou, *ipsis litteris*, em seu livro (sobretudo no capítulo V). Freud chegou a escrever, numa nota de rodapé adicionada em 1914: “deve-se reconhecer a análise de O. Rank, *Ein Traum, der sich selbst deutet* [Um sonho que interpreta a si mesmo], como a interpretação mais completa de um sonho extenso”⁴. Quem lê Freud sabe que um elogio como esse não é dos mais comuns em suas obras.

Com a morte do autor, nasce o Autor: editam-se as “obras completas” de Sigmund Freud (que são sempre incompletas, diga-se de passagem), nasce o projeto das *Gesammelte Werke*,

as “obras reunidas”, que passam a constituir uma espécie de cânone da palavra do mestre, e se institui como que uma versão canônica dos seus textos (frequentemente remendados e adulterados pelo próprio autor). Com *A interpretação dos sonhos* o processo foi ainda mais radical: como mostraram Lydia Marinelli e Andreas Mayer, em seu livro *Träume nach Freud* (sem tradução para o português)⁵, tal obra não teve tão-somente uma versão, canônica desde a sua fundação, mas “foi mudando de modo substancial na fase de formação da comunidade psicanalítica, graças a uma série de intervenções de seus primeiros leitores”⁶. Num artigo fundamental, Ilse Grubrich-Simitis⁷ nos relata todas as alterações pelas quais o livro passou em suas sucessivas reedições (1909, 1911, 1914, 1919, 1921, 1922, 1930): foram páginas e páginas que Freud acrescentou, rebatendo críticas, amenizando pontos de vistas anteriores, corrigindo os próprios erros e – o que nos é o mais importante – incorporando parágrafos inteiros de seus colaboradores. Longe do sabor pacífico que as palavras fixas e finais transluzem, o livro foi um palco de batalhas e decisões teóricas: “enquanto Freud era vivo, *A interpretação dos sonhos* não conformou uma unidade fechada, mas sim um campo relativamente aberto. As relações entre os leitores do livro e seu autor são recíprocas. A elas cabe uma parte importantíssima na configuração dessa obra”⁸. Ora, com a edição “derradeira” da Obra, toda essa densidade histórica de sua conformação é apagada. Cai o nome de Otto Rank, caem os seus contributos para o livro, erige-se o Livro, cuja textura serena não mais deixa entrever sua história agitada e imprevisível.

Cabe então questionar: por que Freud decidiu *incluir* esses dois textos em sua maior obra? E, além disso, por que decidiu *retirá-los* do livro? Não é possível – nem desejável, talvez – responder resolutamente a essas duas questões, mas é lícito explorar algumas das vias que nos são acessíveis.

Por trás da inclusão dos dois textos de Rank n’*A interpretação dos sonhos*, existe um projeto freudiano talvez desconhecido ao leitor. A correspondência de Freud com seus discípulos no

1 S. Freud, *Die Traumdeutung*, p. xv.

2 Na bibliografia anglófona, que se ocupa mais da figura de Otto Rank, o fato recebeu mais atenção. Entre os estudiosos brasileiros, somente encontramos um comentário a ele num artigo de Padovan e Pinto: “Após a ruptura entre Freud e Rank, as contribuições deste último – que consistiam em dois capítulos acrescentados em forma de anexo ao sexto capítulo da obra, o primeiro com o título *Sonho e Poesia*, o segundo, *Sonho e Mito* – foram retiradas das edições posteriores da *Interpretação dos sonhos*. A retirada desses capítulos se efetuou na passagem da sétima à oitava edição da obra, publicadas, respectivamente, em 1922 e 1930” (“Mais aquém do Além do princípio de prazer: um retorno aos manuscritos”, *Natureza Humana*, v. 22, n. 2, p. 97). Mas, como o tema do artigo são os manuscritos do *Além do princípio do prazer*, os autores não dizem mais nada sobre os dois textos de Otto Rank.

3 S. Freud, *op. cit.*, p. xii.

4 S. Freud, *op. cit.*, p. 316.

5 O título alemão contém uma plurivocidade intraduzível: pode significar tanto “Sonhos depois de Freud” quanto “Sonhos de acordo com Freud”.

6 L. Marinelli; A. Ma yer, *Soñar con Freud*, p. 12.

7 I. Grubrich-Simitis, “Métamorphoses de L’interprétation des rêves”, *Revue Germanique Internationale*, n. 14, p. 9-47.

8 L. Marinelli ; A. Mayer, *op. cit.*, p. 18.

início da década de 1910 testifica esse projeto que hoje pode parecer no mínimo estranho. Colaboradores como Jung e Rank alertavam a Freud da excessiva *peessoalidade* do livro⁹, que poderia colocar em risco a sua cientificidade. Freud consentia com esse juízo: era preciso tornar seu livro dos sonhos o mais *impessoal* possível, e esse é um dos motivos pelos quais inseriu nele tantas passagens alheias. Ora, o plano avançado por Freud era bem mais radical do que isso: ele pretendia fazer da terceira edição do livro, a de 1911, a sua *última edição*, de modo que *A interpretação dos sonhos* daria lugar a um *novo livro*, escrito a várias mãos e o mais *impessoal* possível. Numa carta a Jung de 17 de fevereiro de 1911, Freud dizia que o novo livro teria uma importante colaboração de Otto Rank, que escreveria sobre literatura e mitologia, enquanto o próprio Freud acrescentaria mais páginas a respeito da teoria das neuroses. Esse plano, porém, como se pode deduzir, jamais foi levado a cabo. “Num momento qualquer entre 1911 e 1914, o projeto de substituí-la [*A interpretação dos sonhos*] por um ‘novo livro impessoal’ foi manifestamente abandonado”¹⁰. Restou, todavia, uma marca desse projeto abortado na edição seguinte, a de 1914: a inserção dos dois textos de Rank. Isso explica possivelmente a coautoria de Rank: o livro dos sonhos não tinha de ser lido como um “diário onírico” de um indivíduo singular chamado Sigmund Freud, mas como um documento científico. Os textos de Rank elencavam confirmações dessa cientificidade dos âmbitos da mitologia e da literatura – era como se Freud, com a rubrica de um segundo autor, quisesse imprimir em seu livro demasiado pessoal o selo *impessoal da ciência e da universalidade*.

Essa universalidade, afinal, advinha de um âmbito específico: a poesia e o mito. No capítulo I d’*A interpretação dos sonhos*, Freud elencara os pareceres de inúmeros médicos a respeito do problema do sonho. Apesar de mencionar um ou outro filósofo e um ou outro autor da antiguidade, suas principais e mais numerosas referências para o livro são as autoridades médicas, bem próximas temporalmente a ele. Com as confirmações

poéticas e mitológicas auferidas por Rank, testificava-se um juízo fundacional da psicanálise enquanto disciplina científica: a fisiologia não dá conta do fenômeno do sonho. Requer-se uma *psicologia científica* para explicá-lo, que não seja redutível à anatomia e à fisiologia. Os poetas e os mitos, assim, apesar de não fazerem “ciência”, têm mais ciência da dinâmica dos sonhos do que a ciência anátomo-fisiológica.

É aqui que a figura de Rank se revela interessantíssima dentro do movimento psicanalítico. Foi em 1906, por intermédio de Alfred Adler – o primeiro dos grandes dissidentes –, que Freud e Otto Rank se conheceram pessoalmente¹¹. Em pouco tempo, Rank já fazia parte do “círculo de Viena”, do grupo daqueles que tomavam parte nas “reuniões das quartas-feiras”; à diferença dos outros participantes, contudo, Rank não era médico, mas tinha formação em filologia e enorme interesse por aquilo que hoje chamamos de “humanidades”. A importância de Rank, segundo Grotjahn¹², é tripla: ele não apenas se tornou um confidente íntimo de Freud, como exerceu o cargo de secretário da Associação Psicanalítica de Viena e era incumbido, como representante dela, de tratar de questões editoriais junto à *Verlag* (editora) fundada por Freud. Em cada um dos prefácios d’*A interpretação dos sonhos* (à exceção do primeiro, de 1900, e do último, de 1930), Freud agradece a Rank por ter cuidado das erratas, da editoração e da atualização da bibliografia sobre os sonhos. Não à toa, Marinelli e Mayer afirmam que, visto tudo isso, Rank “merece ser chamado de o primeiro funcionário da psicanálise”¹³.

As cartas mostram que Freud apoiou Rank financeiramente de forma sistemática, que teria cumprido a função de “primeiro funcionário da psicanálise” em parte por gratidão ao mentor. Diz Grotjahn¹⁴ que, até conhecer o pai da psicanálise, Rank sofria em sua carreira acadêmica incompleta e estagnada, correndo o risco de ser um “judeu errante” universitário. Até 1906, de fato, Rank trabalhava numa oficina mecânica, sem perspectiva de concretizar suas pretensões intelectuais. Quanta diferença para o candidato a doutor que em 1912

defendeu sua tese, a primeira tese acadêmica a aplicar a metodologia psicanalítica no campo da literatura e da mitologia (no caso, Rank leu psicanaliticamente a lenda de Lohengrin). Ora, não é de todo indiferente, para nós, saber que Freud *financiou* o doutorado de Rank⁹. Não é de todo indiferente, ademais, saber que foi somente a partir de 1912 que Rank passou a assinar “doutor” em suas publicações. Até então, “doutores” eram apenas os médicos psicanalistas (como Freud), cuja tese de doutorado era inexistente.

Tampouco pode ser indiferente que Freud tenha escolhido Rank, um não médico, para redigir os textos a complementar sua obra-prima. A disciplina freudiana, nascida no campo da psicopatologia e da clínica, franqueava sendas – graças também aos esforços hermenêuticos de Otto Rank – na exploração de mitos, ritos e obras literárias. Na própria *espacialidade* do livro cheio de acréscimos, nas edições entre 1914 e 1922, marcava-se essa *hibridez* inevitável da disciplina freudiana: apostos imediatamente antes do capítulo VII, os textos de Rank são mostra da tendência da psicanálise a não só se aplicar no âmbito das ditas “humanidades”, mas também de retirar delas comprovações e evidências de seu próprio acerto científico; ora, o capítulo VII, como hoje sabemos bem, contém muitos ecos do assim chamado *Projeto de uma psicologia científica*, redigido em 1895 e só publicado postumamente. Esse capítulo derradeiro d’*A interpretação dos sonhos* contém os primeiros esquemas do aparelho psíquico, com suas instâncias funcionalmente diferenciadas, com seu princípio do desprazer, com seus processos primários e secundários, e assim por diante. É muito mais afim da biologia e da psicologia científica do

que da literatura e da mitologia. Pode-se imaginar o efeito que o texto porventura causava em seus leitores entre 1914 e 1922: logo após a lista de escritores, poetas, filósofos e mitos enfileirados triunfalmente por Rank, chegavam os sistemas de memória, as terminações perceptual e motriz do aparelho psíquico, a vivência de satisfação, os processos primários e secundários... Na cesura entre os textos de Rank e o famígero capítulo VII estaria marcada *editorial e materialmente*, por assim dizer, uma das grandes encruzilhadas da disciplina freudiana: estaríamos diante da velha dicotomia energética x hermenêutica, tal como diagnosticada por Ricoeur¹⁶ e tão bem analisada por Monzani¹⁷.

Na inserção dos dois textos de Rank na obra mestra de Freud, portanto, grafam-se também duas das cruzes fundacionais da psicanálise freudiana: a) as relações entre o *particular* e o *universal*, basilares para a construção da teoria; e b) as relações entre a psicanálise, suposta *Naturwissenschaft* (ciência da natureza), e as *Geisteswissenschaften* com as quais faz fronteira.

Freud, por fim, optou por excluir os dois textos de Rank das edições finais d’*A interpretação dos sonhos*, em parte, como mostra Caio Padovan em sua apresentação a *Poesia e mito*, por ter-se definitivamente distanciado de Rank. Decisão política, antes de tudo? Talvez. Mas, ao tomá-la, Freud privava a nós, seus futuros leitores, das marcas mais substanciais de todas essas questões, indecisões e deliberações que perpassaram a escrita e a edição do livro. Restava agora o texto sereno, “canônico”, a cujo processo parturiente, *inter urinas et faeces*, nós não poderíamos mais ter acesso.

Donde a imensa importância da tradução desses dois ensaios de Otto Rank. *Poesia e mito*, convém frisar, é um acontecimento na história da psicanálise no Brasil. Não apenas por trazer a lume dois textos esquecidos de um dos principais colaboradores de Freud, que antes figuravam em sua obra-prima. A história, nunca é demais repetir, pode ser contada de diversas maneiras. Tanto o historiador quanto o psicanalista são ratos de arquivos: escarafunchando as

9 I. Grubrich-Simitis, *op. cit.*, p. 26.

10 I. Grubrich-Simitis, *op. cit.*, p. 26.

11 L. Marinelli; A. Mayer, *op. cit.*, p. 232.

12 M. Grotjahn, “Rank’s position in Freud’s circle and his departure from the group of ringholders”, *American Imago*, v. 41, n.4, p. 354.

13 L. Marinelli; A. Mayer, *op. cit.*, p. 102.

14 M. Grotjahn, *op. cit.*, p. 354.

15 P.L. Rudnytsky, “Rank: Beyond Freud?”, *American Imago*, v. 41, n. 4, p. 328.

16 P. Ricoeur, *De l’interprétation*.

17 L.R. Monzani, *Freud: o movimento de um pensamento*.

prateleiras – literais ou figuradas – das produções textuais humanas, ambos cuidam de forjar no presente, à luz dos indícios que o homem deixou da sua própria experiência sobre esta terra, uma reconstrução do passado. Mas a capacidade de deixar rastros tem seu corolário negativo: tudo que se escreve pode ser apagado; tudo que se conserva pode ser destruído. Fazer psicanálise, segundo Freud¹⁸, é procurar preencher as lacunas da memória individual, lacunas estas criadas pelo próprio indivíduo no curso de sua história. Fazer história da psicanálise, então, é em parte preencher as lacunas que os seus atores criam ao exercer e desenvolver a psicanálise. Freud, tal como a memória ou a censura onírica, era também um criador de lacunas. Estamos ainda em via de preenchê-las. Somente assim, talvez, nós possamos ser verdadeiramente freudianos perante o próprio Freud.

Referências bibliográficas

- Freud S. (1900). Die Traumdeutung. *Gesammelte Werke*, Bd. II-III. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- _____. (1914). Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke*, Bd. X, p. 126-137. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.
- Freud S.; Rank O. (1922). *Die Traumdeutung*. Siebente Auflage. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Grotjahn M. (1984). Rank's position in Freud's circle and his departure from the group of ringholders. *American Imago*, v. 41, n. 4, p. 353-358.
- Grubrich-Simitis I. (2000). Métamorphoses de L'interprétation des rêves. *Revue Germanique Internationale*, 14, p. 9-47.
- Marinelli L.; Mayer A. (2011). Soñar con Freud: La interpretación de los sueños y la historia del movimiento psicoanalítico. Buenos Aires: El cuenco de plata.
- Monzani L.R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Padovan C.; Pinto W.C.F. (2020). Mais quem do Além do princípio de prazer: um retorno aos manuscritos. *Natureza Humana*, v. 22, n. 2, p. 83-115.
- Ricœur P. (1965). *De l'interprétation*. Paris: Editions du Seuil.
- Rudnytsky P.L. (1984). Rank: Beyond Freud? *American Imago*, v. 41, n. 4, p. 325-341.

18 S. Freud, Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. *Gesammelte Werke*, Bd. X, p. 126-137.

Autores deste número

Andrea Seixas Magalhães

Rua Dona Mariana, 6, cob. 02
22280-020 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (21) 9 9693-0442
andream@puc-rio.br
<https://orcid.org/0000-0003-2992-9844>

Celso Gutfreind

Rua Miguel Tostes, 533, sl. 302
90430-060 Porto Alegre RS
celso.gut@terra.com.br

Clara Helena Alves de Lima

Av. Mem de Sá, 171
20230-150 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (21) 9 9713-9972
psicclaralima@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0003-6348-7020>

Daniel Omar Perez

Rua Dr. Olimpio da Silva Miranda, 488
13083-010, Campinas. SP

Danielly Passos de Oliveira

Al. dos Arapanés 881, sl. 121
04524-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8222-2878
daniellypassos@yahoo.com.br.

Eugênio Canesin Dal Molin

Rua Oscar Freire, 1513, cj. 92
05409-010 São Paulo, SP
eugeniocdm@gmail.com

Flavia Gleich

Rua Artur de Azevedo, 1767, cj. 132
05404-014 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8408-9997
flaviagleich@gmail.com

Isabel Castello Branco

Al. Joaquim Eugênio de Lima 881, cj. 703
01403-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9911-7312
isabel.psicanalise@gmail.com

Janaina Namba

janambapimenta@gmail.com

Jorge Broide

Rua Ministro Godoy, 1276
05015-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9294-4395
jorgebro@uol.com.br

Karín Cruz Torres

28016, Madrid, España
Tel.: (34) 6 6790 5379
kcruz@gmail.com

Luís Cláudio Figueiredo

Rua Monte Alegre, 984
05014-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9942-2168
lclaudio.tablet@gmail.com

Maria Silvia Borghese

Rua Oliveira Dias, 330, cj. 22
01433-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9128-9353
msilviaborghese@gmail.com

Mariana Gouvêa de Matos

Rua Pereira da Silva, 586, cj. 502
22221-140 Rio de Janeiro RJ
Tel.: (21) 9 9742-1303
mariana.g.matos@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9289-5419>

Nelson Ernesto Coelho Junior

1PUSP Av. Prof. Mello Moraes, 1721
05508-000 São Paulo SP
ncoelho@usp.br

Norma Lottenberg Semer

Rua Batataes 391, cj. 101
01423-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 3884-1985/(11) 9 9612-1497
normasemer@gmail.com

Paulo Beer

Rua Visconde de Ouro Preto, 147, ap. 101
01303-060 São Paulo SP
beerpaulo@gmail.com

Paulo Endo

pauloendo@uol.com.br

Pedro Fernandez de Souza

Av. Caramuru, 2450, torre 2, ap. 2
14030-000 Ribeirão Preto SP
Tel.: (16) 9 9258-2300
E-mail: pedrofsouza@gmail.com

Renata Udler Cromberg

R. Atlântica, 776
01440-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9279-0487
renatauc@uol.com.br

Sérgio de Gouvêa Franco

Av. Onze de Junho 1070, cj. 804
04041-054 São Paulo SP
Tel.: (11) 5572-4087/(11) 9 9685-0824
sg-franco@uol.com.br

Suely Aires

Av. Sete de Setembro, 1884, ap. 601.
40080-004 Salvador BA
suey.aires7@gmail.com

Vanessa Chreim

Rua Pernambuco 167, ap 111
01240-020 São Paulo SP

Equipe da revista

Conselho Editorial

Cleusa Pavan

Rua Diogo de Farias, 1087, cj. 304
04026-001 São Paulo SP
Fone: (11) 5 572-8632
cleusapavan@gmail.com

Eugenio Canesin Dal Molin

Rua Oscar Freire, 1513, cj. 92
05409-010 São Paulo, SP
E-mail: eugeniocdm@gmail.com

Luciana Cartocci

Rua Purpurina, 155, cj. 35
05435-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9249-7442
lucianacartocci@gmail.com

Marcia R. Bozon de Campos

Rua Joaquim Antunes, 727, cj. 122
05415-012 São Paulo SP
Tel: (11) 3085-1592
marciarbozon@gmail.com

Maria Aparecida Kfourir Aidar

Rua Jericó, 255, sl. 86
05434-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3814-010
cidaidar@terra.com.br

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Av. Paulista, 509, cj. 05
01311-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9271-2485
lourdescosta@uol.com.br

Maria do Carmo Vidigal
M. Dittmar (Lila)

Rua Jericó, 255, sl. 93
05434-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3032-2108
lilavidigal@terra.com.br

Marina Bialer

Rua João Ramalho, 257, cj. 54
05008-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 8279-7951
mbialer@hotmail.com

Marisa Correa da Silva

cariocasilva@hotmail.com

Grupo de Entrevistas

Ana Claudia Patitucci

Rua Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
anapatitucci@hotmail.com

Bela M. Sister

Rua Maranhão, 584, cj. 42
01240-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9318-7898
belasister@terra.com.br

Cristina Parada Franch

Rua João Moura, 647, cj. 103
05412-001 São Paulo SP
Tel.: (11) 3081-4386
crisfranch@uol.com.br

Danielle Melanie Breyton

Rua Prof. João Arruda, 53
05016-110 São Paulo SP
Tel.: (11) 3873-3457
danibreyton@gmail.com

Deborah Joan Cardoso

Rua Inácio Pereira da Rocha, 142, cj. 305
005432-010 São Paulo
Tel: (11) 3032-1385
E-mail: deborah@santacruz.g12.br

Silvio Hotimsky

Rua Ilhéus, 135
01251-030 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-7743
silviohotimsky@hotmail.com

Tatiana Inglez-Mazzarella

Rua João Moura, 1096
05412-002 São Paulo-SP
Tel: (11) 3891-0837
timazza@uol.com.br

Grupo de Debates

Bruno Esposito

Rua Sergipe, 401, cj. 304
01243-906 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9263-9376
brunoespo@gmail.com

Camila Junqueira

Rua Ministro Godoi, 478, cj. 81
05015-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9883-9682
camilajunqueira@gmail.com

Gisela Haddad

Rua Honduras, 587
01428-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 4329-7304
giselahad@gmail.com

Ivy Semiguem

Av. dos Autonomistas, 896 Torre 02, cj. 2701
06020-010 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 4820-8635
ivy.souza@gmail.com

Lucas Sessa

lucas.sessa@gmail.com

Thiago Majolo

Rua José Antônio Coelho, 801 sl.307
04011-062 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9969-4828
tmajolo@gmail.com

Grupo de Debates Clínicos

Beatriz Teixeira Mendes Corôa

Rua Amália de Noronha, 114
05410-010 São Paulo SP
TEL.: (11) 9 9972-5970
biatmendes@uol.com.br

Paula Peron

prperon@uol.com.br

Sérgio Telles

Rua Maestro Cardim, 560, cj. 194
01323-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3253-5767
setelles@uol.com.br

Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves

Rua Dr. Alceu de Campos Rodrigues,
46, cj. 38
04544-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3739-4464
camila_salles@uol.com.br

Elisabeth Antonelli

Rua Monte Alegre, 428, cj. 53
05014-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3862-1703
bethantonelli@uol.com.br

Janaina Namba

jnambapimenta@gmail.com

Lia Novaes Serra

Rua Jericó, 193, cj. 26
05435-040 São Paulo SP
Tel.: (11) 9 9440-1475
lianovaesserra@gmail.com

Sérgio Telles

Rua Maestro Cardim, 560, cj. 194
01323-000 São Paulo SP
Tel.: (11) 3253 5767
setelles@uol.com.br

Susan Markuszwover

susanmark@uol.com.br

Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na revista *Percurso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os artigos deverão ser encaminhados ao Conselho Editorial através do e-mail do Departamento de Psicanálise: <dep-todepsicanalise@sedes.org.br>.

1.1. Os artigos enviados para publicação, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por duas páginas contendo, separadamente, os seguintes dados:

♦ **PÁGINA 1:**

Título e nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail. A página de rosto é destacada quando o artigo é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor.

♦ **PÁGINA 2:**

Resumo do artigo enviado, com até cinco linhas, em português, e traduzido para o inglês, com redação ou revisão feita por um profissional da área. Enviar igualmente até seis palavras-chave, em português e inglês. Nesta segunda página também devem figurar o número exato de caracteres do texto, inclusive espaços, e a data de envio do artigo para a revista.

Em todas as páginas devem constar o número da página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

1.2. Os artigos enviados devem ter até 35 mil caracteres (com espaços), incluídas as notas de rodapé e não incluídas as referências bibliográficas do final. Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

1.3. Artigos enviados fora das normas da revista serão devolvidos sem serem avaliados, podendo ser reencaminhados mediante adequação às mesmas.

2. As resenhas devem ser encaminhadas, via email, ao Conselho Editorial de Resenhas:

Camila Salles – camila_salles@uol.com.br;
Sergio Telles – setelles@uol.com.br;
Janaina Namba – janaina.namba@yahoo.com.br;
Susan Markuszower – susanmark@uol.com.br;
Lia Novaes Serra – lianovaesserra@gmail.com
Elisabeth Antonelli – bethantonelli@uol.com.br

2.1. As resenhas enviadas para publicação, sempre originais e inéditas, deverão observar as seguintes especificações:

♦ **PÁGINA 1:**

Deverá conter o título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, título da obra em itálico, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo:

Freud, o fio e o pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as psicoses: primeiros estudos*, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p.

Incluir também o número de caracteres e até seis palavras-chave da resenha (não é necessário apresentar resumo ou abstract).

Em todas as páginas devem constar o número de página no canto superior direito, e, no cabeçalho, o título do trabalho.

Na última página deve constar o nome do autor, sua qualificação (como deseja ser apresentado ao leitor), endereço (incluir CEP), telefones (incluir DDD) e e-mail.

2.2 As resenhas devem ter até 20 mil caracteres (com espaços). Trabalhos que excedam esses limites poderão ser devolvidos aos autores para que possam adequá-los às normas de publicação, antes de qualquer avaliação.

3. Todos os artigos serão analisados em detalhe pelo plenário do Conselho Editorial de Artigos, que poderá, eventualmente, solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres.

Todas as resenhas serão analisadas pelo Conselho Editorial de Resenhas.

Uma vez aceito o trabalho, um membro destes Conselhos Editoriais transmitirá ao autor do artigo ou resenha eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, a fim de adequá-lo aos padrões da revista.

4. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por Percurso:

- ♦ **DESTAQUES:** O que merecer destaque deve vir em itálico; não utilizar sublinhado nem negrito.
- ♦ **INTERTÍTULOS:** Colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- ♦ **PALAVRAS ESTRANGEIRAS E TÍTULOS DE LIVROS:** Devem vir em itálico, sem aspas, quando mencionados no texto.
- ♦ **TÍTULOS DE ARTIGOS:** Devem vir entre aspas, em estilo normal, sem destaque.
- ♦ **CITAÇÕES:** Devem vir entre aspas, com chamada de nota de rodapé contendo a respectiva referência bibliográfica (ver tópico 5 para mais detalhe sobre as notas). As citações de até três linhas devem ser incluídas no corpo do texto; citações de quatro linhas ou mais devem ser destacadas do texto, em parágrafo escrito em fonte menor.

5. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada, e ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

♦ **NOME DO AUTOR:**

Em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.

♦ **CAPÍTULOS DE LIVROS:**

Título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem e página citada precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleich-

mar e C. Bleichmar, "Os pós-kleinianos: discussão e comentário", in *A Psicanálise depois de Freud*, p. 286. Para livros sem menção a capítulo, apenas o título do livro em itálico e página.

♦ ARTIGOS DE REVISTAS OU PERIÓDICOS:

Título entre aspas, seguido do nome da revista em itálico, indicando número ou volume, e página citada. Exemplo: R. Zygouris, "O olhar selvagem", *Percurso* n. 11, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).

♦ TEXTOS CITADOS MAIS DE UMA VEZ:

A partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em itálico, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder, *A arte de formar*, p. 45; segunda citação, Marcia Neder, *Psicanálise e educação: laços refeitos*, p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A arte...*, p. 134; e assim sucessivamente.

♦ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: **Levisky D.** (2007). *Um monge no divã*. São Paulo: Casa do Psicólogo; **Mezan R.** (2002). *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.

6. Uma vez publicado, cada autor receberá um exemplar do número em que o trabalho figura. Também receberá por e-mail o arquivo do seu texto no formato em que é apresentado na revista, e o arquivo da capa do número. Isto lhe permitirá imprimir separatas e a capa do respectivo número.

7. O *copyright* dos textos publicados em *Percurso* pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na revista *Percurso*, número tal, ano tal, páginas x-y. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no *site* da revista: <<http://revistapercurso.uol.com.br>>.



A Dr. Contábil consiste na prestação de serviços contábeis, tributários, trabalhistas e societários e é composta de profissionais qualificados em constante atualização com o objetivo de atender com segurança nossos clientes.

Nosso objetivo é fornecer serviços de qualidade, com postura ética, diferenciada, competência e eficácia.



Acesse nosso site:

www.contabil.net

Avenida Caxingui 94 Butantã
CEP 05579 000 São Paulo Capital
Telefone (11) 3724 9440
menossi@contabil.net

Um produto desenvolvido por:

MEN0551
CONSULTORIA CONTÁBIL

Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 220,00* (dois números).
- Por telefone:** ligue para (011) 3081-4851, das 9:00 às 16:30, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3081-4851, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Mastercard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para
Sociedade Civil Percurso
a/c Setor de Assinaturas
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP

Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

| | | | |
|-------------------------|---|----------------------------|----------------------------|
| NOME: | _____ | DATA: | ___/___/___ |
| ENDEREÇO: | _____ | | |
| CEP: | _____ | CIDADE: | _____ |
| | | ESTADO: | _____ |
| TELEFONE RES.: | () _____ | COM.: | () _____ |
| CIC: | _____ | RG: | _____ |
| E-MAIL: | _____ | | |
| Mastercard: | nº <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> | val.: | / |
| Visa: | nº <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> | val.: | / |
| AmEx: | nº <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> | val.: | / |
| Quantidade de Parcelas: | <input type="checkbox"/> 1 | <input type="checkbox"/> 2 | <input type="checkbox"/> 5 |

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS
R. Amália de Noronha, 198
05410-010 São Paulo SP
Tel/Fax: (11) 3081-4851

Você também pode nos enviar um e-mail (percurso@uol.com.br) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.

Impresso em São Bernardo do Campo SP, em abril de 2024,
no parque gráfico da Paym Gráfica e Editora,
para o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae